

Um amor que nasceu de uma
vingança pode manter-se vivo?

A photograph of a man and a woman in a romantic embrace, nearly kissing. The man has dark, curly hair and a beard, and the woman has long brown hair and is wearing a white hat. The image is framed by a collage of colorful, dried leaves in shades of green, yellow, orange, and red.

Um Dia

Depois

de Amanhã

Danielle R. G. Pedro



Um amor que nasceu de uma
vingança pode manter-se vivo?



Danielle R. G. Pedro

Índice:

Dedicatória

Informações Legais

Sinopse

Parte I

Capítulo 1 – Naele Borges

Capítulo 2 – Kyler River

Capítulo 3 – Naele

Capítulo 4 – Kyler

Capítulo 5 – Naele

Capítulo 6 – Kyler

Capítulo 7 – Naele

Capítulo 8 – Kyler

Capítulo 9 – Naele

Capítulo 10 – Kyler

Parte II

Capítulo 11 – Kyler

Capítulo 12 – Naele

Capítulo 13 – Kyler

Capítulo 14 – Naele

Capítulo 15 – Kyler

Capítulo 16 – Naele

Capítulo 17 – Kyler

Capítulo 18 – Laura Borges River

Capítulo 19 – Maycon Caetano – Anos Antes

Capítulo 20 – Kyler

Capítulo 21 – Naele

Capítulo 22 – Kyler

Capítulo 23 – Naele

Capítulo 24 – Kyler

Capítulo 25 – Lucca Santos

Capítulo 26 – Naele

Parte III

Capítulo 27 – Kyler – 3 Anos Depois

Capítulo 28 – Kyler – 5 Anos Depois

Capítulo 29 – Naele Borges Mirtes – 2 Anos Depois

Capítulo 30 – Kyler

Sugestão Para Próxima Leitura

Nota da Autora

Agradecimentos

Playlist

Sobre a Autora

Divulgação

Contato

Para Meu Filho,

Mais uma chance que você me concede ao acreditar na minha capacidade de criar. Nunca será possível agradecer ao seu incentivo com palavras, então retribuo fazendo o meu melhor e dedicando à você.

Informações Legais:

Copyright © Romances DRGP

Todos os direitos reservados. Proibida a violação dos direitos autorais estabelecidos pela lei 9.610/98 – artigo 184 de 19/02/1998 em vigor pelo Código Penal Brasileiro.

Dito isto, Plágio é crime, portanto é legalmente proibida a reprodução, distribuição e download gratuitos ou não, sem o consentimento da responsável pela obra.

1º Edição – Título: Um Dia Depois de Amanhã

Brasil/Rio de Janeiro/Maio/2019/Volume Único

Capa, Diagramação Digital, Revisão: DRGP & RGP

Este livro é uma obra de ficção cujo os personagens e as cenas são frutos da imaginação da autora. Contudo os locais em algumas passagens existem, mas sem ligação direta com os fatos.

Contém assuntos polêmicos que podem entrar em confronto com dogmas e convicções, bem como linguagem e descrição explícita de cunho sexual, destinadas exclusivamente ao público adulto.



Sinopse:

“Naele estava tão ferida que não percebeu quando o amor chegou, porque tudo que via era a traição que sofreu”.

Um Dia Depois de Amanhã conta a história de um casal marcado por um desejo de vingança que nasceu de uma traição no passado.

Também fala de estupro, aborto, depressão na gravidez e Síndrome de Down.

Formada em Direito a 2 anos, Naele segue estudando para realizar o seu objetivo que é ingressar em um concurso público federal.

Assim inscreve-se em um curso preparatório para concursos junto com a melhor amiga Lucca.

É nesse curso que conhece o professor Kyler. A atração entre os dois é palpável tamanha a intensidade.

Acontece que Kyler, que já traz consigo um histórico de vida castigado pela negligência dos pais que o levou a uma cena de estupro quando criança, é um cara casado. E o que é pior, ele é casado com Laura, prima de Naele, a mesma que não fala desde que traiu a sua confiança ao ter um caso com Josme, seu ex namorado.

É nessa armadilha do destino que Naele vê em Kyler a oportunidade perfeita para vingar-se da prima por sua traição no passado.

Um amor que nasceu de uma vingança pode manter-se vivo?

A grande verdade por trás da aparente discordância, é que encontrar o verdadeiro amor é tão esperado que a possibilidade de não realização deste, acaba por tornar mais fácil negar o óbvio.

Danielle. R. G Pedro

Parte I

Naele Borges

01

— Você sabe que não vamos a uma balada, certo?

Reviro os olhos para a minha melhor amiga Lucca enraizada na frente do espelho enquanto estou esparramada na minha cama.

— Se eu estivesse indo para a balada jamais usaria este trapo velho.

Diz apontando para o vestido verde em seu corpo.

— Trapo que você deu uma fortuna para adquirir.

Teatral ela leva a mão ao coração.

— Garota estúpida. Você sabe que eu o comprei em uma promoção.

Sorrio porque Lucca é doente por compras, mas nunca teve noção do que é uma promoção de verdade. Sabe, aquelas do tipo que as pessoas reviram as lojas. Este vestido por exemplo, ela comprou na “Calouras”, uma loja que só vende roupa de grife cara.

— Acho que você quis dizer bazar. E um bazar da “Calouras” não é pra qualquer uma não.

Ela gargalha e joga as suas mechas loiras para trás.

— Deve ser porque não sou qualquer uma docinho.

Balanço a cabeça pra essa batalha fadada a derrota.

— Ok! Agora vamos porque não quero chegar atrasada no nosso primeiro dia de aula.

Lucca me olha como se tivesse nascido um galho de árvore na minha cabeça com direito a gorro de Natal e tudo.

— Tá falando sério Naele? Já é demais até para você.

Franzo a testa não entendendo nada.

— O quê louca?

Ela aponta pra a minha roupa.

Olho para o meu próprio corpo em uma calça jeans e uma blusa do tipo polo feminina.

Bufo porque já sei que vamos brigar feio como sempre. Somos completamente diferentes em praticamente tudo.

Pra começar pela aparência. Eu sou alta, ruiva, tenho olhos cinzas e magra. Lucca é loira, baixa, olhos verdes e curvilínea.

Nosso temperamento é o contrário um do outro. Eu sou geralmente calma e sensata, ela é agitada e nervosa.

Nós somos amigas desde o início da faculdade de direito, juntas cursamos a USP e estamos formadas a 2 anos. Neste período estamos fazendo de tudo para passarmos num concurso federal.

Ela porque não quer dar o braço a torcer que falhou em algo e eu por não imaginar a possibilidade de voltar para Araruama. Deixei pra trás casa, comida na mesa e roupa lavada. E junto a isso os cuidados dos meus pais comigo, pois quero ser independente. Tenho 25 anos na cara e não vou ser um estorvo nas costas deles pra sempre.

— Não começa. É só um curso preparatório para concursos. Não vou conhecer o meu verdadeiro amor nesse lugar como presente de Natal.

Falo irônica.

Lucca desvia o olhar e fixa a sua atenção para a nossa árvore de Natal no canto da sala, já que moramos em um loft que quase tudo menos a cozinha e o banheiro fica no mesmo cômodo.

Ela não diz nada depois do meu comentário porque sabe que eu peguei pesado comigo mesma. Tem exatos 1 ano e 3 meses que desmanchei o meu namoro com Josme. Como o conheci na faculdade e o amava demais, costumava dizer que ele era o amor da minha vida. Isso até descobri que fui corneada por ele o tempo todo em que estivemos juntos. E descobri isso da pior forma.

Ele estava entre outras meninas ficando com a minha prima que veio me visitar. Laura era acima de tudo como uma irmã pra mim e ele sabia disso. O resultado disso tudo é que nenhuma de nós ficou com ele.

Laura pelo menos, segundo eu soube pela minha mãe, reconstruiu a sua vida e casou-se com um cara que conheceu no Rio de Janeiro

já que fez jornalismo pela UFRJ.

Nunca mais a vi, cortei qualquer relação com ela, incluindo as redes sociais. Infelizmente a minha mãe acabou brigando também com a minha tia com cada uma tomando partido da sua cria.

É triste porque a minha tia, que é irmã da minha mãe, ganhou o apoio de toda a família, pois todos achavam que era uma bobagem entre primas e que os meus pais não deveriam se meter. Não temos contato desde então com a maioria dos membros da nossa família.

E ainda de troco ao acordar para o verdadeiro tipo de relação que tivemos por 2 anos, quando terminamos comecei a sondar como uma detetive de quinta a vida de Josme nas redes sociais e entre os seus amigos e descobri muita sujeira escondida nesses anos juntos.

Sem saber o que dizer, abaixo a cabeça e falo para irmos logo antes que a aula comece.

(...)

Chegamos a tempo de ser permitida a nossa entrada sem maiores constrangimentos. O curso fica a 40 minutos do nosso loft. Nós viemos no carro de Lucca que dirigiu quieta e pensativa até aqui.

Sei que toquei num assunto delicado para nós duas uma vez que ela é apaixonada por minha prima Laura e chegaram a ter um rolo juntas.

Para Laura pode ter sido uma simples quebra de curiosidade, mas para Lucca foi muito mais do que isso.

— Desculpa. Fui uma imbecil ao tocar nesse assunto, delicado para nós duas.

Digo ao entrarmos na sala grande de um prédio de dois andares localizado na Avenida XV.

Ela balança a cabeça e vejo os seus olhos marejados.

— Eu sei Naele. Você lida com a dor sendo sarcástica, mas sei o quanto ainda é complicado para você digerir tudo o que aconteceu. Só pense que eu não a tinha e com isso deveria ser mais fácil pra mim, mas não é.

Respiro fundo sentindo um peso no meu coração. Ela está certa porque dói muito ainda e eu tento burlar os meus sentimentos com piadas sem graça, mas no fundo sei que não superei a traição.

Talvez nunca venha a ocorrer de qualquer forma. E é por

isso que não quero passar por isso novamente.

Estou fechada a sete chaves para relacionamentos. De qualquer espécie. Sei que um dia vou ficar carente emocionalmente e fisicamente a ponto de buscar saciar a minha necessidade junto a um cara.

Quem sabe experimente o lance do apenas uma vez qualquer numa balada, porém por agora nego-me a receber o mínimo toque.

(...)

Sentamos no final da sala. Olho ao redor e vejo que tem gente de todas as idades. Quando Nuli, uma colega da academia que também formou em direito quase que ao mesmo tempo que nós me falou desse curso realmente citou o grande número de formandos recentes e veteranos de outros cursos preparatórios que procuram pelo “CPC” (Curso Preparatório para Concursos).

Falando nela eis que a bruaca chega mais atrasada do que nós freneticamente balançando a bunda grande ao desviar das carteiras, já que está vindo em nossa direção.

— Você está atrasada.

Aponto o dedo para ela, que joga a bolsa na cadeira ao lado onde coloquei a minha mochila e Lucca a sua enorme bolsa de grife.

Ela me fuzila com o olhar e acena para a minha amiga. Não antes de olhar para a minha roupa e principalmente para o meu tênis.

Quando ela ergue uma sobrancelha, dou de ombros e Lucca me olha como se dissesse “Viu, sua roupa e esse tênis estão uma merda”.

— Já viu como está o movimento do comércio? Então me desculpa se fiquei presa na loja com uma cliente chata pra caralho que tinha o corpo igual ao seu que tudo cabe, mas resolveu fazer de escrava a pobre vendedora fodida e gorda.

Lucca dá uma risadinha do seu comentário e eu estou de saco cheio dela se auto degradar.

Nuli é baixinha como Lucca só que é gordinha. O que vem a calhar com a quantidade de doces que come. Mesmo na academia quando está nos aparelhos não para a boca.

O que não a faz ficar feia de jeito nenhum. Com os seus cabelos negros lisos e olhinhos orientais puxadinhos ela é linda.

Ela como eu antes, trabalha numa loja que revende roupas

no shopping. Aliás o meu antigo emprego foi ela que conseguiu para mim, contudo quando o dono da loja passou a dar em cima de mim sempre que a sua esposa estava fora, sabia que seria temporário.

Um dia ele tentou me agarrar a força, então dei um chute bem no saco escrotal dele com os saltos que quase nunca uso. Azar o dele. No outro dia a esposa dele me demitiu alegando que eu estava dando bola para o marido gordo e asqueroso dela.

— Não, desculpa por não ter visto o movimento do comércio na época em que as comissões são as melhores, fora a caixinha de Natal, por esta fodida sem emprego.

Nuli arregala os olhos. Bem, faz o que pode já que a sua descendência oriental é nítida.

— Ah merda! Cacete Naele. Foi mal.

(...)

— Então qual é a do professor?

Lucca pergunta para cortar o clima ruim que instalou-se no ar.

— Um tiozinho que ensina muito bem.

Lucca ri.

— Claro, um tiozinho, que ótimo.

— O quê você esperava?

Debocho.

— Sei lá.

— Hum, hum.

— Tá bom. Uma professora sexy numa saia de secretária apertada com um decote discreto na altura dos seios, mas que salienta os peitões. Seria pedir muito?

Nuli engasga com a própria saliva.

— Ops! Te assustei? Fique tranquila não ataco as colegas da minha melhor amiga e você com certeza não faz o meu tipo.

— Como assim não faço o seu tipo? Qual o problema comigo para você me rejeitar de cara sem me conhecer? E se eu for boa em trepar e você estiver sendo

preconceituosa por eu ser gorda?

Nuli não sabia que Lucca era lésbica. Não até agora. Porque não vi motivo para contar. Não temos problemas com a opção sexual dela, mas também não fazemos dela algo mais do que é. Só que a sua reação ao que Lucca falou foi pra lá de hilária e fora do esperado.

— É justo... uma rapidinha depois da aula então? Só pra ver se rola entre você e eu?

Lucca mede Nuli de cima a baixo com cara de interessada e mordendo o lábio inferior.

— Depois da aula?

Nuli diz enrugando o nariz arrebitado.

— Isso, você pode perder uns 20 minutos comigo, não pode?

— Bom, é que eu tenho que voltar pro trabalho, como eu disse tá uma loucura, é a melhor época para comissão.

— Ah, só 20 minutos, prometo que faço valer a pena. Conheço um lugar sossegado aqui perto, podemos fazer no carro mesmo, depois te dou uma carona pro trabalho.

Lucca insiste, tirando de lado uma mecha de cabelo que caiu sobre os olhos de Nuli.

Isso tá ficando interessante, quem vai amarelar primeiro?

— Ok! Por que não?

Nuli arqueia a sobrancelha bem feita.

Caramba por essa Lucca não esperava. Poucas foram as vezes em que vi a minha melhor amiga sem conseguir argumentar sobre algo, principalmente um de dois que está relacionado ao que ela diz ser as suas grandes habilidades.

Ou seja, moda e sexo.

(...)

Poucos minutos depois entra na sala um cara alto com ombros largos, vestindo uma calça black jeans e uma blusa branca de botões com as mangas arregaçadas, deixando visível braços fortes e com a pontinha de uma tatuagem à mostra do lado esquerdo.

Ele tem um jeitão de modelo ao andar, parece estar

desfilando em uma passarela tamanha a sua sensualidade. Observo o tênis e a mochila de couro marrom. Ele tem um perfil desleixado arrumado, se isso é possível, mas é como consigo descrevê-lo.

O cabelo castanho escuro e cacheado alcança o colarinho da blusa. Os olhos são tão negros que chegam a brilhar junto a claridade vinda da janela. Ele é absolutamente fenomenal. Nunca na minha vida vi um cara mais lindo e sexy.

Avisto ao redor e as mulheres o olham com uma cobiça nada disfarçada. Parecem hipnotizadas. Os homens no entanto estão ridiculamente incomodados com a presença do cara.

A ponto dos que estão acompanhados demarcarem território junto as suas namoradas, noivas ou esposas. Não os culpo no entanto, o efeito que esse sujeito tem sob a espécie do sexo feminino é brutal.

Ouçoo um suspiro e desvio o olhar para um grupinho de caras no canto oposto ao nosso. Sou obrigada a ampliar o horizonte que ele consegue abranger de fãs. Ali tenho que incluir os gays e até a minha melhor amiga lésbica que está previsivelmente enfeitiçada.

Analiso rápido as possibilidades de lugares onde ele pode sentar já que a maioria das cadeiras já encontram-se ocupadas.

Sem pensar instintivamente tiro as duas bolsas e a minha mochila da cadeira ao lado. Por pura educação, é claro. Não que eu tenha feito o mesmo com as muitas pessoas que entraram depois de mim. Estava distraída conversando, tento me explicar, pra quem é que não faço ideia.

Noto que algumas mulheres fazem o mesmo que eu. Tem cerca de seis lugares vagos conto. E silenciosamente fico torcendo para ele escolher sentar ao meu lado, mas não é o que ocorre porque o homão da porra vai em direção a cadeira destinada ao professor e coloca a mochila sobre a mesa.

Encaro Nuli e a vejo de boca aberta, nem pisca, na verdade parece que foi arrastada pra outro mundo paralelo ao nosso. Se ela começar a gemer por fantasiar que está trepando com esse cara, acho que nem vai chamar a atenção pois estamos todas no mesmo barco.

(...)

— Puta merda!

Nuli suspira acordando do transe.

— Caramba!

Lucca fala.

— Puta que pariu!

Finalmente algo sai da minha boca.

— Nuli pensei ter ouvido você falar algo sobre o professor ser um tiozinho. Garota a nossa noção de meia idade é muito contraditória, porque esse cara não chega a ter 30 anos.

Lucca diz.

— Meu Deus! Juro que o Senhor Walter descobriu a fórmula da juventude. E claro, do embelezamento, pois nem de longe ele se compara a esse cara.

Formulo uma piada pra Nuli sobre o que ela falou anteriormente do professor quando ele então fala.

— Boa tarde pessoal!

A voz dele é grossa e rouca. Um calor me toma e logo está por todo o meu corpo. Não consigo tirar os olhos dele, é mais forte do que eu. O meu corpo inteiro está reagindo a presença dele.

— Estava uma merda, mas acaba de ficar boa pra caramba.

Uma mulher alta e ruiva como eu fala, ele escuta e sorri de lado, mas prossegue.

— O meu nome é Kyler River.

— Muito prazer, seja muitooooo bem vindo!

Uma outra loira de olhos verdes com o cabelo curtinho cospe batendo os cílios na direção dele.

Deve estar mais do que acostumado a todo tipo de cantada porque nem se surpreende com as cantadas dirigidas a ele na cara dura.

Acredito que leve muitas pra cama. Ao pensar nisso faço uma careta porque irracionalmente me incomoda atribuí-lo trepando por aí com outras. Eu sei é louco, mas é a verdade, chego a sentir o gosto de bile na minha boca. Mas que merda é essa Naele?

— Sou o professor que foi escalado para substituir o Sr. Walter que está com problemas de saúde.

— Claro que é um substituto, caso contrário o Sr Walter sofreu algo como um upgrade.

Um cara ruivo comenta.

— Não vou ser hipócrita e dizer que sinto por isso.

Uma garota mais nova e toda tatuada diz.

— Santa doença.

Uma oriental logicamente parecida com Nuli exclama com a mão no peito.

Todo mundo olha pra ela e a mesma dá de ombros.

— Sinto muito pela sinceridade, essa sou eu.

Novamente os seus lábios carnudos vão para um sorriso de lado, a única coisa que sugere que achou graça dos comentários deles ou que buscou ser educado.

Todavia logo manda a dica.

— Espero por sua pronta recuperação e que logo retorne para junto de vocês. Estou certo de que estão preocupados com ele, mas já adianto que o tratamento está fluindo muito bem.

— Oh carma!

Um cara moreno manda.

— Dito isso realmente espero que tenhamos uma ótima relação.

— Tenho certeza que teremos.

Uma mulher negra e de corpão joga essa. Mas nada o abala. Parece ser imune a flertes.

— Estou à disposição para o que precisarem.

Ele anuncia e neste momento olha bem pra mim. Em segundos parece digitalizar os meus traços. O seu olhar é intenso e letal. O que faz com que a minha respiração fique irregular e as minhas pernas falhem. Ainda bem que estou sentada.

(...)

Logo ele desvia o olhar, vira e escreve os dias e horários das aulas, assim como os portais virtuais de acesso do curso.

E rapaz... quando faz isso os xingamentos femininos são muitos. Simplesmente porque o cara tem uma bunda abraça calça do caralho. Grandinha, redondinha e de certo durinha. Deve ser para combinar com as coxas grossas que a calça não conseguiu esconder.

— Eu sei que provavelmente vocês têm tudo isso já por via virtual, mas eu sou um cara à moda antiga, prefiro o

cara crachá.

— Sabia que tinha um defeito!!!

Lucca bufa.

— Oi? Defeito? Onde? Só se for pra você que come a mesma fruta que ele.

Nuli saca essa.

— Rá, rá, rá. Pra seu governo este me arrastava pra cama.

— Então qual o citado defeito?

Empino o nariz desafiadora aguardando a resposta.

— Olhe para a mão dele e terá a resposta.

É então que eu olho e lá está uma grossa aliança de casamento e a resposta para a sua imunidade aos flertes e cantadas estúpidas.

Ele não é só comprometido como num namoro ou noivado. Não. Ele é casado.

Encaro a aliança dele com o meu coração batendo sem pausas e com um nó formando na minha garganta.

— Quem liga?

Nuli gargalha.

Desvio o olhar da sua mão para avistar incrédula a expressão safada de Nuli. Contudo não consigo evitar e volto a fixar os meus olhos na aliança.

— Disfarça porra!!!

Sinto uma cotovelada de Lucca na minha costela e dou um pulo.

— Ai, mas que merda! Por que fez isso?

Rosno para a minha melhor amiga, mas logo entendo o que a levou a fazer isso quando ela ergue o queixo sinalizando à frente da sala.

O professor Kyler está com as mãos na cintura olhando pra mim com uma expressão questionadora, assim como parece ter faíscas nos olhos de tanta raiva.

O quê?! A mulherada só faltou violentá-lo na sala e ele está bravo comigo? Sério? Só por eu encarar... bastante assumo... a sua aliança? Qual é a dele?

— Algo que eu possa ajudar?

A turma toda vira a me encarar. A minha vontade é responder que sim. Na minha cama, a qualquer hora que queira.

Porém nem em sonho faria isso. Bem... pra ser sincera talvez em sonho. Bom... provavelmente vai acontecer depois que o conheci. Sem chances de não usá-lo de avatar para os meus lances com o vibrador.

Quem pode me culpar, hein?

Julgue-me se for capaz!

Entretanto fica por aí, só no pensamento mesmo infelizmente.

Creio que muitas não ligariam para a aliança em seu dedo. Mas eu ligo. Já estive do outro lado e jamais faria outra mulher passar pelo que eu sofri com a traição de Josme.

O Amor é dor em chama, o doce amargo da infidelidade da alma quando entrega o coração a alguém para fazer uso sem garantias de reciprocidade.

Danielle R. G. Pedro

Kyler River

02

Parece com um grande brinquedo de um parque de diversão as voltas que a vida dá. Porque jamais imaginei voltar a São Paulo novamente. Saí daqui ainda moleque aos 12 anos quando os meus pais se separaram e eu fui morar com a minha mãe em Botafogo no Rio de Janeiro.

Hoje aos 29 anos me sinto um carioca e não um paulista. Nasci exatamente onde retornei. Voltar à Campinas pela doença do meu pai foi um grande passo pra trás na minha vida.

Primeiro porque eu gostava do meu emprego na “Advogados Brás” e segundo por ter voltado para cuidar de um pai que pelo vício com drogas, álcool e jogos maltratou a minha mãe e foi responsável não muito mais tarde pela depressão que a assombrou por anos e depois por sua morte.

Depois que aqueles caras invadiram a nossa casa munidos pelo ódio com as dívidas do meu pai, levando tudo que viam pela frente, nossa vida nunca mais foi a mesma.

É claro que os bens materiais não eram o bastante, eles tinham que ir além, violentando a minha mãe na minha frente e depois eu na frente dela.

Agora a minha avó materna faleceu e não tem ninguém mais para cuidar de um velho pobre e difícil de lidar com câncer em fase terminal, que já teve inúmeras cuidadoras que paguei em 2 anos, porém por seu temperamento de merda todas desistem do trabalho em menos tempo do que eu precisaria para ficar bem longe dele.

(...)

Estou casado a 8 meses. Conheci Laura Borges River a 1 ano atrás em uma festa na casa de amigos em comum.

Laura é amiga da Mila, que é esposa de Carlos Eduardo que vem a ser o meu ex colega de escritório na “Advogados Brás”.

Ambas são formadas em jornalismo e trabalham para “Vida dos Famosos”, uma revista de fofoca cujo a matriz é no Rio de Janeiro.

Não amo a minha esposa. Todavia amo a minha melhor amiga. Nunca menti usando o lance de amor à primeira vista. Gosto muito dela pela pessoa incrível que é. Mas não tanto quanto ela merece, nem de longe para falar a verdade, simplesmente porque acredito que depois de tudo que passei na vida desaprendi a amar.

Nosso relacionamento é mais baseado na amizade e companheirismo. Logo de cara Laura tornou-se a minha melhor amiga. Bem, o mais certo a dizer que a minha única amiga, desde os meus 12 anos.

Nós temos algo muito maior do que o amor, uma prova disso é que com a doença do meu pai tive que pedir transferência para a filial da Brás aqui em Campinas, o que não a fez pensar duas vezes em fazer o mesmo para com a filial da revista em Sumaré.

A minha mãe dizia que nem a ela eu amava mais, o que não deixa de ser verdade infelizmente. Ela morreu comigo a culpando por tudo que nos aconteceu, pelas diversas chances que deu ao meu pai o perdendo todas as vezes em que se metia em uma nova merda.

Se amar é isso, eu dispenso, não muito obrigado pela oferta, pode ser pra qualquer um menos para mim.

(...)

A oferta no “CPC” veio através de um amigo de Laura. Cristiano é um dos donos do curso preparatório para concursos.

E aqui estou eu em frente a um prédio que era no passado um dos lugares de jogos do meu pai.

A princípio pensei em negar, mas o salário é compatível com o mercado de trabalho, as disciplinas ligadas ao direito são todas da minha área de atuação e o mais importante não teria como fugir de qualquer forma da minha realidade de volta ao passado, uma vez que tudo que me cerca tem a marca do meu pai ou da minha infância neste lugar.

Entro na sala que tem aproximadamente 30 alunos, estou nervoso porque ensinar não é bem a minha praia, mas aprendi que na vida tudo tem uma primeira vez, mais cedo ou mais tarde.

Jogo a minha mochila na mesa destinada ao professor, neste caso eu, então me apresento.

Explico que estou substituindo o Sr. Walter que está afastado por problemas de saúde e levo de cara algumas cantadas bem diretas.

Não é novidade pra mim esse tipo de comportamento que causo nas pessoas. Modesta à parte sou u cara boa pinta e sempre atraí muitas mulheres, como ocorre aqui, aconteceu no decorrer da minha vida.

Sinto os olhos voltados pra mim. Sempre a mesma história. As mulheres com cobiça e os homens com inveja.

Uma ruiva de cabelos longos e cílios gigantes, uma loira com corte chanel e olhos de gata, uma garota com cabelo azul e tatuada, uma oriental, um cara ruivo de boné, um sujeito moreno gay e uma mulher negra do tipo rainha da bateria de uma escola de samba, parecem ser os mais audaciosos.

Contorno as cantadas com um sorriso de desentendido no rosto até avistar uma ruiva sentada entre uma loira e uma oriental no fundo da sala.

Todas as mulheres aqui estão muito mais do que arrumadas, ainda que cada uma ao seu jeito, menos ela.

Quer dizer, caramba, a mulher está com zero de produção. Calça jeans, blusa polo, tênis e sem maquiagem alguma, mas com certeza é a mais linda daqui. Caralho, é a mulher mais fascinante que já bati de frente na vida.

Os meus olhos parecem ter vontade própria porque não consigo desviar a atenção dela.

Algo nela me parece familiar. Fico encarando a minha aluna, o que começa a chamar a atenção dos outros alunos.

É então que a ficha cai.

Ela parece muito com Laura, sendo que mesmo sentada dá pra ver que é mais alta e o corpo tem as curvas que a minha esposa não tem.

(...)

Desvio o foco da ruiva e me viro para anotar alguns dados no quadro. Essas informações tem hoje disponíveis online, mas os preguiçosos de plantão sempre as ignoram.

Ao fazer isso ouço alguns comentários e xingamentos sobre a minha bunda. Como eu disse sou um cara que chama à atenção e isso inclui a minha bunda.

Quando me viro não consigo deixar de olhar para a ruiva no fundo da sala. Neste instante observo que está digitalizando com os olhos todo o meu corpo.

De repente as amigas dela começam a cochichar algo e

logo ela está encarando a minha mão, mais precisamente a minha aliança.

Acredito que até então não havia percebido. Pela primeira vez sinto o meu coração se contrair com a atenção devotada ao meu símbolo de união com a minha esposa.

Levo as minhas mãos a cintura e a encaro com uma sobancelha arqueada. Não entendo o motivo, mas uma raiva surge das minhas entranhas partindo do olhar de decepção que vejo na expressão em seu rosto lindo.

Assim antes que eu consiga deter as minhas palavras elas saem entre os meus dentes cerrados.

— Algo que eu possa ajudar?

Todos na sala dirigem o olhar para junto dela que fica vermelha no ato e tenta encobrir o rosto com as mechas vermelhas.

(...)

Ela não responde desviando o rosto para a loira ao seu lado, numa visível tentativa de pedir por socorro.

— Foi o que pensei.

Falo.

E desse modo tenho a oportunidade de corrigir a minha atitude babaca, tocando no assunto da confraternização de final do ano.

— Bom pessoal. Atenção aqui. A coordenação do curso pediu que eu solicitasse a participação de todos para a nossa confraternização de Natal, vocês podem trazer a família.

Vejo quando um cara loiro se aproxima dela e agacha bem ao seu lado, sussurrando algo no ouvido dela.

Sinto tudo em mim se revoltar com o gesto dele. Quero instintivamente arrancá-lo de perto dela.

Ela sorri e balança afirmativamente a cabeça. Ela está aceitando sair com ele? É isso? Porra! Vejo vermelho! Que merda está acontecendo comigo? E daí que o cara está paquerando uma mulher aparentemente solteira que nem sequer faço ideia do nome? O que eu tenho com isso? Sou casado, bem casado, certo?

Se o cara quer comer a ruiva depois de fazer o social, eles são adultos. Caio na real e quase me acalmo, mas a imagem a minha frente não ajuda em nada, porque quando ele toca com os dedos grandes os fios do cabelo

dela eu perco a razão.

Um ciúme sem sentido surge e tenho os punhos fechados e prontos para socar o desgraçado abusado.

Sopro o ar. Inspiro e expiro. Levo a mão ao meu cabelo mais vezes do que posso contar. Tento me controlar o máximo que posso, então começo a olhar pela janela o movimento da rua. Mas para o meu espanto nada tem qualquer alcance da minha atenção.

Putá merda! Os alunos olham pra mim esperando que eu diga alguma coisa qualquer. Não consigo, não com esse traste tocando nela. Uma mulher que acabo de conhecer, mas que mexe comigo como nenhuma outra foi capaz.

Arranho a garganta e olho feio pra ele. Acho que lhe sobra algum juízo e o loiro volta para o seu lugar a três cadeiras à frente dela.

— O convite custa R\$50,00 cada. Se trouxerem alguém como no meu caso que venho com a minha esposa, passa a custar R\$30,00 cada.

Fecho os olhos. Não faço ideia porque citei Laura, mas de algum jeito tive a necessidade de jogar na cara da ruiva que sou casado, como se a aliança que ela tanto analisa na minha mão esquerda não fosse o suficiente.

(...)

— Bom, separei o nosso primeiro dia de aula para nos conhecermos melhor. Dito isso, gostaria que cada um se apresentasse.

Começa um falatório, então resolvo agir tal como o papel que desempenho sendo a autoridade em respeito do lugar.

— Vamos lá pessoal. Sei que muitos já se conhecem do curso anterior e estão retornando para uma nova turma, que inicia agora no início do ano. Aos veteranos a equipe da “CPC” agradece a confiança depositada em mais uma parceria. Aos calouros como eu, que sejam bem vindos.

O pessoal assovia motivado por minhas palavras.

— Segundo eu soube pela coordenação é tradição da instituição iniciar próximo ao natal essa aproximação necessária para um período tão próximo de bateria intensiva de aulas.

Muitos afirmam com a cabeça.

— Se optaram por estudarem em pleno verão para o concurso de Março, devo acreditar que estão empenhados para darem o máximo de vocês para passar e garantir uma vaga em um concurso público federal.

Alguns aplaudem.

— Não existe vitória sem sacrifícios.

— É isso aí.

Fala um cara musculoso no canto da sala.

— Bora começar.

No decorrer do tempo todos se apresentam. É uma turma bem diversificada, tanto quanto a idade, opção sexual como aspectos físicos. Eu diria que aqui tem de tudo um pouco.

Fico entediado por ter que ouvir alguns discursos de blá, blá, blá de boas vindas aos alunos novos.

Assim como puto com as cantadas descaradas que se voltam a mim. Isso já está passando dos limites e sou pouco tolerante quando estou ansioso.

E jamais quis tanto saber o nome e qualquer coisa que viesse de uma mulher como quero descobrir tudo dessa ruiva

Estou de saco cheio de bancar o Coringa e ficar com esse sorriso tosco no rosto. Vou levar um tempão para sorrir de novo quando sair daqui.

A única coisa que me vem em mente é que a ruiva será praticamente a última a falar. Por que foi sentar no fundão gata?

(...)

Começo a morder a carne interna da minha bochecha e triturar o meu lábio inferior cravando os meus dentes ali, quando chega a vez do tal loiro da ruiva. Só de pensar que ela seja dele, já fico azedo.

— Meu nome é Maycon Caetano, é o meu primeiro dia no “CPC”, mas gostaria de dizer que estou muito feliz por estar aqui com vocês, particularmente com uma certa ruiva.

Ele ridiculamente se vira pra ela e fala.

Todos riem.

Eu rosno.

Ela fica vermelha e abaixa a cabeça.

Estou fuzilando ela com os olhos e a maldita não faz ideia, porque está ocupada demais em desviar do jogo do sujeito.

— Maycon, não teste a minha paciência, por favor. Limite-se a apenas se apresentar. Deixe as suas cantadas baratas para depois que saírem daqui. De certo a ruiva em questão deve recebê-lo de braços abertos.

Ninguém se atreve a falar nada da minha grosseria. Em minha defesa esclareço que não estou no meu juízo perfeito.

Quando penso que já dei os foras necessários, eis que um cara grandão e negro do tipo jogador de basquete americano olha para ela e cospe.

— Olá, sou Rafael Mendonça, estou no meu segundo ano na “CPC”, e para piorar o humor do nosso professor, também tenho que colocar que estou entusiasmado com a presença de uma ruiva muito linda que está sentada no final da sala.

Bufo sem conseguir segurar.

Isso é sério?

Mais um?

E o pior quase todos os cuecas a elogiam em voz alta, só sobram os comprometidos que por sinal a olham sem conseguirem desviar.

Ótimo!

E ela? Ah sim, o que mais? Vermelha e com o rosto voltado pro chão.

— Talvez eu deva colocar a moça ruiva sob proteção, já que é alvo de tanto assédio.

Analiso o seu movimento e ela me olha com uma expressão indecifrável.

— Garota você tem mel, só pode.

Comenta uma morena alta que quase está no meu colo de tanto que me dá bola sentada na primeira carteira.

— Resta ver a cor do cabelo dela. Ela tem mel com toda certeza.

Arremessa um trouxa loiro sentado lá atrás.

— Agora a pergunta que não quer calar... é ruiva

original?

O babaca da lateral direita fala.

— Só tem um jeito de saber...

Diz um nanico no meio da sala.

As minhas narinas estão soltando fumaça quando digo.

— Chega!!! Não vou aceitar esse tipo de brincadeira.

Se eu pudesse socava a cara do filho da puta no chão até estourar os seus miolos pelo que falou dela.

— Desculpe professor.

Aceno com a cabeça.

— Então Rafael, Bruno, Silas e Guido. Espero sinceramente que sejam melhores com as matérias do que são com as cantadas. Porque acreditem eu vou cobrar que sejam.

(...)

Finalmente chega a vez da loira ao lado dela, que se apresenta como Lucca Santos e da oriental que parece que vai morrer se abrir a boca em público, ela chama-se Nuli Sato.

Quando chega a vez da desgramada, ela olha pra mim ao se apresentar.

— O meu nome é Naele Borges, tenho 25 anos e estou a 2 anos formada em direito pela USP. Sou carioca de nascimento, mas morei anos com os meus pais em Araruama, até vir para São Paulo.

Franzo a testa. Borges é o sobrenome da minha esposa, que também é ruiva e tem família em Araruama.

Começo a suar frio.

Parentes?

Muita coincidência.

Porém Laura nunca citou nenhuma familiar com o nome de Naele. E eu conheço todos da família dela das reuniões nos feriados e das festas de aniversários, batizados e fim de ano. Até mesmo os de fora do país.

Os Borges do Rio de Janeiro são muito unidos e festeiros. Acredite em mim, se ela fosse da família eu a conheceria a essa altura. Mas mesmo assim não custa perguntar. Só está em jogo a minha sanidade, mas até aí

essa ruiva já fodeu com ela.

Era só o que me faltava, está fodidamente atraído por uma parente da Laura. A encaro fixamente quando pergunto.

— Naele... você tem alguém da família com o nome de Laura Borges?

Engulo em seco quando ela arregala os olhos e olha para a loira ao seu lado. Que mania de olhar toda vez que se vê encurralada para a mulher olhos de gato.

— Por que?

Ela devolve a minha pergunta.

Estou começando a entrar em pânico pela espera da resposta. Dou de ombros como quem falou por falar. Contudo estou cagando nas calças.

— É o nome da minha esposa. Vocês têm o mesmo sobrenome. Ela é ruiva como você, até se parecem. E possuem parentes na mesma cidade.

Desconfortável, ela se remexe na cadeira.

— A quanto tempo estão casados?

Que diabos isso interessa a ela?

— E isso tem alguma relevância?

Pergunto.

Ela sorri e fala.

— Não.

Sua fisionomia é neutra.

— Não o quê? Não são parentes ou não é relevante?

Espero ela responder, entretanto nada vem de sua boquinha carnuda. Portanto vencido respondo.

— 8 meses.

Ligeiramente sua postura altera, mas retorna ao normal.

— Anos de namoro?

A minha cabeça inclina pro lado.

— Não, total de 1 ano de relacionamento.

— Faz sentido.

— O quê faz sentido Naele?

— Nada. Quer dizer... tem jeitão de recém-casado.
— E como é ter jeitão de recém casado?
— Não sei, só estou sendo enxerida.
— Isso sim faz sentido. Então para entender tanto de jeito de relacionamentos deve ter alguém por bastante tempo, certo?
Seus olhos queima sob os meus e a sua boca está numa linha rígida.

Aí tem coisa.

— Não professor.

O quê?

Ela está de sacanagem.

— Agora você tem três perguntas em aberto comigo Naele, mais evasiva impossível.

Sua face se contrai quando responde.

— Não... tenho nenhuma familiar com nome de Laura Borges... e não... não tem relevância alguma... e só para fechar com chave de ouro... não tenho nenhum jeito para com relacionamentos, caso contrário uma puta não teria roubado o meu namorado. Mas sabe o quê? Aqui se faz... aqui se paga.

O alívio pela falta de parentesco entre Laura e Naele corre por toda a minha corrente sanguínea.

— Eu sinto muito e entendo a sua raiva. Só maneira com o palavreado, ok?

Ela acena que sim.

— Desculpa.

— Sem problemas se não voltar a repetir o erro.

— Não vou. Não sou de guardar cadáveres no armário. Ao menos que sejam de alguma serventia pra mim.

— Quantos residem lá Naele?

— No momento, apenas um.

(...)

Eu a repreendi por ter usado puta para descrever a safada que fez isso com ela. Todavia não dou muita ênfase a isso. Ela não tem como

descrever diferente uma cadela que roubou o seu homem.

Tenho vontade de dizer que era o namorado dela que tinha compromisso com ela e assim teria que ser ele a respeitá-la e não uma mulher de fora, mas quem sou eu para julgar o sujeito quando parece que estou indo pro mesmo caminho.

(...)

Quando volto a falar tento ser o mais imparcial possível com o que ela acaba de revelar para turma inteira, mas suspeito que mais pra mim do que para qualquer um.

— Agora que já estamos muito bem apresentados, eu diria, tenho outro assunto a tratar com vocês.

Faço uma pausa e volto a falar.

— Esta é uma aula inaugural, sendo assim só voltaríamos a nos ver na tradicional confraternização do “CPC” no dia 22 às 22:30 junto as outras turmas da instituição.

Analiso cada um, será um grande desafio conter os ânimos dessa turma em 2019.

— Todavia eu gostaria de fazer algo só da nossa turma antes da confraternização de fim de ano da “CPC”.

Sorrio.

— Quem está dentro?

Todos apoiam.

— Legal! Pensei em um amigo oculto. O quê me dizem?

Gritos de concordância.

— Então está valendo.

Vou até a minha mochila e pego o saquinho com o nome de todos que previamente deixei pronto pela manhã pelos nomes tirados através do diário de presença.

— Que tal depois de amanhã às 20:30 no barzinho da esquina?

Eles gostam da ideia.

— R\$ 100,00 o presente?

Um grupo discorda alegando estarem desempregados e

terem que pagar o curso nessa dinâmica.

Eu entendo, então peço sugestões e lacramos em R\$ 50,00.

— Aqui galera. Cada qual pega um papel que é referente ao seu amigo oculto.

Sacudo e falo.

— Logicamente também vou participar.

Observo quando Naele pega um papel e sorri avistando um moreno bombado perto da loira de cabelo chanel.

Não gostei nada, mas tenho que engolir.

O loiro que a cantou mais cedo parece eufórico com quem tirou. E não preciso ser mágico para saber que ele tirou Naele.

Gostei menos ainda, e está difícil de descer goela à baixo.

Sufoco a minha insatisfação com a minha amiga oculta, porque parece que tirei a mais atirada da turma. A tal morena alta chamada Bárbara Gomes, que está quase me violentando com o olhar.

Ok, nunca dei sorte mesmo com amigo oculto, mas continuo curtindo, porque o que levamos dessa vida é o que vivemos.

Naele

03

Segunda quando sai da “CPC” não sentia os meus pés no chão, tão pouco a minha mente trabalhava a meu favor, praticamente fui rebocada de lá por Lucca e Nuli.

Até agora me pergunto o que foi aquilo.

Caramba!

Onde fui me meter?

Realmente a partir daquela aula passo a acreditar na lei do retorno.

A terça-feira surgiu e se despediu da minha vida como num sopro de mágica. Mal me dei conta do dia de ontem.

Acredito que as duas únicas coisas que fiz de úteis foram encaminhar um currículo a um escritório de advocacia e comprar o presente do carinho musculoso que tirei no amigo oculto.

A R\$ 50,00 o que encontrei de bacana foi uma camisa social azul marinho com detalhes em vermelho na gola nas mangas, que custava R\$129,90 e saiu por R\$ 49,30 na promoção de Natal.

Estou acabando de me arrumar em frente ao espelho e Lucca que inacreditavelmente já terminou me observa atentamente da cama. Parece que invertemos os papéis.

— Que foi?

Digo a encarando pelo espelho.

— Nada, só estou olhando a transformação da gata borralheira em Cinderela.

— O quê?

— Sem bancar a desentendida pra cima de mim mocinha. Você sabe muito bem do que estou falando.

Desde a aula ela e Nuli não me deram trégua com o pedido do loiro alto, que segunda descobri chamar Maycon, para ser o meu par na festa confraternização.

Tão pouco com a minha sorte por ter tirado o Mister Músculos do Hiago no amigo oculto de hoje.

Além claro, que jamais deixariam de fora, o interesse que

despertei na sala toda, inclusive no marido da minha prima Laura, professor Kyler River.

Isso vai dar uma merda digna de ser jogada no ventilador.

— Menos Lucca, não tem vestido longo de baile aqui, muito menos sapatinho de cristal.

— Verdade, nunca que a Cinderela iria usar um nada clássico vestido com decote em dourado destacando as costas perfeitas. Ou essas sandálias com tiras sensuais pretas que contornam os seus pés suplicando para que um cara ajoelhe-se te pedindo para levá-la a festa de confraternização da “CPC”.

Reviro os olhos porque a minha melhor amiga pode ser muito ridícula com os seus comentários quando quer.

— Não é você que vive falando que não me arrumo direito?

— Digo sim, e vou dizer sempre. Mas dessa vez confesso que fez bonito. Tanto que acho que talvez até roube o coração de um certo príncipe.

— Tá falando do Maycon?

— Não se faz de besta Naele, o Maycon já tá de quatro na sua e por mais que seja gatinho não tem realeza nenhuma. Estou falando do professor.

Fecho os olhos quando ela o cita. Realmente não tenho como negar que aquele professor sob a forma de pecado mexeu comigo.

Aqueles rosto másculo com ar de mal e os olhos negros fixos em mim, fizeram um estrago na minha calcinha.

Pena que o interesse foi provavelmente por ter me achado parecida com a Laura, sua esposa e minha prima, e mais pena ainda porque vou ter que usá-lo para me vingar dela.

— Nada a ver, estou me produzindo porque... bem porque vamos sair.

— Naele olha bem pra mim e me diz se tem uma placa escrito idiota fixada na minha testa. E não me diga que é pro Maycon porque ele caiu na sua até vestida de homenzinho.

Me ofendo com o comentário.

— Eu não estava de homenzinho.

— Será que é pro Hiago então a produção?

Ela está me sondando, quer perguntar do Kyler, pra falar da Laura.

Canso disso.

— Manda logo Lucca nos sabemos porque Kyler me interessou além de ser um homão da porra.

— Hã?

Viro e a encaro.

— Você acha que ele vai levá-la hoje?

Lucca olha pro teto e respira fundo.

A chegada de Kyler sendo marido da minha prima traidora e paixão da minha melhor amiga trouxe um clima pesado as nossas horas até que possamos estar de frente com a maldita.

— Não, pelo que ele disse acho que só na confraternização no dia 22.

— Tá pronta pra vê-la?

— Não, e você?

Lucca desvia o olhar do teto e rola pra fora da cama. Ela está linda num vestido vinho.

— Águas passadas, ela casou não foi? Fez a merda com o seu relacionamento e deu as costas para nós duas sem nunca admitir que errou.

— Verdade, agora você tem a Nuli.

Começo a rir.

— Ai cala boca.

Uma almofada voa na minha direção acertando as minhas costas.

— Ei! Vou borrar tudo aqui, ao invés da Cinderela você vai ter que ir acompanhada da noiva do Chucky.

Começamos a rir e o clima ruim que pairava no ar vai embora. O que não dura muito, porque voltamos a falar do passado em sequência.

— Naele?

— Oi.

— Você vai usar o Kyler para se vingar da Laura, não vai?

Suspiro porque sei que nunca vou conseguir enganar Lucca. Ninguém me conhece como ela.

— Com muito pesar, realmente gostei dele, apesar de não deixar a notória química entre nós ir adiante por ele ser casado, isso se não tivesse a Laura na jogada, lógico.

— Tenho medo que você se machuque Naele.

— Estou disposta a pagar o preço.

— Tem certeza, depois de hoje à noite não tem volta.

— Lucca, é a chance perfeita de dar o troco pelo que ela fez comigo, com nós duas. Laura te usou como um objeto sem valor. E me traiu fodendo com o meu namorado. Vou mostrar a minha priminha como dói quando é consigo, trepando com o marido dela.

(...)

Lucca e eu chegamos ao barzinho com uma placa do tipo tradicional americana com direito a lâmpadas e tudo escrito “Última Aula”.

O prédio do curso é cercado de instituições de ensino daí o nome bem bolado do bar.

Nuli estava sentada ao lado de uma morena alta com olhos cor de mel em um papo bem descontraído, mas quando nos viu correu em nossa direção.

— Foi aquela ali que você tirou?

Pergunto baixinho a Lucca.

— Não. Foi a morena baixinha com cara de árabe.

— Vai dar aquela blusa decotada para uma árabe?

— Hum, hum.

— Você não presta.

— Nunca disse o contrário.

Quando Nuli com o seu vestido amarelo chegou até onde estávamos Lucca encarava a morena que conversava com ela.

— Só falta o professor agora.

Nuli diz batendo palminha.

— Ele ainda não chegou?

— Não.

Sentamos na grande mesa montada colando várias outras formando um L no centro do barzinho.

Um sujeito barbudo e com cabelo num rabo nas costas cantava Seja Pra Mim (Maneva) ao vivo.

Maycon saiu da companhia da morena de cabelo curtinho e desfiado na nuca que ficou perto da porta no curso e veio sentar ao meu lado.

Hiago já havia corrido para sentar do meu outro lado. Notei que além da que conversava com Maycon, que outras mulheres me olhavam com cara feia.

Liguei o foda-se.

Tenho coisas maiores para me preocupar do que com um bando de vadias mal amadas e invejosas.

— Então animada?

Maycon diz ao ajeitar-se na cadeira ao meu lado.

Gente... ele é uma coisa... lindo e gostoso... talvez depois que eu terminar o meu lance de vingança com Kyler possa degustar dessa gracinha.

— Muito. Você...

A frase ficou no ar, pois as palavras fugiram da minha mente quando Tyler entrou usando uma calça preta com uma blusa branca e uma jaqueta vermelha por cima.

Suspiros femininos e gays foram inevitáveis.

— Desculpe o atraso, fiquei preso no trânsito.

Ele falou pra todos, mas olhou pra mim. Encarando Maycon ao meu lado direito assim como Hiago no esquerdo.

(...)

Kyler senta entre a loira com cabelo chanel e a morena que quase se jogou em seus braços na aula. Infelizmente não consigo evitar o desprazer em vê-lo perto delas.

O clima é agradável. A música é boa. As pessoas conversam tranquilamente com alguns flertes envolvidos.

Depois de algum tempo casais vão dançar num canto destinado a isso. O local é pequeno mas aconchegante. Tem mesas perto das

janelas antigas em madeira. Aliás muitas janelas. A grande maioria do pessoal que veio aqui hoje acomodou-se próximo a estas.

O piso é em cerâmica vermelha e tem pequenas luminárias pra tudo quanto é canto. Está todo decorado com o tema do Natal, incluindo uma enorme árvore no canto.

— Quer dançar?

Maycon estende a mão pra mim.

Levo a minha mão ao encontro da dele e seguimos pra junto de tantos outros casais espremidos em um pequeno espaço.

— Você tem namorado Naele?

A vontade que tenho é de bater na testa de Maycon. Eu me expus na aula inaugural de segunda e contei sobre ser traída.

— Digo depois do que passou. Conseguiu voltar a ter relacionamentos?

De repente a ficha cai.

Oh merda!

Ele está se abrindo pra mim, possivelmente por ter passado pela mesma coisa.

— Relacionamentos não. Fiquei com alguns caras depois do Josme.

Ele ri e devo dizer que tem um sorriso lindo.

— Josme? A criatura já nasceu fadada ao fracasso. Que nome horrível.

Gargalho porque foi o que pensei quando conheci o meu ex namorado.

— Era o nome do avô dele.

Dei de ombros.

— Isso explica tudo.

— Pois é.

Sinto que ele quer me contar algo. O seu corpo é quente e tem um cheiro bom. Ele realmente é muito gostosinho.

— Diga-me.

— O quê?

— Diga logo Maycon. Quem foi a cadela que te fez sofrer?

Ele suspira.

— A minha ex noiva.

Arregalo os olhos.

— Ex noiva? Que merda cara.

— Sim. Namorados de infância. Corno com a contribuição do meu próprio irmão.

Olho pra ele sem saber o que dizer.

— Maycon.

Ele me abraça forte.

— Está tudo bem. Passado. Só estou contando pra você saber que te entendo e que temos muito em comum.

(...)

Quando voltamos a mesa foi a vez de Hiago me chamar pra dançar. Assim como aconteceu com Kyler e as vadias. Ele dançou com muitas.

Algun tempo depois iniciaram as trocas de presentes do amigo oculto.

Eu tirei Hiago, Maycon me tirou, a loira chanel tirou Maycon, Lucca tirou a tal de Máira, que tirou Rafael, que tirou Nuli, que tirou Afonso, que tirou Roberta, que tirou Kyler, que tirou Bárbara...

Por fim ganhei um estojo de perfume do Boticário do Maycon que com toda certeza custou vezes mais do que R\$50,00.

Observei que Kyler ganhou da Bárbara uma caixa contendo alguns produtos e brinquedos eróticos e algumas cuecas do tipo boxer da Tonny Hilfiger.

Bom... R\$50,00 passou longe do que ela pagou por tudo aquilo.

Amei e odiei na mesma proporção quando Kyler disse que a esposa dele iria curtir bastante usufruir do presente.

(...)

O cantor volta do intervalo e reinicia com Meu Abrigo (Melin), quando Kyler me convida para dançar.

Claro que aceito, deixando-o me conduzir de mãos dadas pela pequena pista. Seu caminhar é manso e sedutor. Ele sabe o poder letal que tem junto as mulheres.

Quando nossos corpos se fundem, fecho os olhos porque é demais pra mim. Não consigo fingir indiferença. Mas no momento em que eu abro os meus olhos, vejo que os dele ainda estão fechados.

Ele sentiu o mesmo que eu. A eletricidade que percorreu o meu corpo veio do dele. Estamos no mesmo compasso. A conexão é inegável

Seus olhos têm um efeito hipnótico sob mim, que terminam quando o sinto apertar o seu corpo rijo contra o meu, um calafrio me percorre quando percebo que o seu pau está duro encostado a minha pele. Se as roupas agora fossem ao chão, em um único impulso ele me penetraria.

Nosso corpo tem um encaixe perfeito. A sua febre alivia a minha pele gélida. Assim em minutos estamos na mesma temperatura.

Ele me abraça ainda mais forte e leva os braços a minha cintura em um aperto mais bruto. Então eu também intensifico o aperto dos meus braços em torno do seu pescoço. O que faz com que não haja mais nenhum espaço entre os nossos corpos.

Como sou alta e estou de saltos, ficamos quase da mesma altura. Nossos corações batem colados um no outro. Há a troca da nossa respiração.

Ele olha para os meus lábios e eu para os dele. Imagino que o seu gosto seja tão bom quanto o seu toque.

Droga!

Algo me diz que estou fodida.

— Tive medo que a essa altura você já iria estar cansada de dançar.

Ele sussurra no meu ouvido.

O seu hálito é quente e tem cheiro de menta.

— Eu? De longe você dançou muito mais do que eu.

— Você estava me observando durante esse tempo todo?

Merda!

Ele é bom em reverter as perguntas.

Convencido e lindo pra caralho, mas lógico que teria que ser perspicaz, caí na sua armadilha.

— Difícil não notar, as alunas praticamente estavam se estapeando pela próxima dança com o professor pecado.

de lado.

— Professor Pecado?

Ele ergue a sobancelha e leva os lábios a um sorriso sexy

Oh! Ferrada estou!

— Senhor Pecado então?

Ele ri.

— Tipo... você é o meu professor... respeito é bom e você deve gostar.

Bato os cílios.

— Ouch! Senhor? Estou tão velho assim? Jurava que hoje pela manhã ainda não tinha nenhum cabelo branco ou rugas.

Rio do comentário debochado.

— Velho não é a palavra que escolheria para descrevê-lo, professor River. Como eu disse, só é uma questão de respeito.

— E me chamar de pecado não é uma falta de respeito?

Ele inclina a cabeça de lado me observando muito de perto.

Chame o bombeiro!!!

Estou em chamas.

Mordo o meu lábio.

— Não é desrespeito chamá-lo de pecado, só uma constatação.

Ele balança a cabeça achando graça. Rá muito engraçado. Só que não. Fica no meu lugar pra você ver.

— Professor River é menos ruim, sinto que remoei uns 20 anos, depois daquele seu “senhor”.

— E como devia chamá-lo então?

Delícia? Gostoso? Tesudo?

Lol!!!

O cara me torna cada vez mais tarada. Quanto mais perto, pior é o diagnóstico.

— Kyler está ótimo. E qual é a palavra?

— Palavra?

— Isso, a palavra que você usaria para me descrever.

Penso.

Hora de colocar o meu plano em ação.

É agora ou nunca.

— Meu Pecado.

Meu????

Sério que eu disse isso?

Arregalo os olhos.

Merda, merda, merda!!!

Era pra eu dizer delícia de pecado.

Escondendo o rosto no peito dele.

Me escapou pelos lábios, sem chance de segurar ou voltar atrás. Sinto calor emanando do rosto, tamanha vergonha que sinto.

Ferrei tudo?!

Fui direta demais.

A expressão no rosto dele confirma a minha suspeita. Ele parece desorientado, como se tivesse acabado de ter levado um soco no estômago. Olha para os lados para ver se alguém ouviu a minha cantada mais do que direta.

— Isso não está certo.

Kyler segue me segurando, mas afasta seu corpo do meu, que instintivamente tenta acompanhá-lo, em vão.

Sua face é carrancuda e ele me fuzila com os olhos. É um péssimo sinal de que dei um fora dos grandes.

— Meu Pecado é errado... são duas palavras, pedi que me descrevesse com uma.

Ainda estou com o rosto encostado nele, assim o seu peito treme junto ao meu rosto

Ele está rindo?

De mim?

Filho da puta!

Um maldito filho da puta!

Caí de novo.

Bato no ombro dele com força contida. Nossa risada é alta

quando voltamos a dançar. Do nada ele toca o meu queixo e ergue o meu rosto para que eu possa olhá-lo.

— Você também mexe comigo.

A minha respiração falha e começo a ficar ofegante.

— Muito.

Ele fecha os olhos.

— Você não faz ideia o quanto.

Ele completa sem desviar os olhos dos meus. Há muita verdade em suas palavras e intensidade em seus olhos.

Estou sem palavras, especialmente pela sua coxa grossa que agora faz força entre as minhas que estão bambas e praticamente rendidas.

— Talvez eu queira exatamente isso.

Ele diz.

— O quê?

Pergunto.

— Ser seu e que você seja minha.

— Não acha que estamos indo rápido demais Kyler.

— Acho.

— E?

— E... não consigo evitar.

— O quê faremos então?

— Uma única noite para matar esse desejo que está nos consumindo?

Ele propõe.

— Mesmo você sendo casado?

Ele faz uma careta, leva a mão ao cabelo e olha para um ponto qualquer na parede.

— Nunca fiz isso Naele. Entendo se você não acreditar, dada as circunstâncias. Mas é verdade. Nunca precisei trair a minha esposa e tenha certeza de que ela não merece isso, mas preciso provar o seu sabor. Se eu não estiver dentro de você no final dessa noite vou enlouquecer.

A menção de Laura não merecer uma traição me faz voltar a ter coragem de seguir em frente com o meu plano. O desejo de vingança é

restaurado.

Estava começando a fraquejar por ele e o que desperta em mim. As últimas palavras dele foram o incentivo que eu precisava para voltar ao jogo.

— Uma única noite.

Confirmo.

— Não posso te oferecer mais do que isso Naele, queria eu poder. Juro por Deus, que tudo em mim deseja que eu tivesse conhecido você a 1 ano atrás, mas essa não é a minha realidade.

— Acho que ficaremos com uma única noite então, porque quero muito que você esteja dentro de mim no final dessa noite.

Repito as suas palavras anteriores.

— Você aceita então?

Ele me avalia inseguro.

— Sim.

— Tem certeza?

— Já disse que sim.

Kyler me olha desconfiado.

— Entendeu bem o que eu propus?

— Uma única noite. No dia seguinte não seremos nada mais do que professor e aluna.

— Exatamente.

— É o certo, você é um homem casado e eu uma mulher livre. Depois dessa noite talvez eu dê uma chance ao Maycon. Ele parece ser um cara legal.

Sinto o seu corpo tensionar junto ao meu. As suas duas mãos apertam cada lado da minha cintura. E por incrível que pareça ele consegue ficar ainda mais quente. Seus olhos são esferas de fogo quando digitalizam o meu rosto.

— Tem o costume de fazer isso?

— Fazer o quê?

— Tregar aleatório com caras desconhecidos?

— Não.

— Nunca?

— Assim como acredito que você nunca tenha traído a sua esposa, espero que acredite que jamais fiz isso antes, mas pra tudo tem uma primeira vez.

— E se eu disser que será a sua primeira e única vez a fazer isso?

— Eu diria que tem o dom de prever o futuro. De outra forma como poderia saber disso?

— Não permitindo que volte a acontecer.

— Por que? O quê você tem a ver com isso?

— Prevejo que a partir do momento em que eu penetrar em você... eu tenha tudo a ver com isso.

— Você está sendo contraditório.

— Eu sei, estou ciente disso.

— Foi você que propôs uma única vez.

— Jamais pensei em ter uma amante.

— Nunca me vi como uma amante.

— Não quero que outros homens toquem em você.

— Não quero que outras mulheres te toquem também.

— Não vão.

— Incluindo a sua esposa.

— Isso é loucura Naele, não faz nenhum sentido.

— Pois é.

Desvencilho dos seus braços, mas ele me traz de volta.

— Eu preciso de você.

— Entendo bem o que diz, porque também preciso de você.

— Vamos dar um jeito no nosso desejo insano primeiro, o resto vemos como fica depois.

— Pra onde vamos?

Seus lábios úmidos tocam a minha orelha quando diz.

— Quero ir pra um lugar onde possamos estar à sós e resolvermos o nosso problema.

— Sou um problema para você?

— Somos um problemão um para o outro Naele.

Não tenho como negar isso. Assim como fica evidente o que vamos fazer quando voltamos para a mesa onde estão todos e eu pego a minha bolsa na cadeira e Kyler a sua jaqueta, com a desculpa esfarrapada de que ele me dará uma carona.

Sinto os olhos preocupados de Lucca em mim e os incrédulos de Nuli. Tal como os invejosos das outras mulheres e os de cobiça dos outros homens.

Todavia é o olhar de Maycon que mais me incomoda. Decepção está estampada na sua face bonita.

(...)

Kyler entrega o canhoto para um dos valets e alguns minutos depois chega uma caminhonete Nissan Frontier em um lindo azul metalizado.

Os olhares de meus colegas de turma continuam travados em nós durante os momentos finais de nossa apresentação pública.

Sinceramente, me sinto em um teatro, onde somos os protagonistas de uma peça em cartaz.

Kyler respeitosamente abre a porta e me dá a mão, ajudando-me a alcançar o estribo e por fim entrar no carro.

Ele ainda acena uma despedida para o pessoal que pelo jeito permanecerá no “Última Aula”, antes de se arrepender e recolher o braço.

Acomodada no lado do carona o vejo colocar o cinto de segurança e arrancar com o carro para algum lugar que não faço ideia de onde fique.

— Cabine dupla, mais um pouco dava pra morar aqui dentro, acho que vou desistir dos concursos e virar professora de curso preparatório.

Gosto do jeito franco e espontâneo como ele ri.

— Paga relativamente bem, melhor do que eu esperava para falar a verdade, mas ganhava mais dinheiro no escritório de advocacia no Rio.

— Aqui você vai ficar só por conta do curso ou vai abrir algum escritório?

— Na verdade reinicio na filial daqui na próxima segunda-feira.

— São os mesmos proprietários?

— São. Todos da mesma família. Aqui estão o genro e o filho do Sr. Brás.

— Maurício Brás?

— Sim. Conhece?

— Hum, hum.

— Sério? De onde?

— Maurício é o responsável por eu optar por fazer a faculdade de direito.

— Posso saber por que?

— Tivemos um lance por 1 ano.

— Um lance?

— É, eu não chamaria o que tivemos de namoro, éramos muito jovens.

— Oh caralho! Ele foi o namorado que te traiu?

— O quê? Não, o conheci antes do Josme, se eu soubesse o que iria passar, teria permanecido com ele.

— Foi você que deu um chute na bunda do Maurício?

— Mais ou menos isso.

— Qual o motivo?

— Apaixonei-me por um babaca, daí pra não sacanear um cara legal como o Maurício, eu separei.

— Traição é uma merda mesmo. Não acredito que estou fazendo isso com a minha esposa, ela não merece.

— Não posso dizer o contrário. Você já disse o quanto está se sentindo culpado antes, se quiser pode me deixar em casa, certamente vou entender.

— Desculpa, você tem razão.

— Ok, basta virar a direita e...

— Ei! Você entendeu errado, não tenho forças para desistir de nós Naele. Você me tem pelas bolas. Só estou dizendo que nunca pensei que trairia Laura.

— Você a ama?

— Do meu jeito.

— O que isso quer dizer.

— Existem muitas formas de amar Naele.

— E a grande maioria é pura falsidade.

— Se não for abusar... pode me contar o que aconteceu no seu namoro com esse tal de Josme?

— Ele me traiu.

— Isso ficou muito claro.

— Ele me traiu com a minha prima. A que eu mais amava e considerava mais do que uma irmã.

— Que merda!

— Uma grande merda.

— Vocês moravam juntas?

— Não. Ela veio me visitar.

— Você o perdoou? E a ela? Quer dizer... meio que sei a resposta sobre ele.

— Não para ambos.

— Como conheceu a sua esposa?

— Amigos em comum.

— Você disse que está casado a 8 meses, mas se conhecem a apenas 1 ano. Foram rápidos, heim?

— Fomos assim como nós estamos sendo, as vezes o tempo não conta muito.

— Como ela é?

— Muito parecida com você. Por esse motivo mais o sobrenome que cheguei a pensar que eram parentes.

— Não somos, não tenho nenhuma Laura como membro da minha família.

— Sim, você esclareceu isso antes.

— A minha esposa é ruiva natural... você é?

— Voltamos a pergunta da sala de aula?

— Nem me fala, fiquei muito puto com aquilo.

— Notei, só não entendi o motivo.

— Não, fala sério Naele, precisa que eu desenhe?

— Bem... talvez.

— Fiquei louco por você logo que pousei os meus olhos no fundo da sala.

— Foi assim com ela?

— Laura?

— Sim.

— Não. O meu lance com Laura é outro.

— Como assim?

— Iniciamos como amigos. Pra falar a verdade permanecemos assim. Laura é a minha melhor amiga além de esposa. É a pessoa mais digna que conheço.

— Tudo bem?

— Claro, por que?

— Não sei, você virou o rosto quando falei dela.

— Normal, não acha?

— Acho, mas a sua expressão foi muito estranha, parecia raiva.

— Pra falar a verdade pode até ser. Está indo trepar com um cara que no caminho faz esse discurso de como a esposa é perfeita não estava nos meus planos.

— Eu em momento algum disse que ela é perfeita. Mas você tem um ponto aqui. Vamos mudar de assunto.

— Concordo.

— Você não respondeu a minha a pergunta.

— Sobre eu ser ruiva natural?

— É.

— Acho que você logo vai descobrir.

(...)

— Você não tem aquele sotaque de pneu furado “shhh” como via na TV.

— E você não termina toda frase com “porra meu” como eu via na TV.

Caímos na gargalhada, me sinto à vontade e ao mesmo tempo perturbada com ele ao meu lado.

As ruas vem e vão, como a sua mão pela minha coxa a cada reduzida e parada no sinal. No tempo do cambio manual devia ser bem

mais divertido.

Pegamos o acesso para uma das rodovias que cruzam os limites da cidade sentido a Sumaré e logo paramos na entrada do motel “Olímpios”.

— Pra quem não é daqui e não trai a esposa bem que você achou o caminho direitinho.

— Na verdade eu sou Campineiro e Paulista por nascimento, morei aqui até os 12 anos, quando me mudei para o Rio e me “naturalizei” carioca por opção.

— E por que voltou?

— Problemas de família. Mas vamos lidar com um problema por vez. Agora é hora do nosso problema.

Entramos pelo portão imitando bronze e estacionamos na garagem da casa 9. Um botão na parede faz o portão automático se fechar atrás de nós. Se era para desistir estou alguns minutos atrasada.

— Quer mudar de ideia? Ainda dá tempo de voltar pro Maycon.

Ele parece ver através de mim, me alfinetando com essa provocação.

— Verdade, e você ainda pode voltar para a sua esposa com a consciência tranquila por nunca a tê-la traído.

(...)

Mal entramos direito no quarto e as suas mãos estão por toda parte do meu corpo. A sua respiração é forte e permanece com sabor de menta.

Suas mãos me agarram pela cintura e me puxam para laçar o seu corpo com as minhas pernas, segurando a minha bunda em duas conchas. Entrelaço as minhas mãos na sua nuca e colo os meus seios no seu peitoral.

O nosso primeiro beijo é como o esperado, feroz e ardente. As nossas bocas chocam-se sem cerimônia. Não existe qualquer delicadeza. Ele chega a ser bruto. Do jeito que eu gosto quando estou com muito tesão. E com certeza esse é o caso agora.

— Naele...

— Oi?

— Porra! Você tem um beijo incrível, mal posso esperar para saber como é o gosto da sua boceta.

Ao voltar a me beijar, ele suga os meus lábios, primeiro o de cima e depois o de baixo, onde deixa uma mordida. Nossas línguas procuram uma pela outra e não posso dizer que já vivi isso antes.

Com muito pesar afasto as nossas bocas para instintivamente tirar a sua jaqueta, o que ele me ajuda, facilitando o meu serviço.

A camisa de botões já é outra história, ela está tempo por demais no meu caminho. Assim faço os botões voarem feito tiros quando a escancaro aberta, expondo parte do seu peitoral.

— Você é louca mulher!

— Fala que não gosta?

Kyler não fala nada, senta na beirada da cama e me agarra com um braço pela cintura me puxando com força pro seu colo. Feito uma cowgirl habilidosa o monto sentindo o seu pau duro através do tecido grosso do jeans.

Com o outro braço alcança meu cabelo e novamente puxa minha boca sem fôlego de volta pra sua. Engolindo meus gemidos de prazer.

Kyler

04

Não acredito ainda no que estou fazendo, mas não tenho qualquer desculpa senão estar irremediavelmente atraído por essa mulher.

No meu colo, ela agarra o meu cabelo e acaba de tirar a minha blusa, rasgando parte dela no processo.

Então nada mais justo que eu faça o mesmo com o vestido dela, mas antes que eu coloque em prática a maldita o tira pela cabeça, expondo os seios sem sutiã, empinados e durinhos com os biquinhos rosados e suplicantes por uma boa mamada, que é o que faço, abocanhando tudo de uma vez sugo sem dó o do lado direito repetindo o processo com o esquerdo. A sua coluna aqueia e ela geme alto.

Levo a minha mão pra dentro de sua calcinha no mesmo passo que puxo o seu cabelo pra trás em um punho fechado para ter acesso livre ao seu corpo sem as mechas tapando a sua pele.

No momento em que alcanço o seu clitóris massajeio em um vai vem, o que substituo por leves beliscões.

Ela por sua vez levanta do meu colo de forma brusca, forçando como pode o meu corpo a deitar na cama para que possa abrir o zíper da minha calça e junto a cueca tirá-la do meu corpo.

Auxílio erguendo o meu corpo e para a minha surpresa ela tira os meu sapato e meias.

— Odeio homem nú de meia. Por mais lindo que você seja não faço exceções.

— Sem problemas, mas não tira as suas sandálias.

— Combinado.

Devagarinho pra torturar pra caramba o meu juízo ela tira a calcinha e coloca-se entre as minhas pernas depois de abrir caminho para o seu joelho acomodar-se.

Sem pensar uma segunda vez ela cai de boca no meu pau enquanto massageia as minhas bolas.

Sua boca é...

Putá merda!

— Caralho Naele!!!

— Shiiii. Quietinho. Não atrapalhe o meu serviço.

Quando tira o meu pau da boca vejo um fio de saliva escorrer por seu queixo. Então ela volta a tomá-lo sugando e lambendo em movimentos circulares, dando pequenas mordidinhas na cabeça do meu pau, sem nunca deixar de massagear as minhas bolas.

Noto quando a sua mão vai por entre as suas pernas, ela está se dando prazer enquanto me dá prazer, e isso é muito sexy.

Sua boca engole todo o meu pau, o leva numa boa numa garganta profunda, quase caio da cama quando ela mete tão fundo e chupa tão forte que as minhas bolas batem no seu rosto.

Agarro a filha da puta por debaixo dos braços e a seguro pela cintura jogando-a sobre a cama invertendo assim as nossas posições. Abro bem as suas pernas e caio de boca, a minha língua vai da boceta ao ânus e volta.

Sorrio.

— Ruiiva natural.

— Hã, hã... mexa-se, isso eu já sei, agora o que não faço ideia é se você trepa tão bem quanto fala. Menos blá, blá, blá, mais ação Kyler.

— Mandona, gulosa, esquentadinha e apressadinha.

— Você esqueceu de sem paciência.

Ela agarra o meu cabelo levando a minha boca de volta a sua boceta. É inevitável não tentar supor porque o idiota do ex namorado dela a traiu. Porra! A mulher é uma dama na sociedade e um furacão na cama. O sonho de todo homem. Pra quê procurar fora?

Penso na Laura e em como o nosso sexo é sem graça. Não que isso sirva de desculpa para trair, mas não tem como não compará-las.

— Está pensando com a boca na minha boceta? Sério?

Ela faz como se fosse levantar e eu a tombo de volta pra cama. Então me dedico a retribuir o melhor boquete da minha vida.

Enfio dois dedos no seu canal alternando com a minha língua. Um dedo meu vai no seu ânus onde faço um movimento curvando-o, ao mesmo tempo em que os outros dois dedos fazem o mesmo na boceta.

Naele está com o rosto soado e vermelho, a coluna levanta do colchão entre fugir e buscar os meus dedos.

— Goza pra mim linda.

No passo que ela goza, subo no seu corpo mole e alcanço a

camisinha na mesinha ao lado da cama, coloco com ela quase desmaiada me observando, então a penetro e caralho, não consigo me segurar, dou estocadas fundas e rápidas segurando as suas duas mãos acima da cabeça. Ela geme e ofega, mas trás o corpo para frente pra ser mais bombardeada por minhas metidas.

Saio de dentro dela, com os seus xingamentos, porém quando percebe o motivo, logo se põe de quatro com o rabo empinado.

A penetro novamente a mantendo presa pelo quadril e pelo cabelo. O seu corpo é arremessado pra frente várias vezes até que não consigo mais segurar e gozo caindo sobre ela.

(...)

— Vamos tomar um banho juntos?

A puxo, mas ela deita de bruços com o travesseiro no rosto.

— Preciso de um minuto.

— Peguei pesado demais? Te machuquei?

Pergunto preocupado.

— Não é nada disso Kyler, é só que não...

— Trepas faz tempo?

— Sim.

— Quanto tempo?

— Desde...

— O quê?

— Constrangedor, eu sei.

Tiro o travesseiro do seu rosto.

— Gostei de saber disso.

Pisco pra ela.

— Aposto que sim, vá pro banho, já vou, só me dê uns minutinhos para as minhas pernas ficarem estáveis.

— Te deixei de pernas bambas?

Ela joga o travesseiro em mim.

— Some da minha frente Kyler.

Gargalhando vou até o banheiro. Olho a banheira e a ducha decidindo qual vai ser. O pensamento de foder com ela no box vence. Entro e a espero. Ela demora tanto que acabo tomando banho sozinho. Quando retorno ao

quarto não a vejo em lugar algum.

— Naele?

Chamo.

— Naeleeeeeee???

Nada.

É então que eu vejo.

Tem uma foto sobre a cama.

Franzo a testa e olho a foto. Nela estão Naele e... Laura. Abraçadas e sorridentes. Viro a foto e tem uma dedicatória com a letra da minha esposa.

“Para a prima/irmã mais amada deste mundo, com carinho, Laura Borges”.

Sento na cama desorientado, sem entender o que acaba de acontecer. Caralho! Por que ela fez isso?

Fecho os olhos lembrando dos últimos minutos. Não acredito no que fui capaz de fazer. Até onde deixei que a minha sede de vingança por Laura me levasse.

Ainda no quarto do motel, joguei o vestido correndo por cima do meu corpo de qualquer jeito, nem coloquei a calcinha. Peguei a minha bolsa de onde tirei uma foto antiga minha e da Laura.

Foi tirada no dia em que eu a apresentei a Josme. Sabia que um dia ela me seria útil, por isso foi a única foto dela ou com ela que guardei.

Dou uma última olhada pra cama e saio do motel, conseguindo um táxi logo por pura sorte. Passo o endereço do meu loft para o motorista e encosto a minha cabeça no vidro.

Tiro o celular da bolsa, coloco os meus fones de ouvido e seleciono O Destino Não Quis (Maneva) na minha playlist.

Lágrimas de arrependimento pelo que eu fiz com o Kyler brotam em cascatas grossas que escorrem por minha face.

Não era pra ser... mas eu sei... eu me apaixonei.

(...)

Já é madrugada quando chego em casa. Lucca está na cama roncando baixinho. Sempre dividimos a mesma cama de casal por acharmos ser desnecessário colocar outra em um espaço tão pequeno.

Tiro o vestido que cai aos meus pés e jogo as minhas sandálias para escanteio, os próximos são os brincos.

Observo a minha bolsa no chão e relembro quando coloquei nela a foto que guardo por tempo demais para quem jogou tudo que lembre Laura e Josme fora.

Sento na cama nua e fico no escuro ouvindo o fraco som noturno que vem da rua. Apenas a luz branda do abajur nos cerca.

Involuntariamente uma lágrima me escapa e escorre pela minha bochecha, logo outras a acompanham e a minha face está molhada, nisso algumas escapam para os meus seios e colo.

Abraço o meu corpo sendo incapaz de conter os soluços.

Sei que preciso superar o passado, mas não me vejo alguém forte o suficiente para isso.

Dói muito quando as lembranças voltam como facas afiadas, quase sinto a minha pele rasgar quando cravo as minhas unhas sobre ela, mas são pequenos arranhões se comparados a cicatriz que formou-se no meu coração.

Lucca balbucia alguma coisa e chuta a própria roupa na beira do colchão. Ela tem um mal dormir do caramba. Todavia acabei me acostumando com o tempo.

Quando passo os meus dedos no lençol fino, as cenas do que vivi com ele no motel tomam a minha pele, que arrepia-se. Um calor me sobe, mas é abafado pela minha consciência pesada.

Sinto-me suja, talvez mais do que via Laura até hoje, transformar a química entre Kyler e eu em um instrumento para fazer dele um mero objeto de uma jogada fadada ao fracasso foi muita burrice da minha parte.

Não consigo acreditar no que fui capaz de fazer com ele. Kyler de certo não merecia ser um meio de atingir Laura por sua traição comigo.

Usar o marido da minha prima em um plano de vingança por ela ter trepado com o meu namorado no passado, pareceu tudo menos algo tão amargo como tornou-se pra mim num piscar de olhos.

Entretanto quando me dei conta disso já era tarde demais, não havia a menor possibilidade de voltar atrás sem que eu saísse mais uma vez ferida no processo, então seguir com o esquema pareceu o mais sensato, quando agora parece não fazer sentido algum.

Não sei se consigo encará-lo depois de hoje, sequer para explicar a minha atitude, que com certeza aos seus olhos vai parecer fruto de uma mulher desequilibrada e com baixo caráter.

Sinceramente não sei se serei capaz de ver o desprezo que inevitavelmente deverá estar instalado em seu rosto másculo e lindo quando nos virmos novamente.

Como homem não faço a menor ideia de como vai levar a informação de que a mulher que tão orgulhosamente chama de perfeita, foi capaz da mais baixa traição quando o assunto em tela foi foder com a relação da sua prima, junto aquele que um dia foi visto como o cara certo pra casar e constituir uma família.

Talvez ao passo que me odeia agora, não seja nem um pouco solidário a minha causa.

Lucca se mexe e abraça a minha perna, acredito que a confundindo com o seu travesseiro que agora está no chão.

Devagarzinho levanto e devolvo o travesseiro a ela, preciso de um banho para nem que seja ilusoriamente, lavar a minha alma.

No banheiro ligo a ducha na máxima temperatura do calor, quanto mais água cai na minha pele, mas sinto como não pudesse lavá-la.

Reviro os olhos para o frasco de shampoo caro da minha melhor amiga, mas não me faço de rogada e o uso ensaboando o meu cabelo.

Nem me dou conta quando ao invés de massagear o couro cabeludo, estou ferindo-o com a brutalidade de fortes puxões.

Reinício o choro contido e viajo no exato momento em que Kyler me penetrou, jamais senti nada igual.

Então como pude acreditar que ele seria menos do que realmente é pra mim, trazendo o passado com as merdas de Josme e eu para o presente que deveria envolver só nós dois.

Sorrio sem achar qualquer emoção digna em minha natureza estúpida.

De qualquer forma nunca seria só nós dois, Laura o tem em seu cerco, estou me apaixonando pelo marido dela, mais uma vez ela tem alguém importante pra mim como dela, só que dessa vez ela viu primeiro, reivindicou e usa uma grossa aliança no seu dedo esquerdo pra provar pra todas as vadias que cobiçarem o seu homem que ele tem dona.

Bufo. Em suma para uma vadia em especial... eu.

Arrasto o meu corpo e sento no chão, sentindo a água bombardeá-lo como uma espécie de punição e pedido de perdão para uma atitude que não merece nada além de retalhação, o que suponho que virá em seguida, ao menos que Kyler seja muito melhor do que eu, e simplesmente vire a página do que vivemos, e dê as costas para a nossa breve história.

Ou seja, finja que nada entre nós aconteceu. Talvez pela manhã já tenha me apagado da sua memória. Nada mais inteligente a fazer do que isso.

Pena que não iremos poder compartilhar da mesma decisão, se assim o fizer, porque seria impossível apagar o rastro de esperança de viver um novo amor que Kyler plantou no meu coração.

Kyler River

O6

Ainda nú fico paralisado observando a minha própria respiração, que está em um estágio intermediário entre o silêncio e as batidas desconexas do meu coração.

Os meus pés parecem petrificados e é como se aos poucos todo o meu corpo fosse tomado por esse sentimento.

Algo tão próximo como distante, da perda de alguém que nunca teve de fato.

A minha determinação por sair desse estopim é tão falha como a lágrima que tende a cair se eu não impedi-la. Sou homem porra! E homem não chora. Não eu. Já passei por merda demais nessa vida pra ser espatifado por uma mulher desconhecida até pouco tempo atrás.

Fecho os olhos e busco forças aonde não obtenho resposta. Tudo em mim parece vago, a minha noção do tempo e espaço está prejudicada para enfim tornar-me um idiota completo.

O meu celular toca no bolso da minha calça largada de qualquer jeito no chão junto a minha camisa, jaqueta e cueca.

Não consigo encarar Laura agora e sei que é ela. A culpa está me consumindo mais do que posso suportar nesse instante. A mulher do outro lado da linha. A minha esposa e melhor amiga. Não merece de jeito nenhum o homem infiel ao qual me tornei essa noite.

E o pior é que por mais culpa que se aloje em mim, me é dada no fundo da minha alma a certeza de que se Naele não fizesse o que seja lá o que está rolando comigo nesse quarto de hotel, eu não estaria me sentindo tão merda quanto estou pela traição junto a Laura, simplesmente por saber que a estaria tomando novamente em meus braços, para depois fodê-la até que os nossos corpos caíssem em rendição.

Balanço a cabeça pro nada. Tem que ter uma explicação para tudo isso. Nada acontece sem um propósito, e esse é notoriamente um ato de vingança.

Todavia a pergunta é... pelo o quê? O que motivou Naele a agir como uma vadia vingativa, seduzindo-me a fim de saber que acabaríamos exatamente aqui, e depois ela teria o seu momento de troco contra Laura. Entretanto, troco do quê?

Não sou como o meu pai costumava chamar quando eu chorava por ter ralado o joelho ao passo que caí de uma bicicleta que serviria para um garoto 5 anos mais velho que eu.

Contudo essa situação está desestruturando anos de terapia a qual passei para saber lidar com o passado e seguir em frente.

“Deixe de ser mulherzinha”, dizia ele. Mas caralho esse negócio de ser claramente marionete dessa maldita está causando-me ânsia de vômito.

Após o que passei na minha infância pelos erros do meu pai. A isso associado o dia do...

Momentaneamente perco o foco da minha visão. As lembranças daquele dia vão me assolar para o resto da minha vida.

Acabo sentando na cama. E a lágrima finalmente escorre por minha face.

Meu estupro... o dia do meu estupro. Completo o pensamento mais do que doloroso.

Suplicando o meu corpo por coragem, levanto e pego as minhas roupas do chão. Olho na tela agora apagada do meu celular e penso se não seria melhor esclarecer isso logo com Naele. Daí me lembro que não tenho sequer o número de contato dela.

Fodi com uma completa desconhecida, isso é inegável sob todos os aspectos, circunstâncias e consequências por de trás dessa noite.

Acabo de me vestir, quase que no automático. Tudo parece tão sujo como certo nesse momento.

De maneiras tão distintas quanto o meu julgamento de caráter ao viés do que fiz atendendo ao desejo insano que senti por Naele.

Da porta do quarto dou uma última olhada na cama desarrumada com os lençóis revirados e então para a foto em minhas mãos. O que diabos acaba de acontecer aqui?

É óbvio agora que a traição a que Naele se referiu na aula inaugural do curso, foi praticada pela minha esposa e também prima dela.

Laura com o tal de Josme, feriram profundamente Naele, e eu fui a moeda de troca que ela achou disponível para afetar a sua prima.

Coisas nada fáceis de digerir. Eu me deixei ser atraído e seduzido, traindo a confiança da minha esposa, por uma mulher rancorosa que passou a não ter sentimentos por ninguém, além dela mesma.

O único sentimento vivo naquele corpo é o de vingança. E ela acaba de alcançar o seu grande objetivo de vida. E fui eu a arma e munição para ela ferir Laura, como um dia esta a feriu.

Por sua vez a minha esposa a quem sempre tive na mais alta conta e estima, se revelou alguém capaz da mais baixa traição contra quem confiava nela, seja pelos laços de sangue ou pela amizade.

Meu mundo seguro e tranquilo, apesar das lembranças e fantasmas do meu passado, bem como a situação com o meu pai, foi virado de cabeça pra baixo numa fração de segundos.

Não sou o cara que pensei ser, nem estou casado com a mulher que achei que conhecia.

Agora o que faço? Continuo sendo o fantoche da Naele e cobro satisfações de Laura por uma época em que nem nos conhecíamos? De tabela expondo que não sou o marido confiável que sempre demonstrei e pensei ser?

Ou fico com o rabo entre as pernas esperando a filha da puta da Naele dar o próximo passo, e esfregar na cara de Laura que teve algo comigo?

Algo do tipo uma trepada bem dada, diga-se de passagem.

Porque certamente a finalização dessa vingança será a exposição pública do que aconteceu aqui.

Merda!

É provável que ela teve alguém por perto com intuito de tirar fotos, gravar e até filmar a nossa conversa e transa.

Nesse exato momento já deve estar tudo postado e exposto aos sete cantos na internet. Logicamente que eu não duvido da sua inteligência, o seu rosto estará oculto aos telespectadores, enquanto o meu será levado ao bel prazer dos miseráveis doentes viciados em fofoca da vida alheia.

Isso vai ter repercussões capazes de me retirar do “CPC”, pela exposição pública e por ter me envolvido com uma aluna.

E quem sabe até a transferência para o escritório daqui da filial da “Advogados Brás” seja revogada.

Deus!

Espero está sendo paranoico, caso contrário posso estar sem emprego e a caminho do divórcio.

E como advogado bem sei que me restam poucos recursos

para legitimar a minha defesa, já que o apelo a legítima defesa e inocência estão sem qualquer soma de dúvida descartados.

(...)

Já dentro do carro o perfume adocicado de Naele ainda é perceptível. Pego-me fechando os olhos para saboreá-lo.

Bruxa dos infernos, o que fez comigo?

Pago a conta do motel avaliando que nunca vivi algo tão completo e intenso antes com outra mulher, nem mesmo com a minha esposa.

O encontro dos nossos corpos juntos proporcionou o encaixe perfeito para o impulsionar de uma penetração que nos deixou ofegantes sendo que ainda estávamos no início de nossa foda.

Uma foda que teve um plano pra existir afinal. Ela o tempo todo tornou algo natural e instintivo da minha parte em um retorno ao passado. Em uma estratégia de merda para vingar-se da Laura.

Para Naele o que existiu entre nós não passou de um movimento de vingança, quando pra mim foi um modo de demonstrar a minha frágil fidelidade a Laura, uma vez que o meu corpo estava no comando das minhas decisões.

Para mim tudo que vivemos do momento em que nos conhecemos, até a fadada hora do sexo, foi muito mais do que posso descrever com palavras.

Jamais me vi nessa situação. A que uma mulher me domina a ponto de me fazer perder a cabeça. E isso é ao mesmo tempo frustrante e hilário dadas as circunstâncias que originaram a vinda dela até mim.

De alguma forma ela soube do curso e da doença do antigo professor. Como ela teve acesso a informação de que eu seria o substituto do Sr. Walter não faço ideia.

Penso comigo se Naele o tempo todo não acompanha as redes sociais da prima. Bloqueei a maioria delas para acesso a apenas amigos, uma vez que a minha esposa não tem maldade e deixava desbloqueado a desconhecidos.

Assim a única forma dela saber da nossa vinda para São Paulo seria por ter algum amigo em comum com Laura no facebook por exemplo, o que não é nada difícil dado que são parentes.

E Laura de certo facilitou as coisas para Naele com a maldita mania de tacar tudo naquele facebook. Seja um pum ou um arrote, ela

relata tudo, como num bastardo diário virtual.

Não é diferente com o instagram ou com o whatsapp. Principalmente o grupo da família denominado de forma nada criativa “Os Borges”.

Esse grupo me dá nos nervos porque me adicionaram e eu não tenho meio de sair sem parecer mal educado, mas puta merda, é mensagem atrás de mensagem, de tudo quanto é tipo.

Uma palhaçada sem pé nem cabeça. E não podia ser diferente o fato de ser 80% fofoca de outro familiar. Como se o traste não estivesse no grupo para revidar. Santa burrice.

Agora analisando o que aconteceu hoje, tenho vontade de socar a minha própria cara, uma vez que provavelmente o nome e a foto de Naele circularam pelo grupo em algum estágio.

Se eu ao menos tivesse me dado o trabalho de olhar uma única vez antes de ir apagando de cara as mensagens, não cairia na armadilha dessa desgraçada.

E desse modo Naele não teria me usado como objeto de vingança contra a prima.

Prima...

Caralho! Fodi com duas primas inimigas. Como fui parar nessa teia de merda?

Juro por Deus que se Laura me der um chute na bunda, que nunca mais me envolvo com ruivas. É querer sair queimado de qualquer rolo que as envolva.

(...)

Hora de voltar pra casa e encarar Laura. Sinceramente não sei como começar a jogar toda essa merda no ventilador sem parecer o vilão dessa história.

A minha mente me leva a primeira vez que vi Laura na casa do meu ex colega de trabalho Carlos Eduardo e de Mila, a casamenteira amiga dela.

Não sou o tipo que faço amigos, mas gosto de manter boas relações, principalmente no trabalho.

Ao ser convidado para aquele jantar, estava sentado no sofá de couro branco quando uma mulher de cabelo vermelho, que batia nas costas na altura da bunda, entrou com uma enorme travessa. Laura sempre foi a

melhor na cozinha.

O vestido amarelo com os saltos batendo no chão de madeira chamaram a minha atenção.

Não me senti atraído por ela no entanto. Pelo menos da minha parte nada despertou no meu corpo. Não houve química no sentido pele, mas aconteceu a nível intelectual. Suspeito não ter sido exatamente assim para ela, porque vi a cobiça nos seus olhos quando se voltaram a mim.

Laura é inteligentíssima e sabe usar isso como arma para atrair um homem. E foi assim que nos aproximamos.

Não que ela seja menos do que linda. A minha esposa poderia ser modelo no lugar de jornalista se quisesse. Mas sempre foi mais o seu cérebro que me atraiu do que o seu corpo. Digo, no sentido carnal.

Depois viramos melhores amigos e por fim surgiu o papo do casamento como uma boa ideia para nós dois, a fim de não ficarmos vagando atrás de sexo por aí.

E o que pareceu uma ideia descabida a princípio, deu certo para nós. Somos o tipo amigos que fodem com uma aliança no dedo esquerdo.

Todavia que também estão sempre um para o outro, além de pagarmos as contas juntos e dividirmos a mesma cama diariamente, nosso elo vem da preocupação e respeito que temos um pelo outro.

Até hoje, no que diz respeito a minha parte. Não importa calçar justificativas no que Laura fez com a prima no passado, nada disso seria da minha conta se não tivesse deixado ir além a atração por Naele.

O desrespeito com o meu casamento aconteceu de qualquer forma, e sinto muito medo de perder a minha melhor amiga no processo. Admito que este prioriza em muito ao fim do nosso casamento.

Vai ser uma longa noite e provavelmente um dia mais longo ainda.

A posição de professor no “CPC” já dou como perdida. Naele na qualidade de aluna, está com a faca e o queijo na mão. Nada posso fazer contra ela, muito pelo contrário.

Contudo tem mais de um jeito de se esfolar um gato. Ou melhor uma gata. Vou levantar a ficha dela, para um advogado bem relacionado tem muita coisa que dá pra fazer pra prejudicar alguém.

Na “Advogados Brás” espero que não chegue a tanto, mas se for preciso tenho informações sobre os sócios e clientes que posso usar para

forçar minha permanência.

Vai ficar um clima bem ruim, mas não vou ficar de braços cruzados vendo minha vida ruir.

Sem perceber o tempo passar, ou a distância encurtar chego ao meu edifício, no bairro do Cambuí. O portão automático abre e entro na garagem silenciosa.

Moro num bairro bom e bem valorizado, quando muito no passado foi apenas mais um aglomerado de casas antigas e comércios pequenos.

Existiam os grandes pontos comerciais, mas não tão perto de onde eu morava. Bom, naquela época ainda moleque assim eu pensava, mas hoje vejo que a distância é quase inexistente se comparada ao quanto São Paulo cresce a cada dia.

O meu prédio possui 20 andares, é uma construção nova e com um design sofisticado. Muito diferente da casa humilde na qual residi com os meus pais no passado. Casa esta que a dois quarteirões mora o meu pai.

Pensar nele sempre me faz mal o suficiente para querer partir com esse carro daqui e me meter em um racha ou numa briga provocada a queima roupa sem qualquer motivo aparente para o sujeito da vez.

Observo uma mulher chegar a uma carro de modelo família da Toyota. Sua mão falha duas vezes antes de abrir a porta traseira e acomodar a criança pequena que trás protetoramente no seu colo na cadeirinha de segurança.

O seu olhar parece aflito. Vejo quando fala com alguém ao telefone que a criança com nome de David está com quadro de febre muito alta e que o está levando para um hospital. Ela aguarda o que a pessoa diz e chora pedindo para que não a abandone nessa situação.

Saio do carro para prestar ajuda, mas outra mulher surge estacionando o carro ao lado do Toyota. Elas conversam por alguns minutos até a primeira mulher entrar no banco de trás junto ao filho e a segunda mulher no banco do motorista.

Exatamente pelo pai que tenho não penso em ter filhos. Pais como o meu e provavelmente como o do David, não nasceram para paternidade. E suas sementes ruins estão agora no corpo de seus descendentes. De certo eu seria um péssimo pai, por não saber como é ser um filho.

Trabalho o suficiente e me empenho mais ainda para ser diferente dele principalmente quanto ao caráter.

Suspiro em decepção comigo mesmo e no que fui capaz de

fazer com o meu casamento, enquanto aceno para um rapaz saindo do seu carro.

— Noite ruim?

Ele sorrindo pergunta. Lembro dele na reunião de condomínio. Tal como me lembro da advertência do síndico acrescentada pela multa, por uma festa dada no seu apartamento que segundo dizem excedeu aos regulamentos com a bebedeira e entrada e saída de visitantes em plena madrugada. Sem falar na música alta e baixarias comuns de ocorrerem nesse tipo de festa.

— Você não faz ideia.

Digo, retribuindo o sorriso.

— Sem trepadas sacanas?

Ele só pensa nisso? Ok! Aos 18 era o que eu respirava também.

— Não, pelo contrário, excesso de trepadas.

Seus olhos arregalam e ele olha para a aliança no meu dedo. O elevador chega e nós embarcamos.

— Fez merda, não fez?

— Não posso ter trepado com a minha esposa?

— Acho que se fosse com a sua esposa, não estaria com a culpa estampada na sua cara.

— Está visível assim?

— Está. Então a merda foi...

— Das grandes.

— Cara desencana.

— Fácil falar.

— Tenho namorada. E ela praticamente mora comigo, já traí antes a minha morena, basta fazer de desentendido e vítima de fofocas quando a notícia chegar até ela. Porque vai chegar. Sabe disso não é?

Por que diacho estou falando da minha vida pessoal e pior sexual com um vizinho no elevador?

— Sim eu sei... aliás pelo visto este era o objetivo. Chegar até a minha esposa.

— Uma amante?

Ele pergunta com a sobrancelha erguida.

— Não, uma parente da minha esposa.

O sujeito me olha incrédulo.

— Oh cara! Aí é burrice demais. Não tem escapatória, vai levar um chute na bunda de certo.

— Estou me preparando pra isso.

— A não ser...

— A não ser o quê?

— Que você dê a velha desculpa... você sabe.

Ele dá de ombros como se fizesse todo sentido o que falou. Tipo, como se não precisasse explicar do que está falando.

— Que desculpa?

Ele revira os olhos e sai ao chegar no 16º andar. Segura a porta e manda a sua ideia genial.

— Diga que estava bêbado, e que não se lembra de nada.

— Acabou de acontecer.

Com a porta fechando ele diz.

— Então finja que está bêbado oras.

(...)

Dou uma olhada no espelho pra ver se não tem nenhuma marca de chupão ou arranhões aparentes. Não que vá fazer muita diferença depois do que vou despejar nela.

No 19º salto com o coração inquieto. Por baixo da porta vejo luz saindo, o que me diz que Laura está a minha espera. Enquanto abro a maçaneta já posso ouvi-la me chamando.

— Kyler, é você?

A vejo sentada na cadeira perto da porta com um livro de jornalismo contemporâneo em mãos.

Laura é uma profissional exemplar, respira trabalho, mas ao mesmo tempo consegue ser a esposa ideal. Pena que eu não consegui retribuir o título de esposo ideal para com ela.

Ela levanta e posso ver o seu corpo atraente por debaixo do robe transparente. Por que fui procurar algo na rua quando se tem uma mulher dessas em casa esperando por mim?

Seu cabelo está caído na sua face, o que a deixa adorável

por conta das suas sardas. Ela nunca está menos do que linda, cheirosa e arrumada, ainda quando vai dormir.

Vejo quando fecha o livro e me encara, sua expressão é chateada e acho que magoada, mas ela é educada e sensata demais para gritar ou algo do tipo.

— Sim, sou eu.

— Estou vendo.

— Sei que está.

— Aconteceu alguma coisa?

— Precisamos conversar.

— Você me deixou morta de preocupação, não retorna as minhas chamadas.

— Desculpa, não queria conversar pelo telefone.

— O tal “Última Aula” já fechou tem 2 horas. Por onde você andou?

— Como sabe disso?

— Fui até lá.

— Você saiu pela madrugada atrás de mim?

— O que sugere? Que eu ficasse em casa de braços cruzados esperando por você. Bem, foi o que acabou ocorrendo de qualquer jeito.

— Eu sei, mas isso não está certo.

— Está certo um homem casado chegar a essa hora em casa?

Laura indaga cada vez mais com um olhar aflito. Fecho os olhos porque culpa é uma merda. A minha esposa não merece estar passando por isso.

— Não, não está.

— Foi o que pensei.

Não sei quanto a Laura do passado, mas a do presente, não tem porque sofrer com a minha traição, sendo a companheira perfeita que é.

Por mim foi capaz de deixar pra trás a matriz da revista “Vida dos Famosos”. Para quê? Para dedicar-se aos meus problemas com o filha da puta do meu pai.

Todos os dias ela vai no meu lugar ver como ele está sendo

tratado pela sei lá o número cuidadora.

Tem sido ela a responsável por tratar dos assuntos com o médico dele, assim como lidar com as sessões de quimioterapia que já não fazem mais efeito.

Nem preciso citar que tem sido a minha parceira de momentos difíceis ao lidar com as crises de humor do meu pai.

Isso tudo enquanto eu assisto de camarote, adiando o momento de estar de cara com ele novamente. Talvez até muito sinceramente falando, esperando por sua morte antes que isso aconteça.

— Então, aconteceu alguma coisa para você chegar a essa hora?

— É, pode-se dizer que sim. Aconteceu alguma coisa.

— Você está bem, foi um acidente?

A tomo pelas mãos, e admiro seus olhos cheios de preocupação e carinho por mim, provavelmente pela última vez.

— Preciso que entenda que nada do que fiz foi com intuito de desrespeitar você ou o nosso casamento.

— Aí meu Deus!

Seus olhos se enchem de lágrimas e os seus lábios tremem.

— Laura... eu nem sei por onde começar.

— Você... você... me traiu?

Ela já entendeu, apesar de não saber quem está envolvida na traição, mas parece querer que eu minta, porque o seu corpo está a ponto de entrar em colapso a qualquer momento, implorando por uma palavra negativa ao que obviamente está explícito.

Gostaria de ser o cara que o sujeito do elevador é. Por um ridículo minuto me fazer de bêbado para escapar dessa fria na qual me meti, porém esse não sou eu, de tal modo que acreditei não ser no motel traindo essa mulher magnífica a minha frente.

Contudo ir adiante, traindo-a mais uma vez com mentiras, é demais, não vai acontecer.

Sou um marido infiel, mas sou homem o suficiente para honrar o uso das minhas calças e assumir o meu erro, mesmo que com a minha atitude, acabe com o meu relacionamento, que não é nutrido pelo amor tradicional entre os casais, mas por algo que muitas vezes pode fazer dele um casamento mais real do que muitos por aí.

A nossa amizade e o respeito que sempre nutrimos. Ainda que o último esteja abalado e o primeiro possa deixar de existir a partir dessa noite. Sempre fez de nós a exceção à regra. E vínhamos indo muito bem com isso.

— Sou um merda, não tenho como me defender pelo que fiz hoje.

— Estou certa então, você me traiu.

— Sim, sinto muito, acredite em mim, realmente sinto muito.

— Não acredito nisso Kyler.

— Se eu pudesse voltar ao tempo...

— Não, você não pode.

— Sei disso.

— É por isso que temos um raciocínio lógico, para pensarmos antes de agirmos.

— Porra! Acha que não sei disso.

Grito.

Olho para ela que está assustada por ter gritado e xingado dessa forma, não somos assim, nunca brigamos por algo sério. Só ocorre por esquecimento de uma conta pra pagar ou o sabor da pizza na sexta-feira.

— Desculpe.

— Tudo bem... por isso.

— Laura...

— Nós tínhamos um acordo Kyler, nada de traições, se não estivesse bom pra qualquer um de nós sentaríamos para conversar, e poderíamos seguir em frente ou não, mas sem...

— Traições envolvidas.

— É.

— Só que sentar para resolver sobre um casamento não é como ocorre numa mesa de decisões profissionais Laura.

— Não fiz as regras sozinha.

— Não, não fez.

— Está arrependido do nosso casamento?

— O quê?

— Você me traiu Kyler.

— Não, claro que não.

— Por que me traiu?

— Não sei.

— O quê deixei de fazer para ter que procurar outra mulher na rua? Foi o lance do sexo anal. Eu nunca fiz, por isso disse não, mas posso fazer, se isso afetou tanto o nosso casamento. É o meu dever te satisfazer e eu falhei.

Ah não! Por favor não faça isso. Não se culpe no meu lugar. Não faça de mim o inocente marido que não tem na esposa a mulher que lhe satisfaz e por isso vai procurar na rua.

Mesmo porque isso não é desculpa para o adultério, nada é. Não está bom separa. A coisa é que entre nós estava bom até hoje.

— Pare com isso, não leve a coisa pra esse lado porque não é justo contigo.

— E o quê nessa história é justo comigo?

Toco as nossas testas e tento encontrar as palavras certas.

— Nada.

É insuficiente, eu sei, mas é tudo que consigo dizer.

— Quem é ela?

Não respondo, ainda não.

— Alguma advogada no escritório daqui?

— Não.

— Talvez uma outra funcionária?

— Não.

— Cliente?

— Não.

— Uma das alunas do curso?

Respiro fundo e jogo a merda de vez no ventilador.

— Conheci a sua prima Naele Borges.

Seu corpo dá pra trás como se tivesse levado um tapa na cara e ela afasta tanto a as nossas testas como as mãos.

Seus olhos se incendeiam instantaneamente ao ouvir o nome, dá pra ver o quanto ficou irritada.

Ela anda pela sala como uma fera que estava presa só aguardando uma oportunidade para ver-se livre.

Sua respiração está ofegante e ela tira o robe, parecendo estar fervendo demais para suportar a peça em seu corpo. Fica com a camisola branca comprida de seda, que parece ter sido feita para adaptar-se ao seu corpo.

Novamente me pergunto porque traí a minha esposa. Quantos homens dariam tudo para estar no meu lugar.

Seus saltos numa pantufa, que só ela usaria como ideal de conforto, vão para o canto da sala.

A sua postura sensata e sempre perfeitamente arrumada se desfaz em segundos.

— Então ela foi mesmo atrás de você.

Não foi uma pergunta.

Essa história está ficando cada vez melhor... ela avisou Laura que iria transar comigo?

(...)

— Como assim? Você sabia que ela iria me procurar?

— Não necessariamente.

— Então o quê? Não estou entendendo Laura.

— Eu tinha conhecimento de que Naele estava em Campinas e que tinha pretensão de passar em um concurso federal.

— Nossa! Por um minuto...

— Achou que eu sabia que a minha prima viria pra cima de você?

— Não... sim... quer dizer...

— Claro que não fiquei aqui na minha enquanto Naele fodia com o meu casamento.

— Essa história entre vocês é...

— Muito fodida.

— Pra quem não fala palavrão a sua boca está bem suja hoje.

— Pra quem se dizia fiel você sujou o seu currículo

hoje.

— Vamos lá... me ajuda a entender essa história Laura.

— Você não deveria ter me pedido isso horas atrás? Antes de ir pra cama com ela?

— Eu não sabia que ela era sua prima caralho!

— Ah... isso explica a sua traição como por justa causa. Esposa que não cede a pedidos sexuais, leva galho, mas não com pessoas da família envolvidas.

— Quê? Não porra! Sei que o que fiz não tem desculpa, sendo ela a sua prima ou não. E para de insinuar que te traí por ter me negado o sexo anal. Até porque o seu boquete compensa isso.

— Bom saber.

— Mas isso não quer dizer que não preciso preencher as lacunas.

— Acho que estamos pensando o mesmo afinal, apesar de ser uma grande loucura.

— Que ela pode ter se matriculado no “CPC” para ir atrás de mim?

— Isso.

— Já pensei nisso, mas não tinha como ela saber que sou seu marido ou que teria que mudar para São Paulo pela doença do meu pai ou que iria ser o professor substituto do Sr. Walter no “CPC”.

— Mesmo assim, foi muita coincidência vocês se encontrarem pelo “CPC”. Ele pode ser um bom curso, mas não é o único da cidade

— É um dos melhores... senão o melhor.

— Afinal o que ela disse pra você?

— Não Laura, vamos começar do que gerou essa merda toda.

— Não quero voltar a assuntos do passado Kyler.

— Vai ter que assim fazer, desde o momento em que o passado veio atrás de você.

— Ou que nós viemos até onde estava o meu passado.

— Escuta, você sabe muito bem que eu não queria voltar a essa merda de cidade, só estou aqui pelo filho da puta do meu pai. Aqui reside o meu passado também.

— Sim, o meu passado veio a partir daí. E você facilitou tudo sendo um adúltero.

— Como se fosse eu o primeiro marido a cometer traição no mundo, assim o passado da minha esposa viria até mim em repúdio. Isso sempre acontece por aí, faz parte da tradição de punir homens infiéis.

— Nada levava a crer que ela teria essa atitude depois de anos deixando o que ocorreu no nosso passado numa boa. Ela seguiu com a vida dela e eu com a minha, ponto final.

— Não tem nada de ponto final nessa história, mas sim muito ponto de interrogação.

— O quê você quer dizer com isso?

— Que tal parar de dar voltas sem jogar as cartas na mesa Laura?

— Sim... eu tenho que despejar os podres do meu passado agora que o meu marido não segurou o pau dentro das calças.

— Laura! Olha a porra da boca suja.

— Chega de ser a boa moça Kyler, olha no que deu.

— Muito seria evitado se você não omitisse as coisas. Se tivesse me contado tudo de uma vez.

— O quê você queria que eu dissesse? Querido marido, eu cometi um erro no passado então vamos conversar sobre o assunto como o casal moderno que somos.

— Um aviso de que tinha uma prima desequilibrada e vingativa teria vindo bem à calhar.

— Eu não fazia ideia do sentimento de vingança dela contra mim. Ela continuou a faculdade, quer de qualquer jeito passar em um concurso federal... não parecia pensar no ontem e sim no amanhã.

— Espera um pouco aí, já é a segunda vez que você cita

algo relacionado a vida dela com bastante conhecimento de causa. Explica direito isso, vocês mantêm contato? Nunca ouvi falar da Naele antes.

— Nós não nos falamos mais desde... faz um bom tempo.

— E?

— E tenho acesso ao facebook dela. Pronto, falei.

— Como? Mais uma que deixa a conta do facebook desbloqueada?

— Não, não foi isso que eu quis dizer.

— Então o quê foi? Está vermelha que nem um camarão Laura, cospe essa droga logo, sei que aprontou alguma.

— Lancei uma conta fake, então estou mais ou menos a par da vida dela. Ela acha que sou Ritinha, uma amiga que ela não vê pessoalmente a anos.

— Como?

— Tenho postado até fotos que trago do perfil original.

— Não acredito que fez isso!

— Por que não faria?

— Por que é infantil demais da sua parte Laura. E porque é casada com um advogado. Sabe muito bem que essa merda é contra lei.

— Estou certa que ela faz o mesmo, dessa forma ela deveria saber sobre você. E não faço mal a ela com isso.

— Não, só espiona a vida dela, mesmo que a pública.

— Tô cagando e andando para o que você pensa sobre isso depois do que fez comigo.

— Isso é muito ridículo da parte de ambas, se você estiver certa. Digo, ambas terem perfis fakes no facebook para saberem da vida uma da outra.

— Faz muito tempo que não a vejo, não sei mais quem é a Naele de hoje em dia.

Essa rixa entre elas está parecendo cada vez mais fora de controle, uma espiona a outra, até onde isso vai?

(...)

— Você quer dizer 1 ano e 3 meses, desde que você e o tal do Josme, namorado dela, tiveram um rolo. Certo?

Vejo Laura ficar estática e enrubescer.

— Então ela te contou isso.

— Pensei que você tivesse entendido, por isso estava enrolando para chegarmos a esse ponto da conversa.

— Kyler...

— Eu sei de tudo... ou o principal Laura, mas queria ouvir da sua boca.

— Vocês conversaram sobre Josme e eu... sobre a nossa...

— Traição?

— Não foi bem uma traição.

— Ok, quando é com você, tomar o namorado da prima leva outro nome.

— Eu não tomei Josme dela, nós ficamos, nunca o quis pra mim.

— Claro, só acabou com o relacionamento da sua prima por capricho.

— Eu não disse isso. Não coloque palavras na minha boca.

— Você arruinou o namoro dela por capricho, ela o nosso casamento por vingança. Que beleza!

— Você não me respondeu.

— O quê?

— Vocês conversaram sobre o que aconteceu entre Josme e eu?

— Ela deixou implícito durante a apresentação na aula inaugural, só precisei juntar os pontos.

— Falaram disso numa aula?

— Não exatamente disso, mas o assunto veio à tona.

— Então você achou a história interessante e quis prorrogar o assunto à sós com ela.

— A princípio não, mas depois...

— Não ligou em momento algum o nosso sobrenome e aparência.

— Na verdade sim, mas ela negou a coincidência.

— Talvez você não quisesse enxergar.

— Você pode ter razão.

— Por que fez isso com a gente Kyler.

— Pelo mesmo que te motivou a trair a sua prima com o Josme. Atração, do tipo que é mais forte do que você. Ou no seu caso foi só por sacanagem mesmo? Quem sabe inveja?

— Ah por favor! Poupe-me de dizer o quanto sou melhor do que ela em tudo.

— Quer saber Laura, nós conversamos e ela me contou a versão dela, mesmo sem saber quem ela era de fato ainda, dava pra ver o quanto saiu machucada do que você e Josme fizeram com ela.

— Pare de me julgar. Você não tem nada a ver com essa história.

— Tenho à partir do momento que me colocaram de gaiato nela.

— Disse que conversou com ela.

— Exatamente. Agora quero ouvir a sua versão.

— Lógico que quer. Mas me diga... deve ter sido uma conversa bem longa... ficaram só na conversa ou...?

(...)

Chega de enrolação, não sou de ficar protelando.

— Nós transamos Laura, saí com ela do barzinho e fomos direto pro motel, por isso não atendi as chamadas.

Eu já esperava um tapa vindo pela esquerda, mas ela me acertou com uma canhota forte do lado direito do rosto.

— Galinha filho da puta!

Eu sei que mereci essa.

— Com a minha prima? É tara isso, quer foder com as duas, é?

no ar.

Evito o segundo bofetão segurando a sua mão já em curso

— Isso parece o rasgado falando do esfarrapado.

— Ora seu... está mais para estropiado.

— Achou que nós ficaríamos nos beijos e amassos Laura, éramos dois adultos com tesão.

— Você é um traidor desgraçado. Não bastou ficar com ela, tinha que levá-la pra cama, não achei que tivesse ido tão longe.

— Duvido que você e o idiota do Josme não tenham trepado também.

— Isso é passado! Você me traiu no presente, é disso que estamos falando. Deixe o Josme pra trás onde ele ficou pra mim.

— Bem... depois disso você virou um poço de virtude.

— Para de jogar o que aconteceu com Josme na minha cara quando você não estava lá.

— Só estou pedindo pra não ser hipócrita Laura.

— Taí uma coisa que não sou.

— Nem tão pouco eu.

— Estou te odiando tanto nesse momento River...

— Perfeitamente compreensível Laura.

— O que quero que entenda é que estou tentando ser o mais sincero possível, admitindo a merda que eu fiz, mas não me venha de santa pro meu lado, ok?

— Nunca falei que era santa. Era sempre você que vinha com esse papo sobre mim. Eu sim, sempre te achei o cara perfeito.

— Nunca disse que era perfeito também.

— Extremamente esclarecido que não é, desde que traiu a sua esposa com o próprio sangue dela.

— Eu não sabia que ela era sua prima quando meti nela.

Meti?! Quanta sutileza Kyler...

— Bela explicação... você não saber... e o meti fechou com chave de ouro.

Ela bate palmas.

— Não, não sabia e você sabe bem disso.

— Quer dizer que apesar dos discursos e fachada de cara fiel, você me corneava com todo rabo de saia que cruzava no seu caminho?

Lá vamos nós nesse ponto de novo. Mulher roda e roda e volta ao início da discussão. Parece possuir memória fotográfica embutida no crânio.

— Você sabe que isso não é verdade.

— Sei? Parece que eu não sei mais de nada sobre você.

— Eu posso dizer exatamente a mesma coisa de você.

Vejo lágrimas se formando novamente em seus olhos e a voz ficou embargada. A cumplicidade que tínhamos foi irreparavelmente abalada.

(...)

Ficamos ambos calados até que de repente ela pergunta.

— E aí, foi bom pra você?

O seu olhar está carregado de algo indecifrável no momento para mim. Nunca vi essa expressão nela.

É estranhamente desconfortável para mim. Parece um misto de tristeza e desprezo. A amargura no entanto é visível. Talvez algo como sentimento de inferioridade esteja presente. E tem muito de fragilidade camuflada por uma superioridade aparente.

— O que de fato está me perguntando Laura?

— Se foi tudo o que pensou que seria trepar com ela?

Pelo período em que estamos juntos, ao passo que passamos por muitas situações difíceis, aprendi a decifrar as rugas da sua testa como desafio, tal como os cílios voltados para o chão como medo. A boca retorcida como comparando-se a algo que vê como melhor do que tem ou é.

— Não vejo porque responder a essa sua pergunta. Na verdade não sei o que responder.

— Que tal deixar as palavras saírem por conta própria?

— Acho que falar como me senti com ela só vai te machucar mais.

— Foi tão bom assim?

— Laura...

— Ela engana, né?

— Como assim?

— Parece uma boa moça. Discreta, na dela, parece inofensiva, mas na cama ela mostra a selvagem que realmente é.

Laura é uma mulher de muitas camadas, todas muito transparentes para mim, mas hoje não é o que vejo bem à minha frente.

— O quê você quer dizer com isso?

— O quê eu quero dizer?

— Sim, foi o que perguntei.

— Josme costumava chamá-la de tigresa. Isso faz sentido para você?

Sim faz, todo sentido. Mas a menção dele a chamando assim traz um gosto amargo a minha boca.

— Talvez.

Minto e desvio o nosso olhar. Estamos ambos sentados no sofá da sala.

— Ele acordava para o banho quando saía do quarto dela sem camisa.

Ergo uma sobrancelha em questionamento.

— E daí?

— E daí Kyler?

— Aonde você quer chegar com isso?

— E daí que as costas e peitoral dele estavam sempre totalmente arranhadas. Aposto que as suas também estão, tal como o seu peito.

Uma onda de ira surge no meu corpo, parece que estou queimando vivo. Realmente tenho arranhões exatamente nos lugares que Laura descreveu que Josme tinha ao foder com Naele.

— E o quê isso tem a ver?

— A boca estava sempre inchada, as vezes até ferida das mordidas dela.

Ainda sinto o gosto do meu sangue pela ferida que ela deixou no meu lábio inferior. Os meus lábios estão inchados e doloridos.

Naele pode muito bem ser descrita como uma tigresa durante o sexo. O filha da puta do Josme a denominou tal como.

A cada palavra que a Laura solta sobre a relação deles, mas me vejo como o par ideal para Naele, já que estou virando um tigre. Estou mais puto agora do que com o que aconteceu naquele motel horas atrás.

— Coisa de casal Laura.

Tento parecer indiferente, mas sei que falho de forma medíocre. Laura me conhece, e mesmo que fosse o contrário, o meu ciúme está cristalino para qualquer um ver.

— Não, coisas de Naele. Ela tem o dom de fazer com os homens o que bem quer.

— Não foi assim comigo.

— Tem certeza? Porque posso ver os seus músculos tencionados a cada descrição que dou sobre o que ela fazia com Josme.

— Está vendo coisas.

— Não estou e você sabe que falo a verdade. Tão breve o seu tempo com ela e já está viciado no gosto dela.

— Besteira.

— Vi isso acontecer antes de Josme aparecer. Presenciei com o cara da boate que a pediu em namoro durante uma ficada numa balada. E estou assistindo o meu marido sob o seu feitiço.

— Pare de falar merda!

— Nunca mais será igual entre nós. Você verá. Nunca mais será a mesma coisa com mulher alguma.

— Só se ela fosse sobrenatural.

— Sempre me peguei perguntando se esse é o segredo dela.

Alguma coisa nessa noite trouxe à tona uma Laura diferente da que conheço. Em suma foi a notícia da traição, mas sinto que tem mais a adicionar a essa equação.

— Mas você tem razão.

— Sobre o quê?

— Eu trepei com o Josme.

— Não é uma surpresa pra mim.
— Muitas vezes.
— Faz sentido.
— Porque você não se importa?
— Não fala isso nem brincando. Lógico que me importo.
— Mentira!
— Como é?
— Você ficou puro instinto quando falei das fudas entre Naele e Josme. Mas ficou imparcial quando falei das minhas com ele.

Sinto que a traição de Laura a Naele é maior do que a sua prima faz ideia. Penso se Josme não foi um objeto usado por Laura para atingir Naele, bem como fui da Naele para atingir Laura.

— Você o usou para atingi-la, não foi?
— Por que acha isso?
— Consigo ler nas entre linhas.

Por debaixo desse aparente resumo da história, acredito ter um spin-off. É como se a nossa história fosse originada de uma anterior e nos cabe a responsabilidade de manter o mesmo padrão da primeira.

Assim digo como as mesmas regras, como se o tempo não passasse. Todavia o tempo passou e um spin-off, vai além de uma derivação, porque ele tem vida própria. Como um filho que cresce e tem que encarar as suas próprias lutas.

— Uma das coisas que mais admiro em você Kyler é a sua inteligência e com ela a capacidade de ler as pessoas.
— Não fui bom em ler você.
— Claro que foi.
— Não é o que parece.
— Fui eu mesma com você Kyler. A Laura que consigo ser longe da Naele.
— Então é verdade. Você usou Josme para atingir a sua prima.
— De certo modo sim.

Desde que nos tornamos amigos, muito antes de sermos amantes, nunca vi esse lado dela. Se assim posso dizer dada o curto tempo entre nos conhecermos e de decidirmos juntar as escovas de dentes. Parece outra pessoa diante dos meus olhos.

— Por que?

— Porque sempre quis ser como ela. A verdade é que isso não bastaria pra mim. Eu precisava viver o que ela é. Tornar-me ela.

— E valeu a pena?

— Eu não consegui ser pra ele o que ela era. Não consegui dar a ele o prazer que ela dava. Vi isso o todo tempo nos olhos dele. Como se estivesse arrependido o tempo todo que metia em mim.

— Mas vocês não tiveram uma única foda, ou estou errado?

— Não, você está certo.

— Então o que você diz não faz sentido algum. Se Josme estivesse arrependido, por que voltaria para trepar contigo novamente?

— A primeira vez que fodemos ele estava muito puto com ela, porque eles haviam se separado e ele soube que ela ficou com um cara numa balada. Josme era doente de ciúme por Naele.

— Continua.

— Eles voltaram uma semana depois da separação. E era como se eu nunca tivesse passado pela cama dele.

— Ele não queria mais, não é?

— Infelizmente.

— Ele queria parar o lance entre vocês.

— E contar a verdade pra ela, mas tinha muito medo de voltar a perdê-la.

— Então você o chantageou.

— Tive que fazer isso, ele estava irredutível.

— Volto a perguntar, valeu à pena?

— As fudas não. Foram as piores da minha vida. Nem de longe ele era comigo como era com ela.

- Então por que continuar?
 - Nunca um homem me deu tanto prazer quanto ver Naele destruída quando descobriu a traição.
 - Acha que ela sentiu o mesmo com relação a mim?
 - Essa é uma pergunta que você vai ter que fazer a ela.
- (...)

Ergo uma sobancelha.

- Você está dizendo que devo perguntar isso a ela?

Laura franze a testa.

- Foi uma resposta estúpida, estou tentando não enlouquecer com essa história toda.
- É mais do que pensamos um dia passar quando nos casamos.
- Kyler?
- Oi.
- Em algum momento você viu o nosso casamento como real?
- Do quê está falando?
- Nós dois.

Ela aponta o dedo pra mim e pra si mesma.

- O quê tem?
- As vezes acho que foi tudo mecânico demais.
- O nosso acordo de casamento?
- Está vendo, não existe emoção, parece um contrato de negócios ou algo desse tipo.
- Um casamento não deixa de ser um acordo de negócios, pra isso tem papelada envolvida e tudo.
- O objetivo da papelada também passa por um caminho de envolvimento emocional entre o casal.
- Não vejo assim.
- Porque você não tem esse sentimento por mim, só por isso.
- Diz logo o que está se passando nessa cabecinha Laura.

— Quando se assina os documentos do casamento é em alguns casos, senão em muitos, um meio de proteger financeiramente a pessoa que ama se algo acontecer com uma das partes.

— E eu pensando que você viria com aquela baboseira de ter o sobrenome do outro e usar uma aliança pra dizer para a sociedade que a pessoa é sua.

— Também.

— Não sabia que havia me casado com uma mulher tão romântica, você parecia a mais prática entre nós quando resolvemos morar juntos.

— Casarmos.

Reviro os olhos.

— No final dá no mesmo.

— Se fosse assim as pessoas não casavam Kyler.

— Casar é muito mais do que assinar a porra de um papel Laura, envolve respeito...

— Respeito, fidelidade e... amor.

— Laura...

— Os dois primeiros você reduziu a pó essa noite.

— Eu sei.

— E o último?

— Vamos para por aqui.

— Você me ama Kyler?

— Você sabe que sim.

— Como vou saber se você nunca me disse?

— Tem muitas formas de amar Laura. Assim como muitas formas de dizer que ama. Nem fodendo ficar falando a frase famosa de três palavras demonstra mais do que gestos no dia a dia.

— Eu te amo... é bom ouvir Kyler.

— Eu te amo Laura... satisfeita?

— E qual é a forma que você me ama?

— Acabei de dizer que te amo, não ouviu?

— Eu ouvi Kyler... pela primeira vez em mais de 1 ano

juntos.

— Nunca é tarde para corrigir um erro.

— É, estou começando a enxergar isso.

— O quê quer de mim Laura?

— Por agora, que você responda a minha pergunta.

— Qual? Você fez mais pergunta hoje do que durante todo o nosso relacionamento.

— Qual é forma...

— Que eu te amo?

— Isso.

— Amo a pessoa que você é.

— Mas não a mulher que dorme ao seu lado.

— Qual a diferença afinal?

— Muita.

— O quê você quer dizer com isso?

— Que você me ama como amiga, não como a sua esposa.

— Não tem distinção quando a sua esposa é a sua melhor amiga.

— Aí que você se engana.

— Que papo é esse?

— Você pode iniciar um relacionamento ou findar considerando a sua esposa como a sua melhor amiga.

— E a minha esposa não pode ser a minha melhor amiga durante o casamento?

— Pode, claro que pode.

— Então...

— Mas tem que evoluir para amor no processo, ser a amiga, mas acima de tudo ser a mulher que o cara ama.

— Você sabe melhor do que ninguém que esse lance de amor foi bloqueado em mim.

— Eu sei querido.

— Você já desbloqueou parte disso, foi mais longe do que qualquer outra mulher.

- Até agora.
- Como?
- Naele conseguiu ir além.
- Foi só uma foda casual.
- Deus!

Ela leva as duas mãos ao rosto.

Merda!

- Desculpa, não pensei ao falar.
- O problema é esse. Depois que ela surgiu, você deixou de pensar para sentir.
- Não sou o cara do sentir Laura.
- Um dia a barreira rompe Kyler.
- E você está dizendo que foi Naele a romper?
- Tomara que não, não estou pronta pra te perder para ela.

Aproximo mais dela e a trago para os meus braços.

- Não vai acontecer.
- Eu gostaria muito de poder acreditar nisso.

(...)

- É você que está aqui comigo, não ela.
- Até quando?
- Bom, temos um documento dizendo que pra sempre.
- Não é a certidão de casamento que garante que um relacionamento é forever Kyler.

Aceno afirmativo, porque no fundo sei que é verdade.

- Preciso lhe mostrar uma coisa.
- O quê?

Tiro do bolso e lhe mostro a foto com a sua dedicatória. A que Naele deixou sobre a maldita cama do motel.

- Ela foi embora enquanto eu tomava banho. Só que deixou isso pra trás.

Silêncio.

- E pensando em tudo, acho que ela pode ter gravado o que fizemos para postar em alguma rede social com

intuito de te constranger.

Ela olha a foto com intensidade, antes de rasgar e rasgar de novo.

Sem dizer uma palavra sai dos meus braços e levanta. Então vai até o laptop na mesa da sala. Observo enquanto passeia pelo facebook, instagram e youtube.

— Até agora ela não postou nada, não acessa a 2 dias.

— Mas precisamos...

— Já está tarde Kyler, amanhã eu tenho que trabalhar, estamos preparando a retrospectiva do ano pra edição de janeiro, temos muita coisa pra fazer.

— Eu acho que fico pelo sofá mesmo.

Ela se vira, os seus olhos estão marejados. Acho que hoje a fiz chorar mais do que nunca. Ela acaba de secar as lágrimas e olha pro chão.

— Vai acabar assim?

— É isso que você quer?

— Eu queria que você me amasse e tudo fosse como antes.

Não sei se um dia vou amá-la, não da forma como ela espera, mas sei que pro melhor ou pior, nada será como antes.

— Você sabe o quanto eu gosto e me importo com você.

Silêncio.

Eu enlaço os nossos dedos e de mãos dadas vamos juntos nos deitar. Por algum tempo tudo parece ficar bem, mas tão logo nos deitamos cada um fica de um lado, no meio da cama uma linha divisória que nenhum dos dois ousa cruzar.

Que porra eu fui fazer?

No que me meti?

Naele

07

A vida parece uma grande cartola mágica onde quem a conduz é o destino, que mais parece um mágico tocando em frente com o seu espetáculo conduzido pelo tempo.

Quando iniciei o dia em que conheci Kyler, jamais pensei estar novamente nessa posição.

Esse buraco familiar no peito deixado por Josme que havia sido preenchido por ódio, voltou a abrir, só que não existe mais o sentimento ruim anterior, mas algo deveras mais profundo, como se fosse para estar ali desde sempre e veio para ocupar o seu lugar.

Sinto um peso no meu coração que nunca houve. O meu corpo todo remete a noite no motel. E com ela a grande burrada da minha vida.

Antes de conhecer Josme passei por alguns relacionamentos fracassados. Com a chegada dele acreditei entender o motivo de não conseguir seguir com um relacionamento adiante.

Naquela época acreditei piamente que era por esperá-lo a minha vida inteira. Hoje aqui no meu esconderijo de dor e frustração comigo mesma e os meus atos inconsequentes, vejo que eu estava certa na teoria, mas não na prática.

Porque eu realmente espero alguém a minha vida toda, mas não era ele e sim Kyler. Josme nada passou de mais um relacionamento fracassado.

Olho para as minhas mãos para as linhas que a traçam, gostaria de ter o dom de lê-las como as ciganas dizem ser capazes.

Em alguma linha dessa que elas dizem ser da vida, há de ter o nome de Kyler cruzado ao meu, senão o que seria essa maldita brincadeira do destino, ao acaso de não unir duas vidas predestinadas.

Uma vez quando eu era criança, estava andando de bicicleta com a Laura junto a mim como carona. Nós passamos por um garoto ruivo como nós duas e isso não é muito comum na cidade onde crescemos.

Eu logo fiquei encantada por seus fios vermelhos. Quando olhei para a minha prima vi que os seus olhos pareciam hipnotizados quando voltados para a mesma direção.

Quando perguntei a Laura se deveríamos ir até ele para chamar para brincar conosco, ela disse que não. Que nossos pais nos ensinaram a não falar com estranhos, e era verdade, assim desisti.

No outro dia fui até a casa dela para chamá-la pra brincar e eis que a minha tia disse que estava brincando no quintal com o novo vizinho da rua, Kaique, esse era o nome dele.

Ao aproximar deles brincando no balanço, Laura falou algo ao ouvido dele que o fez vir na minha direção e dar-me um empurrão que me levou ao chão. Ele gritava que era para eu ficar longe da nova amiga dele, que não iria me deixar fazer mal a ela.

Lembro que o achei um louco e até fiquei preocupada com ela junto ao garoto agressivo que morava na casa de pedras no muro no final da rua.

Anos mais tarde fui a uma auto escola para conquistar o meu direito civil de dirigir o fusca velho do meu avô e Kaique era o instrutor.

Ele esclareceu que foi ela que o levou a ser agressivo daquele jeito. Porque disse que eu batia nela com frequência.

Por achar que era coisa de criança não dei muita importância quando devia. Ali a vida estava me abrindo os olhos sutilmente de quem mantinha ao meu lado.

Na adolescência também aconteceu algo semelhante. Estávamos no ginásio da escola e o professor de educação física pediu para que formássemos duplas.

Nessa época eu era apaixonada pelo garoto bady boy do colégio e essa era a oportunidade de chegar perto dele.

Ninguém além de Laura sabia dos meus sentimentos por ele. Assim quando finalmente formamos duplas e eu conseguir ser a dele, vi que as pessoas cochichavam e olhavam pra mim.

Analisei o meu corpo e roupa e não encontrei motivo pra isso, mas quando uma nerd atrapalhada deixou escapar o motivo, saí chorando pelos grandes portões do ginásio.

Alguém havia aberto a minha mochila e exposto o meu diário para que todos tivessem acesso a ler como eu era apaixonada pelo Thomás.

Laura negou ser ela e eu acreditei mais uma vez nas suas mentiras, mas no fundo eu sabia que ela era a única a saber que eu levava o diário comigo na mochila pra onde quer que eu fosse.

Então chegou a fase adulta e com ela eu apresentando Josme a Laura. A essa altura já era pra eu ter previsto as consequências de trazê-la para São Paulo para passar aquele tempo comigo.

Foi muita burrice da minha parte acreditar que a história não se repetiria, uma vez que Laura ficou com praticamente todos ex caras pelos quais mantive algum tipo de relacionamento.

Quem diria que em 2018, quase virada para 2019, seria eu a dar a cartada que foi dela por anos.

(...)

Lá fora caí uma tempestade que fazem os vidros da janela do meu quarto tremerem, providencialmente na rádio toca Quando a Chuva Passar (Ivete Sangalo).

Estou nervosa sem saber que roupa usar para a festa de amanhã, nunca fico apreensiva sobre o que vestir, sou provavelmente a mulher mais prática que conheço quando o assunto é colocar algo no corpo e sair, seja qual for o evento, mas hoje estou parecendo uma debutante ansiosa do que vão achar do meu vestido.

Faço uma careta para sair em meio a esse temporal, mas não tem muito o que eu possa fazer, preciso escolher algo adequado para a ocasião.

Tiro o meu short com a calcinha e a camiseta e entro no chuveiro, mas não antes de olhar a peça íntima na minha mão. Ao lavá-la penso que desde que terminei com o Josme não compro lingerie novas.

Uma passada numa loja especializada não me faria mal. Daí lembro que apesar de ter economias reservadas, não posso abusar muito, já que estou desempregada.

Após o banho vou ao guarda-roupa do lado da Lucca, vai que eu ache algo que me sirva. Analiso todos os vestidos, macacões, calças e blusas, nada me veste bem como acontece no corpo dela. Então desisto.

Observo o vestido que Lucca comprou ontem, de marca cara lógico. É de um verde lindíssimo com um grande decote em V na frente, todo em paetê de primeira linha e pedrinhas como acabamento, tudo em um verde que sobressaía ao do tecido do vestido. Ela vai simplesmente arrasador, como sempre.

Lucca está no trabalho. Acaba de receber uma proposta de um escritório de advocacia a alguns quarteirões daqui, saiu para a entrevista, assim não poderei contar com ela para me ajudar a escolher alguma roupa que

me deixe menos pra baixo do que as que estão do meu lado do guarda-roupa.

Sem opção visto uma calça jeans e uma blusa vinho de Lucca que meio que virou minha por uso capião.

Quando saio para a nossa vaga de garagem tenho que correr pela chuva para alcançar a maçaneta do meu picanto.

Ele foi da Lucca até poucos dias, mas ela comprou um March e eu acabei ficando com ele como herança.

Estou ensopada quando chego ao shopping mais próximo. Passo pelas lojas nas quais a minha melhor amiga é cliente assídua, mas que um único vestido custa o que uma família mais humilde veste os seus membros por alguns meses.

Rodo o shopping inteiro, muitas vezes passando pela as mesmas lojas para uma segunda olhada nas roupas expostas.

Ou elas são chamativas demais ou simples a ponto de nem parecerem feitas para uma data especial do ano.

Tem ainda as peças de deixar qualquer garota com o queixo no chão, mas essas logicamente estão além do que posso me dar ao luxo de pagar.

O jeito é partir para outro shopping, porém antes passo na praça de alimentação e como um Big Tasty com uma Coca-Cola bem gelada e fritas.

Novamente levo chuva na cara quando saio para o estacionamento do shopping e o mesmo quando chego a um centro comercial que vi no caminho e resolvi parar.

Mais uma vez pareço um peru na véspera do Natal caçando uma maldita roupa para a merda da confraternização.

Lucca disse que ouviu falar que as festas do “CPC” são bem frequentadas e que as pessoas costumam estar impecáveis para a ocasião.

Infelizmente também não encontro nada nesse lugar. As roupas daqui estão muito mais para o dia a dia. Faço uma nota mental para voltar aqui depois e comprar algumas peças básicas das quais gostei.

Todavia consegui algo no percurso. Numa das lojas comprei algumas lingerie bem bacanas. Finjo que não optei por algumas bem sensuais, atípicas para o dia a dia.

Ligo para Lucca, mas depois de 5 tentativas desisto. Tento o mesmo com a Nuli e dá caixa postal.

A chuva dá uma trégua quando chego no carro e o meu telefone toca. É um número desconhecido.

— Alô?

— Alô?

— Alôôôô!!!

Mudo. Escuto a respiração da pessoa, mas não fala um A.

— Vá tomar no cú. Não tem o que fazer não?

Jogo o celular na bolça no banco do carona e rodo para ver se encontro outro shopping nos arredores.

Enfim entro em um grande shopping a 3 horas de distância do meu prédio.

Não me lembro de ter ficado tão estressada ao escolher uma roupa ou me esforçar tanto para consegui-la.

Busco aliviar os meus nervos fervendo com uma casquinha de sorvete, estou na minha terceira lambida quando avisto uma loja com a vitrine praticamente toda em vermelho e branco.

Entro na loja e para a minha surpresa me apaixono por duas peças logo de cara.

A primeira peça é um vestido vermelho com dois recortes nas laterais do corpo na altura das costelas, tem uma abertura na coxa esquerda e é longo.

Nada parecido nem de longe com o que costumo usar, mas estou fascinada por ele.

A outra peça é um macacão branco com uma gola até metade do pescoço em renda, nenhum decote na frente e totalmente moldado para aderir ao corpo como uma segunda pele.

Quando viro as costas vejo que um decote as deixa completamente à mostra, só uma corrente dourada que cruza-se a mais duas em prata e bronze com uma pedra transparente que cai na altura dos pulmões, disfarçam a nudez.

Tenho que parcelar em muitas vezes, porém como não consigo decidir entre as duas peças acabo levando ambas.

O vestido vermelho usarei na confraternização do “CPC”, o macacão branco não faço ideia, já que não sei onde passarei o ano novo ainda, mas mesmo assim não consigo deixá-lo pra trás.

Escolher as sandálias é outra maratona. Nem tanto quanto

a roupa, mas é, contudo acabo optando por uma em dourado, prata e bronze que combina com o vestido e o macacão. Ainda escolho uma bolsa de mão dourada antes de passar pelo caixa.

Na saída do shopping vejo uma loja que está contratando funcionários, como levo alguns currículos comigo pra onde vou, deixo um com a gerente simpática, cruzando os dedos para conseguir a vaga.

Até passar em um concurso preciso arrumar outro emprego, não posso viver nas costas da Lucca como uma sanguessuga.

Sei que ela não se importa, mas não é do meu perfil ser um estorvo na vida de ninguém, ainda mais da minha melhor amiga, que é um anjo na minha vida.

Um anjo bem a contramão, mas ainda assim um anjo.

O trânsito é tenso quando volto para Campinas, o que me faz chegar ao salão com 20 minutos de atraso da hora que eu marquei ontem.

A cabeleireira já está atendendo a cliente do horário seguinte ao meu, assim tenho que esperar ela acabar de cuidar das mechas da loira siliconada antes de colocar a mão no meu cabelo.

Com relação a manicure, dei uma sorte tremenda porque a cliente dela ligou desmarcando o horário.

Resolvo colocar um esmalte bem clarinho e faço um corte repicado no cabelo não alterando o tamanho.

(...)

Estou estacionando na garagem do meu prédio quando o meu celular toca. É novamente um número desconhecido.

— Alô?

— Alô?!

Dessa vez desligo sem xingar a criatura do outro lado da linha, não que não me dê vontade, mas estou cansada demais para isso.

Durante a luta para entrar no pequeno elevador embolada entre as minhas bolsas de compra e as da dona a Flora com as de supermercado, ouço o celular mais uma vez tocar, ignoro a chamada, mas quando entro no meu quarto no loft, o maldito toque não cessa, jogo as bolsas no chão e atendo.

— Quer falar de uma vez caralho!

— Hum... esse era o objetivo.

Atendi sem olhar para tela, quando o faço vejo um número que não possuo na minha agenda e uma voz rouca masculina.

— Hã... desculpe... quem é?

— Oi Naele, espero não ter ligado numa hora inoportuna, aqui é o Maycon. Tudo bem com você?

Maycon? Maycon? Maycon?

Quem é mesmo Maycon?

— Maycon? Pode me refrescar a memória por favor?

— Uau! Nada como ser um cara inesquecível.

— Foi mal.

— Do curso do “CPC”. Por acaso também aquele que dançou com você no amigo oculto.

Aí merda!

O loiro gostoso e chifrudo.

Coitado, levou galho igual a mim.

— Ah! Oi Maycon, sim está tudo bem comigo, desculpa aí, é que tem um número desconhecido me ligando sem parar e não fala nada.

Ele dá um risinho.

— Sem problemas. Isso não me estranha em nada.

— O quê?

— Que você tenha um admirador.

— Hã?! Até parece. Mas como conseguiu o meu número de contato?

— Bem... espero não ser um problema... mas consegui com a Nuli.

— Claro que não, só fiquei curiosa.

— Então... estou te ligando pra te perguntar se aceita ir a confraternização comigo.

Oi?

Não, claro que não.

Trepei com um e aceito ir a confraternização como o outro? Nem tem como. Mas como falo isso sem ofender o cara? Bola rápido uma boa desculpa Naele.

Penso em dizer não de cara, mas lembro que o Kyler vai estar acompanhado da Laura, assim seria bom que eu também tivesse uma companhia.

— Eu gostaria disso.

Ele solta um suspiro nítido de alívio.

— Ufa! Achei que iria levar um fora.

Escapou por pouco.

— Por que?

Silêncio.

— Você não saiu sozinha do amigo oculto da turma, a última vez que te vi estava acompanhada do professor Kyler.

Fecho os olhos quando a cena de Kyler e eu deixando o “Última Aula” voltam esmagando o meu coração.

Se eu tivesse apenas uma nova chance de voltar atrás, de poder fazer as coisas diferentes...

— Naele? Desculpa falar assim... mas o professor Kyler não é a pessoa certa para você.

A voz dele engrossa quando fala isso, posso sentir a hostilidade no ar ao falar do Kyler.

— Não é o que está pensando.

Até a minha voz é falha quando nego o que vivi com o Kyler. O meu coração revira no peito. Lágrimas surgem. As minhas pernas falham.

— Não estou te julgando linda. Não sou nenhum santo pra isso. Só quero o melhor pra você.

Na verdade está sim me julgando, mas não o culpo por isso. E que história é essa sem pé nem cabeça de Kyler não ser pra mim e de que ele só quer o melhor pra mim. Seria ele por acaso? É disso que Maycon está falando? Que ao invés do Kyler, ele é a pessoa certa pra mim?

— Foi só uma carona, ele é casado Maycon.

Minto e passo a prever a cara do pessoal da turma quando eu tiver que encará-los na confraternização.

Ficou bem visível o que Kyler e eu faríamos ao sair do “Última Aula”

E quando voltam a nos ver, ele está com a esposa. Passo a ver como a companhia do Maycon será importante.

Provavelmente para todos da turma, eu sou a puta que saiu

com o professor casado.

— Fico feliz em saber disso. E então... aceita?

Tem apreensão na voz dele. E sei que ele finge acreditar que foi só uma carona que rolou entre Kyler e eu.

— Claro que aceito.

— Bom, muito bom, ganhei o meu dia.

— Exagerado.

— Não tem um pinga de exagero em estar feliz por poder acompanhar a mulher mais linda da confraternização do “CPC”.

— Ok, você ganhou.

— E qual o meu prêmio?

— Será o meu par.—

— Boa resposta, mas sonho com mais.

— O bom é que sonhar não custa nada, certo?

— Não quando o sonho tem toda a possibilidade de se tornar real.

— Maycon...

— Te pego às 21:30?

— Pode ser, vou te passar o endereço por Whatsapp.

— Não precisa, Nuli me deu o seu endereço.

— Nuli te passou o pacote completo da minha vida pelo visto.

Brinco.

— Não mesmo, tem muita coisa que espero conhecer quando estivermos só nós dois.

Cuspo a água que estou bebendo. E logo me vem uma coisa em mente.

— Maycon, eu não saio com um cara desde que separei do meu ex, não pense que sou o tipo de mulher fácil de levar para cama, porque aceitei a carona do professor Kyler.

Omuto ter ido com Kyler para o motel. Não é da conta dele. A minha consciência grita em como fui uma mulher fácil dele levar para cama.

— O quê? Naele, pelo amor de Deus, em momento algum eu quis dizer isso, é só um convite de um cara que está interessado em você, não tem nada a ver com a carona do Kyler. E mesmo se houvesse rolado mais entre vocês, eu não me importo. Quer dizer... me importo, mas quero pensar em nós a partir de agora. Pode ser?

— Desculpa.

— Você pede desculpas demais. Então combinado pra amanhã você ser minha?

— Como?

— Minha companhia... o meu par eu quis dizer.

— Combinado.

— Ótimo! Até amanhã linda, acho que nem vou conseguir dormir, ansioso por vê-la novamente.

— Nem vou falar nada.

— Que pena, amo ouvir a sua voz.

— Tchau Maycon. Obrigada pelo convite.

— Não tem de quê, será uma honra gata.

Sento na cama e olho as sacolas de compras no chão. Por fim valeu a pena o esforço. Agora tenho até um par para ir a maldita confraternização.

(...)

Mesmo sabendo que Kyler não tem o meu número, e se tivesse, que eu seria a última pessoa pra quem ligaria, a todo instante olho pro meu celular para ver se não tem uma chamada perdida sua.

Fora isso as coisas voltaram ao normal, se é que isso é possível. Em menos de uma hora vou estar cara a cara com a minha prima/ex melhor amiga e o cara que não sai do meu pensamento desde que entrei na maldita sala do curso preparatório para concursos.

Aquele que deixei escapar por conta de uma vingança que mesmo antes já parecia sem sentido.

Rio com as minhas próprias palavras. “Deixei escapar”. Sério Naele? Quando foi que o fodão do professor Kyler foi seu?

A resposta não demora muito pra vir do diabinho no meu ombro esquerdo.

“Nunca sua idiota”.

E ele está correto, porque nem com todo esforço do mundo aquele homem seria meu. O motivo? O mais lógico possível. Eu não mereço aquele cara.

“Além dele já ter dona, né?”.

O anjinho no meu ombro direito palpita. Uma dona que fodeu com o meu relacionamento no passado.

“Isso justifica, certo?”.

O diabinho rebate dando de ombros.

“Não usando um homem que só teve como erro nessa história toda, está atraído por você”.

O anjinho manda com a sobrancelha erguida.

A melhor resposta da noite meus caros... atraído. Enquanto eu me apaixonei perdidamente por ele.

“Como se traição não fosse pecado”.

O diabinho faz língua para o anjinho.

“Foi por amor”.

O anjinho justifica.

“Ah tá, então tudo bem.”

O diabinho ironiza.

“Este é o seu jeito de mostrar que está apaixonada? Você usou o rapaz em uma vingança contra a sua prima.”

O anjinho chato manda.

“É claro que é, ela é 70% do mal”.

O diabinho cospe.

“Nem pensar, foi só um deslize, Naele é uma boa moça”.

O anjinho me defende.

“Iludido”.

O diabinho empina o nariz e endireita os ombros.

Ah! Para vocês dois caralho!

— Quê?

Dou um pulo de susto com a voz da Lucca.

— Hum?

— O quê foi que você disse?

— Eu falei em voz alta?

Putá merda.

— Murmurou alguma coisa aí. Fala o quê foi?

Ops!

— Nada. Dedique-se a sua escolha. Está tedioso só de olhar.

Lucca revira os olhos e volta a se concentrar nos três vestidos sobre a cama.

— Você não havia comprado o primeiro da esquerda para ir?

— Hã?

— Não se faça de desentendida, vi esse vestido verde pendurado no lado de fora do guarda roupa.

— E?

— Não foi ele o eleito para usar na confraternização quando deu uma fortuna nele?

— Aff... você consegue ser tão irritante as vezes.

— E é exatamente por isso que você me ama.

— Merda! Pior que é verdade!

— Mas...

— Não sei se quero ir de verde numa festa de Natal.

— Natal/Ano Novo.

— Que seja.

— Qual o problema com o azul então?

— Não é sexy o bastante.

— E com o preto?

— Parece que estou de luto.

— Por que comprou esses defeituosos vestidos quando com o dinheiro dos três poderia comprar um vestido de noiva?

— E pra quê eu iria querer um vestido de noiva?

— Verdade... nem sei porque falei isso.

— Fica quietinha para os meus neurônios decidirem qual devo usar.

— Ferrou!

— Vá à merda!

— Já estou atolada em uma até o pescoço.

Ficamos em silêncio por um tempão. Primeiro a vejo entrar no banheiro e sair com uma toalha amarelo ouro. Depois olhar para os vestidos mais uma vez como se a sua vida dependesse disso.

Depois que acordei de um cochilo, da cama observo Lucca dar os retoques finais na sua maquiagem com o eleito vestido verde no corpo. Aquele que ela havia dado como escolhido inicialmente.

Eu já estou pronta e sinceramente perdendo a paciência com a minha melhor amiga.

Ela é de longe a pessoa mais complicada que existe, principalmente quando o assunto envolve a criatura aprontar-se para sair.

Resolvo quebrar o silêncio constrangedor que paira no ar, porque nós duas sabemos o que está por vir.

— E você tem algum alvo em mente na festa?

— Não.

— Vai atirar pra todo lado e ver em quem acerta?

Ela vira pra trás me mostrando a língua.

— É só uma festa de confraternização, vou me guardar para as verdadeiras festas, de Natal e Ano Novo. É nelas que as coisas realmente acontecem.

— O quê? Lucca Santos vai a uma festa sem azarar ninguém? Você está bem?

Ela me olha séria.

— Quais os seus planos para as festas de Natal e Ano Novo?

Ela me pergunta já fazendo beicinho. Conheço esse beicinho, cáí nessa ano passado.

— Não mesmo.

— Por favor amiga!

— Não vou para casa dos seus pais nem fodendo. Ano passado a sua mãe colocou na cabeça que eu era a mulher ideal para o seu irmão, e quase me enlouqueceu.

— Você sabe o motivo.

— Não vamos ser cunhadas Lucca.
— Sonhar ainda é um direito de uma cidadã que paga as suas contas em dia.
— Hã?
— Não vamos entrar em detalhes sobre os meus cartões. Frederico é louco por você.
— Não vai rolar nada entre o seu irmão e eu.
— Tenho uma proposta para você.
— Não quero ouvir.
— Poxa! Escuta pelo menos.
— Diga logo.

Sei que não vai me deixar em paz até que consiga o que quer.

— Você me ajuda a sobreviver ao tedioso Natal na casa dos meus pais e eu...
— E você?
— Sua mãe me ligou.
— Oi?
— Você me ouviu.
— Quando? E o mais crucial, por que?
— É Natal Naele.
— E o quê tem isso?
— É tempo de deixar certas rixas pra trás.
— Cospe logo essa merda entalada na sua garganta Lucca.
— Sua mãe voltou a falar coma a sua tia.
— Como?
— É irmã dela amiga. Bem antes de Laura e você nascerem, elas já eram irmãs. A merda foi entre vocês duas, a sua mãe e a mãe da Laura se envolveram por serem...
— Enxeridas.
— Eu ia dizer protetoras, mas serve também.
— E o quê tem mais?

- Quem disse quê tem mais?
- Lucca poupe o nosso tempo, daqui a pouco Maycon chega para nos buscar.
- Quê Maycon?
- Primeiro você.
- Tá...
- Joga a merda no ventilador de uma vez, porra!
- Vai ter a festa de Ano Novo na casa dos seus avós.
- Novidade, todo ano...

Fecho os olhos e respiro fundo saquei a jogada.

- Não.
- Sua mãe me pediu para te convencer a irmos juntas passar o Ano Novo na casa dos seus avós.
- Você sabe que não tem como isso não acabar em merda.
- Você não vai estar sozinha amiga, estarei com você.
- Não.
- Naele, a sua mãe passou por problemas sérios de saúde esse ano. Porra! Ela quase morreu naquela cirurgia do coração. Isso faz a pessoa rever muito da sua vida quando sobrevive. Acredito que foi exatamente isso que aconteceu com a sua mãe.
- É uma armadilha. Sei que é.
- Você acha...
- Laura pediu para titia ligar para a minha mãe. Ela sabia que a minha mãe está num momento vulnerável. E principalmente sabia que a minha mãe me arrastaria junto.
- É a sua família Naele. São as pessoas que te viram crescer que vão estar lá.
- Entre elas Kyler e Laura.
- Esse encontro vai ocorrer hoje de qualquer forma.
- Não com a minha família envolvida.
- Do quê você tem medo?
- Ela vai me expor.

— Ela não tem como expor o que Kyler e você fizeram sem se expor também Naele, seria muita burrice da parte dela.

— E você Lucca?

— O quê tem eu?

— Está pronta para encara Laura hoje?

— Sinceramente não sei, mas logo vamos descobrir. E se eu não matá-la hoje, posso usar a festa da sua família para fazer isso.

— Eu não sei.

— Não posso te obrigar a ir Naele, o que sei é que vou com a sua mãe. Tia Constância fez mais por mim nessa vida do que a minha própria mãe.

— Eu entendo amiga, mas coloque-se no meu lugar.

— Preciso me colocar no lugar dela agora, como um dia ela se colocou no meu.

— Você está misturando as coisas.

— Tudo vira uma sopa no final.

— Você precisa compreender como tudo isso é difícil pra mim.

— Sei como é.

— Todavia está me persuadindo a ir nessa festa onde Kyler e Laura estarão como um casal apaixonado, como se nada houvesse acontecido entre ele e eu.

— Por sua mãe sim, ela é importante pra mim.

— Lucca eu não posso.

— Faça por mim. Eu devo isso a sua mãe.

— Não.

— Ela me aceita como eu sou. Eu ser lésbica nunca foi um problema para ela como foi para a minha mãe.

— O quê você quer com essas palavras?

— Que a sua consciência pese.

— Não vai acontecer.

— Sua mãe uniu a minha família novamente e agora está pedindo a minha ajuda para fazer o mesmo pela de

vocês.

— Não.

— Foi tia Constância que foi atrás da minha mãe e abriu os olhos dela para pelo menos voltar a me ver, não como um erro de sua vida, mas como sua filha.

— Para com isso, não é justo.

— Ainda que ela nunca aceite a minha opção sexual, pelo menos voltou a falar comigo.

— E te devolveu os cartões de crédito.

— Que eu devolvi a ela.

— Não sem antes comprar um carro e encher o seu lado do guarda roupa de peças caras de grifes.

— Detalhes.

— Rá.

— Eu prometi a sua mãe que você iria.

— Não deveria prometer nada que não te cabe decidir.

— Por favor Naele. Natal com a minha família e Ano Novo com a sua. Ok?

— Tudo bem.

(...)

— Agora me fale quem é esse tal de Maycon.

— O loirinho da aula do “CPC”.

— Ei... lembrei.

— Difícil esquecer.

— Porra!

— Exatamente.

— Quando vocês se encontraram?

— Ele me convidou para irmos juntos por telefone.

— Não sabia que você tinha dado o número do seu celular a ele.

— Não dei, Nuli deu.

— Isso vai dar merda.

— Por que?

— O professor Kyler não vai gostar de te ver

acompanhada do gatão do Maycon em plena confraternização do “CPC”.

— Ele não tem nada a ver com isso. E ele vai estar acompanhado da esposa.

— Mesmo assim.

— Na verdade a essa altura ele deve estar com muito ódio de mim.

— Provavelmente.

— Ou quem sabe se eu tiver sorte... se lixando pra mim.

— Duvido.

— Ele tem a Laura. São casados. Ponto final.

Aí. Como dói falar deles juntos.

— Estou falando porque ele só faltou esganar o Maycon no dia do amigo oculto. Ele fuzilava vocês dois o tempo todo quando conversavam ou dançavam.

— Não quero falar desse dia. O certo a dizer é que preciso esquecer desse dia.

— Não agarre-se a falsas esperanças. Uma foda bem dada é igual tatuagem para a mente.

— Valeu o apoio.

— Naele, o professor deu a maior bandeira que estava ácido de ciúmes do loiro com você. Aliás, ele fez carranca para todos os sujeitos que aproximaram de você.

— Ok. Já deu.

— Fora os coices que deu a cada novo flerte pro seu lado. Achei que o cabelo dele iria cair de tanto que puxava os fios em um gesto evidente para todos de ciúme.

— Caramba! Você não me escuta mesmo.

— Ele foi capaz de ir até o cantor e pagar para interromper a apresentação por 15 minutos quando Maycon estava dançando colado com você.

— O quê? Como você sabe disso?

— Eu vi e depois subornei o cantor com a informação.
— Flertou com um homem? E por informação?
— Argh... Claro que não. Paguei a bebida e um petisco para o cara.
— Ah! Foi o que pensei.
— Percebi.
— Tá, cheguei a pensar...
— Não.
— Foi mal, desculpa.
— Não com aquele...
— Como?
— Depois a gente conversa sobre isso.
— Ficou com um cara no amigo oculto?
— Hã?
— Lucca...
— Certo... lá vai. Rolou um lance entre Rafael, eu e a...
— Nuli?
— É.
— Foderam em três?
— É.
— Me conta.
— Depois, na viagem para casa dos meus pais.
— Chantagista.
— Então... como eu dizia, o professor nem conversava com ninguém, o alvo dele era Maycon dando em cima de você.
— Não foi isso que eu vi, mas sim ele dando trela as vadias da sala.
— Bobinha você.
— Sei.
— Ele só dava corda para elas se enforcarem, o que acabou acontecendo de fato quando ele saiu com você do “Última Aula”, não com as piranhas do curso. Ele as

usou para te causar ciúme. E pelo visto conseguiu.

— Convenhamos que fui eu a puta aquele dia saindo pra trepar com um homem casado.

— Como se qualquer uma ali não doaria o fígado para estar no seu lugar.

— Isso não justifica o que eu fiz.

— Mas explica muita coisa.

— Talvez.

— E aí quando vai me contar os detalhes sórdidos?

— Na nossa viagem de Ano Novo para casa dos meus avós.

— Estraga prazeres.

— Só pagando na mesma moeda.

Ao ouvirmos o interfone, corro pra atender.

— Gata cheguei.

— Estamos indo.

— Estamos?

— Pensei em não ser um problema para você levarmos uma amiga minha conosco.

— Não foi como idealizei, mas tudo bem.

— Já estamos descendo.

— No aguardo.

Acabo de me analisar no espelho e olho pela janela. Lá está Maycon, sexy e lindo de calça social preta e blusa branca, encostado no seu Cerato preto.

— Vamos descer, porque a tentação aguarda.

(...)

Enfim chegou o dia da confraternização do “CPC”, a festa ocorre tradicionalmente no ginásio de esportes do colégio particular que fica ao lado do edifício do curso, que segundo eu soube pertence ao mesmo dono.

Não posso deixar de me surpreender como a música Amores Proibidos (Tânia Mara) que toca como pano de fundo vinda do ginásio, mexe comigo como um lembrete do que eu perdi com a minha decisão tola, pelo meu sentimento incubado de vingança.

— Estou com uma sensação ruim.

Falo baixinho.

— Você sabe que eles vão estar lá dentro, então prepare-se para o pior. O que acontecer de bom é lucro.

Lucca cochicha no meu ouvido para Maycon que está entregando nossos convites ao rapaz da recepção não ouvir.

Balanço a cabeça em positivo sabendo exatamente quem são “eles”.

— Talvez só o Kyler.

— É com isso que está contando?

— Talvez nem ele.

Dou de ombros.

— Eu não contaria com isso se fosse você.

— Acha que ele contou...

— Pra ela?

— Sim.

— Não sei, contar pra esposa sobre uma traição é para homem de culhão. Contar sobre com quem... bem, nesse caso o cara tem que ser muito macho e íntegro.

— O quê tem de íntegro em um sujeito que trai a esposa?

— Errar é humano, permanecer no erro é burrice. O perdão existe pra isso mesmo, quando reconhecemos os nossos erros e partirmos com a consciência mais leve para seguirmos com as nossas vidas. Talvez por este motivo ela tenha perdoado o marido, que assumiu ter errado. Até porque ela já esteve lá também, neste mesmo posto, ocupando-se de te trair com Josme.

— Então com isso você está me dizendo que perdoou a Laura? Ela traiu você também Lucca.

— Sei disso Naele, porque eu estava lá contigo. E não, não fui muito além de vocês dois, citei Laura e Josme para exemplificar o que eu estou argumentando, mas não estou enraizada nessa questão, não fico presa no passado, trazendo explicações para tudo o que me acontece no presente como você.

— Com a sua resposta pareceu que embarquei nessa

sozinha.

— Foi só uma argumentação, não tire conclusões além do que realmente são as palavras que usei, você está muito na defensiva hoje.

— Estou uma pilha de nervos, isso sim.

— Eu sei, dá pra notar.

— Desculpe-me.

— Está tudo bem.

— Obrigada por entender.

— De nada. Entretanto respondendo a sua pergunta, tenho praticamente certeza de que ele não contou.

— Por que diz isso?

— Você sabe que a Laura expõe a vida toda dela nas redes sociais, não sabe?

— Eu sei, mas quando brigamos cancelei a nossa amizade no facebook, deixei de segui-la no instagram e sai de todos os grupos que tínhamos em comum, ou seja, de todos da nossa família. Com isso perdi a possibilidade de qualquer informação privilegiada sobre a vida dela. O que viria a calhar agora.

Ela bufa e olha pra mim aborrecida.

— Sorte sua que a sua melhor amiga, que sou eu pro caso de ter esquecido, é muito mais atenta do que você. Nunca deixei de vigiar a perigete. Ela posta de duas a três vezes por dia e tudo segue normal desde a confraternização.

— Você está espionando ela esse tempo todo e não me contou nada?

— Te conheço. Se eu falasse antes você iria me fazer parar e prometer não fazer de novo.

Luca acena com a cabeça para pararmos a conversa com Maycon chegando.

As minhas mãos estão levemente suadas quando Maycon resolve interlaçar os nossos dedos para entrarmos de mãos dadas.

Lucca ergue uma sobrancelha em questionamento ou deboche, não sei ao certo, eu também não contava com essa atitude vinda dele,

mas sendo muito sincera, dependendo do que me espera lá dentro pode ser ele a pessoa em quem vou me apoiar para suportar essa noite. Então mãos dadas é o de menos, talvez eu precise do corpo todo dele para me escorar.

— Pronto meninas, já podemos entrar.

Tenho que segurar o riso.

— Meninas? Hoje é a noite das debutantes? Temos 15 anos de novo?

Repreendo Lucca com uma cotovelada.

Maycon sorri sem entender a piada ou fingir de desentendido. O que me faz admirá-lo cada vez mais. A ignorância as vezes é uma bênção e o fingir não ouvir, um sinal de pura maturidade e inteligência.

Com Lucca a tira colo entramos.

A decoração do lugar é extravagante, bem mais do que imaginei para uma confraternização em um curso preparatório para concursos.

Praticamente o ambiente está dividido em dois temas, Natal e Ano Novo. De um lado tudo que se vê está em vermelho e dourado, do outro em branco e prata.

Tem uma grande mesa com a ceia na entrada do ginásio e um palco improvisado no fundo, onde uma mulher e um homem seguram os microfones como se estivessem em um show. Tem algo como uma pista de dança logo em frente. Muitas luzes cercam o meio do ginásio, onde muitas pessoas circulam. Entre esse arranjo tem mesas e cadeiras transparentes, muitas com toalhas brancas, outras com vermelhas, mas poucos são os que estão sentados.

Alguns rostos familiares, muitos desconhecidos, a maioria já com copos nas mãos.

— E onde está todo mundo que a gente conhece?

— Logo ali. A cambada toda está reunida no C4.

— C4?

— Curso 4.

Meu par parece ser inteirado a fundo da geografia do local, é praticamente um guia.

— Pra facilitar o pessoal que organiza a festa agrupa as turmas pelo tipo de curso. A nossa de direito federal é o C4 e fica logo depois dos fiscais tributários.

Desvio os olhos para o local indicado com o queixo por ele

e aí sim, vejo as caras manjadas do “Última Aula”.

As mulheres do curso estão arrumadíssimas. Os homens também, mas estes estão mais padronizados com calça e camisa social.

Elas não, parece uma competição de miss. Dos vestidos com muito brilho a maquiagem pesada passando pelos acessórios.

Tem uma que não vi antes, nem na sala nem no dia do amigo oculto, morena e alta, é a cara da miss Brasil 2018, quase uma sócia da Mayra Dias.

— E aí. Todos aqui?

Maycon pergunta pra ninguém em especial, mas é a miss que responde.

— Quase.

Ela está me encarando com a face indisfarçavelmente tomada por algo que acredito ser raiva ou ciúme.

— Falta a Cíntia e o Benilo.

— O professor Kyler e a esposa também.

Cospe a Bárbara.

— E quem são essas?

A miss pergunta para o Maycon.

— Bruna, essa é Lucca.

Ele aponta para a minha amiga ao nosso lado.

— E esta é Naele.

Ele beija a minha mão.

— Oi gente.

Falo já querendo correr desse lugar. Lucca só acena e mantém os olhos em Nuli conversando com o Rafael.

— Naele? A que pegou carona no amigo oculto com o tal professor Kyler?

— Essa mesmo.

Diz Yzumi.

— Hum.

Bruna manda digitalizando Maycon e eu.

Não é só ela, todos nos olham com expressões especuladoras. Parece uma partida de ping-pong. Olham de Maycon pra mim e

vice-versa sem qualquer sinal de constrangimento.

Por último as piranhas presentes fecham a cara ao observarem as nossas mãos unidas. Tento desvencilhar o toque, mas ele não permite unindo ainda mais os nossos dedos.

Estou totalmente sem graça. Respiro fundo, vai ser uma daquelas noites em que seria sensato da minha parte adiantar e cavar um baita buraco no chão, para o caso de ter onde me abrigar quando essa merda toda explodir.

— Então qual é da miss simpatia?

Cochicho para Maycon.

— Miss simpatia?

— Bruna.

Ele balança a cabeça.

— Lembra da minha ex que me traiu?

— Oh merda!

— Bingo. Soube da surpresa de tê-la conosco no curso hoje.

— Ótimo!

— Tudo bem, vamos sobreviver.

— Espero que sim, parece mais um encontro de ex e seus respectivos traíras do que uma festa de confraternização.

— Quem mais foi traído aqui?

— Longa história pra ser contada em qualquer outro lugar que não seja aqui.

— Combinado.

(...)

A festa segue, mais alguns convidados chegam, na verdade muitos deles. As vozes são altas, alguns chegam a gritar. Risos e flertes estão à toda volta.

As pessoas vão se descontraindo cada vez mais na proporção que as garrafas vazias aparecem pelos cantos, sobre e debaixo das mesas.

Bruna, ex de Maycon, tenta provocar ciúmes neste desfilando repetidas vezes com Hiago a nossa vista. Sem sucesso algum. Pelo

visto ela é uma página virada na vida dele.

O que me deixa muito feliz por ele. O cara é muito do bem e não merece nem de longe o que passou nas mãos dela.

As palavras de Lucca sobre perdão me veem a mente, mas como por encanto desaparecem.

Não estou pronta para essa palavra tão nobre fazer parte da minha vida, mesmo sabendo que foi exatamente a sua ausência que me levou a fazer toda aquela merda com Kyler.

Algumas coisas simplesmente são complicadas para desprenderem de nós. Em mim é a lembrança da traição de Josme e Laura.

Eu sou assim, espero um dia mudar para o meu próprio bem, mas este dia certamente não chegou. Ainda sou a amargurada chifruda. É o que temos pra hoje.

Contudo essa história com Kyler mudou algo dentro de mim, ainda que eu venho negando veementemente.

Com o ponto final nunca consegui lidar, mas isso jamais foi algo tão claro pra mim. Pensar em ponto final me causa a maior dor que já senti na vida, já que ele me leva a desistir de uma vez do Kyler.

Todavia com as reticências eu consigo lidar. Preciso acreditar que amanhã será um dia melhor. Por muito tempo antes dele me vi dá as costas para o futuro. Já não posso mais ser assim. Quem sabe seja um sinal de que eu tenho salvação.

Gostaria de estar resoluta sobre o meu passado e tentar algo com o Maycon, sinto que poderíamos dar certo, se e somente se, eu desse a chance que os seus olhos suplicam quando encontram os meus.

Contudo no fundo sei que seria um grande erro, uma vez que nem de longe perdoei a Laura. E ainda tem a dinamite dessa história, eu me apaixonei por Kyler.

Talvez eu dê essa chance a Maycon para provar a mim mesma que não sou capaz de ver através do tempo para saber que não é possível ser feliz ao lado dele.

Entretanto principalmente para preencher esse vazio no meu peito. Sei que não será justo com o Maycon, mas serei verdadeira e nunca o usarei, pelo menos não sem o seu conhecimento.

Não vejo ninguém melhor do que ele para entender e me ajudar a superar, uma vez que ele próprio já o fez, o saber dele de como

caminhar para chegar até aqui, será a minha cura, se eu der o que ele me pede.

Estou uma contradição ambulante. Sei disso. Mas por agora nada posso fazer.

As vadias deram um tempo dos ataques, principalmente porque contei com a proteção de braços fortes e musculosos.

Graças aos deuses do prazer elas se acertaram cada uma ou duas com seus respectivos bofes & Cia.

Lucca está disputando com Rafael a atenção de Nuli. É um tanto estranho já que tiveram o tal sexo a três, então com isso imaginei que dividir entre eles não era um problema. Pelo que vejo me enganei.

Olho ao redor e observo como as pessoas estão muito bêbadas, esbarrando ou tropeçando umas nas outras.

Eu mesma estou sem moral pra falar de ninguém, liguei o foda-se faz tempo e estou na sei lá qual garrafinha de ice.

A minha vista já está turva e não tenho mais a mesma facilidade em decidir como agir com as investidas do Maycon.

Noto que as suas mãos estão por todo o meu corpo e sinto o seu pau duro na minha bunda. Ele é muito gostoso e eu estou uma bêbada carente. Uma combinação bombástica.

Quando me dou conta estamos dançando La Bomba (Braga Boys) e Ragatanga (Rouge).

Meus pés têm movimentos de comando autônomos e sequer sei onde estou. É uma sensação de liberdade que não tenho a muito tempo. E é bom, muito bom, estar leve comigo mesma novamente.

Porém o meu estado de embriaguez infelizmente não me faz esquecer dele. Kyler parece veneno correndo por minhas veias.

Minha melhor amiga e guru de plantão pelo visto se enganou, há nuvens no paraíso e os pombinhos não tiveram clima pra vir.

Ou quem sabe estão vivendo uma segunda lua de mel por minha conta. Nada como uma briga para aquecer o sexo matrimonial.

Ok.

Eles podem me agradecer depois.

O caralho que podem!!!

Fodam-se os dois.

Ah mas deve ser o que estão fazendo neste instante.

Pensar nisso me faz procurar pelo corpo firme e quente do meu par que segue sendo uma companhia deliciosa.

Já dançamos mais umas quatro músicas na pista, acabo de trocar a ice por vinho, enfim estou entrando no clima da festa.

Estou literalmente exemplificando com o Maycon a letra da música Cachorrinho (Kelly Key) com ele agachado com o meu salto em suas costas, quando o murmurinho começa.

(...)

“É o professor Kyler?”

“Com a Naele de novo?!”

“Ou eu estou muito trêbada?”

“Mas ela já não tinha chegado?”

“Já, com o loirinho, o Maycon.”

“Mas ela está ali com o professor.”

“Cara ela está lá com o Maycon.”

“De cachorrinho.”

“Então tem duas dela?”

“Aquela puta acha que está no self-service de homens, pega o que quer?”

“Porra, não pode, olha os dois ali.”

“Onde”?

“Na pista”.

“Aquela só pode ser a esposa dele.”

“Tô vendo dobrado ou parecem irmãs gêmeas?”

“Isso explica muita coisa.”

“Outra bruxa ruiva?”

“É macumba, só pode.”

“Droga! O negócio dele é ruiva.”

“Agora que eu fiz a balaia e tô muiiiito loira?”

“Eu não fico bem de ruiva.”

Fecho os olhos porque sei que estão falando de Kyler e Laura. Eles atrasaram. Muito. Mas vieram.

Maycon ergue-se de imediato e agarro o seu corpo colando-o ao meu como a minha única chance de escapatória.

Estamos tão colados que não passa um fio de cabelo entre nós. Mentalmente eu o agradeço por isso. As minhas pernas estão trêmulas e bambas.

Viro a cabeça e os vejo desfilando de mãos dadas, acenando para os outros convidados indo em direção a mesa da turma.

Ela está usando um vestido longo com um generoso decote em V na frente. A merda toda só azeda mais porque se não bastasse a nossa semelhança, ela também optou por vir de vermelho e com o cabelo solto. Até o batom é vermelho sangue tal como o meu, bem como as unhas.

Ele por sua vez está todo de preto. Calça e blusa social. Tudo preto. E nunca estive mais lindo.

O meu coração acelera tanto no peito que chego a ter ânsia de vômito. Sinto que a qualquer momento posso botar toda a bebida pra fora.

Todos começam a se agrupar no C4. Assim fazemos Maycon e eu. Isso me irrita, porque é como se uma celebridade tivesse chegado a festa.

A encaro primeiro, o seu sorriso cresce a cada passo que dá em minha direção. Ela parece igual a quando nos vimos pela última vez, mas o cabelo está mais comprido, assim como o meu, e repicado, igualzinho ao meu. Parece uma piada de mal gosto, mas é real.

Kyler tem uma expressão assustadora, naquilo que avança até nós, o seu olhar torna-se mais mortal destinado ao Maycon a cada caminhar.

Noto quando os seus olhos passeiam por meu corpo e param nos braços de Maycon que cercam a minha cintura por trás. O seu queixo está no meu ombro depois de ter levado o meu cabelo para o lado oposto. As nossas mãos estão unidas com os nossos dedos entrelaçados na frente do meu corpo.

Faíscas saem dos olhos do Kyler, o seu rosto está muito vermelho com um V cravado entre as sobrancelhas, a boca numa linha rígida, a mão livre fechada em punho quando não a leva ao cabelo.

Parando no meio do caminho Laura ergue o queixo de Kyler dando-lhe um longo e demorado beijo. Posso ver que pelo canto dos olhos observa a minha reação.

O seu ato é um desafio aberto até quando limpa o batom dos lábios dele. Está me chamando para duelar pelo seu homem, enquanto analisa Maycon com muito ardor.

A filha da puta sabe. É claro que sabe. Ele contou tudo que

aconteceu a ela. Laura veio esfregar na minha cara que diferente de mim, ela conseguiu segurar o seu homem.

Que mais uma vez saiu vencedora independentemente da minha tentativa ridícula de afetá-la usando o seu marido na minha vingança.

— Eita nós!

Ouço alguém falar, logicamente referindo-se ao beijo. Muitos assovios e gritinhos acompanham os cochichos.

— Segura aí Naele?

Nem vi quando Lucca chegou do meu lado. Mas é claro que Laura viu. Os seus olhos se estreitam para a sua ex e nitidamente vejo a minha amiga estremecer.

Maycon como o resto da turma olha pra mim e para o novo casal sensação com uma cara de entendimento. Ou talvez eu esteja vendo coisas. Sinceramente não sei o que é pior.

(...)

— Boa noite pessoal, desculpa o atraso, mas eu estava curtindo a minha esposa. Os casados vão entender o que digo.

Ele fala isso para todos, mas os seus olhos estão em mim.

— Esta é Laura, a minha lindíssima e amada esposa.

Escuto muitos “prazer” e ela sorri retribuindo com igualmente.

A dor que sinto não é possível explicar. É severa, é quase letal, o meu ar falha por alguns segundos e não consigo conter um gemido.

— Estou aqui.

Maycon diz baixinho.

Só consigo balançar a cabeça.

— Pelo jeito o negócio aqui está animado, já formaram até casais. E tem até aqueles que se prestam a serem cachorrinhos nas mãos das damas.

Ele ri.

— Ou seria aos pés das donas?

Ele fala provocando Maycon que dá como resposta um beijo no meu ombro e traz ainda mais o meu corpo junto ao seu.

Avisto os pés de Kyler avançarem alguns passos, porém

Laura o detém.

— Como culpá-los? Nós homens somos vítimas da sedução feminina. Os inteligentes no entanto usam a cabeça de cima e ficam com as melhores para daí usarem a de baixo. Precisamos entender que não encontramos o nosso... vocês sabem... no lixo.

Todos gargalham.

— Pelo menos tenham o bom senso de colocarem a aliança no dedo da mulher certa. Curtam bastante, não nego que fiz o mesmo. Contudo eu soube distinguir a que era pra casar e as que passaram por minha vida só para saciar um desejo temporário do corpo.

Ele a beija depois de dizer isso.

Sinto que vou chorar a qualquer momento. Vou me perder pra nunca mais me achar se ele continuar me ofendendo e o que vivemos desse jeito.

Kyler está me chamando de puta na frente da turma toda e tendo Laura como convidada especial.

Está transformando a nossa noite no motel em algo sujo e de puro ato sexual. Como se eu fosse um depósito de sêmen onde ele despejou o seu material e foi pra casa para aquela que é digna de usar uma aliança de compromisso.

— Me beija.

Maycon diz ao meu ouvido.

— O quê?

— Me beija.

Então não pergunto uma segunda vez e assim faço. Os lábios dele são macios e receptivos. O beijo é bom e sei agora mais do que nunca que ele tem pegada.

Quando terminamos Kyler está nos encarando fixamente. Tem tanto ódio circulando em seu corpo que mal consegue disfarçar.

— Bom... não quero atrapalhar os pegas fáceis dos rapazes, então vou ser breve.

O corpo de Maycon enrijece junto ao meu. Ele senta e me leva ao seu colo, novamente com os braços em torno da minha cintura e eu com as minhas mãos sobre as dele.

Consigo ver o corpo de Kyler tremer, parece um prédio preses a desabar, ele está rosnando e perdeu-se com as palavras.

Kyler começa seu discurso vocacional. A minha cabeça está a mil, não consigo ouvir mais nada.

— Vejo que a turma segue firme e unida, espero todos de volta para pegarmos no batente dia 2, não esqueçam que o concurso vai ocorrer em Março e ainda temos o Carnaval daqui a pouco para atrapalhar.

— Atrapalhar não, pra relaxar!

Alguém grita.

— Depois que eu garantir a minha vaga em um concurso, todo ano vou pra Salvador pular em algum camarote oficial.

Hiago diz.

— Uhuuuu!

— Babaca, o bom do carnaval de Salvador é o tromba tromba.

Rafael rebate.

Kyler começa a conversar com o pessoal e Laura aproveita a chance para desvincular do braço em ganho dele na sua cintura e vem até nós.

Lucca está sentada na cadeira ao lado e me olha pedindo controle. Só que algo me diz que é ela que vai precisar seguir a sua dica.

— Não cai na dela.

Maycon fala.

Eu estava certa, não sei quanto ao resto da turma, mas ele já juntou as peças.

— Naele... Luma, a quanto tempo.

Laura cospe.

1 ano, 3 meses e 1 semana. Podia te dizer as horas, mas quem está contando? Eu certamente não estou.

Sinto o sangue de Lucca fervendo pela ponta de seus dedos em meu braço.

— É Lucca, já se esqueceu? Se quiser te refresco a memória do tempo em que você gemia o meu nome.

Maycon franze a testa confuso.

— Depois te explico.

Falo.

É a vez dele balançar a cabeça.

— Jura? Não é assim que me lembro.

— Memória fraca a sua.

— Só guardo o essencial. E o essencial pra mim é o que tem importância na minha vida, o resto eu descarto.

— Vai falando, talvez eu acredite em 1% do que você diz.

— Ah Lucca, sempre tão espirituosa! Quando o Kyler falou da Naele, achei mesmo que você iria vir de brinde.

— Ora sua...

Com o braço eu seguro a minha amiga.

— Não vale a pena, lembra?

Digo.

— Não sei se concordo com as minhas próprias palavras diante dela.

— Você sumiu querida. Como vão as coisas?

Respiro fundo quando Laura permanece cutucando onça

com vara curta.

— Eu sumi? Engraçado que se bem me lembro foi você quem foi embora sem nem se despedir. Por motivos óbvios claro.

— Lucca, agora gravei, prometo não trocar mais o seu nome, mas querida ainda com essa infantilidade. Isso foi uma fase. Sabe como é, explorar possibilidades e curtir as fantasias, até fixar no caminho certo, com a pessoa certa, achei que você tinha superado.

— Foi o que eu pensei sobre você também.

— Que bom que estamos quites.

— Estamos longe disso.

— Pena... e você Naele. Não vai me apresentar ao seu namorado? Você sempre teve bom gosto prima. Pena não podermos repetir certas experiências do passado.

Mais uma vez sinto o corpo do Maycon enrijecer.

— Afinal hoje eu sou uma mulher muito bem casada.
Com um marido gato e gostoso.

Ela balança os braços.

— Mas isso você já sabe, certo?

O meu corpo treme todo.

— Menina você não sabe com quem estive na semana passada no fórum.

Como eu não digo nada, ela prossegue.

— Josme. Passamos uma tarde maravilhosa juntos.

Chega!

Fecho os olhos e em seguida levanto para lembrar a minha saudosa mão como é enfiar um tapa na cara dessa desgraçada.

Kyler

08

Por mim já nem iríamos mais nessa titica de confraternização. Só de pensar na merda que vai dar estremeço.

Entretanto Laura está irredutível, quer porque quer confrontar a prima, a mesma com quem cometi adultério.

Claro que o preço que eu vou pagar é vivenciar uma situação fodida como esta. Presenciar duas rivais de outro pau no passado usando o meu de pretexto para reviver questões que já deveriam estar enterradas.

Todavia tratando-se do ser humano falho como é, lógico que seria pedir demais qualquer atitude diferente da que estamos prestes a encarar.

Chega a ser engraçado, se não fosse o meu casamento que estivesse em jogo, ver como a minha esposa insistentemente vasculha nas mídias sociais o motivo do meu deslize.

Laura virou uma espécie de espiã da vida da Naele e tudo o que vê a frustra porque diferente dela a prima não expõe gratuitamente a sua vida para bel prazer alheio.

Quase que de hora em hora ela me liga pra saber se a direção do “CPC” e/ou da “Brás Advogados” tinham entrado em contato comigo para falar sobre o “incidente” com a Naele.

Graças à Deus nada veio a tona. Tacar a noite que vivemos ou usá-la para atingir a prima ou a mim, seja pelas mídias sociais degradando a imagem de casamento perfeito para atingir a Laura ou por meios administrativos para prejudicar a minha carreira, não faziam parte dos planos da Naele.

Parece que de alguma forma ela acreditou que eu contaria a Laura, atingindo assim o seu objetivo de vingança e seguindo em frente como se nada houvesse acontecido entre nós.

Como se não tivéssemos dividido os nossos corpos na cama daquele motel. Uma página virada onde antes havia um marca página só aguardando o momento certo para ser aposentado.

Resumindo, aparentemente Naele se deu por satisfeita em retribuir na mesma moeda que Laura e ter sua vingança apenas comigo.

Não vendo necessidade de expor sua vitória a outros. Não

sei se isso é um elogio ou um insulto, mas é o que parece.

Minha esposa concluiu que sua prima foi e continua sendo uma fraca, que não sabe lutar pelo seu homem.

Ou que na afobação selecionou a função de gravação do celular, mas não chegou a ativar. Quem sabe até que simplesmente deu azar e a bateria acabou.

Desculpas que ao meu ver não se encaixam na figura inteligente e perspicaz que conheci.

Todavia o que eu sei de verdadeiro sobre ela? Nada além do que parcialmente deixou revelar ao estarmos juntos.

O estranho é que para alguns pode parecer pouco, mas para mim foi muito.

Laura está decidida a confrontar Naele na festa que já começou e se vangloriar da situação, onde novamente serei usado como objeto de vingança, mas a verdade é que dessa vez eu aceito de bom grado prestar-me a esse papel.

Não sei como descrever ao certo o que guardo no meu peito, mas sei que o tal sentimento de vingança entre elas é contagioso.

Eu não sou nenhum santo em relação a esse sentimento, tanto que quando o meu pai pediu a Laura que eu fosse até ele hoje pela manhã, eu sai com sete pedras na mão e recuei diante da possibilidade de estar no mesmo ambiente que ele.

No entanto, devo dizer que nem eu fui capaz de ir tão longe como elas, o exemplo disso foi eu ter voltado para o meu lugar do passado por ele, mesmo que sendo preciso usar Laura entre nós, eu o fiz e mereço algum crédito por isso afinal de contas.

Voltando ao conteúdo anterior do meu monólogo sobre a questão da Naele ter dado bobeira nos seus planos. Eu não acredito nisso, no amigo oculto ela sabia o que queria e foi atrás.

Dispensou todos os baba-ovos que ficaram dando em cima dela insistentemente e mirou no alvo da sua vingança. No caso eu. Veja que sorte a minha.

Se ela quisesse gravar, teria gravado. Se fosse pra pegar Laura e a mim de surpresa não teria deixado a foto pra trás.

Não foi só uma vingança, tinha mais sentimentos além desse envolvido no seu ato. No fundo estou certo disso. Assim como convencido

que nesses poucos momentos juntos que passamos formamos um elo sólido.

Não pode ter sido tudo uma falsa armadilha. Ninguém consegue camuflar os seus sentimentos 100%.

Em algum ponto eu notei em uma pequena brecha a sua alma conectar a minha. Não foi só vingança, tal como não foi só sexo. Foi sim muito mais e isso vai nos matar se não colocarmos pra fora.

A acho muito além do que Laura tenta me convencer ser só por não se rebaixar a uma vingança suja de holofotes, expondo problemas delas e que não dizem respeito a mais ninguém.

(...)

— Já estou pronta Kyler, podemos ir.

— Tem certeza que quer fazer isso?

— Está com medo que eu humilhe a Naele em público? Mesmo depois dela ter te usado?

Ela toca no meu ponto fraco, Naele não fez qualquer tentativa de entrar em contato comigo nesse meio tempo. Ela não tem meu número mas para quem chegou a tanto, ela encontrarei uma forma de aproximação se quisesse.

— Claro que não.

Por outro lado não foi isso que acordamos, uma noite e nada mais? Só que até aí eu não fazia ideia que era o objeto de uma vingança. Porra! Estou numa merda de um conflito e a todo momento buscando algo em que me agarrar para defender a maldita de seus erros.

— Você mesma estava preocupada do que aconteceu vazar na internet. Acha sensato ir provocá-la agora?

— É uma oportunidade rara Kyler, me pergunto se vai ser tão bom como quando ela descobriu que eu transava com o Josme. Se for só a metade da sensação já vai ser bom demais.

Parece que está tendo um orgasmo só de lembrar. Acho que nunca a vi tão satisfeita quando transamos, e modéstia à parte sou muito bom de foda.

O seu prazer perverso é tudo que importa para Laura no momento. Como eu me sinto ou manter a nossa união é tudo dano colateral para ela.

— Laura, depois não vai ter volta, o lugar estará cheio

de gente para testemunhar e hoje em dia todo mundo tem celular com câmera.

— Estou contando com isso querido.

Ela me sopra um beijo, mas tento enfiar bom senso na cabeça dela uma última vez.

— Passamos dois dias angustiados que o que eu fiz pudesse prejudicar a vida que construímos juntos. Quer mesmo ameaçar isso?

— Eu quero, e você como meu marido vai me apoiar. Você está me devendo, eu nunca te traí.

Será que não? Hoje em dia já não tenho tanta certeza.

Respiro fundo e faço a pergunta que inconscientemente me persegue desde que conheci a Naele.

— Quer o divórcio?

Não estou mais conseguindo esconder meus sentimentos dela. Essa situação toda está me deixando descompensado.

Ela volta-se em um gesto brusco onde o seu vestido fica suspenso no ar, parece até cena de filme.

— Claro que não... de onde tirou isso? Vamos superar isso querido, fique despreocupado, sou mais forte do que o meu rostinho angelical aparenta.

— Não gosto do rumo que a situação está tomando. Em muito fugiu do controle dela e muito mais do nosso.

— Por que diz que fugiu do controle dela quando Naele acredita ter atingido o seu objetivo.

Seu olhar é intenso e parece ler que tenho esperanças de ter sido muito mais para Naele do que aparento ter sido.

— Então vamos, está tarde, daqui a pouco ela vai embora e aí sim vai ser tudo em vão.

(...)

Na chegada vejo como o ginásio está lotado. É a primeira vez que piso aqui e confesso que não tinha noção da grandiosidade desta festa, sinceramente a via como uma extensão do que foi o amigo oculto com a turma, ledor engano.

Na minha mente tem um grilinho chato pra cacete alertando que isso vai dar merda.

Peço informação ao recepcionista de onde fica a mesa do curso C4. No caminho vejo e sinto os olhos de cobiça e admiração sendo apontados pra nós.

Noto como Laura gosta dessa atenção. Parece as entrevistadas da revista dela retribuindo a atenção dos fãs.

Ela não parecia ser assim quando a conheci, mesmo sem ser tímida era discreta e sofisticada.

Chego próximo do local que me indicaram e já avisto Naele. E puta que pariu se o meu sangue não ferve com o que vejo. Vai tomar no rabo miserável loiro.

Não acredito no que estou enxergando tão longe que posso tentar me conter, mas tão perto que não sei se consigo.

O imbecil do Maycon está numa posição do caralho enquanto Naele tem os saltos nele com Kelly Key cantando cachorrinho.

O traste só falta colocar a língua pra fora. Ah foda-se! Ele acaba de fazer exatamente isso.

Admiro o corpo e visual de Naele, parece uma versão aperfeiçoada da Laura. A minha esposa é linda, mas a prima a supera.

O estilo das duas é quase idêntico, como se já não fosse o suficiente ligá-las pela aparência. O vestido e o batom vermelhos, o cabelo solto e até as jóias, parece até que combinaram.

Mas por alguma razão os meus olhos são tentados a fixarem em Naele no lugar da minha esposa ao meu lado.

Fleches do dia que a tive no motel são lançados como raios em um dia de tempestade.

Sinto o meu pau manifestar a necessidade de ter novamente aquela bocetinha ruiva, preciso me afundar naquele corpo, ou vou acabar enlouquecendo.

Percorro o seu corpo com desejo. O visual é perfeito, a não ser pelo braço do Maycon em volta da sua cintura neste momento.

Porra! A vontade que me dá é de socar a cara de proprietário que ele tem pra cima dela, como se ela fosse dele. O caralho que é. Nem fodendo meu camarada.

O cuzão segue para o C4 caminhando com o corpo dela colado ao seu. A porra do pau dele colado na bunda dela.

Sinto o meu corpo formigar e parece que virei o “Tocha

Humana” do Quarteto Fantástico. Estou literalmente em chamas. Eu disse que vir aqui ia dar merda.

Ela está com o pela saco, não signifiquei nada além de vingança, ela me usou e descartou.

Vontade de ir lá e quebrar a cara dele. Tomá-la nos braços e fazê-la minha de novo. Mas ainda não, vou mostrar que também entendo desse jogo de vingança.

Pelo olhar de reprovação da Laura e o medo no rosto dos alunos próximos imagino o tamanho da minha carranca.

Disfarço dando a turma um bom motivo para o meu atraso, que é uma puta de uma mentira, mal toquei em Laura que dirá foder. Aproveito para alfinetar Naele no processo, mas ela tem o cachorrinho como escudo.

O tempo todo meus olhos estão nela, vejo o seu constrangimento aumentar a cada palavra minha, está ficando sem graça.

Acho que alcancei o meu objetivo quando o Zé Ruela a coloca no colo e os dedos deles se entrelaçam.

Olho tão fixo para o elo formado entre os dedos deles que a vejo desfazê-lo, mas ele traz as suas mãos de volta e as têm sobre as dele. Ah caralho, vou matar esse desgraçado.

Com o álcool que está rolando me pergunto se já notaram a treta rolando. O merdinha do Maycon está olhando feio pra mim, só me dá mais vontade de limpar o chão com a cara dele.

Os abusados ainda se beijam na minha cara, pegadinha fraca desse cara, até dormindo faço melhor.

Naele deve estar desesperada pra ficar com ele. Até o meu beijo pra lá de falso com a Laura na nossa chegada merece mais o troféu “não enganou ninguém” do que o blefe que é o beijo deles.

Um grupo de alunos vem perguntar a minha opinião sobre uma nova confraternização no recesso do carnaval que ocorrerá em Porto de Galinhas.

— Professor, todo ano nós vamos pra lá, junta uma turma boa, inclusive com quem não está mais no curso. Vai ser muito massa se o senhor for.

Maurício, um cara grandão e moreno de olhos verdes convida.

— Vocês alugam uma pousada?

- Não, a casa de uma senhora da região.
- Uma casa pra tanta gente?
- Um antigo casarão, com muitos quartos, um piscinão do caralho.
- Sai quanto pra cada?
- R\$600,00 por cabeça com o abadá incluso.

Laura aproveita a minha distração para ir atrás da prima e arrancar mais prazer com o desconforto da outra. Ainda acho que ela não deveria alimentar essa rixa entre elas.

- Rola levar a minha esposa?
- Bom... é o mesmo que levar carne pra churrasco de estudantes numa república, com todo respeito que a sua esposa merece. O senhor vai ter problemas com a cobiça dos caras, mas se sabe lidar com isso, beleza, tem muitos caras que levam as suas mulheres e as garotas os rolos delas, mas esposa é para os fortes.
- Entendo. Vai algum professor?
- Sempre. O do C3 e o do C7, são assíduos. Pensando aqui, o do C8 levou a esposa ano passado e a professora do C1 o noivo.
- Confesso que não conheço, mas gostei da ideia. Vocês pegam o avião juntos?
- Alguns, vai de cada um.

Olho de novo pro canto onde estão agora Laura, Naele no colo do bastardo do Maycon e a amiga loira dela. Ou a loira é muito amiga da Naele e está tomando as suas dores pra si ou Laura também tem algum esqueleto no armário dela.

- O Hiago conhece essa senhora do casarão com vários quartos, que dá pra ratear entre os que toparem ir. Não me oponho, mas acho que deveríamos focar nos estudos, porque há pouco tempo até o concurso.

Patrick, um loiro alto e tatuado tenta dar um de bom aluno pro meu lado. Vai vendo, eu mereço. A maior pinta de bady boy e quer sair de nerd pra zoar com a minha cara.

- Caralho Patrick, deixa de ser uma pinta na “Galinha Pintadinha”, canta de galo porra.

Ok, acho que entendi, mas não gostei da insinuação, cada qual tem a opção sexual que proporciona o seu prazer e fixa o seu direito como cidadão. Depois dessa esse papo já não me agrada tanto como antes, tenho ranço de homofóbicos. Fico na dúvida se sigo com o papo ou vou até eles.

Naele busca abrigo nos braços do seu novo macho, que ao invés de tirá-la de lá, ou silenciar Laura, fica plantado feito um dois de paus.

— Pra onde pensa em ir no carnaval professor?

Fala uma loirinha baixinha que agora esqueci o nome.

— Costumo passar em Angra.

— Uau! Fica em alguma mansão professor?

Exclama a morena gordinha.

— Tenho uma lancha.

— Caralho! Abusou na humilhação professor.

Gargalho com o comentário do loiro com pinta de surfista. Wandi, esse é o nome dele. Preciso memorizar o cacete dos nomes todos.

— De que tipo?

Pergunta o Marcelo.

— Uma Focker de trinta pés, é um apê flutuante com banheiro, duas cabines com armários, cozinha, churrasqueira no deck, levo a minha moto Ducan e um jet ski sem problemas pra curtir ao máximo.

Observo que finalmente o traste do Maycon se manifesta, pois o seu olhar é puro ácido pro lado da minha mulher.

Que ele não se atreva a encostar em Laura, pois se o fizer não respondo por mim. Vai ter que baixar polícia e o escambau pra me segurar.

Vejo o momento exato em que Naele enfim para de se encolher e com raiva nos olhos levanta e ergue a mão para socar a cara de Laura, que começa a recuar com uma expressão de susto.

Por algum motivo Naele recolhe a mão e olha pra baixo, não entendo de imediato, acho que ninguém ao redor faz ideia do motivo que a fez parar, até que no próximo instante seu pé está pisando no vestido longo de Laura que arrastava no chão, fazendo com que ela perca o equilíbrio e caia de costas, no processo o vestido escorrega para a barriga revelando os seus seios.

Putá que pariu! Mulher teimosa do caralho, olha o que eu quis evitar.

— Merda, se eu ver algum vídeo na internet ou

circulando pelos corredores do curso, vou atrás de quem quer que seja e garanto que faço de sua vida um inferno, de um jeito ou de outro.

Grito para os babacas que riem ou babam pela minha mulher semi nua e corro pra onde ela está estatelada no chão.

— Sabe que olhando bem agora Laura não sei mesmo o que me interessava em você.

A amiga de Naele diz com a mão na boca. A minha testa forma um V ao questionar o que acabo de ouvir.

Laura teve algo com a colega de Naele? Nada contra, mas ela nunca comentou nada do tipo, mesmo quando éramos só amigos.

A minha mente pervertida me leva pra um lugar que preciso voltar de imediato.

— Lucca...

Naele fala com um sorrisinho disfarçado de reprovação pelo que a amiga disse.

— Ela fez de propósito, todo mundo viu.

Laura cospe mal conseguindo cobrir os seios.

— Eu? Por que eu faia isso?

Naele coloca a mão na altura do peito e faz cara de paisagem.

Chego ao seu lado como um touro empurrando todos pelo caminho e agacho ajudando a se cobrir com a minha camisa que desabotoei correndo e tirei do meu corpo.

Ouçõ suspiros e gemidinhos ao redor. Não tem como e sorrio torto para as taradas de prontidão.

Todavia logo volto a realidade. É quando vejo o pior acontecer. Naquilo que Laura levanta o vestido escorrega aos seus pés revelando a sua calcinha e sandálias.

Ela se desespera tentando se cobrir dos olhares interessados e outros invejosos. Encaro ferozmente os idiotas de plantão.

— Bom... depois dessa, acho que é a minha deixa pra ir embora.

Naele diz.

— Vou com você.

Maycon manda, fingindo não olhar para o corpo de Laura que já subiu o vestido e está com o rosto escondido no meu peito.

— Você não vale nada garota, o que fez aqui não tem perdão.

Rosno para Naele.

— E quem disse que eu estou atrás do seu perdão.

Aí caralho. Essa fodeu com a minha sanidade e com o meu coração. Sei que o que disse foi também projetado para o quanto me usou para atingir Laura.

— Laura, te vejo na festa de ano novo!

Com uma piscadinha e de mãos dadas com o Maycon, seguidos pela amiga, a filha da puta sai rebolando pelo ginásio.

A tal da Lucca, volta depois de andarem alguns passos e a Naele a observa com a sobrancelha erguida.

— Eu já te disse que também vou esse ano?

Completa Lucca toda sorridente.

Tudo que vejo é como Laura tem uma expressão sinistra quando ergue o rosto pra mim.

É um recado mudo do que as aguarda e um apelo para que eu não me meta ou vai passar por cima de mim também.

Enquanto o seu corpo treme nos meus braços, o ódio que emana dela é tão agressivo que chega a me dar medo por Naele.

Agora mais do que nunca eu sei que essa vingança acaba de ganhar um novo palco, com novos personagens e um desfecho que teimo que dê em morte.

Naele

09

É noite de Natal. A minha mãe me ligou muito chateada por não passar em casa mais um ano, só melhorando de humor quando informei que iria com Lucca para o Ano Novo na casa de meus avós, mesmo odiando a ideia e sabendo que tudo não passa de uma armadilha da Laura.

Ela sempre assistiu muita série e as alucinações entre o real e o fictício estão de certo vagando em sua mente doentia.

Depois da festa de confraternização do curso, estou ciente que ela mais do que nunca virá com tudo que tem atrás de vingança.

Pelo que parece essa merda nunca vai acabar até que estejamos desgastadas demais para reiniciarmos nossas vidas de forma sã.

Dia 24 de Dezembro de 2018. Estou novamente aqui na casa dos pais da Lucca, que esnobam do tradicional natalino com tantos enfeites contemporâneos que em nada parecem ter relação com o Natal que conheci ainda criança.

A casa é imensa, três andares de sofisticada arquitetura e design. Mas não parece um lar, talvez porque não seja, o casamento dos pais de Lucca é um negócio arranjado, então nunca houve amor entre eles, nem com o passar dos anos, muito pelo contrário, o casal se odeia, contudo tenta disfarçar com ostentação e comprando os filhos com o que o dinheiro pode proporcionar.

Este ano tudo parece mais seco e vazio. Não sei dizer ao certo porque, mas é o que vejo. Quem sabe porque o irmão de Lucca não compareceu e com ele estão ausentes as brincadeiras que constrangiam os seus pais, todavia trazia alguma vida a esta festa.

Não posso culpá-lo por não querer trazer a namorada pobre ao covil dos lobos. Só imagino como a garota seria humilhada por seus pais.

Lucca bebe muito, está visivelmente alcoolizada. Já tentei fazê-la parar, mas não consigo segurar a fera quando se solta.

Ela não queria estar aqui, muitos não entendem o porque, eu no entanto sim. Estar em um lugar junto a pessoas que não te aceitam e querem irremediavelmente mudar quem você se tornou é horrível.

A opção sexual dela é destroçada em cacos de nojo e desrespeito, como se fosse uma doença transmissível.

Odeio como todos a olham. É um Natal camuflado de declínio dos valores familiares.

E não estou falando da Lucca ser lésbica. Simplesmente porque entendo valor familiar como amor maior, aquele que respeita as diferenças e abraça o indivíduo no seu todo.

É meia noite, enfim tudo vai ser página virada em algumas horas e vamos poder voltar para o nosso canto, afinal esse é o propósito da vida. Sempre existir um amanhã, mesmo que até isso um dia venha acabar.

(...)

Os dias passaram como se eu estivesse embarcada no rabo de um foguete. Estou em casa sozinha sentada no chão encostada na cama assistindo um programa de final de ano nacional onde Mar Aberto canta “De Presente Pra Você” com um pote grande de pipoca e uma coca ao meu lado.

Voltei da casa de Lucca hoje pela manhã, mas ela não conseguiu vir. A mãe a laçou em um compromisso familiar de Natal.

Reviro os olhos para a cara de pau daquela mulher, mas sei que no fundo a minha melhor amiga a ama, afinal é a sua mãe, tenho certeza que Lucca ainda nutre a esperança de ser aceita por sua família.

Mamãe voltou a ligar me chamando pra ir pra casa, mas não quero. Já é noite e daqui a pouco é outro dia, e todos só pensarão no Ano Novo.

Fico pensando em como está sendo o Natal de Kyler. O que ele deu de presente a Laura e ganhou dela. E no quanto o relacionamento deles é forte a ponto de sobreviver a uma traição, enquanto o meu com Josme foi tão frágil.

É deprimente passar mais um ano pensando no Josme. Talvez a Lucca tenha razão quando diz que eu me refugio no passado com medo de enfrentar o presente e ter que viver uma possível nova decepção amorosa.

Fecho os olhos e encosto a cabeça pra trás no fofo do travesseiro apoiado na cama quando o interfone toca. Arqueio a sobrancelha em confusão.

Quem será?

Lucca me ligou ainda a pouco e Nuli logo que cheguei em casa. São 23:34 de uma noite de Natal segundo o relógio em meu pulso.

Quem viria aqui?

Maycon me presenteou com um lindo cordão que tem um

coração vermelho como pingente, bem sugestivo por sinal, que agora reside no meu pescoço.

Isso foi quando levou Lucca e eu na rodoviária quando fomos para casa da família dela. Ele até me convidou para passar o Natal com os pais dele em São João da Barra, mas desistiu quando falei que já tinha planos.

Merda!

Deve ser engano e eu não vou levantar à toa. Novamente fecho os olhos e tento relaxar ao som da música na TV, mas a merda do interfone grita como um louco.

Merda! Merda! Merda!

Coloco mais uma pipoca na boca e levanto para atender o interfone.

— Pronto.

— Boa noite Naele, entrega de flores pra você.

— Pra mim?

— Sim, o entregador está aqui, posso deixar subir?

Dou de ombros um tanto surpresa.

— Pode.

— Ok.

Quando a campainha toca olho para a minha roupa, uma blusa grande que foi do Josme com estampa do Dare Devil.

Ótimo.

Foda-se.

Quando abro a porta quase caio pra trás com quem vejo segurando um buquê de bombons natalinos, uma sacola grande de papelão e vinho.

O homem lindo me olha de cima a baixo fazendo uma careta para a blusa que uso.

— O quê... o quê você faz aqui?

— Feliz Natal pra você também.

Ele me dá um beijo leve nos lábios, entrega o buquê e vai até a pequena mesa onde deixa a sacola e o vinho, depois segue para a cama onde senta já tirando os tênis e as meias.

— De quem é essa blusa?

Não respondo.

Estou em êxtase, mas muito mais confusa. Pra falar a verdade estou sem reação. Tenho vontade de socar a cara dele, mas também quero aproveitar o momento e me jogar em seus braços.

— Como sabia que eu estava em casa?

— Tenho as minhas fontes.

Ele fala tirando a camisa careca branca.

— Quer parar de tirar a roupa.

— Não.

Ele me olha com muito tesão, analisa o meu corpo fazendo outra careta pra blusa e tão de repente tira a calça jeans ficando só de cueca boxer preta.

O meu corpo manifesta o desejo pelo dele. Os músculos trabalhados do seu abdômen e as coxas grossas deixam a minha boceta como as luzes natalinas da pequena árvore de natal no canto do cômodo, piscando sem parar.

— O quê está fazendo?

— Ficando à vontade.

— Pra quê?

— Adivinha.

— Você tem que ir embora.

— Não.

Ele olha para o meu pote de pipoca e a coca no chão.

— Essa é a sua ceia?

— Hoje é dia 25.

— E?

— E nada.

— Trouxe a nossa ceia.

Aponta para sacola e o, vinho na mesinha.

— Eu já tive a ceia na casa da Lucca.

— Eu sei.

— Sabe?

— Claro que sei.

Deita na cama com os braços por trás da cabeça. Puta merda, que pose do caralho, estou salivando.

— Como?

— Ela me disse quando liguei pra ela hoje pela manhã.

— Você ligou para a minha melhor amiga?

Fecho os olhos já pensando em todas as formas de acabar com a raça da Lucca por não ter me contado nada quando nos falamos pelo telefone.

— Ela é minha aluna.

Diz como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Ah sempre liga para as suas alunas?

Um ciúme infantil me toma.

— Quando tenho o número e preciso encontrar a mulher que amo sim.

Gelo. O meu coração bombeia a mil no peito. O ar vai dar um passeio lá fora e retorna lembrando que quase me levou ao óbito.

— O quê disse?

— O que você ouviu. Efeitos colaterais do seu plano de vingança contra Laura. Eu me apaixonei por você Naele. Agora fodeu tudo porque não consigo ficar sem você.

— Como tem o número da Lucca?

— Sério que de tudo que falei o que assimilou foi a curiosidade de saber sobre isso?

— Kyler...

— Eu tenho o contato de meus novos alunos dado pela administração do curso logo que aceitei a turma, e já respondendo a sua pergunta anterior, não, eu não ligo para as minhas alunas, até porque nunca as tive antes. Esqueceu que é a minha primeira turma?

— Cadê a sua esposa?

— Junto da família, que aliás é a sua também.

— Por que não está com ela? Não é o certo o marido está com a esposa no Natal. Que desculpa usou pra estar aqui?

— Sim, é o certo quando o coração diz ser o seu lugar. Não estou com ela porque não é ela que eu amo. E não

dei desculpa alguma, ela sabe que vim atrás de você.
Arregalo os olhos e ele ri disso. Desgraçado.

— Ela sabe?

— Sabe.

— Mas...

— Isso não é um problema seu, mas entre Laura e eu. A nossa questão aqui é outra.

— Porque está aqui?

— Porque é você que eu amo.

Deus!

Eu não confio em mim se eu ouvir ele dizer que me ama mais uma vez. Não respondo pelos meus atos, vou devorar esse homem.

— Não pareceu quando a acompanhou na festa de confraternização. Não pareceu quando ficou lá com ela e não veio pra casa comigo.

— Você também estava acompanhada do seu namoradinho. Fiquei com ela porque era a minha obrigação depois do que você fez. Ela é minha esposa, é meu dever estar ao seu lado, principalmente naquela merda de situação.

— Ele não é meu namoradinho. E bem feito pra ela. Não teria feito o que fiz com ela se permanecesse ao seu lado e não fosse me provocar.

— Não tenho argumentos quanto a isso Naele, mas você já foi muito longe com a sua vingança. Acabou. Estou aqui e sabemos que você venceu no final.

— Você pertence a ela, não venci. Tem uma certidão de casamento que prova isso.

— Vocês mulheres e a droga do significado de uma certidão de casamento.

— Não vou ser a sua amante Kyler.

— Nunca propus isso.

— Se é dela, sou uma amante pra você.

— Laura e eu estamos juntos, mas somente no papel.

— O quê isso quer dizer?

Ele leva as mãos ao cabelo.

— Naele...

— Pediu o divórcio pra ficar comigo?

— Cadê o idiota que te colocou no colo e beijou? O seu namoradinho do caralho.

Ele desconversa. Sou uma idiota por cogitar isso, que separaria dela por mim.

— Com a família dele, eu não quis ir com ele para casa de seus pais em São João da Barra, ainda é muito cedo.

Provoco.

Ele rosna.

— Cedo pra quê?

— Para assumirmos qualquer coisa, acabo de conhecê-lo.

— Se não estão namorando, anda beijando qualquer cara?

Os seus dedos estão brancos contra o celular que segura. O treco toca, mas ele nega a chamada.

— Não vai atender?

— Não.

— É ela?

— É.

— Então?

— Continue com o que estava falando Naele.

Suas narinas estão dilatadas.

— Ele não é qualquer cara, temos algo legal.

Em um salto ele sai da cama e vem até mim que estou ainda junto a porta de entrada, completamente perdida na loucura que está se desenrolando bem a minha frente.

(...)

— Estão ficando? Já treparam?

Seu maxilar está enrijecido e os seus olhos estão em brasa. O sorrisinho bobo se foi quando insinuei ter algo com o Maycon.

— Não é da sua conta.

Cada palavra minha o traz para mais perto, o que não é nada difícil dado o tamanho do lugar.

— É da minha conta quando um bastardo toca na minha mulher.

O quê?

Maycon e Laura?

Eu vi como a filha da puta o olhava na confraternização. O desejo pelo meu par estava evidente. Primeiro porque Maycon é uma delícia e segundo por estar comigo. Virou caça aos seus olhos para me afrontar.

— Ele tocou na Laura?

— Laura é minha esposa, não minha mulher. Ele tocou em você, que é minha mulher.

— Eu?

— Você. Sabe como foi difícil ver aquele cuzão tocando em você?

— Desde quando sou sua mulher?

Seu corpo cerca o meu contra a porta, cada mão de um lado do meu rosto, as nossas bocas estão muito perto, sinto o seu hálito de hortelã.

— Desde que a fiz minha naquele motel.

Uma de suas mãos desce no meu seio sem sutiã. Sua mão cobre o seio por inteiro. A outra vai até o elástico da minha calcinha e aos poucos entra na peça íntima, os dedos longos alcançam o meu clítoris em um beliscão de punição. Após dá um tapa nos grandes lábios da minha boceta levando os dedos a boca.

— Porra de mulher gostosa, que saudade do seu gosto.

Segue a procura da barra da minha blusa.

— Sabe muito bem porque fui com você para aquele motel.

Falo ofegante.

— Por vingança?

— Isso.

— Mentirosa.

— Como?

— Usou a vingança contra Laura de desculpa para

trepar comigo, mas não era no passado que pensava quando gemia com o meu pau enterrado na sua boceta.

— Não quero falar disso.

— Muito conveniente. Vamos falar disso depois. Agora vou te comer.

— Kyler... o quê quer de mim?

— Tudo. Aliás que blusa é essa? Não sabia que era fã do Dare Devil?

Pergunta mirando a minha blusa.

— Não sou. Nem sei quem é.

— De quem é essa merda então?

— Foi do Josme.

As suas mãos param no ar e ele larga a barra da blusa para ir até o colarinho e em lance bruto rasga a peça em duas.

— Quê merda você fez? Eu amava essa blusa.

— Eu trago uma minha pra você. Tenho várias desse tipo, inclusive desse personagem. Não a quero nunca mais usando nada que pertença a outro homem.

— Quem você pensa que é?

— Não penso. Sou. Sou o seu homem.

— Você só pode estar de brincadeira.

Sua cabeça abaixa e a língua roda molhada em torno do meu seio até que os dentes cravam no bico pouco antes de chupá-lo com força.

— Kyler...

Logo faz o mesmo com o outro seio, enquanto dedos ágeis rasgam a minha calcinha.

Seus olhos vão ao cordão no meu pescoço.

— Ah não, nem vem, acabei de ganhar e é lindo.

Ele fecha os olhos e respira fundo.

— Um cordão com um pingente de coração? Foi ele não foi? Foi o Maycon que te deu?

— Foi.

Empino o queixo em desafio.

— Sabe o que vai acontecer com esse cordão?

— Não vou deixar que o rebente?

— Tente me impedir.

Não consigo evitar que a sua mão tire o cordão do meu pescoço e o arremesse pra longe.

— Minha mulher usa as joias que eu dou. Vou comprar algo que me represente. Algo muito mais valioso que a bosta desse cordão.

— Não foi o valor que fez dele algo importante pra mim, foi o gesto de ter se lembrado de mim e principalmente por ter sido Maycon que me deu.

Cuspo com raiva do seu atrevimento.

Tomo um susto quando sou erguida, jogada no seu ombro e depois colocada na cama com o seu corpo pesado sobre o meu.

— Você quer ser dele? Quer pertencer ao loiro do cão? Tem certeza que quer abrir mão do seu homem por ele?

Num movimento rápido movimenta o quadril contra o meu. O pau esfrega na minha boceta. A cabeça cutuca quase entrando.

— Ele é bom pra mim.

— E eu sou o quê pra você?

O seu pau avança na minha entrada, a cabeça já entrando.

— Um objeto de vingança.

Digo baixinho, com a cabeça pra trás.

Que delícia!

Sua mão na minha nuca traz a minha cabeça pra frente e me obriga a olhá-lo fixamente.

— Para de mentir pra mim ou pra você mesma.

Fecho os olhos.

Seus dedos apertam o laço nos fios da minha nuca.

— Olhe pra mim quando estou dentro de você.

Seu pau entra mais na minha boceta.

— A camisinha.

— O quê tem?

— Você tem que colocar a camisinha, não uso pílula.

Seu sorriso cai de lado.

Ele impulsiona o quadril com tudo e o pau entra todo na minha boceta. Chego a perder a consciência por alguns segundos.

— Está tão perdida assim em mim que não me viu colocando a camisinha?

Olho para baixo, na união dos nossos corpos, e constato que ele realmente já tinha colocado a camisinha e eu não percebi.

— Eu não...

— Shiiiiii.

Inicia um vai e vem. Entra bruto e sai devagarinho. Entra devagarinho e sai bruto.

— Fique quietinha que eu preciso te foder agora. Feliz Natal amor.

(...)

O sítio onde os meus avós moram fica no interior do Rio, em Nova Friburgo. É um lugar que muitos chamariam de roça, mas não é, porque fica entre a vida no campo e a agitação urbana.

Meus avós têm uma história de amor linda. A minha avó havia sido prometida ao primo quando deu informação ao jovem perdido em plena metrópole vindo do interior de Minas Gerais para estudar administração enquanto residia na casa dos tios.

Foi amor a primeira vista. E como meu bisavô não aceitou o romance, eles fugiram para Nova Friburgo, onde meu avô gastou toda a economia dos pais construindo essa casa para viverem, e de onde nunca saíram.

Estou no grande espaço onde ocorrerá a confraternização de Ano Novo, sentada perto da árvore que perdi a virgindade e posteriormente a mesma que recebi a aliança prata de compromisso, que usei até ser traída pelo homem que jurei casar exatamente neste lugar.

Avisto as nossas iniciais cravadas no tronco. Toco com as pontas dos dedos e parece queimar a pele. Tento ignorar as lembranças, mas está muito difícil.

Fecho os olhos me concentrando no lugar e nas pessoas de agora e não no passado.

O ar daqui é uma mistura de gélido e escaldante. Em momentos assopra fresco no seu rosto para logo depois te golpear com calor. Isso é algo desse sítio, não percebo esse clima por outro canto dessa cidade.

Observo ao redor as mesas decoradas com toalhas brancas

e arranjos amarelos, nas árvores lanternas pequeninas dão um ar romântico ao lugar. E como não poderia ser diferente tem a fogueira e as bandeirinhas brancas que se estendem entre os galhos.

O cheiro é maravilhoso pela mistura de várias árvores com frutos que o meu avô cultivava e de várias espécies de flores que a minha avó planta. A química entre eles é perfeita. São anos de um casamento feliz.

Voltar aqui é como me conectar a velha Naele que acreditava em tudo e todos.

Lembro quando criança de meus primos e eu correndo por esse extenso terreno, principalmente Laura e eu que não nos separávamos.

Sorrio ao ver que o Bot ainda sobrevive ao caos que é conviver com as exigências do meu avô. O cão, é filho de Lady, uma cadela cega que apareceu manca no sítio e foi acolhida pelos meus avós para 1 mês depois embuchar do Sibal, o cão ainda novinho deles.

O meu avô costumava dizer que a velha Lady Quenga seduziu o jovem cão com a sua experiência em sacanagem animal.

Bot vem até mim lambendo a minha cara. Ele tem um pelo marrom grosso com algumas manchas cinzas e pretas. É feio como a Lady, mas charmoso como o Sibal, ambos falecidos.

Carinho a sua barriga quando este levanta e coloca a cabeça no meu colo, logo vejo o motivo, uma cadela de pelo amarelo e branco surge, deve ser da vizinha.

Ela abana o rabo pro lado dele e late. Ele faz o mesmo e caminha na direção dela. De repente ele para e fica só olhando pra ela e ela pra ele.

— Hum. Senti os nervos de alguém em frangalhos rapaz, dá até pra ouvir o coração. Ela é bonita, não sei se é uma cadela de família, mas você tem bom gosto.

Em seguida surge outro cão todo preto correndo e a cadela vai atrás.

— Hã?! Mas que cadela miserável. Tá vendo companheiro, não tem como confiar, ainda pouco ela te olhava, parecia te chamar com aqueles olhinhos claros e agora correu para os braços de outro.

— Conselheira canina? Isso é sério?

Sorrio para o homem gostoso que vem até mim. Já havia

combinado com Maycon dele vir pra cá antes de Kyler ir me procurar no Ano Novo e agora estou sem saber como tratá-lo.

— Ela é uma cadela no cio. Fala a língua deles.

— Lucca!!!

Reclamo com a minha amiga vindo de short curtíssimo e uma blusinha de dentro da casa com Maycon. Ele ao seu lado vestindo jeans e camisa careca preta.

Ele dá uma corridinha e me ergue do chão, rodopiando comigo no ar.

— Saudades linda!

— Eu também.

Então de súbito ele me beija na boca. Recebo o beijo mais pelo susto do que por qualquer outra coisa. Quando olho para Lucca ela ergue a sobrancelha. contei tudo a ela sobre a visita do Kyler e a peste está se divertindo com a minha saia justa.

— Os seus pais não ficaram aborrecidos de você não passar Ano Novo com eles?

— Não, eles ficaram chateados por eu ter deixado a minha namorada sozinha no Natal.

— Namorada?

— Quer que eu faça um pedido oficial para os seus pais? Aliás adorei eles. Eles convidaram os meus pais para virem, mas hoje já é dia 29. Fica complicado, ano que vem vamos juntar a família amor.

Amor?

Oi?

Eu olhava para Lucca e para ele esperando a hora em que iriam dizer que era uma pegadinha, mas tudo que vi e ouvi foi Lucca e agora Nuli, que chegou aqui fora sem eu nem ver, rindo com a mão na frente do corpo como se estivesse prestes a fazer xixi nas calças e a japa desgraçada não fica pra trás com a mão na boca e fazendo uma dancinha louca.

Olho pra cada uma pedindo por ajuda... nada... mas que droga. O quê faço com mais essa?

— Meninos venham jantar.

A minha avó grita e Maycon me dá as mãos. Olho pra trás e Lucca está de mãos dadas com Nuli nos imitando. A ouço dizer baixinho.

— Tá fodida amiga.

Mas o quê deu nesses homens? Primeiro Kyler se declarando e me chamando de amor. Agora Maycon se denominando o meu namorado e também me chamando de amor.

Quando lembro da discussão que Kyler e eu tivemos no Natal...

Ele queria que eu dissesse que o amava como ele me disse, mas não sou assim. Levo um tempão para me declarar.

E a situação entre nós está no mínimo mal resolvida. Preciso de estabilidade para dar o passo seguinte. Eu o amo, mas não sinto que estamos juntos.

Também achei muito esquisito Laura saber que o seu marido veio passar o Natal comigo, mas ele não quis falar disso de jeito nenhum.

Depois foi a vez dele ficar puto por saber que Maycon estaria aqui e por último eu por não aceitar que ele viesse com Laura.

Terminamos brigados na manhã depois do Natal. Ele não me ligou e eu não liguei para ele. Só de pensar que amanhã pela manhã ele chega com ela, o meu sangue ferve.

A justificativa dele é sempre a mesma. Que são casados e que é a obrigação dele estar ao lado dela.

E sugestivamente lançou a possibilidade de desviarmos a atenção de todo mundo para nos encontrarmos mato a fora pela propriedade.

Quem ele pensa que sou?

Sei que a nossa história começou comigo indo fácil pra cama com ele, mas não sou nenhuma puta pra ficar pelo mato com um homem casado.

Fui pro motel com ele, mas tinha um objetivo pra isso. Agora de minha parte isso ficou pra trás. Só volto a trepar com ele se divorciar da Laura.

Se isso não acontecer, cada um segue o seu percurso. E eles podem ser felizes juntos. A não ser que a Laura me venha com artilharia pesada. Se vier tudo recomeça.

A verdade está estampada em neon bem na minha frente. Kyler não vai se separar de Laura, ele não disse o porque, mas deixou claro a impossibilidade disso acontecer.

Tudo que me disse é que me ama, mas que não pode

abandoná-la agora. Todavia não consegue deixar o que sente por mim em uma caixa fechada e viver a vida com ela como se nós não tivéssemos acontecido. Assim como ter que me ver seguir com outro homem a vida que queria pra nós.

Ou seja, ele quer nós duas. Ela como esposa e eu como amante. E essa merda não vai rolar.

Quando falei que ele tinha que escolher uma de nós, saiu batendo a porta e não tive mais notícias dele.

Da varanda já escuto Ano Novo (Daniela Mercury). Todos cantam e aposto que alguns dançam.

— Sua família é muito animada, já tem música temática, fogueira e tudo arrumado na véspera da véspera do Ano Novo.

Maycon sussurra no meu ouvido.

— Você ainda não viu nada, prepare-se.

Ao entrarmos somos recebidos por uma mesa farta e a minha avó fascinada pelo Maycon, tal como todas as mulheres da casa.

— Seu namorado é maravilhoso Naele.

Eu já ia abrir a boca pra dizer que Maycon não é meu namorado, quando toquei no cordão que ele me deu e Kyler arrancou do meu pescoço no Natal, mas mandei concertar. Lembrei do Kyler e da Laura e as palavras saíram livres da minha boca.

— É sim vó.

(...)

Amanheceu enquanto eu olhava o céu pela antiga janela de madeira azul. Respirei um ar pesado com o coração desolado em meu peito. Ali olhando as aves voarem próximas ao chão verde sentia uma agonia tendenciosa a enlouquecer-me.

Foi uma noite inteira em claro, ansiedade emaranhada com saudade, ciúme com amor, incertezas com excitação.

Antes de dormir tive uma conversa séria com o Maycon, ninguém além dele me entenderia naquele momento visto que um dia sofreu pela traição da sua ex.

Todavia estávamos tão próximos nessa situação quanto longe uma vez que ele não havia traçado um maldito plano de vingança contra quem o traiu, mas sim tinha dado a volta honrosamente por cima, vivendo e seguindo em frente, enquanto eu encontrava-me perdida na minha própria

arapuca por ter me apaixonado por Kyler e ouvido dele na noite de Natal que não iria pedir o divórcio por mais que me amasse.

Ele seria dela, mesmo o coração sendo meu. O que sobrou pra mim era o prazer da carne em momentos em que fosse possível ao passo que não estivesse com ela.

O seu amor era meu e o seu corpo poderia ser, mas em período contabilizado pra acabar, como ocorre pelo mundo a fora com tantas outras amantes de homens casados.

Mas eu não quero isso pra mim. Cheguei muito perto da beira do abismo por um sentimento de vingança, mas sou mais do que Kyler vê.

Assim quando Maycon seriamente me pediu em namoro eu aceitei, mas não antes de contar tudo pra ele, absolutamente tudo. Da minha criação ao lado da Laura, ao Josme e ao meu envolvimento com o nosso professor. Não deixei fora os meus sentimentos.

Espantosamente Maycon entendeu e aceitou todos os meus termos para um vivermos algo sério, que em síntese o fazia entender que o meu coração estava frágil e o meu corpo poderia vir a trair o nosso recente relacionamento.

Ele me surpreendeu dizendo que pagaria o preço e arriscaria o seu coração lutando por nós. Disse que havia se apaixonado por mim desde o primeiro dia de aula e que queria levar muito a sério o nosso relacionamento.

Tanto que mais uma vez via-me com uma aliança de compromisso no dedo. Só que dessa vez não era prata e sim em bronze, igual a que ele mesmo tinha em seu dedo. Dentro estava escrito “Que Seja Eterno Enquanto Dure”.

(...)

A manhã passou gritantemente rápido por estarmos agilizando as coisas do Ano Novo. Kyler e Laura não conseguiram chegar pela manhã como planejado.

Segundo a minha tia, mãe de Laura, ela passou mal ontem à noite, mas já estava melhor e eles chegariam a qualquer momento.

Laura sempre passou mal em viagem, enjoa fácil desde criança, então não era nenhuma novidade pra nós.

Eles tentaram viajar durante a noite, mas voltaram pra casa e retomaram a viagem pela manhã.

Já passava das 14:00 quando ouvimos o barulho de pneus massacrando o cascalho do jardim.

Eu sabia que eles haviam chegado. Olhei para a minha blusa rosa clarinho e a minha saia jeans, balancei os pés em uma rasteirinha e senti-me nua.

A minha alma implorava que eu recuasse e procurasse o primeiro buraco vago e me escondesse lá.

Braços fortes cercaram a minha cintura e um corpo duro e quente encostou-se ao meu. A boca de hálito quente veio ao encontro da minha orelha quando disse. “Eu estou aqui com você, estamos juntos nessa amor, eu amo você”.

Os meus olhos se encheram de lágrimas e senti-me protegida e amparada como nunca havia ocorrido antes.

Maycon estava ali disposto a ser a minha fortaleza frente ao amor que eu sentia por outro homem. Se isso não é prova de amor, não sei o que mais é.

Virei o meu corpo em seus braços e pela primeira vez senti por ele mais do que atração. Fiquei na ponta dos pés e o beijei. Foi um beijo de reconhecimento de que estávamos progredindo em nosso relacionamento.

Enquanto me perdia em seu braços e lábios ouvimos um pigarro. Nos afastamos e demos de cara com os meus avós, tia e mãe sorridentes, Laura com uma expressão indecifrável e Kyler com adagas no olhos.

O semblante dele era tão pesado que fez com que eu me afastasse um pouco de Maycon, mas logo ele me trouxe de volta pra si, virando-me totalmente de frente enlaçando a minha cintura.

Os olhos de Kyler seguiram cada passo dele e seus traços ficavam cada vez mais ferozes e ameaçadores.

(...)

Enquanto os que chegaram se acomodavam guardando as suas coisas no quarto fomos para fora onde música, dança, bebida e conversa rolavam desde de ontem.

A casa dos meus avós sempre foi onde nos reuníamos. Família e amigos próximos, muitos deles vizinhos. Todos sempre comemorando algo ou simplesmente confraternizando.

Maycon havia me chamado pra dançar eu estava levemente cansada quando Kyler e Laura vieram para onde estávamos.

Segui o olhar nos seus dedos entrelaçados aos dela e ele nos meus juntos aos do Maycon. Também pude perceber a sua cara fechada quando me viu no colo do meu namorado.

— Que bom que conseguiram chegar com a luz do dia alta meus amores. A estrada é mais segura sem a treva da noite camuflando o caminho.

Disse a minha avó sempre carinhosa para Kyler e Laura.

— Verdade vovó, mas Kyler gosta de dirigir a noite, mas não deu dessa vez, já estava ficando preocupada, achei que o enjoo não iria dar uma trégua para partirmos pra cá.

— Você sempre passou mal em viagem netinha. Seguiu o meu conselho dessa vez? Comeu pouco e alimentos secos, sem gordura?

Observei eles sentarem a quatro pessoas de nós, mas de frente, na roda que tradicionalmente fazíamos.

Ela com um vestido largo verde e ele de bermuda azul marinho e blusa careca cinza do “Dare Devil”.

Reconheci o personagem que era da mesma estampa da blusa que eu usava no Natal e que foi do Josme e ele rasgou.

— Dessa vez não iria fazer diferença vovó.

— Por que? Não entendi. Não acredita mais nos ensinamentos da sua velha?

Laura ia dizer algo quando Kyler a interrompeu.

— Não sabia que estaria aqui Maycon.

— Vocês se conhecem?

Meu avô perguntou ao sentar-se ao lado da minha avó com uma certa dificuldade. O meu avô é um pouco mais alto do que a minha avó que é altíssima, mas ele é robusto e moreno. Os olhos de um verde espetacular.

— Maycon é meu aluno no curso.

Kyler falou olhando fixo para Maycon.

— Mas que coincidência que o namorado da Naele seja o seu aluno no curso, mundo pequeno o nosso.

Kyler olhou pra mim buscando claramente que eu dissesse que Maycon não era o meu namorado como muitas vezes fiz.

— Vovô eu conheci o Maycon no curso, também sou

aluna dele.

— Que coisa, hein?

O meu avô disse levando um galinho de planta nativa a boca.

— Pois é.

— A quanto tempo namoram?

A minha tia, mãe de Laura, perguntou. Assim como a minha avó e minha mãe ela é ruiva e tem olhos claros.

— Eles não são namorados, apenas ficantes.

Kyler disse sem pensar, fazendo uma careta quando se deu conta da gafe.

— Na verdade estamos namorando desde ontem à noite.

Maycon disse beijando as nossas alianças juntas.

O olhar negro de Kyler seguiu os lábios de Maycon por alguns segundos até encostarem na minha aliança, mas logo estavam cravados friamente nos meus olhos e de volta pra a minha aliança. Então foi ao dedo do Maycon observando a dele e voltou para os meus olhos.

No mesmo instante olhei para a aliança em sua mão, para a mão de Laura e para os seus olhos.

— É, estou vendo, com direito a um infantil símbolo de compromisso.

Kyler praticamente rosnou.

— Respeito a sua opinião professor Kyler, mas não tem nada de infantil em uma aliança de compromisso de namoro, ainda mais se ela significa apenas um passo para pular de uma mão para outra.

Vi Kyler embranquecer, o seu ar ficou visivelmente suspenso e pareceu estremecer.

— Uau! Então o negócio é sério mesmo, pretendem casar com menos de 24 horas de namoro?

Laura falou debochada.

— Pra quem casou em poucos meses depois que conheceu o marido, não deveria se surpreender tanto.

Cuspi.

— É diferente, Kyler e eu nos amamos.

— E quem disse que eu não amo a sua prima? Estou loucamente apaixonado por essa ruiva. Ruivas são perigosas, certo professor Kyler? Existe um feitiço em torno delas.

Todos riram, menos Kyler.

— Está me chamando de bruxa amor?

Os olhos de Kyler ficaram arregalados e incrédulos quando chamei Maycon de amor.

Maycon deu de ombros gargalhando.

— Se for bruxaria tô nem aí. Só sei que eu amo você.

Kyler mexeu inquieto no lugar, a mão no cabelo castanho escuro quase arrancando os fios, o olhar horrorizado com o que escutou.

— Ela já usou uma dessa no passado, se não me engano.

Jogou olhando pra mim.

— Sim, eu sei, por isso comprei uma pra nós.

Maycon me trouxe mais pra perto e beijou os meus lábios.

Kyler desviou o olhar, visivelmente incomodado.

— Como?

Minha prima Celeste perguntou. Ela é filha de uma prima de mamãe.

Maycon sorriu pra ela e a morena bonita ficou vermelha. Não posso culpá-la, o meu namorado é lindo.

— Antes ela usou com um moleque, agora usa com um homem, o futuro marido dela.

Quase engasguei com o copo de caldo de cana. Kyler ficou vermelho e sem dizer uma palavra levantou e saiu. Laura logo foi atrás dele. Ficou um clima ruim e chamei Maycon para ir tomar um banho comigo de cachoeira.

Procurei por Lucca e Nuli, mas não as achei então concluí o óbvio.

(...)

A cachoeira ficava a 15 minutos do sítio dos meus avós. Fomos a pé com uma turma. Meus primos Celeste, Diego, Afonso e Daiana.

Guilherme e Sebastian, namorado delas. E Nayara namorada de Diego.

Quando chegamos lá encontramos Lucca e Nuli conversando. Lucca com a cabeça no colo de Nuli.

O meu biquíni não é indecente, mas também não é careta. É de fundo branco com folhagens e flores como estampa. Ele tem tiras nas laterais da calcinha e transparência na parte de cima na altura dos seios. É bem sensual, gosto dele porque insinua sem mostrar tudo.

Vi quando tirei o meu vestido de verão que Maycon ficou babando em mim. Modesta à parte eu tenho um corpo tranquilo pra exhibir.

Ele usa uma sunga de fundo preto com listas em um azul claro e branco, e puta merda, tem um corpo delicioso.

Noto como as meninas não tiram os olhos dele e agarro na sua cintura em um ato possessivo e de ciúme.

Mergulho e o chamo, logo o tenho colado a mim e os seus lábios nos meus.

Ficamos assim, em casais, curtindo a natureza e os corpos uns dos outros, as mãos do Maycon circulando e apalpando o meu, o que me deu o direito de fazer o mesmo com o dele.

Circulo a sua cintura com as minhas pernas, o pau dele duro raspando na minha boceta. Seguro no seu cabelo loiro e trago a sua boca para próximo do meu seio.

De repente alguém salta muito perto de nós, quase em cima. Um pé acerta em cheio o rosto do Maycon. Praticamente um chute. Com o susto nos afastamos um pouco.

— Foi mal aí cara, calculei mal a distância.

Kyler pede desculpas pro Maycon sem tirar os olhos enfezados dos meus.

O desgraçado fez de propósito. Maldito ciúme e possessividade, sem poder ter, já que não somos nada um do outro.

O rosto de Maycon começa a inchar e ficar vermelho.

Quando saí da água está usando uma sunga branca, a tatuagem no seu braço tornando tudo mais sensual.

Ele é absurdamente lindo. Tudo nele. Os gominhos de dar água na boca, as coxas grossas, a bunda redondinha, o pau grande e grosso com veias salientes que eu tenho a imagem nítida na minha memória.

As gotas caindo no seu peitoral largo do cabelo cacheado

comprido na altura dos ombros.

Putá que pariu!

Maycon é lindo, mas Kyler é de outro mundo.

Os mesmos olhos que estavam em Maycon agora estão em Kyler, só que as meninas estão quase vésagas. De tal modo que não conseguem despistar e chega a dar briga entre os casais.

— Sem problemas camarada.

Maycon diz o encarando e me levando agarrada nele.

Procuro pro Laura, mas não a vejo. O tempo todo ouço os suspiros das meninas pelos dois. Os meus primos são passáveis, mas não chegam perto de nenhum dos forasteiros.

Maycon me leva para uma pedra mais distante e me encosta contra ela, não demora muito pra Kyler aparecer e nos chamar para jogar bobinho com o pessoal.

Sua cara está de dá medo.

— O professor Kyler tá pirando ao ver você quase sendo fodida em público pelo Maycon.

Nuli cochicha no meu ouvido.

Tento me defender, todavia contra isso não tenho argumentos. A meu favor tenho que o homem é bom de pegada.

O jogo é meio desigual dado a força e o tamanho dos caras. O time é misto, mas o negócio é bem competitivo.

Maycon afasta dizendo que vai pegar a bola que caiu longe. Kyler se aproxima de mim como se só fosse falar algo no meu ouvido e enfia os dedos na calcinha do meu biquíni.

— O quê está fazendo?

— Se esse cara encostar uma única vez mais tão intimamente em você, isso vai dar merda Naele. Você está me levando ao limite e só te digo uma coisa, não sou eu quem vou amanhecer com formiga na boca.

Engulo em seco.

— Esse cara é o meu namorado, esse tipo de intimidade é normal. Daí pra mais quando formos pra cama.

Mando pra ferir mesmo.

Seus dedos entram com tudo na minha boceta. Três deles

brutalmente, claramente me castigando pelo o que eu disse.

— Está brincando com fogo amor. Aliás se chamá-lo de amor de novo, vou jogar a toalha e mandar essa comemoração de Ano Novo pra merda.

Sua outra mão vem ao meu seio e afasta o biquíni, os dedos em V torturando o bico já rígido. Dói e dá prazer ao mesmo tempo.

Dedos trabalham em mim, sem darem espaço para que eu possa raciocinar.

— Outra coisa, tira a porra dessa aliança do dedo. Não vou falar uma segunda vez. Você é minha caralho. Só minha. Vai desmanchar a porra desse namoro e mandar esse bosta ir embora do sítio.

— Tira você a sua primeiro, pede o divórcio.

— Já disse que agora não tem como fazer isso Naele, você não entende, Laura precisa de mim.

— E eu preciso do Maycon, já que você escolheu a Laura.

Ele nos afasta dos olhos curiosos.

— Quer levar pau na boceta, o meu está aqui pra isso. Eu sou o seu homem, não precisa desse bosta pra satisfazer as suas necessidades.

Seus dedos rapidamente são substituídos por seu pau que entra em mim rasgando.

Sufoco o grito e me agarro nos seus ombros.

— Para com isso Kyler. Vão nos ver. Maycon vai voltar logo.

— Foda-se.

— Está louco?

— Que delícia amor! Eu te amo tanto. Diz que me ama Naele.

— Kyler... a camisinha.

— Foda-se.

— Kyler, precisamos parar Maycon...

Seu pau entra tão fundo que chego a ofegar tremendo. As minhas pernas estão em torno da sua cintura, facilitando os movimentos de vai e

vem.

— Eu joguei a porra da bola muito longe, ele vai demorar.

— Você fez de propósito?

— Lógico que fiz, bem longe pro lado dele, pra ter que ser ele a se candidatar a pegar.

— Cretino!

— Ah porra!!! Que caralho de mulher gostosa. Olha como a sua boceta engole gulosa o meu pau.

Os seus quadris trabalham com tudo de encontro aos meus. Chega a doer quando o meu corpo bate contra a pedra.

— Outra, pare de sentar no caralho do colo dele. O pau dele esfregando no seu rabo está me fazendo enxergar vermelho Naele.

— Separe-se dela, peça o divórcio, e eu serei toda sua.

Sua mão livre vai a minha nuca e enlaça os fios molhados em punho. A outra está na minha cintura ditando o ritmo da penetração. A boca no meu seio direito chupa muito forte.

— Quer pau no rabo?

— Idiota.

— Te fiz uma pergunta.

— Vá à merda Kyler.

O pau dele entra mais e mais bruto atingindo os pontos certos da minha boceta. A mão que estava na minha cintura vai para o meu ânus e um dedo entra no meu orifício.

— Não estou brincando Naele, faça o que mandei.

De longe Maycon vem com a bola e Kyler se afasta abruptamente deixando um vazio no meu corpo, alma e coração.

Kyler

10

Estávamos todos reunidos na sala. Um clima devo dizer bastante agradável, mas também constrangedor.

Algo me dizia que o lance entre Naele e eu estava ficando meio óbvio. Eu não conseguia esconder mais a minha natureza possessiva ao vê-la ao lado do bosta do Maycon.

E para piorar, ela resolveu testar a minha paciência andando de mãos dadas com ele pela casa ou sentando no colo do imbecil.

Ainda tinha aquela merda daquela aliança de compromisso esfregando na minha cara que eu iria perdê-la a qualquer momento.

Só que ela não entendia o meu lado. E não a culpo, eu estava contido por não poder jogar a merda toda no ventilador.

Sáímos para o quintal e vi como a decoração ganhou vida à noite.

Naele desfilava com um macacão branco sexy pra caralho e o meu nível de ciúme estava a mil por hora.

O maldito filho da puta parecia ter ganhado na loteria desfilando com a minha mulher e a apresentado como sua. O meu sangue ferve a cada vez que ele toca na sua pele.

Laura segue ao meu lado em um vestido azul bem folgado dada as circunstâncias rejeitando as bebidas alcoólicas e comendo tudo que vê pela frente.

Só consegui dá um pulo na cachoeira porque ela pegou no sono e agora com a foda interrompida quero gozar na bocetinha de Naele que nem um viciado procura por droga.

Aquele empata foda loiro chegou bem na hora que eu ia gozar e bater uma punheta no chuveiro não resolveu o meu problema.

Vou pegar água pra Laura e encontro a minha presa na cozinha com a bunda arrebitada procurando algo na geladeira. O meu pau fica duro na hora a ponto de quase rasgar a calça.

Dou uma mordida na sua bunda e ela dá um pulo de susto.

— Louco quase me matou do coração.

A pego com uma taça de sorvete na mão.

— Traga com você.

Aponto com o queixo pra taça.

— O quê? Não vou a lugar nenhum com você.

— Claro que vai. Quero terminar o que comecei na cachoeira.

— Não. Eu tenho namorado.

A imprenso contra o balcão da cozinha e empurro o meu pau que encaixa direitinho na bocetinha dela.

— Sua boceta quer o meu pau.

Chupo o seu seio por cima da roupa. Um depois o outro. E esfrego o meu pau na boceta dela dando estocadas sobre as nossas roupas.

— Idiota! A minha boceta tem um pau esperando por ela lá fora. O dono dela vai satisfazê-la direitinho mais tarde, não se preocupe.

Vejo vermelho. O meu ciúme transborda com a provocação dela. Só de pensar naquele imbecil com o pau na minha bocetinha ruiva fico louco.

Arrasto o seu corpo se debatendo pela casa, ela luta contra mim, mas sou mais forte. A coloco de cara pra para parede e começo a estocar o meu pau na bunda dela.

— Preciso tirar a porra das nossas roupas. Quero comer você e tem que ser pra já. Ou vou gozar na roupa como o caralho de um adolescente.

Coloco a tirana de pau desesperado pra gozar no meu ombro e entro no primeiro quarto que tenho acesso.

A jogo na cama grande e antiga que faz um barulho com o baque do corpo dela sendo lançado no colchão. Fecho a porta e começo a tirar a minha roupa.

— Tira a roupa.

Exijo.

— Não.

— Tira a merda da roupa ou vou rasgá-la e ela parece ser cara.

— Não.

Acabo de tirar a minha roupa e vou até ela. O meu olhar

deve dizer algo que as palavras não conseguiram porque ela começa a tirar o macacão.

Em um pulo estou sobre o seu corpo o arrastando para a beira da cama, jogo as suas pernas sobre os meus ombros e num único impulso estou dentro dela.

— A camisinha.

— Foda-se.

Entro tão fundo e bruto que o seu corpo é jogado pra frente.

— Ah Kyler.

— Isso, grita o nome do seu macho. Fala pra mim Naele, quem é o seu homem?

— Não.

Meto mais fundo e circulo o quadril que leva o meu pau a entrar na boceta encharcada que é uma delícia.

— Fala sua puta ruiva. Quem é o seu homem? Você é a puta do seu macho filha da puta. E esse sou eu porra!!! Vai parar de desfilar por aí com aquele merda. Toma pau na boceta safada.

Ela geme e ofega e eu meto cada vez mais fundo.

Vejo algo que está me incomodando desde que a vi e curvo o meu corpo para arrancar.

— Já falei que não quero esse cordão no seu pescoço. Mulher minha usa a joia que eu dou.

— Desgraçado!

— Quietinha. Tô com fome. Fome pra caralho!!!

— Por isso não uso nada que você me deu seu filha da puta, a sua mulher é Laura e o meu homem é o Maycon.

Caralho!!!

Ela quer mesmo me enlouquecer.

— É ele que está te comendo vadia? É o Maycon que está com o pau esfolando a sua boceta?

Viro o corpo dela e a coloco de quatro. A minha língua lambe da sua boceta ao cuzinho.

Mordo o seu clítoris e toda a fartura ao redor. Puxo os

pelos pubianos com os dentes e ela geme. Está inchadinha e goteja na minha cara. Coloco a língua pra fora só bebendo do líquido de prazer que ela jorra.

— Mulher gostosa! Viciante. Sou louco por você. Te amo muito filha da puta. Você é a minha vida desgraçada.

Os meus lábios sugam o brotinho rosado e dá tapas nos grandes lábios. Chupo tão forte a boceta dela que chego a perder o ar.

Espanco com vontade, tapas após tapas, o seu rabo arrebitado. Abro as bochechas da sua bunda e esfrego a minha cara em toda a sua abertura até que lambo e chupo o cuzinho

Ele pisca pedindo pra ser saciado. Não penso duas vezes e meto o meu pau no orifício apertado. Seguro na sua cintura e meto o meu quadril na sua bunda com as minhas bolas dando uma surra nas bochechas vermelhas pelos meus tapas.

Monto nela e vejo estrelas, o meu pau entrando e saindo do cuzinho que me recebe e parece querer me prender.

— Puta merda! Que cuzinho é esse? Aqui só entra o meu pau, ouviu? Ah merda! Humm!!! Leva coça de pau Naele.

Seguro nos seios dela e aperto os montes macios com força enquanto meto o meu pau no rabo dela.

Saio dela e deito na cama, meto de novo na boceta gulosa, fazendo com que me cavalgue. Os seios pulando na minha cara. Junto os dois e começo a morder, lamber e sugar. Até eles ficarem pontudos e muito vermelhos.

Enrosco os meus dedos nos seus pelos pubianos ruivos e puxo, ela grita de dor e prazer.

Dou uma última e letal estocada e ela goza, não demora nada eu a sigo.

— Entendeu cadela? Quem é o seu homem?

Ela cai exausta sobre mim.

— Você.

(...)

— Agora que lembrei.

Estamos deitados abraçados em um quarto e cama que não faço ideia de a quem pertençam na casa dos avós da Naele, enquanto a festa de

Ano Novo segue lá fora.

— O quê?

Ela vira em meus braços toda suada e cheirando a sexo, o que faz com que o meu pau volte a ficar duro.

— Deixamos o sorvete pra trás.

— Idiota.

Ela sente o volume entre as minhas pernas e me dá um tapa no peito.

— Precisamos conversar Naele.

Preciso urgentemente explicar para ela a minha situação com a Laura. Nós temos que encontrar um jeito de ficarmos juntos sem que pelo menos agora eu tenha que pedir o divórcio, porque é algo que não posso fazer daqui pra frente e digo isso já pensando em um tempo razoavelmente extenso pra isso acontecer.

Contudo isso seria igual a tornar a Naele a minha amante e isso é outra coisa que fede nessa merda toda. Porque não é isso que quero pra nós e sei que ela não aceitaria.

Mas simplesmente não posso perdê-la e imaginar esse relacionamento dela com o Maycon indo adiante me deixa louco.

— Você vem com essa depois de me arrastar para esse quarto igual a um homem das cavernas?

— Amor você tem que entender.

— Pare de me chamar de amor Kyler.

— Mas é o que você é. Naele, eu amo você. Quando vou escutar essas palavras saindo dessa boquinha linda?

— Não vai rolar Kyler. Você é um homem casado.

— Você está me dizendo que pode foder comigo, mas não me amar? Não sou a porra de um garoto de programa Naele!

— Também não sou nenhuma vagabunda pra você me arrastar pelos cantos e meter em mim como se eu não tivesse escolha.

— Você não tem escolha. É minha. E vou foder você todinha sempre que o meu pau exigir.

— Cretino!

— Quantos adjetivos amor. O que quero que você entenda é que eu preciso de você, principalmente quando me deixa desse jeito. Pare e pense, sou homem e tenho as minhas necessidades. Entenda por favor que precisava estar dentro de você urgentemente.

— A é? Eu tenho que entender que você é um tarado?

— Por minha mulher.

— Não sou sua mulher.

— O caralho que não é.

— Você não pode me pegar assim e exigir sexo como se fosse a minha obrigação saciá-lo.

— Você me deixou na mão na cachoeira, eu estava quase gozando na sua bocetinha quando o imbecil do Maycon voltou com a bola.

— Deveria ter explodido com a porra presa pra deixar de ser babaca.

— Não seria uma cena que o seu namoradinho iria querer ver.

— Você não precisa se preocupar com isso, eu pouparia Maycon disso.

— Pouparia é o cacete. Você também estava a ponto de gozar, entregue e molinha nos meu braços. O último pensamento seu naquele momento era o otário do Maycon.

— Eu odeio você.

— Não, você me ama. Só que agora estou com uma dúvida.

— Que dúvida?

— A minha porra iria explodir bem na sua cara ao invés de agora estar muito bem esportada na sua boceta gostosa.

— Kyler...

— Amei estocar o meu pau na sua boceta e deixar o meu gozo aí escorrendo entre as suas pernas, mas seria muito benéfico pra mim se o otário visse a minha porra na sua cara, marcando o seu corpo como minha para

que ele caísse na real.

— Deixa de ser possessivo por um minuto e me ouve?

— Cuido do que é meu, só isso.

Dou de ombros.

— Kyler, não é a primeira vez que transamos sem camisinha.

— Foda-se.

— Eu não estou tomando nada pra evitar uma gravidez. E tem o lance de você ter a Laura e ela não é do tipo fiel, não vou correr mais o risco de pegar uma doença ou engravidar.

— Está com medo de pegar uma doença fodendo comigo?

— Você não é nenhum santo Kyler.

— Nem você.

— O meu último foi o Josme.

— E a minha a Laura. Não saio traindo a minha esposa por aí com nenhuma puta fácil. E outra, Josme foi um erro na vida da Laura, ela não é nenhuma adúltera Naele. Confio na minha esposa, ela não me trairia.

Ela remexe bruscamente e sai dos meus braços, de pé e nua me encara com cólera nos olhos.

— Deveria então voltar para a sua esposa perfeita professor. Eu certamente vou voltar para o meu namorado. Aliás isso entre nós acaba aqui. Eu agora namoro e vou dar pro Maycon porque ele é todo gostosinho e fiel. Não vou seguir traindo o meu homem e muito menos transando com dois homens ao mesmo tempo.

Não vejo mais nada na minha frente só um ciúme doentio que toma toda a minha mente e coração.

Salto da cama e a trago grosseiramente pra cama novamente a prendendo por debaixo do meu corpo.

— Retire o que disse antes que eu cometa uma loucura.

— Do quê está falando? Falei muitas coisas pra você.

A maldita debocha da minha cara.

— Diga que sou o seu homem e que nunca mais vai deixar nenhum outro pau entrar nessa boceta encharcada que suplica pelo meu pau. Você é minha mulher e eu sou o seu homem.

Mordo o seu ombro com força pra deixar marca.

— Nunca mais chame aquele merda de seu homem ou fale que vai foder com ele, porque se eu sonhar que ele te comeu vou matá-lo Naele, e acredite em mim, não estou falando da boca pra fora. Vou parar na cadeia, mas mato qualquer um que tocar em você como acaba de descrever.

Chupo o seu pescoço deixando outra marca.

— Eu já aguentei demais. Ver aquele otário tocando no que é meu me deixou por um fio. Fio este que está prestes a se romper com um mísero toque dele a mais em você. Essa encenação acaba aqui. Está me ouvindo?

— Você não tem direito de exigir isso de mim se não pedir o divórcio.

— Você não entende. Agora não é o momento.

Ela mexendo o corpo pra sair do meu cerco acaba por sem querer deixar o meu pau na entrada da sua boceta.

Em um pequeno impulso entro escorregando devido aos nossos líquidos misturados na sua boceta.

Começo o movimento de vai e vem.

— Ahhhh!

Que... estoco... delícia.... estoco mais fundo... de boceta.

— Não para.

— Não vou parar.

— Papo típico de homem casado.

— Ahhhh!!!!

— Não é o momento... sei.

— Eu te amo porra!

Saio e entro. Entro e saio.

— Quando vai ser o momento Kyler? Quando Laura te der um filho?

Travo o movimento.

Estou perdido em meus pensamentos quando unhas afiadas arranham as minhas costas e pernas longas enlaçam a minha cintura exigindo que eu continue a estocar.

— Aí mesmo que você não pede o divórcio. Vai acabar acontecendo. Ela vai engravidar e você será o pai do ano. E eu vou ser o quê? A sua amante?

Estou sem palavras.

Acho que ela não notou que acaba de me dar um soco no estômago.

— Só por um tempo Naele. Quando for o momento eu vou pedir o divórcio.

— Vá a merda Kyler!

Ela grita gozando e vou logo em seguida.

Escolhia as palavras certas para explicar o que estava acontecendo quando ouvimos a porta abrir.

Dela entrou a Laura.

Ao ver a cena a sua frente, digo Naele debaixo do meu corpo, ambos nus e conectados, ela levou as mãos a boca e depois uma a barriga protetoramente.

O meu coração disparou e logo saí de cima da Naele nos desconectando brutalmente. Ainda que não fosse a minha intenção vi no seu olhar que a magoei com o meu ato inesperado. Ela automaticamente cobriu o seu corpo nú com um lençol.

Lágrimas rolavam dos olhos da minha esposa. Ela pode ter errado no passado com o tal do Josme, traindo a prima, contudo era atualmente a esposa modelo.

Aquela que cuidava de mim e do meu pai. Vivia para o nosso casamento. Ela não merece passar por isso, principalmente no seu estado.

— Laura...

— De novo Kyler? Você está me traindo com ela de novo? Você me prometeu que a noite de Natal era uma despedida. Doeu muito, mas eu aceitei porque te amo. E por conta do que fiz com a Naele no passado. Eu devia a ela uma despedida a outro homem que ela amava e seria meu.

Com o canto dos olhos vejo Naele empalidecer e balançar a cabeça. Agora com lágrimas rolando por sua face.

— Vocês não podem continuar com isso. Você tem que escolher Kyler. Ou a sua amante ou eu e seu filho.

Fecho os olhos para a pancada que Laura acerta no meu frágil relacionamento com a Naele.

Quando abro a Naele cai no chão de joelhos e chora muito. Laura senta na beira da cama e chora muito.

Fico sem saber a qual socorrer primeiro até que me dou conta que estou nú no quarto com a minha esposa e minha... amante.

Então enrolo o edredom que cobria a cama em torno da minha cintura.

— Deus! Agora tudo faz sentido.

Naele ergue o rosto e diz.

— Escolha Kyler. Seja homem e escolha.

Laura me joga contra a parede.

— Saia do muro Kyler.

Naele diz. A sua expressão é carregada de dor e decepção.

— Nosso filho precisa de você amor.

Laura apela.

— Você não precisa estar preso a um casamento para ser um bom pai. Será pai dessa criança mesmo não estando com a mãe dele sob o mesmo teto. Pode ser o melhor pai do mundo, mesmo separado da mãe dele. Basta estar presente pra ele.

— E dar ao nosso filho a mesma criação que você teve?

Laura tem razão.

O meu pai mal parava em casa e quando fazia isso era para nos trazer sofrimento pelas consequências da sua presença.

Tinha amantes. Muitas delas. Muitos gastos com elas e suas merdas.

Eu fui criado sonhando em ter uma família normal. Pai e mãe sob o mesmo teto cuidando de mim. Eu era uma criança que pedia o amor do meu pai com os olhos.

E agora cá estava eu, prestes a fazer com o meu filho o

mesmo que o meu pai fez comigo. Negando a ele o direito de ter uma família tradicional. Pais juntos compartilhando os momentos do seu crescimento.

É o meu dever cuidar desse pequeno ser. Um pedaço meu que cresce no ventre da Laura.

Por mais que eu ame a Naele. E porra! Eu amo muito. Apesar da nossa história ter começado errada, eu me apaixonei perdidamente por ela. Mas é do meu filho que estamos falando. Preciso fazer a escolha que um pai faria. Afinal agora sou pai. Puta merda! Eu sou pai. A ficha demora a cair as vezes.

Nunca doeu tanto. Estou em pedaços. Sem chão. Todavia eu preciso escolher. É o certo a fazer.

Olho nos olhos marejados da mulher que amo e digo.

— Desculpe Naele. Eu escolho a Laura e o meu filho.

Laura corre e cai nos meus braços.

Naele levanta do chão com uma certa dificuldade, pega a roupa no chão e segue em direção a porta, antes de sair me olha fixamente como se precisasse gravar a cena da Laura nos meus braços.

— Posso te pedir um último favor Kyler? Por tudo que vivemos, preciso desse favor pra seguir em frente.

Dos seus olhos não saem mais lágrimas. A sua feição é dura e decidida, como nunca vi desde que a conheço.

O meu coração bate recompensado porque previamente eu sei que é uma despedida. A nossa despedida.

Balanço a cabeça sem conseguir emitir uma única palavra.

— Saiba que não vou desistir do curso. Eu me matriculei no melhor curso da cidade e infelizmente você estava lá.

As palavras dela rasgam a minha alma. Ela se arrepende de nós. Do que vivemos juntos. Da nossa história.

— Gastei tempo e dinheiro com a matrícula, o material, as confraternizações. Também é onde as minhas duas amigas estão. Fizemos planos juntas que não vou dar pra trás.

Um alívio percorre o meu corpo com as suas palavras. Pelo menos a teria por perto, talvez nos braços do Maycon. O que seria uma ferida constantemente aberta no meu peito. No entanto eu a teria de certa forma

comigo.

— Além do que é onde o meu namorado cursa. O cara que daqui pra frente será o meu porto seguro.

Fecho os olhos uma dor avançando e destruindo tudo dentro de mim.

— Essa aliança é a prova disso.

Olho para aquela maldita joia com ódio do que ela representa.

— Fale logo.

Dor e raiva misturadas com amor e já saudades dela. Do seu calor e sabor. Dentro de mim instalava-se um vazio pela perda da mulher que amo. Por ter que escolher entre ela e o meu filho.

Penso nas vezes que fodemos sem proteção e pergunto silenciosamente a vadia da vida porque não pôde ser no ventre da Naele que o meu filho foi gerado ao invés de estar crescendo no ventre da Laura.

Na verdade me pergunto isso desde que a Laura anunciou a gravidez no nosso apartamento.

Pra mim foi um susto porque achei que estava tomando o anticoncepcional. Mas ela disse que deu bobeira e esqueceu de tomar algumas vezes.

Mesmo com a história de vingança e de Naele ter me usado para afetar a Laura pela traição com o Josme no passado, eu entrei no nosso apartamento dias antes disposto a pedir o divórcio a Laura e ficar com a Naele. Porque todos erramos e é ela que eu amo.

Daí veio a notícia da gravidez de Laura e tudo que pensei foi em viver um relacionamento de sexo casual com a Naele até não sei quando, porque também quero ser um pai exemplar. Porém um pai exemplar não traí a mãe de seu filho.

Contudo um homem não consegue seguir feliz sem a mulher que ama estar ao seu alcance. E a minha é uma filha da puta vingativa, que me usou porra!

Então eu não mais acreditava nela e a usaria numa relação de sexo sem compromisso.

Todavia quando chego perto dela tudo vem a baixo. Eu a amo e a quero como somente minha e eu somente sendo dela.

Entretanto não foi o que o destino planejou pra nós.

Observo quando saio dos meus devaneios que Naele está presa nos dela. Parece que acordamos ao mesmo tempo.

Então ela está muito séria quando diz.

— Professor Kyler...

Sinto o meu corpo estremecer com o pronunciamento informal que usa para dirigir-se a mim.

— Nunca mais fale comigo além do essencial. Só dirija-se a mim como professor que é a única coisa que a partir de agora é pra mim.

Eu abro a boca pra falar o que nem faço ideia do que seria quando ela olha pra Laura nos meus braços.

— Game Over!

Ela bate palmas.

— Você venceu Laura.

Neste momento ouvimos os fogos de Ano Novo. Lá fora as pessoas nem imaginam o que está acontecendo aqui dentro.

— Feliz Ano Novo professor Kyler e sra. River. Saúde para o bebê. Ele será lindo, vocês fazem um belo casal. Se me dão licença preciso ir, o meu namorado deve está a minha caça.

Sem mais delongas ela sai.

E assim um novo ano se inicia.

Eu no entanto sem nenhuma esperança de que um dia voltarei a ser feliz.

Porque o primeiro dia de 2019 ficará marcado pra sempre em minha memória como o dia que eu perdi pra sempre a mulher que eu amo.

Então foi a minha vez de cair de joelhos no chão com a Laura me amparando.

As lágrimas vieram fáceis e doloridas.

Toco no seu ventre pedindo ajuda ao meu filho para viver os próximos dias, meses, anos. E jurando que estes seriam dedicados ao amor que sinto por ele e por Naele, mesmo ela não pertencendo mais a mim.

Guardarei as lembranças da mulher que um dia chamei de minha e que o destino tirou de mim sem a mínima piedade.

É quase tirano como as nossas escolhas nebulosas no passado consequentemente ditam as regras sobre os nossos dias no presente.

Danielle R. G. Pedro

Parte II

Kyler

11

Estou desde às 4 da manhã na mesma posição. De pé, com o quadril encostado na parede gelada e de braços cruzados no peito ao lado da janela que dá pra um imenso jardim pertencente a casa próxima do prédio em que moro com a minha esposa.

De onde estou, é alto o suficiente para vislumbrar pequenas formas humanas que se agitam nas calçadas e miniaturas de carros no asfalto molhado.

É possível sentir o tremor da construção ao passo que aviões cortam o céu. Trazendo uma invejável sensação de liberdade, avesso ao estado cativo que me encontro.

O vento frio faz com que os pelos dos meus braços fiquem arrepiados. A camada negra de poluição é vista tão próxima que os meus pulmões recuam ao seu avanço.

Bem vindo à São Paulo. O lugar onde tudo acontece ao mesmo tempo. Onde ser você é ser mais um entre muitos.

Raças e personalidades se misturam como em uma dança típica. Porque aqui você pode ser o que quiser entre o contingente de mentes e corpos. Embora como em qualquer outro lugar do mundo pague o seu preço.

Não sei se consigo descrever ao certo como me sinto nesse exato momento, mas numa tentativa miserável diria que tenho comigo metade do meu coração, a outra metade deixei junto a mulher que amo, e a essa altura pode estar depositada em uma lixeira qualquer.

Fecho os olhos e deixo sentir o que sobrou de nós em mim. Não sei se é uma falsa e tola esperança, mas sinto que também trouxe comigo a outra metade do meu coração. A mulher que amo de certa forma vive em mim.

A outra parte que me resta está quebrada em tantos pedaços que não sei se um dia conseguirei restaurar o que outrora um dia chamei

de coração.

Uma dor paira sob o órgão e uma angustia secretamente faz morada no meu peito. Sinto-me tão só quanto na época em que era apenas uma criança abandonada pelo canto por pais ausentes.

O meu pai ao passo que nunca estava em casa e a minha mãe pela depressão da sua ausência sempre enfurnada no quarto ou encolhida no sofá da sala assistindo repetidamente os mesmos programas de TV.

O que sentia por meu pai era tão forte dentro dela que não havia lugar para a criança que gerou em seu ventre entrar.

Muitas mulheres conseguem ser esposa e mãe ao mesmo tempo. A minha não. Não foi a pior das mães, mas as suas falhas estão enraizadas na minha criação.

Quando sã pela presença do meu pai era tudo como deveria ser. No momento que ele saía pela porta, ela deixava de existir. Tudo que fazia era no automático. Não havia sentimento algum envolvido nos seus afazeres de mãe.

Na minha pré adolescência entretanto a minha mãe pareceu acordar de um transe, até porque a ausência do meu pai existia mesmo na sua presença em nossas vidas. Era como se a sua mente sempre vagasse por qualquer lugar que não estivéssemos ao seu lado.

Foi nesse período que tive a minha mãe pra mim pela primeira vez. O melhor dela estava comigo. Eu senti o seu calor materno a me proteger.

E foi quando tudo aconteceu. Aqueles homens entrando na nossa casa indefesa de uma figura masculina protetora.

O estupro duplo. Minha mãe e eu. Depois disso nunca mais a tive de volta até que adoeceu e morreu.

O meu pai através daqueles homens que vieram cobrar por suas dívidas lá fora, num mundo dele que pouco conhecíamos, havia tirado novamente a minha mãe de mim, assim como a minha capacidade de amar.

Vivi assim como um homem vazio até conhecer Laura, a minha melhor amiga com quem casei. Ela não conseguiu muito avanço nos meus sentimentos, mas parecia satisfeita com o que eu podia proporcionar.

Não era o ideal, mas dava pra levar. Então numa obra do destino conheci Naele. E foi quando reaprendi a amar.

Podemos ter iniciado da maneira mais sórdida e insana

possível, mas éramos nós contra o mundo se necessário.

Foi breve. Passamos pouco tempo ao lado um do outro, mas foi letal para o meu coração. Camadas e mais camadas de proteção foram ao chão no momento em que ela reivindicou o meu coração pra si. Eu fui dela antes dela ser minha.

Contudo veio a notícia de que eu seria pai. Do filho da minha esposa. Parte minha estava crescendo em seu ventre e eu não poderia ser mais feliz se não fosse por Naele.

Tudo que pensei quando recebi a notícia era porque não poderia ter acontecido diferente. Porque o meu filho não poderia ser gerado por Naele já que transamos vezes sem camisinha e ela não fazia uso de anticoncepcional.

O barulho de algo não identificado no apartamento de cima me traz de volta. Vou a cozinha e bebo um pouco de leite e volto pra sala jogando-me no sofá.

O dia amanheceu nublado talvez para combinar com o meu jeito amargo de passar os dias.

Boa companhia não é exatamente a forma descende para descrever o que me tornei nos últimos dias. Contudo Laura não parece perceber o quão deprimido estou. Nesse momento consigo entender em parte o que a minha mãe passou longe do meu pai.

Todavia diferente dela estou assim por ter pensado primeiro no bem estar do meu filho. Ao contrário dela ou do meu pai, tenho como prioridade o meu filho, ainda que em contra partida os meus próprios sentimentos estejam deteriorados.

É só o início de uma longa jornada, mas tudo que vem constantemente a minha mente é que eu não serei forte o suficiente para chegar até o fim. Pelo menos com algo saudável em mim a ser apreciado por terceiros.

Jurei pra mim mesmo que serei o melhor para Laura enquanto ela estiver carregando em seu ventre o meu filho.

Assim como certifiquei-me que farei desde já o meu papel de pai exemplar. No fundo tudo que quero é ser o antônimo para o meu filho do que tive como figura paterna.

Cenas dos últimos minutos de 2018 fazem sincronia com a minha falha respiração.

Naele com os braços do Maycon em torno do seu corpo. A sua aliança de compromisso com ele em seu dedo direito. Laura e eu sentados

próximos a eles. A minha própria aliança de casamento com a minha esposa em meu dedo esquerdo.

A minha ida a cozinha onde encontrei Naele atacando a geladeira. Naele e eu fazendo amor no primeiro quarto que encontramos.

Nós na cama temporariamente saciados após eu estar dentro dela, o meu verdadeiro lar. A chegada de Laura ao quarto nos pegando no flagrante. A minha forma brusca de ter que abandonar o corpo quente e receptível da Naele.

Depois ela de joelhos ao descobrir sobre a gravidez de Laura. As duas exigindo que eu escolhesse entre elas. A minha escolha óbvia não a Laura, mas o meu filho. A expressão de dor no rosto da Naele e finalmente a sua partida a 15 dias atrás daquele quarto e do nosso frágil mais intenso relacionamento.

Agora tudo que terei dela será o que está ao alcance do professor nunca do homem. No meu lugar estará o Maycon como o seu homem.

Imagens dele fodendo Naele, sim, porque amor quem faz com ela sou eu. O desgraçado depositando o seu esperma no lugar que tenho como o meu lar, me deixam a ponto de enlouquecer.

Mas eu tive um direito de escolha, foi me dado isso, e eu tive que deixá-la ir. Entretanto ela nunca partiu exatamente. Está dentro de mim e creio que sempre estará.

Em pensar que tudo começou com um desejo de vingança da Naele contra a Laura, sua prima e hoje a minha esposa, por ela ter tido um caso com o tal Josme namorado de Naele.

Uma história de um passado ainda recente que fez com que Naele me usasse como objeto de vingança contra Laura quando o destino me colocou como o seu professor no “CPC”.

Quem diria que ter que voltar ao lugar onde nasci para ter acesso mais próximo ao tratamento de saúde do meu pai, causaria uma reviravolta dessa na minha vida.

É o que dizem. A vida é uma grande montanha russa. Tardamente entendi isso quando conheci a mulher da minha vida. Naele. Aquela que entrou tão rápido quanto saiu da minha vida.

Acontece que eu permanecerei na dela. Mesmo que o meu papel seja de coadjuvante, ela não se livrará de mim tão fácil.

Hoje é madrugada de segunda. Quando reiniciam as aulas no “CPC”. E mal posso esperar para reencontrá-la.

Sei que não irá abandonar o curso, foram as suas últimas palavras na virada de 2018 para 2019.

Não. Suas últimas palavras eram que voltaria para o seu namoradinho de merda. O que tirou o meu chão a ponto de soluçar de joelhos agarrado ao ventre de Laura, pedindo forças ao meu filho pra não correr atrás da Naele e reivindicá-la como minha para todos daquela casa ouvirem.

Hoje estaremos tão perto como o mais longe possível. Serei um mero professor e ela a minha aluna. Como deveria ser desde o início. Mas não foi. Fomos tudo um para o outro e ela continua sendo muito pra mim.

Assistirei homens dando em cima da minha mulher. Minha, sempre minha. Ainda que ela leve em seus dias o Maycon ou qualquer outro cara que escolha pra si.

Que uma coisa fique clara. Estou com Laura pelo meu filho, mas o dia que ele for capaz de gerir a sua própria vida como um homem de bem, que me certificarei que ele se torne, voltarei para buscar o que é meu.

Não importa se a mulher que encontrarei em nada pareça fisicamente e mesmo emocionalmente com a que tive em mesmos braços a dias atrás. Não me importa se estará mais madura, certamente envelhecida tal como eu, irei amá-la para sempre e o meu desejo por ela jamais deixará o meu corpo.

Desejo quando se ama vai além do físico. É algo que envolve a alma. A conexão vem de uma demanda da pele influenciada por hormônios. Contudo vai muito além disso. É como se estar ligado a uma parte de si mesmo.

Então quando se ama de verdade o desejo permanece mesmo frente ao envelhecimento da carne. Porque o que se almeja é estar o mais próximo possível da pessoa que é o seu mundo.

Sexo se transforma em fazer amor. Fazer amor se transforma as vezes em sexo selvagem. Entretanto sempre é mais do que sexo.

E eu quero voltar a viver o que um dia tive com a Naele. Quero sentir a energia de nossos corpos vagar por nossas almas novamente no momento em que estiver dentro dela, ou apenas cercando o seu corpo com o meu corpo.

O que mais temo é que seja uma luta em vão. Que nesse contexto ela já tenha entregue o seu coração a outro homem e eu tenha perdido a mulher da minha vida sem chances de sair vitorioso de uma batalha.

No entanto quais as minhas alternativas? Torná-la minha amante ou abandonar a minha esposa grávida de um filho meu?

Muitos, inclusive Naele, pensam que é possível ser um pai presente sem morar com a mãe da criança.

Acredite em mim, não é. Falo por experiência própria. Um pai não é um pai de fato se não tiver debaixo do mesmo teto do seu filho.

Acompanhando do seu despertar sonolento ao momento que conta histórias pra ele dormir.

Está lá quando ele disser as primeiras palavras ou der os primeiros passos é primordial pra mim. Não aceito não está lá pra ele na saúde e na doença. Nas descobertas e para saciar as suas dúvidas quando adolescente.

Sequer posso pensar em Laura tendo um novo relacionamento e outro homem cumprindo o papel de pai do meu filho.

Por outro lado, não posso suportar saber que Naele acorda e dorme nos braços de outro homem, a quem mais cedo ou mais tarde chamará de marido e este gerará em seu ventre seus filhos.

Meu Deus do céu! Vou enlouquecer. Vida maldita! Por que faz de mim o seu alvo? Por que eu sou o seu escolhido pra ser uma vadia manipuladora de sentimentos?

Novamente olho o relógio em meu pulso. São 6 horas. A hora de enfrentar um reencontro com a outra parte do meu coração está cada vez mais próxima, se e somente se, Naele ainda o guarda junto a si.

A vida é traiçoeira como a luz do sol num dia de chuva. Esperamos pela claridade quando o que presenciamos é a escuridão. E tão somente imprevisivelmente temos o lampejo de uma claridade que repentinamente pode desaparecer bem diante dos nossos olhos.

Danielle. R. G. Pedro

Naele

12

O ditado aqui se faz, aqui se paga. Parece muito com o que estou vivendo depois que conheci Kyler River.

Os meus dias têm sido um verdadeiro marasmo e nunca precisei tanto estar conectada com alguém antes como sinto que o meu corpo, alma e coração clamam por ele.

No entanto no momento que saí daquele quarto tomei uma decisão da qual não pretendo voltar atrás.

Preciso acima de tudo ter amor próprio, o que quer dizer que devo banir Kyler e toda merda que traz consigo da minha vida.

É certo dizer que o cara estava na dele e fui eu a correr em cacos de vidros assim que soube quem ele era, mas isso não quer dizer que preciso virar aquele tipo de mulher que come o que o Diabo amassou por conta de amar um cara.

Sempre critiquei esse tipo de mulher, a qual se isola de sua dignidade em nome do amor.

Até porque amor é doação e renúncia mútua. Não apenas um deve ceder, mas ambos, e pelo o que vi naquela noite de Ano Novo Kyler não está propenso a recuar na sua própria decisão de ser um pai presente, o que seria digno da parte dele, se isso não ocasionasse criar uma criança debaixo de um falso título de família feliz.

Contudo não sou eu quem vou fazê-lo entender isso e sim a vida, através das consequências que virão em criar uma criança mesmo com a presença de ambos os pais, mas quando estes não se amam, ou pelo menos um não ama o outro adequadamente.

Quem sabe eu possa estar enganada e Kyler depois da gravidez da Laura tenha descoberto que é ela a mulher certa pra ele, já que estão a caminho de construir uma família.

As vezes o amor nasce ou renasce da perda. Em outras no convívio. A imensidão da palavra amor é algo tão gigantesco como complicado de se entender.

Particularmente não creio que serei capaz de amar outro homem como amo o meu professor sob a forma de pecado, mas daí existem várias formas de amar e no meu peito cresce um sentimento calmo e caloroso por Maycon a cada dia que passamos juntos.

Maycon virou uma espécie de diário pra mim, a quem eu conto tudo que está martelando na minha mente e destruindo o meu coração.

Lucca diz que isso não torna o nosso relacionamento saudável, pois estou alimentando uma amizade no lugar de um romance.

No entanto não vejo por esse lado e Maycon também não.

Ele está disposto a arriscar quebrar o seu próprio coração para resgatar e reivindicar o meu. Não vejo nada mais nobre em um homem desde sempre.

Lucca diz que estou sendo mais uma vez mesquinha e egoísta jogando com o coração de um cara apaixonado.

Pode até ser, mas diferente de como conduzi a minha situação com Kyler, com o Maycon jogo limpo.

Ele sabe exatamente o terreno que está pisando e se continua a caminhar pelo mesmo é porque tem muito culhão ao contrário do cara que eu amo e que sei que seria o homem da minha vida se a nossa trajetória de vida fosse outra.

Nuli bate na tecla que Kyler, o nosso professor casado e pai, esconde-se por trás da fachada de exemplo de paternidade para não dá o passo necessário para vivermos o nosso amor.

Ela entende a sua indecisão como uma covardia típica dos homens para não abandonar um casamento mesmo que instável e assim ter uma desculpa pra ter uma amante sem desfazer da esposa de fato.

Não sei se é o caso, mas sinceramente não vou pagar pra ver.

Estou debaixo da marquise do prédio do Maycon, a um passo de apertar o interfone. Também tenho a opção de usar a chave que ele me deu de seu imóvel.

Ontem tomei mais uma decisão. Vou entrar de cabeça no meu relacionamento com o Maycon e isso quer dizer termos mais do que

amassos quentes.

Quero que ele me proporcione sexo selvagem do tipo que faz com que qualquer mulher ande com as pernas bambas por aí.

É assim que quero chegar na aula hoje quando reencontrar o meu querido professor de merda.

Nos últimos dias Maycon foi o namorado perfeito, aquele que esteve comigo sem restrições, sem alguém o esperando em casa para que tenhamos somente uma rápida aventura de prazer.

Todas as vezes que finalizamos os seguidos 15 dias após o Ano Novo, ele esteve 100% pra mim, enquanto sabia que eu não estava nem perto disso pra ele.

Maycon inclusive sabe de tudo o que aconteceu naquele quarto na casa dos meus avós.

Eu não minto pro meu namorado, mesmo que isso não faça de mim uma namorada perfeita, uma vez que o trai naquela noite.

Contraditório, não? Busquei uma vingança impulsionada pela dor de uma traição. No entanto acabei traindo alguém importante pra mim no processo.

Então novamente. Não sei se hoje sou muito melhor do que a Laura no passado. Tudo que sei é que o Maycon é muito melhor do que eu, do que nós todos, uma vez que conseguiu perdoar e seguir em frente no seu próprio passado. E agora novamente no presente.

Sem tramas de vingança no seu repertório. Ele só olha adiante e segue. Aprende com os seus erros e dos que o rodeia e simplesmente vira a página.

Infelizmente não sou tão digna ou forte quanto ele. Sou falha e estou quebrando aos poucos o que resta do meu coração.

Na noite fatídica, eu estava uma mistura cinzenta de humilhação e dor quando o encontrei abraçando o meu avô na virada do ano.

Fui honesta com ele e contei o que ocorreu no minuto que saí do seu lado pra buscar um maldito sorvete pra nós na geladeira.

Tudo que me passou pela mente foi acabar com aquela farsa que chamávamos de namoro, mas Maycon não aceitou desistir de nós. Ele me perdoou e foi o meu porto seguro assim que vi Kyler e Laura voltando para o quintal de mãos dadas como se nada tivesse acontecendo.

Filho da puta de Kyler. Entre as minhas pernas estava

depositado o seu esperma que ainda molhava a minha calcinha, mas ambos estávamos com outros pares, ainda que ele tenha declarado o seu amor por mim após fazermos amor pela segunda vez.

Bem... talvez o meu corpo estivesse fazendo amor com o corpo dele enquanto o corpo dele estivesse fodendo o meu.

O prédio do Maycon fica em Santo Amaro. É simples e estiloso ao mesmo tempo. Não é muito alto, deve ter cerca de dez andares com varandas grandes e talvez dois apartamentos por andar ou quatro se tiver vista pro outro lado.

Pela hora não vejo porteiro no local. Alguns prédios mantêm os porteiros 24 horas, outros durante o dia e tantos outros somente à noite. Vim aqui uma vez, contudo estava completamente bêbada e mal lembro direito como cheguei ou saí daqui.

São 7:00 e meu intuito vindo aqui é dá um bom dia diferenciado pro meu namorado, com direito a sexo quente e café da manhã na cama. Antes de partirmos juntos para o “CPC”.

Trago comigo roupas extras e uma cesta contendo produtos para o nosso café da manhã.

Opto por usar as chaves e entro no prédio como quem estivesse de certa forma burlando alguma regra, coisa que não faz sentido, uma vez que foi o próprio Maycon que me deu as chaves.

Como supus na portaria não tem um porteiro visível. A não ser que o sujeito tenha tido uma caganeira. Assim ninguém vai questionar a minha presença no local.

Sigo para o elevador e uma senhora com um cachorro sem pelo e feio que dá dó acena pra mim. Acho que é o seu jeito de dá bom dia. Aceno de volta.

Ela segue para o andar seguinte quando desço no quinto. A minha mão treme quando insiro a chave na fechadura da porta do apartamento do meu namorado.

Ao entrar me deparo com uma sala espaçosa com uma decoração que em nada se assemelha com um apartamento que reside somente um homem e isso me dá cala frios.

Já é de manhã então não preciso acender as luzes para admirar o cômodo a minha frente.

O piso é branco decorado com algo abstrato, parece antigo como as paredes na cor gelo. Os móveis são tão antigos quanto, porém os

quadros nas paredes e os demais artigos de decoração são contemporâneos.

Avisto enfeites modernos na grande estante e almofadas coloridas em tons fortes, também tem muitas plantas naturais no lugar.

Os aparelhos eletrônicos são de ponta e a TV que toma parte da parede da sala é enorme.

Sei que Maycon trabalha como assistente de um conceituado advogado. Que seus avós deixaram esse apartamento para ele de herança assim como uma boa quantia no banco. Mas nunca pensei que tivesse um bom parâmetro de vida como o que estou vendo.

O seu carro importado teria sido um indicativo disso se a minha cabeça não estivesse em tudo quanto fosse relacionado a outro homem até dias atrás.

Coloco a minha mochila com as minhas roupas extras no sofá branco em formato de U e vou até a cozinha deixar a cesta do café da manhã. Observo encantada uma cozinha extremamente moderna.

Volto pra sala onde dou uma espiada pela janela, o dia está chuvoso e a previsão é que fique assim nos próximos 3 dias.

Sigo para o corredor onde claramente estão os quartos quando na minha visão periférica noto alguns porta-retratos que estão distribuídos em enormes estantes de cor tabaco.

Neles Maycon está acompanhado de muitas pessoas. Mas um em especial chama a minha atenção, pois ele tem os seus braços envolta da cintura de uma loira muito bonita de olhos verdes.

Ele está sorridente por trás de seu corpo curvilíneo com a barriga bem proeminente mostrando está em uma gestação avançada.

Os dois sorriem para a câmera de forma tão espontânea que me deixa sem ar. Maldito carma, estou vivendo um relacionamento com outro cara que tem outro alguém em sua vida. Outra mulher grávida. Outro bebê a caminho.

Ele é perfeito demais pra estar só. Era fantasiar demais que a essa altura da minha vida eu fosse receber de bom grado da cadela da vida um cara como este aparentava ser.

Então sendo a contraditoriedade em forma de mulher que sou, parto a procura do quarto do meu namorado traidor.

Ele conseguiu perdoar a minha traição com Kyler. Já disse que não sou nobre o suficiente para o mesmo. Não é justo, eu sei, mas justiça

não é bem a minha parceira de vida.

Então tomo mais uma decisão. São muitas tomadas de decisões em pouco tempo. Sinto-me uma mulher de negócios sendo fechados em sequência. Acontece que o que gerencio é a minha própria vida.

Não vou sair daqui sem uma boa foda. Ah mas não vou mesmo. Vou ligar o foda-se e dá o pé naquela bundinha linda dele depois que usar e abusar daquele corpo delicioso.

Conheço-me o suficiente pra saber que demorarei a confiar em alguém a ponto de deixar se aproximar. Sendo assim, vou dizer um adeus digno pra o meu corpo. Diferente do que fiz com Josme no passado.

Oh grande merda! Sou uma criatura alimentada por pedaços de ruínas do passado. O quão fodida sou?

Quase sempre, digo pela traição do Ano Novo, agi de boa fé com esse cara e em troca eis que levo esse soco na cara quando resolvo levar o nosso relacionamento a um patamar digamos mais prazeroso pra ambos. Em troca descubro que não sou a única mulher na sua vida.

Outra grávida como adversária.

Mas que merda!

O quê tenho que fazer para ficar com os caras? Embuchar de um deles? Não Naele não vai por aí garota!

Apresso os meus passos cautelosos e abro a primeira porta a direita, pelo visto o apartamento tem três quartos. É uma construção antiga e assim com cômodos grandes e maior número de quartos do que os atuais.

E se ele estiver com alguém? Por que me deu o cacete dessa chave Maycon? Agora estou aqui morrendo de medo de ter outra decepção.

Eu já estive nessa situação antes. Traição faz parte do meu currículo de diversas formas, mas isso não quer dizer que esteja pronta para encarar uma provável cena de ver o homem que diz fazer tudo por mim com outra mulher em seus braços.

Com o coração gritando de ansiedade e sufocando a dor da saudade por Kyler, o que de fato me trouxe a um recomeço com Maycon, abro a porta deparando-me com nada além do que um quarto de casal vazio com a cama devidamente arrumada.

Ao contrário da sala o quarto só tem uma cama de casal, uma cômoda e um guarda roupa. As cortinas são brancas e a coberta de cama

lilás. Tem fotos na cômoda que me nego a bisbilhotar.

O mesmo não acontece com o segundo quarto que é um decorado com princesas da Disney pra tudo quanto é canto e com uma mobília de bebê em tons claros, branco e rosa, e que tem o berço mais lindo que já vi na minha vida, este é em formato de castelo.

Lágrimas surgem e a certeza cada vez mais presente que na terceira porta encontrarei um casal de pais aguardando o nascimento do seu bebê inflama a minha pele.

Uma mulher grávida de uma princesa dorme confiando que o seu parceiro lhe é fiel enquanto está comprometido comigo.

Qual foi a desculpa que ele usou para passar o Ano Novo na casa de meus avós?

Incrível como os homens nos têm em seus bolsos quando bolam uma mentira qualquer para serem adúteros.

Lembranças de Josme e as suas constantes mentiras para me trair me veem a mente.

Com uma coragem parcelada de incertezas abro a porta deparando-me com um quarto extremamente masculino, na enorme cama está Maycon nu de braços.

Putá merda! O cara é um espetáculo. Que corpo é esse? Caramba!

Juro pra mim mesma que vou olhar mais um tiquinho e vou sair daqui e da vida dele e assim faço.

Circulo a cama e olho para o lado para ver a inexistência de um banheiro conjugado o que quer dizer que ele não está acompanhado.

Talvez ela tenha viajado, dado ser muito cedo. Ou trabalha longe e precisa sair cedo de casa.

— Veio me dá bom dia amor?

Dou um pulo ao ouvir a voz grossa e rouca de sono de Maycon.

— Vai ficar aí só olhando?

Continuo fazendo uma varredura no corpo dele, digitalizando cada pedacinho. Músculos movem com os seus movimentos Ele é gostoso demais pra não ser apreciado mesmo numa situação como essa.

Uma sobrancelha se ergue e um sorriso maroto brota em seus lábios.

— Então devo presumir que gosta do que vê?

— Eu...

— Vem cá linda... adorei a surpresa.

Seus braços estão abertos, esperando por mim, não saio do lugar, estou sem palavras, confusa, descrente, essa confusão ambulante sou eu.

— Desculpa não avisar é...

— Naele, eu te dei as chaves, não foi?

Sem reação aceno com a cabeça.

— Por que fez isso?

Vejo na expressão dele que não compreende a minha pergunta.

— Dá as chaves do meu apartamento a minha namorada? O quê tem demais nisso?

Suas sobrancelhas claras estão erguidas em questionamento. Agora ambas. Tem um pedido de aproximação evidente no seu corpo.

— Não teria se você não fosse um cara comprometido com uma filha a caminho de vir ao mundo.

— O quê? Do quê você está falando Naele? Errou o apartamento por acaso. Não sou o Kyler, sou o Maycon, você bebeu a essa hora? Mas que porra louca é essa amor?

Ele levanta... nu.

O pau dele é... enorme.

Ele é... uau!

Balanço a cabeça. Concentre-se garota! O homem é... oh merda! Mas é outro filho da puta que transitou por sua vida. Dedo podre lá vamos nós de novo.

Lembro de Josme... de Kyler... vejo vermelho. Boa Naele! Nada como um tapa de realidade.

Parto pra cima dele, mas recuo por ele está com o seu arsenal apontado pra mim. Maldita ereção matinal.

Contudo continuo fula da vida. Não foi uma boa tática de defesa por parte dele citar o nome do Kyler.

Nunca foi, nunca será.

Você pode até esquecer que uma cicatriz está sob a sua pele, porém ao tocá-la sentirá no ato tudo que a trouxe ao eu corpo. É como um lembrete de algo gravado no seu corpo.

Uma maldita tatuagem que mesmo que seja removido os vestígios superficiais, o que importa não pode ser extraído, está encoberto por camadas de pele.

Assim é Kyler na minha pele. Ele reside na minha alma, no meu coração, no meu tudo. Sem chances de deixá-lo ir.

Mas eu preciso pelo menos tentar.

— Você me enganou.

— Posso saber como?

Olho pra ereção que se pronuncia bem a minha frente. E devo dizer, o material de artilharia dele é grande e grosso.

— Deus! Você pode tapar isso aí? O negócio parece apontado pra mim a todo momento que o olho.

— Então pare de olhar.

— Não consigo... vista algo por favor.

— Não vou me cobrir merda nenhuma quando a minha intenção é deixar você nua.

— Ah é? E o quê vai dizer quando a mãe da sua bebê chegar e nos ver na cama de vocês?

— Mãe da minha bebê?

Sua cabeça inclina-se pro lado. Ele pensa. Analisa a minha fala. Então algo parece clarear na sua mente.

— Você andou fuçando o apartamento?

Dou de ombros e coloco as mãos na cintura em posição de defesa.

— Estava fazendo reconhecimento de área, então vi o porta-retratos onde está com a mãe da sua bebê. Daí fui procurar o seu quarto e encontrei o quarto da sua filha.

Dou um suspiro frustrado.

— Sempre fui honesta com você, até mesmo sobre ter te traído no...

Então ele começa a rir... muito.

Estou ainda mais brava agora, só que a isso acrescentasse

uma irritação vigorosa.

— Do quê você está rindo Maycon?

Tomo um baita susto quando sou arremessada por fortes braços na cama onde ele cai por cima de mim.

Deus!

O sujeito é pesado pra cacete.

— Foi ser mexeriqueira e entendeu tudo errado. A foto em questão é da minha irmã grávida da minha sobrinha e afilhada. O quarto de bebê é da Ana Clara.

— Você tem um quarto do bebê da sua irmã na sua casa? E a sua casa tem toque feminino, não é sem vida como costuma ser a casa de caras que moram sozinhos. Acha quê sou trouxa?

Ele aperta a minha bochecha rindo... ainda. E depois alisa o meu cabelo em um carinho suave. Dedos grandes cercam o meu pescoço em um apertão de advertência. Não machuca, excita. Claramente esse é o objetivo. Suas mãos vão descendo aos poucos passando por meu corpo.

— Ora, muito obrigada pelo elogio, acho, e nunca disse que morava sozinho. Divido o apartamento com a minha irmã, que infelizmente engravidou de um idiota. E daqui alguns dias será mãe solteira.

— Onde ela está a essa hora?

— Provavelmente na cama dela na casa dos nossos pais. Lisandra vai dar a luz na nossa cidade natal, sob os cuidados dos nossos pais.

Oh merda de vida!

Pela emergência das mulheres sem noção, por favor abra um buraco no chão para que eu possa enfiar a minha cara e não ter que encarar o meu namorado depois do gigantesco ops que armei.

Levo as minhas mãos ao meu rosto que está queimando de vergonha.

— Desculpe amor. Eu fiquei com...

— Ciúme? Bom saber. Na verdade, adorei saber.

Ele gentilmente tira as minhas mãos do rosto e me olha mostrando uma nítida graça ao meu grande embaraço. E lá está o seu sorriso de lado estampado naquela boca carnuda.

— Eu estive na posição de traído Naele, não faria isso com você.

— Mas eu fiz com você.

— E eu te perdoei e segui com o nosso relacionamento. Ainda estamos encaixando os nossos pormenores. Vamos dar certo.

— Você acredita nisso?

— Em nós?

— É.

— Estou apostando tudo que tenho em nós.

— E se você me decepcionar?

— Não vou.

— E se eu te decepcionar.

— Não vai.

— Mas...

— O quê está escrito nas nossas alianças de compromisso Naele?

— “Que seja eterno enquanto dure”.

— Exatamente.

A sua ereção força sobre minha perna aberta.

— Vim te dá um bom dia diferenciado... do tipo quente.

— Você veio, não é?

— Estou pronta pra consumarmos o nosso namoro.

Seu olhar é sério agora.

— Tem certeza? Estarei aqui pra você do mesmo jeito se ainda não estiver preparada. Podemos dá uns amassos, por agora, por mim tudo bem.

Ah meu namorado perfeito está de volta!

— Eu estou, principalmente depois que te vi... nu.

Aperto a sua bundinha redonda e grande. Em contrapartida ele aperta os meus seios.

— Hum... então o seu objetivo era testar o material antes? Que bom que costume dormir nu, assim tudo

ficou mais fácil pra você.

— A princípio não... mas não vou negar que gosto... muito... do que vejo.

— Então pegue o que é seu mulher.

Sem pensar duas vezes eu peguei.

(...)

Maycon é uma mistura de príncipe e selvagem durante o sexo. E uau, ele é intenso pra caramba.

Na nossa primeira vez parecia que ele estava tirando a minha virgindade, tamanha a calma e delicadeza com que conduziu a parte do seu corpo que virou a minha favorita a entrar no meu.

As duas vezes seguidas não foram nem próximo disso. Ele me revirou pelo avesso, fui muito bem fodida, devo dizer.

O cara deve ter em sua mente o mapa dos pontos de prazer de uma mulher, porque ele não poupou posições pra nos colocar e fundir nossos corpos.

Na foda de despedida durante o banho, pra irmos tomar os nossos lugares na sociedade, entendendo este como a aula no “CPC”, ele voltou a ser um príncipe.

O cara literalmente frita os miolos de qualquer mulher. E pra ficar viciada nele é apenas uma questão de bom senso.

Maycon é o sonho de consumo de 10 entre 10 mulheres. E dizendo isso estou abrangendo o leque para todos os tipos de desejos a serem realizados. Ele não tem pudor quando o assunto é sexo. Bom, pelo menos comigo não teve. E cara! Estou muito agradecida por isso.

A maioria dos caras só tem como preocupação aliviar a própria carga de prazer acumulada durante o sexo, mal preocupando-se se a parceira chegou ao clímax.

O meu namorado, ao contrário, tem total dedicação ao meu orgasmo. Gozei horrores. E mais, pela primeira vez na minha vida achei que tivesse mijado em um cara na cama. Ejaculei. Nunca pensei que alcançaria tanto prazer em minha vida.

Maycon me deu banho e me alimentou. Fui tratada como alguém muito importante em sua vida. E sinceramente me senti desconfortável com isso, simplesmente porque o sentimento não era mútuo.

Quer dizer, gosto muito dele, mas caramba, não nessa

dimensão. O meu coração ainda pertence ao Kyler e precisa de um tempo pra migrar de posse.

É incrível como o meu coração é burro. Sou mesmo uma tremenda idiota. Tenho o melhor exemplar masculino como meu. E ainda tenho em minha mente um cara que escolheu outra mulher pra si.

Entendo os motivos dele pra escolher a esposinha perfeita, mas não aceito. Quem ama dá seu jeito pra ficar junto amparar e proteger. Fui eu a sair daquele quarto sozinha. Senti-me tão desamparada quanto possível.

Preciso valorizar quem me escolheu acima de tudo. Não posso fraquejar, simplesmente não posso.

Maycon é o meu homem agora. Kyler é passado. Isso! Este será o meu mantra de hoje em diante.

(...)

Quando estouramos a nossa bolha, vimos que estávamos atrasados para aula, então corremos o máximo que as nossas pernas permitiram.

No momento que chegamos no “CPC” a porta da sala estava fechada e era nítida a voz do professor Kyler orientado sobre a matéria em pauta para aquele dia.

— O direito está enraizado na nossa mente e não disciplinado nas ações relevantes ao outro, mas prevalece a sentença de ordem conosco de nossos próprios direitos, em contra partida aos nossos deveres.

Pausa para respiração.

Fechei os olhos.

As lembranças da sua respiração contra o meu corpo invadiram as minhas entranhas de uma forma imoral, fazendo arrepiar cada pelo sob a minha pele.

— Ou seja sabemos que temos direitos constitucionais vigentes, talvez não nos por menores do texto e seus afins, conforme expressa a lei no seu código, alguns têm uma noção parcial, muitos acreditam que possuem tal conhecimento, entretanto tão poucos entendem que também temos deveres para com o outro numa sociedade que tem a temática da igualdade, porém pratica a soma do individualismo.

De repente fiquei gelada e dei um passo pra trás para a

possibilidade de entrar naquela sala.

Meu namorado notou, claro, ele sempre estava atento a cada movimentação minha. Assim com seu jeito doce e protetor fortificou o aperto aos nossos dedos unidos e olhou-me onde dizia que estava comigo nessa, sem usar palavras, a nossa comunicação é ímpar.

Maycon deu duas batidinhas leves na porta e a abriu.

Não sei se era o frio do meu corpo ou do ar condicionado, mas senti falta instantaneamente de um casaco ao primeiro passo pra dentro da sala.

— Com licença professor.

Nossas mãos estavam unidas e nossos cabelos úmidos. Eu podia sentir os olhos voltados para nossos corpos conforme contornávamos as carteiras e cadeiras juntas, dando a quem chegasse a impressão de que os alunos estavam distribuídos em pequenos grupos de 4 ou 5 membros.

Consegui fazer o trajeto sem cair de bunda no chão. Estava de cabeça baixa e quando a suspendi olhei pra tudo quanto foi canto menos pra frente da sala.

Maycon deve ter analisado a sala da mesma forma, uma vez que puxou dois pares de cadeiras e carteiras para onde estavam Lucca, Nuli e uma aluna loira que nunca vi antes.

Lucca teve uma sobrancelha erguida quando sentei ao seu lado, Nuli a minha frente tinha um sorrisinho debochado nos lábios pequeninos e a tal loira tinha a sua atenção voltada pro Maycon que pegava algo em sua mochila.

Ouvimos um arranhar de garganta que não precisávamos ser adivinhos para sabermos a quem pertencia.

Quando tomei coragem para olhar para o dono do som de repreensão meu ar foi falho por alguns segundos.

Kyler tinha um ar cansado consigo, como se não dormisse bem desde quando nos vimos pela última vez.

O cabelo estava um pouco maior também. Vestia calça jeans e uma blusa social vinho arregaçada nas mangas.

OS seus olhos negros estavam rodeados de olheiras escuras. O brilho que uma vez me fez apaixonar-me por ele era incoerente.

Contudo havia muita raiva exposta em seus mínimos gestos. O seu olhar estava fixo no meu e desviaram para o meu cabelo úmido,

mais um pouco foi em direção ao do Maycon.

Por alguns segundos os seus olhos fecharam e quando abertos pareciam torturados.

Sua boca carnuda era uma linha rígida e os seu punhos abriam e fechavam, acredito que ele nem se deu conta disso. A sua postura era de uma briga por território.

— Gostaria de deixar claro que não participo da opinião de alguns colegas professores sobre tolerância aos atrasos por serem adultos, estarem pagando o curso e o que mais tiverem como desculpa para a falta de compromisso com o curso. Muitas poucas justificativas colam comigo.

Ele falava como se fosse pra classe, mas as adagas nos seus olhos estavam direcionadas para mim.

— Uma vez que vocês falhem como candidatos a um concurso público, qualquer que este seja, uma parcela dessa culpa automaticamente será desviada ao curso e a quem disciplinou a matéria. Que nesse caso sou eu.

Suas narinas estavam dilatadas e uma veia na testa fazia o seu trabalho para mostrar que ele não estava usando estas palavras em vão. Era uma ameaça velada.

— Assim tenho que informar aos que tendem a chegarem após as portas estarem fechadas que estarei notificando essa conduta ao administrativo do curso.

Uma garota morena que parecia uma índia entrou na sala, olhou para onde estávamos e para o clima pesado expresso no semblante do professor.

Segui o seu olhar e tinha uma bolsa numa cadeira próxima, ela deve ter saído para ir ao banheiro ou atender uma chamada, uma vez que havia um celular em sua mão.

Ela aproximou-se e ficou claro que fazia parte do grupo de Lucca, Nuli e a loira desconhecida que secava descaradamente o meu namorado.

No entanto, era o olhar da índia sobre Kyler que me preocupava e isso era muito imaturo e até ridículo da minha parte, mesmo porque ele estava sendo cobiçado por praticamente todas as calcinhas presentes. Ah! E alguns cuecas, devo acrescentar.

— E assim não carregarei o fardo do fracasso destes

que evidentemente virá. Não é pra isso que estou aqui.

Aos poucos ele foi dando-se conta da cena que armou e voltando a sua expressão normal. Ou tentando.

Passou as mãos no cabelo e jogou pra trás os fios teimosos com um inclinar da cabeça. Tão natural que fazia como se fosse quente como o inferno em torno dele.

— Não importa o quê, minha sala, minhas regras, entre elas, lá vai uma das fundamentais, da próxima vez que o senhor Maycon e a senhorita Naele atrasarem, sintam-se à vontade para faltarem a disciplina em questão.

Um suspiro alto.

— Abram a página 432 e sigam com a leitura até a 586 do material exposto para o trabalho em grupo e façam resumos de cada lei descrita pelo autor como pertinentes quando um cliente em potencial adentra um escritório de advocacia em prol dos seus serviços.

Olhei para o Maycon e dei a entender que eramos agora um número maior de membros no grupo do que o estipulado pelo professor, dada a disposição das cadeiras nos outros grupos da sala. E pela chegada da índia, ou retorno, melhor dizendo.

Meu namorado deu de ombros e abriu o livro após espichar um olho no material da Nuli. Fiz o mesmo no da Lucca.

A aula seguiu, mas um tremor constante no meu estômago fazia com que me sentisse acuada por saber que estava sendo monitorada por olhos intensos. Eu sabia que sim. Os pelos da minha nuca nunca abaixaram. A minha pele queimava e o meu núcleo latejava por ele.

Não era possível ignorar o quanto Kyler ainda era a minha parte frágil. A minha postura desinteressada era capaz de enganar a qualquer um de que ele fazia parte do meu passado.

Mas um único passo ao seu alcance me fez ver que o meu coração era dele. Esse eu não tinha como enganar. E embora a chave para libertar-me estivesse a um passo de mim eu não tinha força suficiente para lutar contra a avalanche de emoções que abalaram tudo em mim.

Kyler River intitulado Professor Pecado seria o meu fim se eu não erguesse ainda mais o meu muro de proteção.

(...)

Parece praga da lei da vida, porque tudo anda dando errado pra mim nos últimos dias. Um mês após iniciarem as aulas no “CPC”, tudo parece vir à baixo na droga dos meus dias.

Maycon passou a fazer marcação serrada quanto a qualquer passo de Kyler pra perto de mim. Seja no curso ou fora dele. Não que na segunda possibilidade fizesse diferença já que fora as aulas nunca tivemos qualquer contato.

As chamadas e mensagens no meu celular passaram a ser frequentemente questionadas. Assim como tudo que eu fazia fora de casa.

O que era uma tremenda babaquice da parte do meu namorado.

Nosso professor passou a disciplinar a sua postura perante a classe depois da primeira aula e jamais algo semelhante voltou a acontecer.

Embora pudesse sentir os seus olhos constantemente em mim e o seu mau humor voltado pra Maycon e eu, o sujeito mostrou-se um senhor profissional o tempo todo.

Maycon e eu passamos a ter brigas bobas por qualquer coisa. Eu ando um pé no rabo. Chata pra caralho. Tudo me incomoda. Meu humor está uma barganha de emoções.

Talvez tivesse haver com a certeza de que a realidade a minha volta não fazia de mim uma mulher feliz.

Outra de certo estaria... infelizmente pra mim... eu não.

Era evidente, Kyler havia desistido de mim, de nós. Nenhum de nós voltou a tocar em qualquer assunto que não fosse na área de direito e sempre com uma plateia ao nosso redor.

Então era isso... vida que segue.

Ou não. Porque nos últimos dias vinha me sentindo muito cansada e querendo comer até o asfalto quando presa no trânsito.

Achei que vinha do estresse que vinha sendo submetida, mas não, com o atraso da minha menstruação tive a resposta.

Confirmada categoricamente pela minha ginecologista. Estou grávida. Ninguém sabe ainda, é algo que estou guardando comigo. Apavorada, mas na minha. Simplesmente porque é uma situação fodida demais até pra mim.

Kyler ficou 2 semanas de atestado por ter que acompanhar a gravidez de Laura já que esta parecia estar passando por algum transtorno

clínico que nunca soube os detalhes.

No seu lugar estava um outro professor, muito bonito diga-se de passagem. Entretanto para tristeza das vadias do curso o cara era gay, casado e apaixonado.

A minha avó foi internada por pneumonia e meu avô estava em depressão por seu estado de saúde. Ela veio a melhorar a pouco tempo e meu avô voltou ao normal.

Nunca vi amor igual. Nem posso dizer que desejo algo assim pra mim porque já tenho algo bem próximo, pena que o meu coração é um imbecil que não valoriza isso e tenho que estar disciplinando a minha mente a cobri-lo de sermões e imagens de como sou sortuda por ter Maycon na minha vida.

Lucca e Nuli engataram num relacionamento e mal vejo ambas se não no “CPC”. Lucca praticamente mudou-se para o apartamento de Nuli.

Sinto-me abandonada por minha melhor amiga, mas sei que é egoísmo da minha parte, ela só está vivendo a sua própria vida.

Maycon quer que eu vá morar com ele, se existiu uma grande possibilidade antes, dada as circunstâncias, foi-se embora.

Seria muito acreditar que ele seguiria comigo grávida de outro homem. Estou quase certa que daqui a alguns meses serei mãe solteira.

Estou tomando coragem pra despejar a notícia da minha gravidez no colo do Maycon e muito temerosa pra qual será a sua reação, mesmo que entenda a opção de deixar-me pra trás.

Jamais estive com essa sensação antes. Mesmo com a traição de Josme. Sinto-me sozinha em uma emboscada da vida.

Seramente me pergunto porque não engravidei do Maycon, e a resposta é óbvia. Nós sempre usamos preservativo. Oposto a Kyler que me pegava e recitava o seu “foda-se”. E agora garanhão?

Foda-se a sua esposa e seu filho vivendo todos no mesmo lar como uma família perfeitamente feliz? Ou foda-se a desgraçada aqui e seu filho que será criado sem a presença do pai?

Ao comunicar ao Kyler sobre a minha gravidez, qual será a sua postura?

Ele sempre vem com um discurso pronto de querer ser diferente do pai. De ser imprescindível pra ele criar um filho fora do casamento,

sem acompanhar as primeiras palavras ou os primeiros passos, sem estar lá pra ele sempre.

Entretanto agora ele tem duas mulheres grávidas dele. Qual será a sua desculpa pra continuar com a Laura? Qual será a sua escolha?

Será que irá acusar-me de engravidar propositalmente? Não seria difícil de se esperar já que fui uma profana ao virar a sua amante sob a luz der uma vingança.

Ele assumirá o nosso filho como fez com o da Laura? Assumirá como quem dá o seu nome ao filho de uma amante? Irá permanecer casado e dando uma assistência à parte ao nosso filho? Meu filho será apontado como fruto de uma traição? Como o filho de uma amante?

Tudo seria tão mais tranquilo e com menos “e se” se eu tivesse esperando um filho do Maycon. Mas a minha vida não seria ditada por um final que não fosse repleto de turbulências.

Olho para a minha barriga ainda sem vestígios de uma gestação. E analiso os meus próximos dias.

Toco o porta-retrato sobre a minha mesa de trabalho. Nele estou nos braços do Maycon com Nuli nos braços de Lucca.

Elas com toda certeza parecem bem mais um casal feliz do que nós.

Consegui um trabalho em um escritório de advocacia que pertencia a um dos sócios do chefe de Maycon.

Acontece que a vaga veio junto com inúmeros tipos de pendências. O lugar estava um caos. A funcionária que pediu demissão me concedendo a sua vaga, não fez porque conseguiu algo melhor, mas porque o meu chefe era um perfeito idiota.

Asqueroso e arrogante. Quer tudo do seu jeito. Acha que todos que trabalham para ele são escravos com diplomas.

Porém ao contrário da sua ex advogada, eu não tinha experiência de trabalho na área jurídica então não podia exigir muito dessa chance que caiu do céu... não... do inferno.

Até porque agora eu não estava por minha conta somente, um bebê crescia em meu ventre.

Logo viriam despesas que eu teria que ter capital pra arcar.

A minha obstetra orientou a segurar o estresse, ainda no início já tinham vestígios de ser uma gravidez de risco.

Todavia estresse era como uma vírgula no texto dos meus dias.

O computador deu pau logo no meu primeiro dia, 2 dias depois foi a vez da impressora, 4 dias seguidos a fechadura da porta me deixou presa no escritório e tive que pagar uma grana ao chaveiro que veio me resgatar.

Uma semana depois, um registro importantíssimo de um cartório por uma documentação de um cliente antigo do meu chefe sumiu da minha mesa sem deixar notícias de sua partida.

Fui achá-lo na cozinha do escritório ao lado da pia parcialmente molhado. Tive que secá-lo e admitir a mim mesma que o meu nível de cansaço estava me dominando e levando a uma zona perigosa.

O que foi confirmado quando dormi no trânsito e um filho da puta dando um soco na minha janela me fez bater com o nariz no volante. Doeu pra cacete. Contudo também me deixou acordada suficiente pra chegar em casa e jogar-me de qualquer jeito na cama.

Suspiro com a cabeça jogada pra trás apoiada na cadeira de couro macia. O quê posso esperar de um relacionamento rápido ditado por uma vingança que levou a uma gravidez inesperada, mas que só veio a acontecer por imprudência nossa?

Bom... logo saberei a resposta.

Kyler

13

O vento quente bate no meu rosto conforme subo e desço os degraus da velha igreja. Os fios crescidos colados na testa, bochechas e nuca, aumentando a sensação de calor. Preciso de um corte de cabelo urgente.

Faço isso numa sequência exaustiva de vezes. Exercícios em escadarias sempre foram os meus prediletos.

O meu short verde e a minha camiseta branca colados no meu corpo. Os tênis e meias encharcados de suor.

A água gelada que trouxe comigo já está praticamente morna. Opto por jogar no rosto a beber.

In Your Park (Scorpions) explode nos fones enquanto corro pelo parque mais próximo. Os músculos do meu corpo ardem e a pele parece está sendo torrada no sol quente mesmo sendo início da manhã.

A minha mente a mil em poucos segundos. Uma vida inteira passando como nos créditos de um filme na minha frente.

Cresci nesse bairro então posso enxergar o passar do tempo em primeira linha. Idosos que antes eram os pais jovens dos meus coleguinhas de sala. Crianças vizinhas que cresceram comigo, tornaram-se adolescentes conhecidos no bairro, muitos por serem problemáticos, e hoje estão aqui com suas esposas e filhos.

Casas de famílias de bem financeiro respeitável abandonadas, muitas em ruínas, provavelmente com processos de anos corridos no fórum local, enquanto residências humildes como a dos meus pais foram reformadas e conseguiram sobreviver com maior dignidade ao decorrer dos anos.

Olho ao redor famílias fazendo dos seus domingos o que lhes é mais prazeroso, o passar dos dias ao lado dos que amam.

Avisto um pai impulsionar o balanço para uma menininha loira com longas tranças, enquanto outro brinca de bola com os seus dois moleques, todos vestindo uniformes do Corinthians, mais à frente outro solta pipa com um bebê no colo. Este é o que me chama mais atenção. Sento no chão, embaixo de uma grande árvore, e os observo.

A figura desdentada de fraldas apenas segura o fio que conduz a pipa no ar e sorri para o pai com a cara do bobo mais feliz do mundo.

Imagino-me na mesma cena com o meu filho. Não sei como é a sensação porque não tive isso com o meu pai, mas quero viver isso com o meu filho.

De repente as mãozinhas gorduchas largam o fio e a pipa toma vida solo no céu.

O bebê chora, o pai faz cócegas em sua barriguinha, e ele volta a sorri.

O pai o leva acima da cabeça e gira o minúsculo corpinho, só para receber uma vomitada leitosa nas costas.

O sujeito ri mais ainda enquanto uma mulher, provavelmente a mãe na situação, corre ao seu socorro com uma toalhinha azul em mãos, acompanhada de um cachorro enorme em seu encalço.

Quando encosto a minha cabeça no tronco e fecho os olhos, realmente estou naquela cena, só que não é Laura que está comigo. Naele é a mãe do meu filho. Essa é a nossa família feliz. Com direito a cachorro e cerca branca.

Suspiro, uma carga pesada saindo dos meus pulmões quando penso nela. Pensar em Naele e imaginá-la comigo, virou uma espécie de sonho contínuo, mesmo estando acordado.

Um itinerário de fuga ou necessidade. Como só alguém que já passou por isso ou talvez um leitor assíduo entenda.

Tenho uma enorme necessidade de abandonar, mesmo que por míseros minutos a minha realidade.

Ter em meus braços e grávida do meu filho a mulher que eu amo e não a minha melhor amiga e esposa grávida.

Frustração denomina os meus dias, mal consigo considerar um dia em que algo prazeroso me foi remetido.

Pensei que seria mágico ver o meu filho crescendo no ventre da minha esposa. Contudo o que mais fazemos é frequentar médicos e fazer exames.

Laura tem uma gestação de alto risco correndo por seus dias. Por ser portadora de DM 2, a sua gestação é extremamente complicada.

O diabetes é uma síndrome metabólica de origem múltipla, decorrente da falta de insulina e/ou da incapacidade da insulina exercer adequadamente seus efeitos, causando um aumento da glicose (açúcar) no sangue.

Este acontece porque o pâncreas não é capaz de produzir o hormônio insulina em quantidade suficiente para suprir as necessidades do organismo, ou porque este hormônio não é capaz de agir de maneira adequada (resistência à insulina).

A insulina promove a redução da glicemia ao permitir que o açúcar que está presente no sangue possa penetrar dentro das células, para ser utilizado como fonte de energia.

Portanto se houver falta desse hormônio, ou mesmo se não agir corretamente, haverá aumento de glicose no sangue, e consequentemente diabetes.

Os tipos de diabetes são o DM 1 (o pâncreas perde a capacidade de produzir insulina em decorrência de um defeito do sistema imunológico fazendo com que nossos anticorpos ataquem as células que produzem esse hormônio), pré-diabetes (é um termo usado para indicar que o paciente tem potencial para desenvolver a doença, como se fosse um estado intermediário entre o saudável e o diabetes tipo 2, pois no caso do tipo 1, não existe pré diabetes pois a pessoa nasce com uma predisposição genética ao problema e a impossibilidade de produzir insulina, podendo desenvolver a doença com qualquer idade), DM 2 (existe uma combinação de 2 fatores, a diminuição da secreção de insulina e um defeito na sua ação, conhecido como resistência à insulina. Geralmente o DM 2 pode ser tratado com medicamentos orais ou injetáveis, contudo, com o passar do tempo pode ocorrer o agravamento da doença, DM gestacional (é o aumento da resistência à ação da insulina na gestação, levando ao aumento no nível de glicose no sangue, podendo ou não persistir após o parto. A causa exata ainda não é conhecida, mas envolve mecanismos relacionados a resistência a insulina), DM por defeito genético da função da célula beta, DM por defeito genético por ação da insulina, DM por doença do pâncreas exócrino (pancreatite, neoplasia, hemocromatose, fibrose cística), DM por efeitos induzidos por drogas ou produtos químicos (diuréticos, corticoides, betabloqueadores, contraceptivos).

Assim as consequências por anos de tratamento inapropriado, vieram com tudo quando Laura engravidou.

Segundo o obstetra pacientes portadoras de mellitus tipo 2 podem avançar para um conjunto de riscos tanto para a grávida quanto para o bebê. Entre estes estão o aborto espontâneo e a pré-eclâmpsia. Assim como má formação fetal, macrosomia, parto traumático, hiperbilirrubinemia e Hipoglicemia neonatal.

Não consigo dá um passo sem que ela grite para que eu fique ao seu lado. Quer a minha atenção 24 horas por dia.

Por outro lado tenho tido a responsabilidade de ter que gerir a assistência ao meu pai. O seu quadro piorou muito e na última segunda entrou em coma.

Tem sido uma experiência complicada e dolorosa embarcar em dois estágios de vida completamente diferentes. Meu pai e meu filho. O início e o fim.

Os oncologistas alertam que ele pode vir a óbito a qualquer momento. O obstetra de Laura alerta que se ela não tiver os cuidados necessários pode vir a perder o bebê a qualquer momento.

Estou... cansado...enlouquecendo.

Mantenho os olhos fechados depois que a família feliz senta pra fazer um piquenique. Novamente tudo que me vem é Naele. De como eu queria fugir daqui e correr ao seu encontro.

Sinto saudade do seu cheiro, do seu calor, do seu gosto. Dói muito viver sem ela. As vezes penso que não vou suportar tanto amor camuflado dentro de mim para não prejudicar o quadro clínico da Laura.

Uma lágrima escorre por meu rosto e logo outras estão no mesmo curso. Abaixo a cabeça e me deixo sentir.

Estamos avançando para o final de Fevereiro. Só a vi no “CPC”. O primeiro dia em que a vi com o Maycon, ambos de cabelos molhados entrando pela sala de aula, foi devastador a ponto dos alunos perceberem. A classe sabe parcialmente que tivemos um caso, claro que sem os detalhes.

Fui chamado no RH e no DP. Pediram explicações devido a algumas fofocas que circularam com a cena que eu dei.

Logicamente que contornei a situação jogando o meu charme para as chefes do RH e do DP.

Tenho como artilharia elas terem uma queda por mim e uso isso ao meu favor. Não me julguem por usar desse artifício quando preciso.

Mas foi por pouco.

Então tive que recuar. Por mais doentio que seja, o “CPC” é o nosso único ponto em comum ultimamente.

É o único lugar em que Naele e eu estamos juntos, embora a uma distância dolorosa.

Ser demitido ou ter as minhas aulas vinculadas a outra turma estava fora de cogitação pra mim. O jeito foi me policiar conforme a raiva do ciúme me corroía a cada dia que os via juntos.

E devo dizer que não está sendo nada fácil. Mesmo com os meus atestados. Estou na segunda semana de atestado em praticamente dois meses de curso, isso sendo novo no trabalho e um professor substituto que agora tem um substituto.

Acontece que a Laura tem passado muito mal e por mais que agora eu tenha obtido o êxito de conseguir uma enfermeira e uma doméstica para fazer companhia a ela direto, que podem entrar em contato comigo a todo momento, alertando-me pra qualquer risco, é por mim que chama sempre.

O meu celular não consegue sequer segurar a bateria tamanho o número de ligações ou mensagens dela. Vídeo chamada ou chamada no viva voz, preciso dizer. A todo quanto é minuto ocorre uma ou outra.

Quando não é isso, chegam as mensagens que tenho que responder de imediato, caso contrário ela surta e passa mal.

E não posso esquecer do ciúme e da sua fome por sexo. Laura virou uma mulher extremamente insegura quanto a sua aparência. Quanto maior a barriga, mais ciumenta fica. E olha que está no início da gestação. Assim ainda praticamente não engordou ou tem barriga saliente o suficiente para chamar a atenção.

Não importa o quanto eu diga que ela está linda grávida. Não é o bastante que eu saliente que amo o seu corpo gerando o nosso filho.

Ela não acredita, mas eu sou alucinado por grávidas. Acho sexy. A mulher fica mais gostosa. Os seios maiores. A pele e o cabelo criam vida. O brilho super extra no olhar. O calor que transborda da alma. O amor que incendeia vindo do coração.

Quanto aos desejos de gravidez, todos que a minha esposa têm estão relacionados aos sexo. Parece uma louca atrás de mim obcecada por foder em todo canto do apartamento.

Eu não deveria reclamar, certo? Esse é o tiro no pé mais cobiçado entre os maridos. Mas não seria verdade se eu dissesse que estou bem com isso. Estaria de certo se fosse com a Naele. Contudo não é. E isso me mata. Porque almejo viver isso com ela um dia. Mas quando? Em que vida? Essa nos fodeu com tudo que foi capaz.

Laura quando não está acamada por sua saúde, está a espreita pelo meu corpo, que cada vez menos deseja está junto ao dela.

E assim são os meus dias.

Perfeitos lotes de merda.

Fontes de Pesquisa: Minha Vida, Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia – SBEM.

Naele

14

Finalmente ontem tive com Maycon a conversa pendente sobre a minha gravidez. Foi muito difícil pra mim, mas parece ter sido pior pra ele. Não... realmente foi pior pra mim.

Infelizmente Maycon não é o tipo de homem que assume o filho de outro cara. Isso ficou evidente quando educadamente deu o fora da minha vida.

Segundo ele estávamos ainda no começo e eu deveria dá uma chance ao pai do meu filho, que notoriamente não é segredo de quem é para o meu ex namorado.

Era passível disso ocorrer. Digo, um cara não quer assumir a responsabilidade pelo filho de outro.

Seria esperar muito amor dele por mim. A possibilidade que criasse uma criança que não é dele. E tudo mais.

Uma garota vingativa em prol de algo do passado. Ok. Uma namorada apaixonada por outro cara. Ok. Traição com o ex. Ok. Gravidez alheia? Nem em sonho querida.

Mas não era ele que me amava sem pensar no amanhã? "Que seja eterno enquanto dure". Estava escrito na aliança que colocou no meu dedo tão rápido quanto tirou. Foda-se esse amor de merda.

Ele poderia pelo menos ir mais devagar com o chute na minha bunda. Mas não, ele não pensou duas vezes.

Disse que era muito pra ele ser pai ainda jovem. Que aliás ser pai talvez nem fosse pra ele. Do filho de outro homem então, sem chances.

Na lata, sem rodeios.

Após viu que estava pegando muito pesado comigo e veio com o papo de sermos amigos e estar junto para o que eu precisasse.

Terminou dizendo a típica frase... "Sabe que Kyler tem o direito de saber que será pai".

Não idiota. Fiz direito nas coxas. Paguei pela merda do diploma. Argh!!!

Ainda acrescentou que sempre iria me amar... ah... de certo modo... completou.

Han, han. Percebi. Como água e óleo próximos. Bastardo do cacete!

Pelo visto o amor que deliberava sentir por mim não continha no seu contexto uma namorada grávida do ex fodido relacionamento relâmpago.

Depois da nossa conversa = Bye-bye, passei uma madrugada horrível. Contudo ainda mais do que nunca tinha que tirar a minha bunda da cama e ir trabalhar.

Eu não poderia ser demitida grávida por lei. Todavia sempre existia essa possibilidade no depois. E eu seria uma mãe solteira logo.

Se muito, se desse sorte, Kyler assumiria algumas das despesas. É aquilo, filho é sempre da mãe. Fim de papo. Estava por minha conta o futuro do meu filho.

E eu vou proteger o meu filho de tudo e de todos. Não importa o que venha. Estou aqui como uma leoa pronta pra devorar os meus adversários. Garras afiadas. Dentes expostos. O aviso está visível. Bastar saber que não estou brincando com o fato de que meu filho vem em primeiro lugar.

É instantâneo. Sem delongas. O instinto materno simplesmente aflora de um dia pra outro. Em segundos, a sua vida passa a ter um único foco. Tudo ao redor passa a ser observado. Analisado com precisão. O futuro não é amanhã, é daqui a milésimos de segundos.

(...)

Lucca havia viajado para conhecer os pais da Nuli. Elas estariam assumindo o relacionamento. E eu estava em êxtase por elas. Porém com essa viagem não havia ninguém a quem me apoiar. Eu estava sozinha para o meu filho nessa.

Por agora eramos só nós dois.

Talvez no futuro nada mudasse.

Talvez mudasse totalmente.

Só o tempo guiado pelo testamento do destino traria o que a minha mente teima em profetizar.

(...)

Quando cheguei ao trabalho uma colega grávida que fazia curso no "CPC" em outra turma disse inocentemente ter encontrado com o professor Kyler e com sua esposa no consultório de seu obstetra.

Aparentemente Laura levou os seus problemas com a

diabetes para a gravidez.

Sony me contou como Kyler era o marido perfeito para qualquer gestante. E que as demais gestantes no consultório babaram por ele. Em como bom pai ele seria.

Foi o bastante para o meu mal estar retornar. Vômito no banheiro três vezes consecutivas. Falta de ar ao imaginar a cena. Uma dor de cabeça absurda me abraçou com força. E uma cólica se fazia singelamente presente.

Passei muito mal durante as próximas horas de trabalho. Então resolvi ir pra casa pois não estava produzindo nada.

Era inútil buscar um desvio pra outro pensamento que não fosse Kyler como pai do filho de Laura e não do meu. Embora ele fosse exatamente isso. Duplamente pai. A realidade me deu um soco na cara e riu da minha queda.

Peguei o carro e ao que pareceu cerca de 3 km percorridos, senti uma devastadora queimação na nuca e fortes dores na região do abdômen.

Não demorou muito para que eu perdesse o controle do carro e batesse em algo duro o suficiente pra me levar pra frente, embora estivesse com o cinto de segurança.

Mesmo com a visão embaçada vi o que se passou. Eu havia batido em um poste. Foi a última coisa que vi antes de desmaiar.

(...)

Acordei no hospital público mais próximo. Pelo que entendi fui socorrida pelos bombeiros. Segundo o médico plantonista eu tive um pico extremo de pressão.

Fiquei 2 dias em observação. Sozinha. Mais uma vez, não tinha a quem chamar com Lucca e Nuli fora do estado.

Recebi alta após realizar alguns exames que levei para a minha obstetra.

O carro estava uma merda que foi rebocado e levado para o conserto. Então o jeito foi ir de Uber.

Consegui uma consulta por encaixe com a minha obstetra. Realizei um grande número de outros exames e voltei pra casa.

(...)

Com o atestado médico do hospital cobri a ausência no trabalho daquele dia. Com o atestado da minha obstetra as faltas pelo restante da

semana no trabalho e no curso no decorrer da semana.

Tive que embarcar em um Uber novamente para fazer as devidas entregas dos atestados, ainda que não estivesse bem para sair de casa, não poderia ser de outra forma, ambos os locais tinham prazos legais para a entrega destes.

Teria que retornar a minha obstetra na segunda. A consulta seria no fim da tarde então daria pra ir pelo menos ao trabalho.

Para o curso talvez rolasse outro atestado. O que seria muito bom pra falar a verdade. Tudo pra não encarar Maycon e principalmente Kyler tão cedo.

Pergunto-me se Kyler chegou a questionar a minha ausência no curso ou se teria se perguntado porque Maycon estava frequentado as aulas sem eu estar ao seu lado.

Se for por aí nem Maycon me ligou sequer pra saber porque faltei.

Uau! Relacionamento relâmpago com o Kyler. Quase isso com o Maycon. Amor “trovoante” de ambos por mim. Eu era quase uma tempestade em suas vidas. Do tipo passageira.

(...)

Ah quão filha da puta é você Maycon! Príncipe ou selvagem na cama? Ambos. Depois da minha gravidez de Kyler? Somente o segundo. Valeu mostrar que a cara de bom moço era furada Maycon.

Quanto a Kyler, bobeira minha. Certo? Mas é claro. Ele não sabe que carrego um filho dele no ventre e mesmo se soubesse prevejo que tem uma outra mulher tal qual. Ou seja. A sua esposa grávida, para se preocupar.

Quem era eu na sua vida? Resposta rápida? Um fodido caso de vingança.

(...)

Segunda depois de um dia de trabalho tumultuado levei os meus exames para a minha obstetra avaliar.

Segundo Dra. Lurdes estou com deficiência de ferro no organismo. Pra ser mais exata estou com anemia ferropriva, que interfere na formação de hemoglobina, proteína do sangue responsável pelo transporte de oxigênio para as células.

A anemia ferropriva instala-se no organismo por carência nutricional, parasitoses intestinais ou perda excessiva de sangue.

Nos estágios mais avançados ocorrem alterações na pele e nas mucosas (atrofia das papilas da língua e fissuras nos cantos da boca).

Sem ferro suficiente os glóbulos vermelhos não conseguem transportar a quantidade necessária de oxigênio para os tecidos do corpo.

A deficiência de ferro leva a anemia, ou seja, a diminuição da produção de células sanguíneas que pode retardar o desenvolvimento do feto.

Dieta inadequada, falta de reposição de ferro e diluição natural do sangue na gestação devido o aumento na retenção de líquido, seriam as causas prováveis.

Os sintomas batem perfeitamente com o que estou sentindo nos últimos dias. Com o exame clínico a minha obstetra só aguardava os exames de laboratório para confirmar.

Palidez, falta de fôlego, fadiga, letargia, mal estar, tontura, dor de cabeça, falta de ar, irritabilidade, queda de cabelo, unhas quebradiças, síndrome das pernas irrequietas e falta de apetite, apatia, palpitação e taquicardia.

Saí do consultório com outro atestado para o curso como previsto. Além de uma receita de um medicamento oral à base de ferro e suplementação por vitaminas extras.

Também me foi recomendado uma dieta balanceada. Especificamente em alimentos ricos em ferro. Entre estes agrião, espinafre, lentilha, feijão branco, frutas secas, gema de ovo, fígado, escarola, melão e abacate.

Que legal! Virei uma natureba recheada de uma bebê. Como poderia reclamar, hum? Melhor do que isso só proibindo o meu sagrado encontro semanal no Subway. Espera! Foi exatamente isso que veio em seguida. Pacote completo, hein?

Fontes de Pesquisa: Manual MSD, Redação Minha Vida, TrocandoFraldas, A Revista da Mulher, Portal Drauzio Varella.

Kyler

15

Eu estava enlouquecendo. Estava difícil manter a minha promessa de ficar longe da Naele.

Ela havia faltado algumas aulas. E o namoradinho de merda dela vinha frequentando as aulas sem ela tranquilamente.

Sem vestígios de que algo ruim poderia ter ocorrido com ela. O que de certo modo me tranquilizou. Mas não muito e não por muito tempo.

Aliás o traste estava avançando as suas malditas asas pra aluna nova. Uma loirinha baixinha que tinha todo jeito que deu ou daria pra ele em breve.

Sou homem, sei ler nas entre linhas.

Não que ele parecesse preocupado em como transparente refletia o seu flerte de merda.

Talvez Maycon e Naele estivessem brigados. Talvez tivessem rompido o relacionamento.

Deus perdoe um maldito ex desesperado, mas eu sinceramente esperava ouvir essa notícia o quanto antes.

Deu alguns minutos e Naele chegou a aula. Atrasada. Parecia ter corrido muito, pois estava notoriamente escassa de fôlego. Eu deveria, mas não dei um sermão pelo atraso.

Estava vestida casualmente em um jeans largo, blusa mais larga ainda e tênis. Sem maquiagem e com um rabo de cavalo prendendo os fios vermelhos.

Não pude evitar. Analisei a maldita tentação da minha vida em mínimos detalhes.

Algo estava errado. Muito errado.

Naele pediu licença e entrou. Havia medo de uma represaria minha. Estava notório na sua postura.

Procurou um lugar vazio. Longe das amigas que a olhavam tal como eu. Incrédulas e preocupadas.

Longe dele. Que não estranhou o movimento nem um pouco. Assim como ela não mostrou sentimento algum por vê-lo tão próximo da

loirinha.

Eu poderia dizer que estou em êxtase agora. Mas estou longe disso. Na realidade estou confuso e angustiado com o que vejo.

Só agora que observei a mão dela que avistei a dele. Sem as alianças. Eles desmancharam o namoro enfim.

Doeu vê-la tão mal por esse rompimento. Naele realmente o ama tanto assim? A ponto de estar tão magra, abatida e pálida?

O quê esse infeliz aprontou?

Juro por Deus que vou matá-lo.

Não estou isento de erros para com ela, mas não a deixei assim quando parti. Nunca partiria se a trouxesse a esse estágio de apatia.

O quê vem depois?

Depressão?

Já estive lá, não vou deixá-la pisar nesse território tóxico.

O quê faço?

Tire a bosta de debaixo da sola e pense Kyler.

Oh merda! Estou indo por esse caminho... sim... vamos lá.

Meu desespero me faz criar uma estratégia de urgência para descobrir o que aconteceu.

Tem que dá certo.

Avante babaca apaixonado Kyler River, sabedoria e coragem homem.

Arranho a garganta.

— Então pessoal. Vamos fazer uma dinâmica diferenciada. Ok?

Todos me olham sem piscar.

Sim. Vamos brincar de chefe mandou.

— Vamos fazer uma espécie de pergunta e resposta em duplas. Não sei se conhecem o jogo. Funciona assim, um pergunta, o outro responde o que vem de imediato a mente. Sem pensar. Um tanto de tiro ao alvo. E muito à queima roupa.

Naele franze a testa. Tenho vontade de gargalhar. Ela tem as suas dúvidas quanto a veracidade do meu intuito em sugerir essa atividade.

— É um exercício para que possam trabalhar as suas próprias respostas, bem como estarem aptos a interpretar um suposto discurso irreal do seu próprio cliente ou um de seu concorrente no futuro.

Putá merda! Ela não segurou a bola lançada sem um goleiro a postos. Seus dentes estão no lábio inferior. Está maquinando uma escapatória. Sabe que planejo um interrogatório. Ela já entendeu o ponto aqui. Sem muito tempo no jogo. Ela sabe o que virá. Porra! Essa é minha garota!

— Seja no escritório ou no fórum, vão precisar de um time farejador.

Sinto o cheiro do seu pânico. Sinto todo o seu desespero sem ter que chegar perto. O quão fodido estou com a ligação que tenho com essa mulher?

— Faremos um rodízio de 10 perguntas bate e volta. Assim todos enfrentarão todos. Também vou participar. Estarei avaliando cada um. Deem o melhor de si. Eu certamente darei o meu melhor.

A olho fixamente. Estou respondendo silenciosamente as suas perguntas. Mas as dela quero ouvir em alto e bom som.

Carteiras e cadeiras duplas arrumadas. Todos à postos. Que comece o jogo. O meu objetivo? Recuperar o que é meu. Sempre foi e sempre será. Foda-se. Querida estou de volta a sua vida. E espero nunca mais ter que partir novamente. Mas se acontecer. Nada me impedirá de virar a esquina e voltar ao meu lugar. Que mais do que nunca sei que é ao seu lado.

(...)

Não preciso dizer que a próxima 1 hora e meia foi uma tortura. Demorei a alcançar a Naele. Perguntei e respondi de tudo um pouco.

Logicamente usando como vantagem a minha experiência profissional, atuando como um dos melhores advogados do grupo Brás, o escritório onde tenho o meu nome fixado como um dos seus, quando atuo sob a sua tabela financeira.

Uma vez bom no que se faz, sempre há como administrar o seu conhecimento seja lá qual for a situação desafiadora.

Sorratamente me esquivei de algumas respostas sem que o sujeito da ação alcançasse o meu recuo. Até que chegou a vez dela.

Notei como ficou quando sentou-se com o Maycon. Pareceram dois estranhos.

Com as amigas foi diferente. Lucca parecia muito brava e Nuli chateada.

Quando sentamos frente a frente Naele parecia... tímida?

Sim. Todavia muito cansada também e com olheiras que saltavam aos olhos pra qualquer um ver.

Eu havia notado quão frágil estava, mas agora cara a cara, pude ver o que o meu coração vinha tentando alerta-me. E nesse instante não sei se odeio qualquer um mais do que a mim mesmo.

Como não corri até ela no primeiro round da situação? Como deixei que fosse nocauteada dessa forma?

Que amor esse o meu que não estava lá para ela quando precisou de meus músculos para protegê-la afim de elevar-se no queixo daquele miserável tão rápido que ele não saberia quem o acertou?

Como o desgraçado que dizia amá-la não reagiu em desespero e preocupação ao que vemos? Se eu vejo, ele vê, todos veem, mas ninguém levanta um dedo para evitar o seu declínio.

Quero honestamente acreditar que assim como eu todos que deveriam se importar com ela só estão tendo acesso ao seu agravante estado agora.

Ou é melhor que tenham como alarde uma breve expectativa da minha ira através da visão da minha face distorcida, assim tão logo possa resgatá-la, sairei ao encalço de cada um que a deixou propositalmente pra trás.

Estou em pânico com o que vejo. E o meu pânico está me levando a pensamentos homicidas. E minha mãe me ensinou que um homem não deve atravessar o seu punho no rosto de uma mulher, assim Lucca e Nuli se safam parcialmente da minha ira. Todavia nunca me foi dito nada a respeito de não esmagar o rostinho de playboy bastardo. O que faz do Maycon o meu saco de pancada da vez.

(...)

Respiro fundo e começo com uma calma que está longe de existir. E com um controle que em nada se faz real.

— Preciso que seja sincera nisso aqui.

— Quase sempre sou.

— Comigo não.

— Vou ser de agora em diante, na medida do possível.

O que me levou a mentir pra você quando nos conhecemos não tem a menor importância pra mim agora.

— Josme se foi?

— Tudo sobre ele.

— Sabe porque chegamos aqui, não sabe?

— Sim, faço uma certa noção. Então vamos logo com o que quer que seja isso.

Ela ataca. Dizem que a melhor defesa é o ataque. Mas nem sempre faz o seu trabalho favoravelmente. As vezes é melhor esperar o próximo passo para retribuir. Paciência é uma boa arma de defesa. Não posso dizer que posso usá-la no momento, mas deveria, seria inteligente, de ambas as partes.

— Não vou começar com o óbvio Naele, porque queimaria 1/10 das chances de desvendar o que tem feito de você uma aluna faltosa.

— O quê sugere então?

— Preliminares.

— Como?

— Vamos aquecer com algumas perguntas mais fáceis de serem respondidas. Depois entramos no jogo afinal.

— Você não fez isso com os outros alunos. 10 X 10. Foi como cantou as regras. Não houve nada de preliminares com nenhum deles.

— Meu jogo... minhas regras. Altero as regras quando bem entender.

— Não é justo.

— A justiça é cega. Não aprendeu isso na faculdade?

— Não nesse sentido, mas de julgar com igualdade.

— Isso era antes da ciência avançar nas cirurgias oftalmológicas. Agora a justiça só é cega porque é falha.

— Quero igualdade aos outros alunos.

— Num jogo não existe igualdade, porque um jogador se distingue do outro. Os adversários são outros, mesmo sendo os mesmos, não se joga o mesmo jogo duas vezes.

- Para... com essa merda!
- Não posso, e você sabe disso.
- Por que dessa dinâmica. Onde você quer chegar com isso professor.
- Kyler... me chame de Kyler amor.

Ela fecha os olhos e absorve as minhas palavras.

- Professor Kyler... não se atreva a me chamar de amor. A nossa breve história se perdeu no tempo.
- A nossa história está só começando a.m.o.r... sinto sua falta.
- Não seja hipócrita. Sente falta de me foder.
- De te deixar sem poder dá um passo depois do outro, sim, claro. Mas sabemos que existe muito mais entre nossos corpos do que sexo.
- Deus! Por favor Kyler.

Meu pau fica duro na hora.

- Se falar por favor rouca desse jeito vou gozar na porra da calça na frente de uma turma de alunos amor.
- Grosso!
- Que bom que deixei isso bem gravado na sua mente amor... grande e grosso.
- Nojento!
- Cuidado princesa. O cheiro da minha porra pode atrair outras fêmeas. Você não vai querer isso, não é?
- Sabe de uma coisa.
- O quê?

Ela ergue o queixo.

- Brigar com você me excita.

Porra! Engulo em seco.

- Então os machos da sala podem ser atraídos pela minha excitação. E pelo o que me lembro isso acontece antes de você explodir com a sua porra.

Meu grunhido é selvagem.

- Da mesma forma que você esporra muito do seu

leite, eu também tenho uma enxurrada do meu líquido que...

Ela lambe os lábios.

— Não sei se você se lembra...

Ela cruza e descruza as pernas e as pressiona uma contra a outra. Não consigo desviar os olhos. De repente o jogo ficou perigoso pra mim. Ela sempre foi uma exímia jogadora. De alguma forma eu acordei a fera adormecida dentro dela. Amo saber que só eu tenho esse efeito sob ela. Assim como só ela tem sob mim. Somos farinha do mesmo saco.

— Mas o fato da filha da puta aqui está encharcada por você... fez o seu pau escorregar direto num só impulso para o fundo do meu canal... várias vezes.

Gemo baixinho. Filha da puta, sim, você é uma filha da puta, ainda bem que reconhece.

— Ok. Já entendi. Agora responda a minha pergunta.

Rosno.

— Qual? Você fez muitas.

— Você sabe qual.

Sua cabeça inclina para o lado.

— O quê me fez ser uma aluna faltosa?

Balanço a cabeça.

— Sua pergunta não tem base para ser respondida, mas vou ser legal contigo. Não existe falta onde se cumpre com o exigido.

— E como seria isso?

— Você falou de óbvio agorinha, pense.

Penso, mas nada vem.

— Não alcancei, desculpe, preciso de ajuda para acompanhá-la.

— O quê... segundo o “CPC” isenta faltas?

Arregalo os olhos.

— Atestado?

O que isenta faltas no “CPC”? A comprovação de uma doença com um carimbo médico atestando.

— Por que motivo teve que atestar uma doença? O quê

você teve?

Ela desvia o olhar.

— Naele?

Silêncio.

— Olhe pra mim.

Seus olhos lentamente voltam-se aos meus.

— Um acidente.

Engasgo.

— Que tipo de acidente?

— Carro.

Meu coração dispara.

— Como? Onde?

— Na saída do meu trabalho. Bati num poste.

— Explique melhor... trabalho?

— Passei mal... estou trabalhando.

— Detalhe isso.

— Pressão alta... num escritório de advocacia.

— Nunca soube que você tinha qualquer problema de saúde.

— Você pouco sabe sobre mim.

— Mas te conheço melhor do que qualquer pessoa nesse mundo.

— Você realmente acredita nisso?

— Eu não acredito, tenho certeza.

— Ah é?

— É princesa. E você sabe por que?

— Diga, estou corroendo os meus nervos pra saber professor.

— Porque somos partes iguais de um só material.

— Eu sou a parte que você deixou pra trás.

— Eu tive o meu motivo, e você sabe qual foi.

— O seu filho.

— Exato.

- E esse pode ter sido o maior erro da sua vida.
- Escolher por um filho nunca é um erro.
- Não quando é uma vida pela outra que você deixou pra trás.
- Nunca quis te deixar pra trás. Eu voltaria pra te buscar. Esse era o plano.
- Quando?

Abaixo a cabeça.

- Não tenho uma resposta precisa. Dia, ano, local. A única certeza que tenho é que eu voltaria.
- Seria tarde demais.
- Era um risco.
- Mesmo assim você fez.
- Eu lutaria por você. Fosse quem fosse o cara ao seu lado.
- Acontece que não estou falando de mim.

O meu corpo estremece. E eu não sei porque. Mas ocorre. É forte, intenso e doloroso.

- Devo ter ficado lento depois de tantas perguntas e respostas. Refresque-me a mente. Não alcancei novamente a sua linha de raciocínio. Parabéns. Isso é algo novo pra mim. Sou conhecido por mirar e acertar o alvo. Sou rápido e preciso. Contudo, não faço a menor ideia do que você está falando.

Seus olhos vão para o teto quando responde.

- Não é algo pra lembrar. É algo pra saber.
- Manda. Tenho certeza que é algo do meu interesse.

Dou uma olhada de relance na turma. Alguns prestam atenção em nosso diálogo. Outros estão em seus próprios duetos.

- Só um minuto.

Naele olha ao redor entendendo o meu ponto e acena.

- Vejo que o interesse de um e outro aqui está no que não é da sua conta. Devo repetir que é uma atividade avaliativa? Estou observando vocês, ok? Então acho melhor tratarem do material próprio e não o do vizinho.

Volto a minha atenção a ela.

— Prossiga amor.

Ela revira os olhos. Não sei o que tem de diferente, mas mesmo abatida, nunca me pareceu mais linda. Acho que acabo de me apaixonar pela mesma mulher uma segunda vez.

Ela nega com um gesto hostil.

— Talvez um dia. Não é o momento. Chega de preliminares. Vamos ao jogo de fato professor.

(...)

Eu sorria preparando-me para lançar as perguntas que estavam martelando em minha mente quando Ana Lia do administrativo pediu licença e entrou na sala.

Ela sugestivamente olhou-me e percebi um vislumbre de fogo nos olhos da Naele. Sim, ela ainda me tinha em seu sistema.

Ana é uma mulher linda, baixinha de olhos azuis claríssimos que contrastavam com a sua pele cor de oliva. Algo excêntrico e desafiador.

Levantei sobre os olhos observadores da Naele e a segui até a frente da sala quando pediu que comunicasse aos alunos sobre o feriado e recesso do carnaval.

Feito isso a sala virou um território nada propício para o que almejava continuar a trabalhar, tanto como fodida atividade improvisada com os outros alunos como com propus ter com a Naele.

A ideia que surgiu na festa de fim de ano, e que parecia ser tradição entre os alunos e funcionários do curso, de passarem juntos o carnaval, veio à tona através dos veteranos.

Assim mais uma vez Porto de Galinhas estava sendo escalado para o point do carnaval do “CPC” em 2019.

Eu não sabia de certo se iria, provavelmente não. Laura está grávida e com risco de perder o bebê.

Todavia a menção da Lucca de que Naele iria, deixou-me em uma arapuca do cacete. Maycon evidentemente iria, dada a forma como reagiu.

E se eles reconcilhassem? Muitos caras desmanchavam o relacionamento sério no carnaval para poderem curtirem sem amarras e corriam atrás do prejuízo depois. E essa fosse a dele?

Oh cara! Eu não poderia pagar pra ver. Nem fodidamente haveria essa hipótese. Era a minha chance de tê-la de volta. Contudo ela está livre. Eu não. Como faria pra estar em dois lugares ao mesmo tempo? Puta vida a minha!

A discussão levou o resto do meu horário de aula. Eu poderia cessar e exigir que discutissem isso depois e em outro lugar, mas daí seria excluído do rumo das programações. Talvez não. Talvez sim. Novamente eu não podia arriscar.

Sendo assim a atividade em si ficou para a aula de amanhã. Bom... eu teria um caralho de uma noite pela frente.

Naele

16

Foi por pouco, mas escapei do módulo de ataque do Kyler. Pelo menos por hoje. O que me daria tempo para levantar as minhas defesas e garantir as minhas próprias armas de guerra.

Todavia não tive o mesmo êxito com a Lucca e tão pouco com a Nuli. Fui arrastada com ânsia para o loft que achava que dividia ainda com a Lucca.

Digo achava porque uma realidade inesperada me aguardava em casa. Lucca não era mais a minha companheira de moradia. As suas roupas foram removidas quando chegou de viagem e enquanto eu trabalhava sem qualquer aviso prévio.

Elas agora ostentavam tatuagens iguais que significavam que o compromisso entre elas estava selado.

O desenho de uma flor de lótus azul vibrante estava exposta em seus pulsos. E agora elas moravam juntas no apartamento da Nuli.

Foi um comunicado a queima roupa, mas me foi dado. De agora em diante moraria sozinha pela primeira vez na minha vida.

Desde que sai da casa dos meus pais moro com a Lucca. Agora mais do que nunca estava por minha conta.

Elas também disseram que adotaram um cachorrinho de rua. Neste contexto as minhas amigas agora formavam com Tito uma família.

Havia muita felicidade no meu peito por elas, mas não posso negar que também estava sentindo-me excluída de suas vidas.

E foi com esse pensamento que guardei a informação da minha gravidez pra mim. Quando eu estivesse pronta comunicaria tardiamente a elas como fizeram comigo sobre o rumo que estavam dando as suas vidas me deixando pra trás.

Um sentimento muito ruim tomou posse de tudo que restou de pé no meu coração.

Josme me traiu e foi viver a sua própria história. Ele nunca mais voltou. Laura partiu e agora tinha seu marido e filho. Sua partida foi de uma só vez. Kyler estava em seu pacote, vivemos o nosso lance relâmpago e ele voltou pra ela, sem vestígios de retorno. E agora Lucca e Nuli.

Todos partem da minha vida. Sempre sou aquela que fica ancorada assistindo as embarcações partirem. Sou o ponto de encontro deixado pra trás quando as pessoas seguem com as suas vidas.

Com esse sentimento destrutivo de abandono coloquei o meu nome na lista do carnaval em Porto de Galinhas. Eu não seria dessa vez aquela a ser deixada pra trás.

Até porque Deus sabe quando teria outra oportunidade dessa depois que o bebê nascesse.

Seríamos só nós dois. Estava cada dia mais evidente isso. E eu não fazia ideia de como seria criar uma criança sozinha.

Por outro lado eu teria alguém comigo por longos anos. Que não estaria me deixando pra trás. E era certo que eu jamais o deixaria pra trás.

Sendo assim, era o fim da minha embarcação ancorada. Eu sempre navegaria em águas profundas para dar ao meu filho tudo o que tivesse de melhor. Eu daria a ele o meu melhor. E o meu melhor só viria se eu seguisse em frente, como todos que me deixaram pra trás um dia fizeram.

Kyler

17

O dia seguinte veio. E como esperado continuei com a merda da armadilha para Naele, camuflada em atividade para os demais.

— Eu pergunto ou respondo primeiro?

Ela mexeu desconfortável na cadeira. Está linda, em um vestido floral longo, de rasteira e rabo de cavalo. Maquiagem zero. Naturalmente sexy pra caralho.

— Hum... tanto faz professor.

Odeio quando me chama assim... formal demais.

— Agora só vem com essa de me chamar de professor... quando sabe que gosto quando me chama de Kyler... porém não nego que viro um cachorrinho abanando o rabo quando me chama de amor.

— Você me chamava de amor, mas ainda assim escolheu me deixar.

— Já falamos sobre isso, você está andando em círculos.

— Muito bem então... afinal o cachorro aqui é você para andar em círculos atrás do próprio rabo... professor.

— Acho melhor pularmos as ofensas, ontem já tivemos a nossa parcela satisfatória de preliminares... mas você sabe... amo te chupar, morder, lambe... até que grite chamando o meu nome... não professor... então se você acha que precisa de mais excitação para penetrar no nosso assunto principal... tô dentro amor.

Ela engasga. Um tom vermelho toma a sua pele. Fica pensativa e em seguida pergunta.

— As perguntas são pessoais?

— Sim. Esse é o objetivo do jogo. Sair da zona de conforto.

Mentira descarada.

Ela olha além do vidro da janela antes de voltar a sua

atenção pra mim.

— Sou obrigada a responder todas ou posso passar algumas?

Esperta pra caralho. Nenhum aluno tentou algo parecido.

— Pode passar, mas devo dizer que as perguntas serão automaticamente substituídas.

Ela engoliu em seco.

— Ok. Comece.

Que estejam abertas as apostas. Eu irei com tudo pra cima de você baby. Há muito não sei nada a seu respeito.

— Professor Kyler?

— Sim.

— Eu sei o que o levou a essa dinâmica

Levanto uma sobrancelha.

— Diga-me.

— Saiba que o que vier pra cima de mim, retribuirei a gentileza.

Dei-lhe o meu melhor sorriso.

— Não espero menos de você.

Vejo um lampejo da minha Naele se ascender novamente em seu olhos. Ela sorri de volta maliciosa.

— Vamos lá cretino.

Desce pau do caralho. Desce... foda-se, estamos numa sala de aula, não vê que não vai rolar festinha íntima agora... porra!

Endireito-me tentando disfarçar a barraca armada entre as minhas pernas. Ela nota e não consegue segurar uma risadinha.

— Pergunta 1... use a cabeça de cima.

Ela zomba.

Rá, rá, rá.

— Você agora está parecendo com a Naele do início do curso. Tem andado ausente das aulas... essa queda no desempenho... coração partido?

Puta que o pariu Kyler! Falo mais alto do que deveria. Como sempre começo bem pra cotação dos membros idiotas de um clube de lesados e acabo metendo os dois pés na jaca.

Só se ouvem buxixos e os olhos da sala vão dela pro lazarento do Maycon com sua nova acompanhante loira, que nem bola de ping-pong. Claro que essa tijolada que eu mandei ela vai passar.

Ela suspira, e ao contrário do que eu esperava, enfrenta a minha merda de cabeça erguida.

— Bem...verdade que escorreguei nos estudos, foi por causa de uma anemia, mas já fui medicada e logo logo estou restabelecida. Meu coração segue firme, forte e saudável, obrigada por perguntar.

O brilho nos olhos se fortalece.

1X1.

— E o senhor professor Kyler? Como vai o primeiro ano de casado, nenhuma nuvem no céu?

Filha da puta, ela deve imaginar que o meu casamento está indo pro ralo. Amo meu filho que vai nascer, mas o meu relacionamento com a minha esposa está me enlouquecendo, sinto-me algemado numa redoma de vidro.

— É...

Engasgo com uma puta de uma saliva grossa.

— Todos os casais têm seus momentos de estranheza, mas estamos indo bem... céu de brigadeiro.

Respondi mas não convenci. Ela se saiu melhor que eu.

2X2.

— Você falou de anemia. Diga-me mais sobre isso.

Seu corpo visivelmente estremeceu com a minha pergunta.

— Falta de ferro no organismo. Estou tomando medicamentos para reverter a situação e seguindo uma reeducação alimentar a base de ferro.

Embora não tenha me feito recuar de vez sobre este assunto. Logo voltarei, de forma privada a questão falta de ferro no organismo.

3X3.

— Ouvi falar que a Sra. River está passando por momentos ruins na gestação do primeiro herdeiro do casal master.

Ela também fala num tom de voz mais alto.

— Caralho! Tá foda pro professor baby.

Algum bisbilhoteiro de plantão solta do outro lado da sala. Não que fosse segredo, já dei atestados por conta do pré-natal de Laura e já trombei com mais de uma aluna pelo consultório da obstetra, mas porra...

— Sim... como bem deve saber a sua prima é portadora de DM mal tratada ao longo dos anos, o que veio a resultar em consequências pelo abuso a sua saúde agora gestante.

4X4.

— O quê há entre você e o Maycon. Finalmente tomou juízo e percebeu que ele não é homem pra você? Porque uma vez que ele vem durante as aulas explorando outras matas... acho que o namoro de vocês foi para o espaço, certo?

Desconfortável com as minhas palavras, ela observa o cuzão quase que infiltrado por debaixo da saia da loirinha ao seu lado.

Ela dá de ombros e realmente parece não dá bola pro novo casal recém formado durante as aulas.

— Príncipes viram sapos a todo momento. Andei beijando muito sapo achando que encontraria assim o meu príncipe.

Ela fixa os olhos em mim.

5X5.

— Fico feliz em saber que a sua esposinha grávida está se cuidando. E muito bem acompanhada em suas consultas com o obstetra, ouvir dizer. O que te faz um pai exemplar afinal de contas.

— Essa é uma pergunta?

— Sim.

— Não faço mais do que o meu dever. Estamos falando da minha esposa grávida do meu filho.

Nesse momento assusto-me com o que vejo em seus olhos. É tanta dor... decepção... fúria... que chega a me desconsertar.

6X6.

— Então... está saindo com outra pessoa agora que deu um chute no idiota do Maycon?

— Quem foi que disse que fui eu a acabar com o nosso namoro?

Mas que porra é essa?

— Não foi você? Aquele merdinha fez isso com você? Quem ele pensa que é para te dispensar assim?

— Merdas... vêm me dispensando ao longo dos anos. Motivos diferentes, no entanto. Josme foi um miserável. Você um covarde. E Maycon... bom... ele partiu antes que o barco afundasse.

7X7.

— Do quê está falando?

— É uma pergunta professor?

— É.

— Pulo. Você disse que eu poderia passar algumas.

— E que eu a substituiria por outra. E você não respondeu a...

— Estou ciente disso. E não, não estou saindo que ninguém... ainda. Acho que é justo dizer que não vou voltar a ficar sozinha por muito tempo.

Vejo vermelho, faço o melhor pra me conter, não sei se consigo disfarçar.

0X0.

— E o senhor professor... agora que vai ser pai, está cercado de todos que ama. Como é a sensação de finalmente viver o felizes para sempre com a mulher que ama?

A olho por alguns minutos.

— Infelizmente não todos. Por um desses caprichos da vida a pessoa que mais amo não esteve nos últimos dias tão próxima como eu gostaria. Mas estou dando os meus pulos, logo a trarei para os meus braços novamente. E aí sim, viverei o meu felizes para sempre.

— Que pena... e quem seria essa pessoa tão amada? Alguém que eu conheça?

— Se essa é uma pergunta, seria muita idiotice da sua parte amor?

— Já falei para parar de me chamar de amor.

— Não. Encare a realidade, eu te amo.

— Você teve a sua chance pra provar isso, eu não fui a sua escolha, agora você não é a minha.

Passo a mão no cabelo muito além de estressado.

8X8.

— Algum novo desejo de vingança em seu cronograma? Ou eu fui o único felizardo?

Ela tem faíscas nos olhos voltadas pra mim. Meti o dedo na ferida, querida? Bem vinda à bordo amor.

— Hã... passo.

— Por que?

— Passo... suas regras ... lembra?

0X0.

— Então... vai para Porto de Galinhas com o pessoal no carnaval.

— Sim, vou.

Porra do caralho!!! Simples assim. Ela diz que vai ao cacete do carnaval, solteira, pra ser presa fácil de um bando de fodidos foliões famintos por sexo, bêbados e suados, e fode com a minha cabeça. E agora Kyler? Como vou desempatar essa merda?

9X9.

— E o senhor professor? Vai passar o carnaval conosco? Vai levar a sua esposa com gravidez de risco para o carnaval? Ou vai ser o marido perfeito e pai exemplar e ficar em casa com os seus amores?

Respiro fundo.

— Passo.

Ela me encara buscando pela resposta que nem eu tenho. É isso aí amor, se tiver a resposta pra essa arapuca, eu aceito como cortesia.

0X0.

Ela inclina-se pra frente e sussurra. A proximidade faz a minha pele arrepiar e o meu pau latejar.

— Como vai ser... Kyler...

Abro um sorriso digno de Hollywood.

— ... Passar o carnaval se fodendo com o fato de que eu vou estar livre, leve e solta para abrir as minhas pernas para o primeiro pau que aparecer no meu caminho?

Meu sorriso morre e no seu lugar surge uma carranca.

Puta que pariu! Fecho os olhos. Merda! Estou sem ar. Quero quebrar alguma coisa ou socar a cara de alguém. E a do Maycon me parece convidativa como saco de pancadas. Meus punhos certamente estão em alerta máximo. Caralho! Estou fodido de raiva.

Rosno tão alto que muitos olham.

— Isso não vai acontecer.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Game-Over... não há nada que você possa fazer para me impedir.

— Veremos...

10X10.

Laura Borges River

18

Estou embriagada pelo cheiro de sexo no ar. Sempre fui sexualmente ativa, contudo depois da gravidez esse tem sido um ponto alto nos meus pensamentos.

Exatamente por ser tão ligada a sexo que nunca consegui ser fiel ao meu marido apesar de realmente amá-lo.

Kyler é um homem excepcional na cama, um bruto preocupado com o prazer da parceira, que fode sem pensar no amanhã.

Nunca fizemos amor, porque o meu marido não me ama, não como esposa pelo menos. Sou sua única amiga e estendemos a nossa amizade com benefícios para o matrimônio.

Todavia Kyler nunca aplacou as minhas necessidades em sua totalidade. Não me pergunte porque, já que o cara nunca negou fogo, e sabe usar o material entre as pernas como poucos que já passaram por minha vida.

Apesar que desde que nos mudamos para São Paulo, não posso dizer o mesmo com tanta veemência.

Ele ficou menos ativo na procura por sexo, sempre era eu a buscar por seu corpo, e em muitas noites este de uma forma discreta fugiu de mim.

Devido a sua criação, digo, o pai sombrio que teve e a mãe alheia aos cuidados com o filho, foi-me dito que ele era incapaz de amar.

E se um cara diz a você que não ama seus pais, você simplesmente acredita que as suas chances de conquistá-lo nesse campo são nulas.

Sendo assim saber que ele me amava como amiga, era um enorme passo para ser alguém importante o suficiente para permanecer na sua vida.

Temos um casamento onde até então ele me via como a mulher perfeita, bem como a esposa ideal.

Infelizmente saber do meu caso com o Josme, obscureceu a imagem que ele tinha de mim.

Não sou o que ele pensa no entanto. E as minhas aventuras profanas com outros homens são a explicação para essa mulher idealizada por

ele não existir além dos muros da sua mente.

Entretanto eu gostava que assim ele pensasse. Que me visse de um jeito que homem nenhum viu. Que me tratasse com o carinho e respeito que nunca tive com outro homem.

Porém como o passado cobra o seu preço mais cedo ou mais tarde, vi a minha vidraça ser quebrada com a chegada da Naele as nossas vidas.

De alguma forma eu sempre soube que ela me alcaçaria. Josme foi um preço alto demais a se pagar por nossa amizade. Mais do que isso, irmandade. Éramos unidas, mesmo que eu sempre a invejasse e quisesse tudo que ela tinha. Droga! Eu queria ser a Naele.

Ela sempre fez os homens quererem mais dela, eles amavam depois de desejarem. Eu nunca passei da área de ataque, a finalização dos meus relacionamentos eram sempre suadas e sujas de resíduos de sexo. Enquanto os dela eram fixados em caras rastejando por uma nova chance. Até mesmo o Josme a amou, apesar dela não acreditar que um sujeito que traí ama. Josme só foi muito orgulhoso para rastejar como os outros.

Josme fodia bem, não há como negar isso, nada próximo ao Kyler, nem mesmo ao homem aqui comigo, mas fazia o seu papel direitinho na cama.

Contudo não foi por isso que me aproximei dele. A verdade por trás do que todos pensam era que eu queria ferir a Lucca. Por isso usei o Josme, por saber que ferindo a Naele estaria alcançando a sua melhor amiga, irmãs de alma.

Eu amei a Lucca. Talvez ainda ame. Quem pode dizer que um dia deixarei de amar. Ela foi uma experiência única com outra mulher na minha vida, mas jamais a assumiria.

Enfrentar a sociedade como uma bissexual, como alguém que vai contra a maré, é para poucos.

Tem que ter coragem, tem que acreditar muito em si mesmo, ou pelo menos buscar a si próprio dentro de uma ostra, e eu não quero saber o que tem por dentro da minha casca dissimulada, porque no fundo sei que não é nada que agradaria a qualquer um, lá de certo não tem uma pérola, talvez esteja oca, talvez não, provavelmente por ter muita coisa podre dentro de mim.

Tempos depois Naele reaparece. Ela acha que usou o Kyler para se vingar de mim, mas fui eu que mais uma vez, mesmo que sem querer, tive um trunfo para machucá-la.

Embora eu quisesse atingir a Lucca no passado, Naele não fugia a minha mira. Por seu histórico com os caras, por sua amizade ao meu ver equivocada com a Lucca. Elas nunca me convenceram que não havia mais entre elas.

Apesar de amar Kyler, o meu amor por ele não é do tipo que uma mulher enxerga como ter encontrado o amor da sua vida. Jamais o vi assim, e sim como um amigo que fodo e que usa uma aliança pra dizer que é meu por aí.

Ouçó o barulho de uma descarga e depois o da água da pia, seguidos de suspiros de frustração vindos do banheiro.

Este é outro filha da puta que fode como um demônio. Todavia é frio e selvagem, sem se preocupar com a mulher por debaixo dele. O cara gosta de montar e dominar. Por mim tudo bem, desde que seu pau esteja dentro de mim me fazendo gritar, arranhar e morder os lençóis.

Eu nunca disse que queria mais dele, até descobrir está grávida. Foi um cacete de um erro de cálculo. Malditas pílulas, sempre me esqueço delas. Entretanto até então vinha dando tudo certo com o Kyler, e até mesmo com ele, com os outros uso sempre camisinha.

Maldito seja esse loiro tesudo dos infernos. Vicieei nele, mas caramba! A culpa é dele e quão rápido se recupera após gozar, estando em seguida pronto para uma segunda rodada e depois para uma terceira e nunca parando até estarmos quase em estado vegetativo.

— Se você vai curtir o carnaval em Porto de Galinhas, eu também vou.

Falo quando ele se encosta no batente da porta, com os braços musculosos cruzados sob o peito e pernas trançadas no tornozelo.

Hoje ele veio com essa merda de que a turma de direito do “CPC” fechou um pacote com a CVC para irem para Porto de Galinhas.

E se o idiota pensa que pode ter me emprenhado e me deixará aqui enquanto mete o seu pau nas vadias foliãs está enganado.

Sei que a única preocupação com a minha ida é que eu fique no seu pé atrás de sexo, o que eventualmente vai acontecer.

— Você está grávida Laura! De uma gravidez de risco. Porra!!! Senta essa bundinha de frente pra TV e assiste as escolas de samba como a esposinha grávida perfeita daquele idiota que você chama de marido.

Olho para o homão da porra a minha frente e o meu corpo

já quer mais dele. O abdômen trincado, ombros largos e peitoral trabalhado para ser rasgado com as minhas unhas.

— De um filho que pode muito bem ser seu!!!

Existem quatro tipos de homens com relação a paternidade. Os que são loucos para serem pais, os que não querem de jeito nenhum serem pais, os que não querem, mas quando descobrem que vão ser pais ficam enfeitiçados e os que descobrem que uma mulher gera o seu filho no ventre e não dão a mínima.

Este cara é com certeza a última opção. Desde que revelei que ele seria uma possibilidade de pai para o bebê que espero, nada nele refletiu paternidade.

— Você não tem como saber ao certo se eu sou o pai, ou se é o Kyler, ou qualquer outro macho que entra e sai dessa sua boceta shopping.

— Peraí cara... eu entendi direito? Vai me acusar agora por gostar de sexo?

— Não. Esse é o sonho de qualquer homem, ter uma mulher sedenta por sexo pra chamar de sua. Uma mulher gostar de sexo é um puta tesão para qualquer homem que tem amor ao pau entre as suas pernas.

— Então qual é o problema?

— O problema é que você não é minha. Nem quero isso pra mim. O problema é que nenhum homem a satisfaz e você tem que abrir as pernas pra qualquer pau que passe em seu caminho, mesmo sendo casada.

— Eu sou uma mulher casada, e daí? Não sou uma freira, e mesmo que fosse uma foderia com os padres.

— Você é uma mulher casada e não sou eu o corno do seu marido para exigir respeito ou fidelidade numa relação que nunca tivemos ou teremos. Graças à Deus por isso! Então me deixa em paz. Já disse que esse lance entre a gente deu tudo que tinha pra dá.

— Você não ligou pra isso quando trepamos... se eu vou ser mãe... você pode ser o pai.

— Não estou ponto pra ser pai... se estivesse não seria você a eleita pra ser a mãe de um filho meu com certeza.

— Filha da puta!!! E quem seria, hein? A sonsa da Naele? Ela teve um caso com o meu marido!!!

— E você com o namorado dela.

— Ex!!! Você deu um chute na bunda dela, lembra?

— Assim como dei na sua, eu falei que só queria uma foda sem merdas desde que nos conhecemos na festa de final de ano do “CPC”. Você veio me procurar e não o contrário, agora vem com essa de tá prenha e que o pai pode ser eu.

— Estou dizendo a verdade!!!

— Você diz que só transa sem camisinha comigo ou com Kyler, mas você não é o tipo de mulher que eu colocaria a mão no fogo.

— Mas queimou a sua mãozinha com a Naele, não foi?

— Naele? Sim, foda-se o mundo ao nosso redor, eu me casaria com ela se estivesse esperando um filho meu, cara, eu iria casar com ela se tudo não tivesse terminado de um jeito tão ruim entre a gente.

— Você nunca me contou o que aconteceu para terminarem.

— Porque esse não é um problema seu Laura, se eu amo a sua prima e não estou com ela é porque a vida não deu brecha para continuarmos a nossa história, não porque ela te deu o troco trepando com Kyler, falei a verdade quando deixei o caso deles pra trás e a assumi como minha, mesmo a traição dela, consegui perdoar, mas algo a mais veio à tona e desisti dela.

— Por que? Dê-me algo.

— Para que ela encontrasse a felicidade que não via ao meu lado apesar de nos darmos bem, não era amor por mim que via nos olhos dela.

— Assumiria um filho da Naele e não um meu? Ela não é melhor do que eu. Jogou tão sujo quanto eu.

— Já falei pra ti... ou aborta essa criança ou deixa o corno do seu marido criar como dele, talvez se eu tiver sorte seja realmente dele por fim.

— Maldito covarde!!!

— Nunca disse o contrário. Eu não vou assumir, nem fodendo, esposa e filho para parecer herói. Se ser covarde é continuar a minha vida como um cara dono de si para ir e vim sem amarras, não ligo de ser chamado assim.

— Do quê tem medo? Não quero casar com você. Como você bem cuspiu na minha cara já tenho um idiota pra chamar de marido.

— Então o quê você quer de mim Laura?

— Eu não sei... tá!!! Tenho medo de que a criança nasça com os seus traços e Kyler descubra. Seria bom te ter por perto caso isso ocorra.

— Pensei estar preparado pra viver isso com a Naele, por uma questão nossa não vai ser possível, se não for com ela, tão cedo não será com ninguém, muito menos com uma puta como você.

— E a loirinha do curso?

— Sexo fácil. Não passa disso. Eu ainda amo a Naele, preciso tirá-la do meu sistema antes de seguir a minha vida. Já amei assim antes, fui traído e sobrevivi. Sou a porra de um sobrevivente Laura. Vou conseguir voltar ao meu elemento em algum momento.

— Mas não comigo, certo? Não faço parte dos seu planos para o futuro.

— Se quer deveria estar aqui no meu presente Laura. Quando bateu na minha porta deveria ter dito não, mas você é gostosa pra caralho, topa tudo na cama, mais flexível do que um a prostituta. Não vou ceder novamente. Foi a nossa última vez. A foda de despedida.

— Sou melhor do que ela? Só me diz isso. Você aliás me deve essa resposta.

— Naele?

— Sim.

— Não. Naele é inesquecível.

— Por que? Fala desgraçado! Por que Naele é melhor do que eu na cama?

— Porque ela é simplesmente melhor do que você ou qualquer outra mulher que tive em absolutamente tudo.

— Como?

— Naele é devassa na cama, como você não tem barreiras no sexo, mas mesmo quando quer ser chamada de puta, é para o cara a sua puta, não a puta de muitos, é a puta de um homem só, o seu homem, a quem faz de tudo para levar do céu ao inferno, e acredite em mim, ela é capaz disso. Ela consegue alcançar a grande jogada, do pau ao coração de um cara numa única tacada. Ela é foda pra caralho!!!

— Odeio você Maycon!!!!

— Ufa! Agradeço por isso, então saia por aquela porta e me deixe em paz. Não volte ao meu apartamento ao menos que eu convide, o que acredito que nunca mais virá a acontecer.

— Eu só te digo uma coisa Maycon, se esse filho for a sua fuça e o Kyler descobrir, vou vir atrás de você e procurar pelos direitos do bebê na justiça, então meu caro, prepare-se pra uma possível reviravolta na sua vida em poucos meses.

Apressada mudei a minha roupa, peguei a minha bolsa e saí. Prevendo que dias nublados como o de hoje seriam frequentes se o bebê resolvesse mostrar a todos quem é o seu verdadeiro pai.

Maycon Caetano

Anos Antes

19

A sala parece menor do que normalmente é. Como se as paredes estivessem se fechando ao nosso redor. E eu aceitaria que essa fosse a fodida realidade se isso me tirasse desse pesadelo.

A minha boca está ressecada e os meus pés travados no chão. O meu estômago é uma bola de fogo que extravasa todo o seu desconforto por todo o meu corpo. Sinto o meu sangue correr rápido por minhas veias. Os nervos rangerem em descompasso.

Estou a 24 horas enclausurado no meu apartamento. Como o mínimo, bebo muito e não tomo banho.

Encosto na parede buscando por apoio. Algo que me segure antes que eu desabe.

Retornava do meu quarto para buscar o maço de cigarro quando ouvi o click da maçaneta na porta da frente.

A 24 horas atrás saí do apartamento dela como um zumbi. Ainda me vejo como um.

De repente como se acordasse de um transe os meus olhos captam a figura da mulher que amei insanamente.

Dei tudo de mim. Entreguei cada gota de suor em prol desse relacionamento dá certo. Fui ao inferno e voltei muitas vezes em brigas em casa buscando provar para a minha mãe que ela era o melhor pra mim.

Eles nunca a aceitaram. Eu rompi com todos por ela. Meu Deus! O meu pai infartou e eu não voltei pra casa.

— Maycon... me desculpa, eu não sei como isso foi acontecer.

Rosno.

— Você é inacreditável.

Grito.

Passo a mão pelo meu cabelo.

— Vou resumir como aconteceu baby... ok?

— Maycon...

— Shiiii. Pera aí gata. Vou dá uma aulinha de putaria pra você.

— Não faz isso. Nós somos melhores do que isso.

— Você esperava o panaca do seu namorado... no caso eu... virar as costas e colocava um cara pra dentro do seu apartamento. Fodia com ele sem camisinha enquanto comigo exigia que o meu pau ficasse encapado toda vez que te dava um trato que te fazia gemer feito uma gata no cio.

— Não foi assim... Eu juro!

— Daí você engravidou do cara e eu saí como corno pra nossa família e amigos contemplaram.

Ela estremece.

— Como sabe que estou grávida?

— Aqui.

Tiro o exame do bolso de trás da calça jeans e jogo pra ela.

— Mas... como?

— Estava escondido na sua caixa de correio. Eu peguei quando fui ver se tinha alguma correspondência antes de subir. Aliás que esconderijo de merda, hein!

Ela fecha os olhos.

— Eu não queria que fosse assim.

— Caladinha, ok? Fecha essa boquinha sugadora de pau.

Seus olhos estão úmidos.

— Vamos manter o respeito, não vamos baixar o nível.

— Tarde demais.

— Precisamos manter a calma.

— Já disse pra fechar o bico, mas que porra!!!

A vejo engolir em seco.

— Quanta merda fiz por você cadela.

A minha mãe tentou me avisar.

Não falo a tempos com ela por ter ido contra o nosso relacionamento. E merda se ela não estava certa. Você é a puta que destruiria o meu coração e ela estava tentando me defender afinal de contas.

— Eu o amo.

— Você dizia me amar.

— Eu achava que sim. Mas não foi amor o que vivemos, hoje eu sei, porque respiro o ar que o mantém. Deni é o homem da minha vida.

— Não. Você engole o seu esperma de merda depois que faz uma senhora garganta profunda e chupa o seu pau.

Ela arregala os olhos.

— Quando te mandei a mensagem eu não estava blefando.

— A 24 malditas horas entrei no seu apartamento com a chave que você me deu. Queria passar a noite com a mulher que eu amava, de conchinha contigo depois que fazemos amor.

— Oh Meu Deus!!!

— Todavia o que eu encontro? Você de joelhos fazendo boquete em um cara que eu nunca vi na vida.

— Nãoooooo.

— E eu fui embora? Claro que não. Fiquei petrificado porra!!! Vendo quando ele te colocou de quatro e comeu o seu rabo. O rabo que você dizia ser virgem e que tinha medo de deixar meu pau trabalhar nele.

— Por favor me escuta.

— LOL... diga sou todo ouvidos.

— Eu preciso de você.

— Como?

— Deni não quer assumir o nosso bebê.

Desço o meu corpo arrastado pela parede até está sentado no chão.

— Não diga! Isso está ficando interessante.

— Meu pai vai me matar se souber que estava com vocês dois ao mesmo tempo e engravidei. Como homem e militar será um atentado a sua honra. Você sabe que ele pensa que eu sou virgem. Preciso de tempo para forjar uma separação nossa e apresentar Deni

como um novo relacionamento.

— Ah é... e o que você faz com o tempo de gravidez. Não bate, querida. Você sempre foi uma merda com cálculo.

— Deni é médico. O bebê pode nascer prematuro. Ele tem amigos que podem nos ajudar.

— Ele não quer você grávida de um filho dele, pelo que entendi.

— Eu consigo reverter isso. É só o impacto do susto.

— Não vai dá baby. Eu já joguei a merda no ventilador quando o seu pai me ligou agorinha pra jogar tênis com ele.

Naquele mesmo dia recebi a notícia que ela estava em coma. Ela cometeu uma tentativa de suicídio.

Quando saiu do coma assumi o bebê porque a amava demais. O único que sabia que Ceceu não era meu filho na família era o pai dela. Acompanhei a sua gestação e o nascimento da criança. Acabei me apegando ao moleque e ele a mim. Quando Ceceu fez 2 anos Deni voltou e ela me traiu novamente com ele. E hoje formam uma família feliz.

Levei anos pra seguir em frente e me apaixonar novamente. E mais uma vez abri o meu coração. Para quê? Ser novamente traído.

Entreguei o meu coração a Naele pra ela me trair. Todavia entendendo a sua fodida história e a perdoei. E como um golpe muito baixo da vida recebo mais uma vez a notícia que a mulher que eu amo está grávida. E novamente não é de um filho meu.

Kyler

20

A aula seguia normalmente naquele início de noite. Contrariando o meu histórico de exigências não só com a turma mas comigo mesmo, eu havia me atrasado para a aula.

Laura teve uma crise nervosa esta manhã devido ao aparecimento de algumas estrias na lateral do seu quadril esquerdo.

A gravidez está sendo um processo traumático para ela uma vez que sempre levou o status físico além do normal. A minha esposa de certo é uma das mulheres mais vaidosas que conheço.

Semana passada tivemos que correr até o obstetra porque ela teve uma ruptura emocional quando viu que os seus seios estavam tão crescidos que a lei da gravidade não conseguiu mantê-los empinados como antes, mas com um leve declínio devido ao aumento do peso.

Antes ainda teve o estágio complicado de aceitar que cada vez menos ela veria nitidamente a sua parte íntima, o que só piorou quando uma das moças que agora trabalham conosco em casa brincou que daqui um tempo ela não veria os próprios pés.

Desta forma quando cheguei Naele já estava na aula. Observando com máximo interesse notei que vestia um macacão listrado na vertical na parte de cima e estampado com flores e folhagens na parte de baixo.

Ela estava bonita, e embora o cabelo solto dificultasse a minha visão amplamente, também percebi que havia algo de errado.

Olhando ao redor entre as carteiras não avistei nem Lucca nem Nuli e tão pouco o Maycon.

Tentando ser profissional embora o meu coração estivesse firmemente coagido por um punho apertado, dei início a aula daquele dia sem qualquer possibilidade senão que não fosse sob um estado automático.

Quinze minutos antes de acabar a aula Naele deixou a sala sem me dá qualquer chance de um segundo movimento que não fosse observá-la.

Algumas mulheres têm no início da gravidez o período mais complicado. E infelizmente tudo leva a acreditar que sou uma dessas grávidas problemáticas.

Estando em tratamento rígido contra a anemia pela falta de ferro no organismo, quando passei mal no Uber a caminho para casa após sair do “CPC”, recebi outro baque ao saber que estou com quadro de hipertensão gestacional.

O médico obstetra que me atendeu no mesmo pronto socorro em que estive pela crise anterior e fui diagnosticada com deficiência de ferro no organismo, e onde agora eu sofria com uma forte dor de cabeça, zumbido em ambos os ouvidos e disfunção da visão, solicitou exames de sangue específicos, proteinúria 24 horas (amostra urinária ao longo de 24 horas que pode quantificar a perda urinária de proteínas ao longo do dia, sendo um indicativo da severidade da pré-eclâmpsia), ultrassonografia obstétrica e o cardiotocografia basal anteparto (exame não invasivo que avalia como o batimento cardíaco fetal reage frente a sua movimentação. Geralmente é satisfatória se o batimento cardíaco fetal aumenta pelo menos 15 batimentos por minuto por pelo menos 15 segundos em duas ocasiões distintas em um período de 20 minutos).

Segundo o Dr. Ralph, a hipertensão arterial (HA) tem prevalência variada conforme o histórico pessoal de cada paciente.

Diferente dos países desenvolvidos, no Brasil a HA na gestação permanece como a principal causa de morte materna, sendo a proporção maior nas regiões Norte e Noroeste em relação Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

A hipertensão gestacional ou hipertensão induzida pela gravidez é definida após as 20 semanas gestação. Embora a hipertensão possa surgir antes de 20 semanas se a mulher tiver múltiplos fetos ou a uma mola hidatiforme (também conhecido como tumor trofoblástico gestacional. É um tumor benigno que se desenvolve no útero como resultado de uma gestação não viável).

O que levou a equipe médica a acreditar que a minha gestação pudesse ser de múltiplos fetos. O que foi assustadoramente

comprovado após uma ecografia gestacional.

Sim, eu não só estou grávida, mas de gêmeos. O que é devastadoramente crítico ao meu estado emocional, uma vez que eu seria mãe solteira de dois filhos ao mesmo tempo.

De acordo com a explicação do médico a doença hipertensiva específica da gestação (DHEG), é um dos distúrbios mais comuns em grávidas e se apresenta de duas formas: como pré-eclâmpsia ou eclâmpsia.

A pré-eclâmpsia é o aumento da pressão arterial (PA) acompanhada da eliminação de proteína na urina. Quando não tratada adequadamente pode culminar na própria eclâmpsia, ou seja, a reta final da doença, que se caracteriza pela pressão muito elevada (140/90 mmHg).

Entre os fatores que proporcionam a pré-eclâmpsia estão o fluxo sanguíneo insuficiente para o útero, danos aos vasos sanguíneos, problema do sistema imunológico, certos genes, distúrbios de pressão arterial elevada.

O tratamento decorre de um monitoramento cuidadosamente pronto para identificar a pré-eclâmpsia, eclâmpsia e suas complicações.

Há um consenso de que o problema é resultado, entre outras coisas, da má adaptação do organismo materno a sua nova condição. Outros motivos são a alimentação desequilibrada, o excesso de sal e o sedentarismo.

Os sintomas decorrem com o aparecimento de fortes dores de cabeça, dores abdominais, escotomas (visão comprometida com ponto brilhantes), inchaço em todo o corpo principalmente nas mãos e pés, convulsões, aumento de peso rápido devido a retenção de líquido, perda de proteína na urina, zumbido nos ouvidos, dor de barriga intensa e vômitos.

Os fatores de risco são gravidez em mulheres com mais de 40 anos ou menores de 18 anos, histórico familiar, gravidez de gêmeos, portadoras de DM, portadoras de doença renal, obesidade e portadoras de lupus.

Para controlar a doença é necessário além do cuidado com a alimentação e com o ganho de peso, que evidenciam uma dieta rica em ácido fólico.

As opções de tratamento são limitadas, já que muitos anti hipertensivos podem afetar negativamente o feto.

Metildopa, hidralazina e labetalol são mais comumente utilizados para hipertensão gestacional.

Deitada no leito da unidade de saúde fiquei constrangida

ao ter que informar a equipe sobre a minha decisão de não querer que estes entrassem em contato com alguém de minha confiança.

A assistente social falou dos meus direitos e do bebê junto ao pai e a psicóloga insistia na necessidade emocional de ter alguém ao meu lado nessa fase.

Como a minha família e Kyler no momento estavam fora de questão, permiti o contato com Lucca.

Minutos depois a minha melhor amiga adentrava no meu quarto trêmula e sem fôlego, descabelada, de pijama e chinelos. Ao seu encalço uma Nuli praticamente prestes a infartar.

Então pela primeira vez desde que descobri a gravidez eu tive a certeza que não estava mais sozinha.

Fontes de Pesquisa: Redação Minha Vida, Bebe.com.br, MD.Saúde, Arquivos Brasileiros de Cardiologia, www.saude.pr.gov.br.

Acordei com uma sensação estranha. Passei o dia com um nó na garganta. Um frio na espinha como se não estivéssemos sob um verão escaldante.

No meu coração uma falha de ritmo. Na minha alma uma brasa domada por uma gélida camada de temor.

Respiro fundo quando entramos no segundo tempo de aula.
Inicio a aula quando tudo em mim quer ir até ela.

— O direito civil abrange as regras básicas que orientam o nosso cotidiano, com princípios que disciplinam diversos campos das nossas vidas.

— Nossa sociedade é regida por normas que permitem que vivamos de forma organizada, em que deveres e direitos devem ser respeitados.

— Na hora de lutar por nossos interesses, muitas vezes não entendemos bem como funcionam as leis, seja pela linguagem utilizada na área jurídica ou pelos inúmeros ramos que compõe o direito., tais como o civil, o penal, o constitucional entre outros.

— Cada um desses ramos está destinado a regular as relações interpessoais em determinado aspecto, como por exemplo a nossa relação com o Estado, com o trabalho e com os demais indivíduos.

— O nosso dia a dia é conduzido por normas e a maior parte dessas normas é disciplinada pelo direito civil, que está presente durante toda a nossa vida, pois regula todas as áreas de interesse individuais.

— Uma das vertentes do direito privado, o direito civil, é o conjunto de regras e princípios que norteiam as nossas relações privadas com as demais pessoas, para que hajam uma boa convivência em comunidade.

— Esses direitos e deveres são assegurados pelo Código Civil Brasileiro, dessa forma a tarefa de hoje é que vocês abordem os artigos desse código comentando

sobre as subdivisões do direito civil, onde a essa altura acredito que saibam quais são.

— Mas para refrescar a cuca dos esquecidos vou dar uma mão dizendo que são estas os direitos das pessoas, o direito da família, o direito das obrigações, o direito das sucessões, o direito das coisas e o direito da empresa.

— Conto que deem o melhor de vocês, afinal na hora da prova que destina-se a conquistar o seu lugar num concurso federal na área do direito, acreditem em mim, que estarão fielmente arrependidos caso não hajam nessa tarefa com a devida importância e empenho.

— Vamos lá pessoal.

Sento e observo a turma trabalhando na tarefa dada. É nítido quem terá o seu lugar ao sol e quem viverá sob a sombra dos demais.

Passo as mãos nervosas no rosto.

A cada minuto contado volto o olhar para a porta sem conseguir desviar o meu pensamento do motivo que a fez faltar a aula mais uma vez.

O medo de que ela possa virar a página e não voltar para seguirmos juntos de onde paramos faz o pouco que comi revirar no meu estômago.

Olho pro Maycon tão despreocupado por sua ausência e me pergunto o que este cara entende por amor.

Embora não possa negar a sua expressão séria esta noite e que entre vãos de comentários inoportunos com a loirinha o peguei avisando o mesmo ponto que eu várias vezes.

Sigo o meu foco para a Nuli que parece dispersa em seu próprio mundo. Há algo que visivelmente a incomoda.

Mais à frente está a Lucca, estou fingindo não notar o quanto ela parece ranger os dentes toda vez que me olha.

No seu olhar vejo um profundo desprezo por mim. Sinto o meu próprio sangue ferver toda vez que espelho a minha própria raiva na dela.

Posso notar que ao contrário de Maycon e eu elas sabem onde Naele está, porque nem por uma só vez pego qualquer uma delas olhando a porta aguardando por sua chegada.

doloroso. É mais que frustrante não saber o que se passa com ela... é

Fonte de pesquisa: MundoAdvogados.com.br.

Naele

23

Estou sentada numa cadeira que nunca me atrevi a compartilhar antes durante o período que faço o curso. Estou na frente da sala ao invés dos fundos que tradicionalmente escolho.

Estou de frente pra ele, analisando cada movimento, certificando-me de gravar cada traço seu em minha mente.

O seu perfume toma o ar. Não o que ele usa, mas o seu próprio cheiro. Está vestido de jeans justo e uma camisa polo preta, tênis nos pés.

Nunca em minha vida enxerguei um homem como este tão de perto. E em pensar que um dia, ainda que por um breve momento, ele foi meu, corrompe as minhas armaduras que neste momento preciso usar para minha própria proteção.

O curso pra mim tornou-se um divisor de águas. O lugar onde desde o início coloquei em cheque as minhas expectativas a fim de adquirir o conhecimento necessário para que eu possa passar para um concurso público federal e ganhar asas em minha independência financeira.

Por outro lado é o único espaço onde posso está próxima suficiente do homem que amo sem ter que recuar na minha decisão de seguir para uma nova vida sem ele.

Em algum momento as aulas vão ser finalizadas. E deixaremos de ser aluna e professor para enfim sermos completos estranhos um para o outro.

Quanto tempo isso vai durar que é a questão, uma vez que levarei comigo quando partir os frutos do nosso amor, nossos filhos, hoje residentes em meu ventre.

A minha permanência no hospital me fez ter tempo para raciocinar sobre muitas coisas, e entre elas a suma importância de me afastar de Kyler após o carnaval.

Dito isto e contraditoriamente lançando um novo estágio a minha vida, decidi que esta será a minha última aula no “CPC”, assim como o carnaval em Porto de Galinhas será a minha despedida de está entorno dele.

Lucca diz que estou fazendo algo do qual irei me arrepender pra sempre. O que ela não entende é que nesse momento não consigo

separar mais o homem do professor.

Deste modo, mesmo sabendo que aqui está uma grande oportunidade para lançar-me ao mercado de trabalho com uma capacitação superior a muitos que optaram pela área do direito, dado ser Kyler um dos melhores, senão, o melhor mestre em direito que tive durante a minha formação e após esta, preciso virar a página mesmo deixando alguns trechos sublinhados.

A minha barriga está crescendo rapidamente e agora entendo ser porque há uma necessidade de espaço para proteger dois pequenos seres que se desenvolvem dentro dela.

E por mais que a Nuli bata na tecla de que Kyler tem o direito de saber dos bebês, não é este o momento ideal para que isso ocorra.

Antes preciso me fortalecer sob o intuito de vê-lo com a esposa e filho, o seu apreço por sua família, enquanto do outro lado do quarterão estarei solo com duas crianças.

Ainda que ele venha a querer assumir nossos filhos um dia, foi a ela que ele escolheu em primeiro lugar, e pra mim isso bastou, mesmo tendo no meu íntimo o esclarecimento de ser injusto pra ele não ter conhecimento de que teríamos filhos juntos no momento da sua decisão, mas até aí a injustiça disso tudo também respingou em mim, afinal eu não fazia ideia de que estava grávida quando Kyler escolheu a Laura e seu filho, deixando em um plano distante os nossos bebês e eu.

Se naquela noite de Ano Novo ele estivesse me escolhido no lugar de ter optado por sua esposa e o bebê deles, hoje seríamos nós dois e nossos bebês.

Quase que posso cuspir o pensamento imaturo e cruel de que um dia Kyler descubra que não escolheu um filho seu no meu lugar e de nossos filhos, mas um filho de uma traição de sua esposa adúltera.

Deixando pra trás os seus próprios filhos pelo filho de outro homem.

Seria de certo uma guinada magistral da história, mesmo que no final do manuscrito já não fizesse diferença alguma.

A escolha estava nas mãos dele e foi feita. Ponto final ou talvez reticências ocultadas sob um ponto gritante de interrogação.

Pra mim não basta que ele venha voltar atrás e agora que saiba que estou grávida de seus filhos nos queira juntos novamente, porque nunca mudarei o meu ponto de vista de que naquele quarto, no sítio dos meus avós, Kyler escolheu Laura e não uma Naele desesperadamente suplicando que

ele a escolhesse antes de se espatifar em pedaços tão minúsculos que ainda sinto falta de material meu quando percebo que jamais serei completa novamente.

Durante toda a aula percebo que sou alvo do olhar intenso da Naele.

Sentada em um lugar diferente das outras vezes na sala, tenho o seu corpo imóvel, mas os seus olhos ávidos me analisando.

Um sentimento doloroso apossa-se de mim, algo como perda. Estou buscando ser profissional, mas não estou sendo muito polido nas minhas ações.

Vejo o seu corpo trêmulo como um cervo próximo de um lobo, no entanto, os olhos dela me tornam o cervo da questão, por estarem tirando todo o meu controle a cada vez que percebo que ela nunca agiu assim.

Tem algo estranho nas intermediações de sua mente. Algo novo do qual visivelmente, pra mim, ela busca acolher e trazer como seu.

Olho ao redor e percebo uma súplica vinda da Nuli e um desafio da Lucca. Como se eu fosse capaz de ler mentes, posso reparar como o Maycon me observa, talvez tentando antecipar a minha ação.

Maycon, Lucca e Nuli estão no fundo da sala, ela entretanto está na primeira carteira, na linha de frente de uma batalha.

Quase que saltando sobre mim sem dá um vago passo, ando na frente da sala quase colado ao quadro a fim de buscar por meu ar que está falhando miseravelmente.

Estou sendo coagido a enfrentar a sua presença. A minha natureza bruta exige que eu mande todo esse formalismo pro caralho e expulse todos aqui presentes para que possa jogá-la sobre a minha mesa de professor fodão e tirar de nós dois toda a dor enraizada por nossa separação.

Pela ausência de sua presença na minha vida, de carne tocando carne, de poder está dentro dela, com o meu pau sendo triturado por sua boceta gulosa, dos seus líquidos junto aos meus numa segunda trepada, deixando-a escorregadia para o meu pau comê-la até o talo.

Assim como ocorre em todos os seus orifícios, tê-la tão receptiva a mim, que dói pensar quanto tempo não a tenho em meus braços.

Estou ficando duro na frente de um grupo de alunos. Desvio o meu pensamento para um polo seguro.

Desce porra!

Pau filha da puta!

Estou carente dela, cacete!

Vou até a parede gelada e encosto o meu corpo que está em chamas. Consigo sentir os golpes de calor circulando por todas as partes da minha pele e acumulando-se no meu pau.

Só essa maldita tem esse efeito sob mim. A mulher que eu amo. A minha mulher.

Arranho a garganta e sigo com a aula. Deus! Dai-me forças pra ser humanamente capaz de segurar o meu ímpeto faminto por ela.

— Com o neoconstitucionalismo, quando a letra da lei passa a não ser mais soberana e a sua validade e significado passa a ser determinado a partir de uma interpretação sistêmica que levará em conta princípios e garantias contidas nas normas superiores, o papel dos Tribunais Superiores, especialmente do Supremo Tribunal Federal, ganha relevância.

Dou um tom mais firme a minha voz. Um professor antes do homem apaixonado. Rá! Boa Kyler, vai que cola.

— A lei passa a encontrar limite e contorno nos princípios e nas regras constitucionais, o que significa que deixa de ter apenas legitimação formal, restando substancialmente amarradas aos direitos positivados na Constituição.

Respiro um ar carregado de medo, saudade, desejo, compreensão do não compreensível.

— Se antes era possível dizer que os direitos fundamentais eram circunscritos à lei torna-se agora exato afirmar que as leis devem estar em conformidade com os direitos fundamentais.

A palma da minha mão pousa sobre a carteira dela. Não há nenhum movimento vindo dela além de se ajeitar desconfortavelmente na cadeira.

— O próprio princípio da legalidade passa a ter outro significado, deixando de ter conteúdo apenas formal para adquirir conteúdo substancial.

Atrevo-me a colocar a minha mão fechada no encosto da sua cadeira, como se para os demais fosse um apoio ao meu corpo enquanto explico o conteúdo da aula. Para despistar faço o mesmo com a cadeira do nerd ao lado.

O calor do seu corpo me faz fechar os olhos, o seu estremecer ao meu sutil contato em suas costas trazendo lembranças dos nossos corpos grudados pelo nosso suor, vestígios de momentos de amor e prazer.

— O princípio da legalidade liga-se ao conteúdo da lei, ou melhor, a conformação da lei com os direitos fundamentais.

Os meus dedos trabalham timidamente em sua pele em meio ao decote nas suas costas. Ela usa uma blusa branca aberta atrás e uma longa saia verde musgo, rasteiras douradas nos pés. O longo cabelo preso num rabo de cavalo me dá acesso a sua pele lisa e quente.

— Os Tribunais Superiores, principalmente o STJ e o STF, passam ter uma importância imensa, pois a eles cabe dar o significado real e válido das normas legais e da própria Constituição Federal.

Noto como o seu corpo me remete posse sob o dela propositalmente, ainda que ela não perceba que faz isso, o seu desejo por mim está pulsando entre nós.

É algo carnal, mas também espiritual. Um encontro de pele pelo amor das nossas almas.

— Contudo, no nosso sistema legal onde o controle de constitucionalidade pode ser difuso e exercido até mesmo pelos juízes de primeiro grau, temos sempre um paradoxo entre a vinculação das decisões dos Tribunais Superiores e autonomia dos outros tribunais, sem levar em consideração as divergências entre o legalismo e o ativismo judicial.

O tremor se intensifica com a minha carícia simulada, a sua pele muda de temperatura para fria.

— Passamos então a abordar o papel atual dos Tribunais Superiores, mais especificamente o STJ e o STF, quanto à unificação dos preceitos legais e a importância das suas decisões.

De repente a pele dela volta a ficar morna e em minutos

está escaldante. Oh do caralho! Mesmo que indo contra tudo em mim, saio de perto dela e caminho pela sala a fim de não tornar tão óbvia a minha intenção de tocá-la.

— Assim, a função dos Tribunais Superiores é de dar a palavra final em termos de interpretação das leis, no caso do STJ das leis infra constitucionais e do STF, nos termos da própria Constituição, de modo que pode-se dizer que o STJ é o guardião da legislação federal excluindo-se de sua competência, somente as leis federais de competência de outras cortes Superiores, o TST para legislação trabalhista e o TSE para legislação eleitoral e não podemos esquecer do STF que pode ser nomeado como guardião da Constituição.

Ando pelos corredores até encarar Lucca o mais perto possível. Ela me enfrenta. Busca em mim a resposta por algo que não sei qual foi a pergunta.

Penso em terminar a aula mais cedo, precisamos conversar sobre o que está aos poucos nos matando, quando de supetão Naele pede licença e sai da sala.

Mais uma vez ela se levanta e sai... só que dessa vez sinto que foi diferente de todas as outras... como se fosse uma prévia de algo que irá me aniquilar... a qualquer momento.

Fonte de Pesquisa: Jusbrasil.

(...)

— O crime nasceu no primeiro momento da humanidade. Com o homem, surgiu o delito. Os filhos de Adão foram autor e vítima do primeiro homicídio. Caim matou Abel. Motivo: A inveja, mal secreto, o pior dos pecados capitais. E Deus antes de punir Caim, assegurou-lhe o direito de defesa (Gênesis 4, 9 - 10).

— Assim, naquela primeira tragédia humana, inaugurou-se o direito de defesa.

— Sêneca, três séculos antes de Cristo, já afirmava que ninguém pode ser julgado sem antes ser ouvido.

— Todavia, nem sempre se observou este direito natural. A história registra um rol de estúpidas

condenações fundadas na vontade absoluta dos que incarnavam o poder.

— Dentre milhares, basta que se recordem do julgamento de Jesus Cristo, de Sócrates, de São Sebastião, de Luiz XVI, e dos dolorosos tempos dos "Juízos de Deus" (ordálias), da inquisição e das execuções pós revoluções.

— Sem o direito de defesa, qualquer julgamento é temerário. Sem este sacrossanto e irrecusável direito não há ordem jurídica, não há vida civilizada, não há segurança, não há paz.

— A Constituição de 1988, inspirada e esculpida numa fase história de reabertura da vida democrática, quando se expeliam as amarras de um longo tempo de restrições ao uso do instrumentos do Estado de Direito, pacto político que se constituiu, sem dúvida, no mais rico monumento representativo do humanismo no planeta.

— São preceitos afirmativos de uma mesma ideia a proteção e a defesa da pessoa em face de uma acusação.

— Desse modo peço que façam uma breve reflexão sobre as garantias e interações com o princípio básico entendendo este sob a ótica do Direito de Petição, Vedação de Tribunal Exceção, Devido Processo Legal, Provas Ilícitas, Presunção de Inocência, Comunicação da Prisão à família do Preso, Direito ao Silêncio, Identificação do Responsável pela Prisão, A Defesa dos Pobres.

— Dentro do Direito de Defesa no Código de Processo Penal trabalhem à luz do Direito de Defesa no Inquérito Policial, Direito de Defesa no Curso da Ação Penal, Direito de Defesa na Fase Recursal.

São 2 dias que não a tenho ao meu alcance. Exatos 2 dias que não respiro o seu ar junto ao meu. Malditos 2 dias de não administro coerentemente o meu pensamento.

A aula chega ao fim e sento esperando os alunos saírem porque não consigo partir de uma vez sabendo que aqui é o único lugar que

posso tê-la mesmo sem de fato isso ser verídico.

Fui ao loft onde mora, fui ao seu novo trabalho, pesquei o que pude com a Lucca, com a Nuli e até mesmo com o Maycon. Tudo em vão. Sem resposta aos meus apelos para todas as possíveis chances de vê-la.

Sinto alguém se aproximando e ao levantar a cabeça vejo que é a sua melhor amiga.

Lucca me observa bem à minha frente. Olhos carregados e fixos nos meus. Sem uma única palavra me entrega um envelope e parte.

Curioso abro e encontro o que parece ser uma carta escrita com letra feminina bem desenhada.

Fecho os olhos, respiro fundo e começo a ler.

Campinas / SP, 2019

K.R.

Se eu pudesse enviaria apenas reticências nesta carta, contendo estas como conteúdo único deste texto, seria algo como um código para você, do tipo que conseguisse traduzir sem que eu tivesse que traçar linhas, simplesmente por não saber por onde começar.

A essa altura pedir desculpas tornou-se tão vil como tentar corrigir o passado, mesmo que este não seja mais do que recente.

O que tivemos que não sei se posso classificar como um relacionamento foi intenso e impetuoso.

Eu trouxe uma dor comigo de lá de trás que fundiu com uma nova dor no meu presente. Então te carreguei pra lama comigo porque fui covarde demais para me sujar sozinha.

Foi um erro tão grotesco da minha parte que sinto-me estúpida toda vez que me olho no espelho ou consigo mergulhar no mar de sensações e lembranças dos momentos em que o tive dentro de mim.

Meu maior erro Kyler, foi não acreditar que seria possível ter você só pra mim quando ao passo que estávamos juntos eu nos sentia como um só ser.

Havia um elo que rompi por um desejo de vingança que só a pouco percebi que era tão pouco diante do nosso enlace que jugo-me pobre de julgamento por não ter visto antes o que poderíamos ter sido.

Sonho todas as noites que estou entrando naquela sala do "CPC", que estou sentando junto as minhas amigas, que estou sendo surpreendida com o quão lindo você é, que estou respirando sob o aço

envolvendo o meu pescoço pela sua essência, que estou lutando contra o ímã que é a sua presença.

Eu sonho com a chance de voltar ao tempo. De aproveitar dignamente os momentos ao seu lado, mesmo que não haja dignidade na traição, uma vez que é inevitável pensar que ao começarmos errado o que tivemos, estávamos fadados ao fracasso desde o começo.

Mas ainda assim eu me dou a oportunidade de por míseros segundos acreditar que no erro havia a chance de um recomeço.

Acontece que a vida deu o seu jeito e nos empurrou pra frente. Fomos forçados à seguirmos em frente, ainda que tentássemos recuar diversas vezes buscando o que não tinha como negar ser o que nos mantinha de pé.

Hoje vejo tudo sob um ângulo deveras singular, somente para ter a obrigação de dizer adeus.

Parto com a necessidade de dizer mais uma vez que te amo, sem a honra de ouvir sair de seus lábios estas mesmas palavras, apenas por um minuto a mais, já que é previsto que o sino toque e o nosso tempo junto expire de uma vez por todas, até quem sabe voltarmos a nos encontrarmos, talvez em uma próxima vida. Ou quem sabe nessa mesma vida, sendo tão nós mesmos que seremos outros.

Se ela existir... uma próxima chance... uma próxima vida.

Espero não estragar tudo como fiz na única oportunidade que tive de ser feliz verdadeiramente com você nessa vida.

Todavia convenhamos que não fui a única a errar. Você lutou timidamente por nós.

Escolheu o caminho mais curto. E esse obviamente não o levou a nós. Mas ao que restou de nós. E isso não foi o suficiente para nós dá coragem para enfrentarmos os fantasmas do passado e as víboras do presente.

O que posso dizer é que estou me despedindo de nós. Por agora. Se por ventura decidirmos em meio aos nossos caos particularmente egoístas em pró do nosso amor, alcançarmos o corpo um do outro na próxima vez que estivermos no mesmo cenário, será apenas por combustão dos nossos corpos, necessidade das nossas almas, resgate dos nossos corações.

Nada estará entre nós.

E se por ventura voltarmos a errar, na próxima esquina que houver o nosso encontro, desejo que estejamos mais certos do que queremos, mais fortes do que nunca fomos, mais convictos do que perdemos, mais lúcidos de que vale a pena lutar contra tudo e contra todos para estarmos juntos novamente.

Entenda desde já que eu não estarei mais lá completa pra você como antes. Ainda que não parecesse eu fui sua. Quero acreditar que ainda seja irrevogavelmente sua. E você meu. Apenas meu, no final do túnel.

Parte minha perdeu-se junto ao vento da nossa separação. Na batalha por proteger os frutos do nosso amor. Restos meus estão impregnados em você, outrora como estão os seus em mim.

Serei um quebra cabeça dos difíceis de montar. Que só um hábil jogador será capaz de finalizá-lo com destreza suficiente para que mais peças não se percam.

Lembre-se do porque terá que guerrear por nós. Do porque não acreditarei num felizes para sempre para nós dois quando você tão facilmente desistiu de mim... de nós... de nós quatro.

Você precisará se resgatar de dentro de mim. Provar que não foi em vão gradá-lo tão fielmente protegido no meu coração.

Até lá seguiremos cada qual o seu rumo, e se no final da estrada você estiver esperando por mim, também acreditarei que o destino enfim existe.

N.B.

(...)

O quê?

... Na batalha por proteger os frutos do nosso amor?

... de nós quatro?

Do quê ela está falando?

Deus! Isso é uma carta... uma carta de despedida.

Saltando da cadeira eu deixo todos os meus pertences para trás.

Minha vida fica pra trás.

Tudo que me importava antes deixo pra trás.

Não vejo nada à minha frente senão ela.

Não existe ninguém.

Não sinto nada além dela.

Então eu corro... ainda que não rápido o suficiente.

Fonte de Pesquisa: Jusbrasil.

Lucca Santos

25

Com o meu celular desligado porque essa sou eu buscando me isolar do mundo a minha volta, minha mãe havia descavado o inferno para falar comigo.

Então logo que conectei o aparelho à tomada foi para ouvir trilhões de insultos costumeiros vindos de sua parte.

Ela estava uma fera porque ligou para o loft onde Naele e eu morávamos antes que eu assumisse um relacionamento sério com a Nuli e fosse morar com ela. Segundo ela o porteiro havia dito que eu não morava mais naquele endereço.

E posso dizer que não foi uma conversa amigável que tive com ela quando a informei que estava em um relacionamento sério com outra mulher.

A minha família sabe da minha opção sexual e nunca aceitou. Desde menina fui obrigada a usar vestidos quando preferia os moletons, sapatinhos de cristal quando amava os meus tênis, batom quando odiava o gosto daquela coisa e fazer balé quando o meu barato era skate.

Todavia como sou adepta a lei do meio termo, me tornei algo entre a menininha Barbie da mamãe e o menino que o meu pai sempre sonhou que eu fosse quando ela engravidou.

Se de um lado não consegui suprir as necessidades do meu pai, do outro com tempo fui me acostumando e curtindo o lance da moda, que é o chão sólido por onde a minha mãe pisa com desenvoltura frequente.

Desse modo, o que iniciou com um truque pra amenizar as brigas com a minha mãe, tornou-se algo realmente importante pra mim.

Entretanto isso não condizia na cabeça da minha mãe com eu não gostar de garotos, mas de garotas, para ela não fazia sentido ser feminina e não ter atração por um pênis.

Acredito que isso deva acontecer com muitas pessoas que não estão padronizadas dentro do que nossa sociedade hipócrita chama de opção sexual dentre os votos para compor uma família, ou seja, os heterossexuais.

Como se os bissexuais e os homossexuais não pudessem formar as suas próprias famílias sendo quem são e não quem querem que eles sejam.

Contudo depois que conheci a Naele aprendi que família é muito mais do que ligação de sangue, o verdadeiro elo está com aqueles que escolhemos, amamos e protegemos. Com a recíproca sendo verdadeira.

Sendo assim, uma vez que a minha família biológica nunca me aceitar como sou, tenho certeza absoluta de que jamais me faltará a quem me segurar quando estiver em queda pelos caos que todos nós vivenciamos pelos simples fato de estarmos vivos.

Hoje tenho a Naele, minha melhor amiga que é como uma irmã pra mim, que logo me dará sobrinhos gêmeos. Hoje eu tenho a Nuli, uma mulher maravilhosa pra chamar de minha, juntas temos Tito, nosso filho de quatro patas. E um dia pretendemos ter um filho nosso, adotar uma criança que não recebe o amor que merece, sentimento este que teremos de sobra para oferecer.

Naele

26

Infelizmente o meu corpo estava trêmulo de ansiedade e desconforto quando enfim sai da cama. Foi uma noite difícil com a minha respiração áspera envolvendo o cômodo silencioso.

Embora agora tivesse a presença constante de Lucca e Nuli na minha vida, ainda me sentia uma carta fora do baralho junto as duas, como se tivesse sendo um estorvo para o relacionamento delas.

Início de relacionamento é o momento ideal para se curtir a dois e elas tendiam a estar comigo com o agravamento do meu quadro de saúde.

Se um dia me senti como uma âncora nos dias da minha melhor amiga, agora me sentia como uma pedra no seu caminho.

Pensei em não ir a essa viagem, pelos riscos da gestação x avião, mas a minha obstetra me incentivou a ir, porque coincidentemente era esse o seu destino para o carnaval. Assim estaria lá por mim numa eventual circunstância de risco.

Ponderando sobre a questão um lado da balança veio ao chão quando percebi que seria complicado viver algo parecido depois que os gêmeos nascessem, pois ao contrário de Laura que teria toda uma estrutura por trás da sua recém maternidade, pelos recursos financeiros do Kyler, eu estaria provavelmente mais só do que com alguma ajuda quando os bebês viessem ao mundo.

Evidenciar tais futuras realidades me trouxe uma profunda tristeza. Ser mãe solteira de gêmeos seria um grande desafio. Criar duas criaturinhas sem o apoio do pai delas seria um baque na minha já frágil carência emocional.

Ainda tinha uma outra questão em pauta. Eu estava carente fisicamente também. Por um tempo passei sem ter o sexo com seu instinto tão avassalador tomando os meus dias.

Todavia, desde Kyler e mesmo Maycon, sinto falta de ser acariciada e penetrada por noites afins. A gestação aumentou consideravelmente a minha libido, desejo constantemente ter relação sexual para aplacar um tesão que consome o meu corpo.

Por sorte sempre fui esguia. Ter uma estrutura magra fez

com que a gravidez não estivesse ainda em evidência a ponto de chamar a atenção.

O máximo que se pode avaliar é que eu tenha engordado um pouco, talvez por conta de uma indisciplina alimentar.

Bom... essa é a desculpa que tenho dado por aí, quando de fato a minha dieta nunca esteve tão saudável pela reeducação alimentar.

Neste ângulo dos pontos, quem sabe possa viver uma aventura por esse carnaval para aplacar a minha futura ressaca sexual. Assumidamente estou faminta por sexo quente e muito molhado.

Focar em sexo me fez diminuir o estresse do que ocorreu ontem. Quer dizer... mais ou menos.

Esta noite havia contado para a minha mãe sobre a gravidez e ouvir dela o quanto estava decepcionada comigo foi muito doloroso, mas o que mais me assustou foi ela dizer que eu estaria por minha conta nessa.

Segundo ela, por me amar, deixaria que eu enfrentasse o peso da reação sobre o meu ato falho com um homem casado por uma vadia retalhação, de algo que ocorreu no passado e que já deveria ter sido superado.

Acrescentou a isso o fato que a minha criação seria apontada entre os nossos familiares, a envergonhando mais do que um dia a traição da Laura pôde acarretar a minha tia.

Disse que não renegaria os netos, mas não seria uma mão quando precisasse nas madrugadas de choros e fraldas sujas, porque era a minha vez de ver como o papel de uma mãe é árduo na criação dos filhos.

Contudo que poderia contar com ela nos estágios críticos, como doença. Nunca chorei tanto na minha vida. Ainda que eu soubesse que Lucca estará lá por mim, agora ela tem a sua própria família para cuidar.

Seríamos os bebês e eu nos dias e madrugadas tumultuadas, mais ninguém. Jamais esperei que a minha mãe recuasse os seus cuidados comigo quando lhe pedisse silenciosamente uma mão estendida.

De fato, refletindo posteriormente, pude perceber que era essa a intenção da minha ligação.

O dia ganhava vida na minha janela quando uma lágrima escorreu por meu rosto e devagarzinho molhou o lençol. Logo senti o meu corpo entrar em colapso e muitas delas virem.

Então era isso...

(...)

All I Have To Do Is Dream (Everly Brothers) tocava pelos fones em meus ouvidos quando sem expressão encarei o momento do embarque.

Lucca e Nuli propuseram me buscar em casa, mas optei por vir de Uber.

Suspirei para a manhã ensolarada de uma quinta-feira agitada. Pessoas adiantavam os passos freneticamente de um lado a outro do piso espelhado com marcas deixadas pelo uso movimentado de solas de sapatos sociais, saltos, amortecedores de tênis e rodinhas de malas dos mais variados tipos e tamanhos.

A diversidade com que os passageiros de voos distintos embrenhavam esbarrando uns nos outros era no mínimo interessante de se assistir.

Marcas caras de bolsas originais competiam por espaço com as compradas na 25 de Março. Muitas sem se darem conta de que sua origem era mesma, só mudando o local de compra, e claro, o valor.

Muitas expressões sérias contradiziam o momento descontraído de sorrisos abertos e até risos contidos.

Haviam aquelas gargalhadas espontâneas que não eram inibidas por seus portadores. As minhas preferidas naquele lugar. As que futuramente desejava ter retomadas a minha vida.

Fiquei ali, em meio a traços e feições de descendências que davam ao estado de São Paulo a cara de um lugar onde todos se adequavam em meio as diferenças, mesmo que estejamos no interior, o perfil excêntrico daqueles que por aqui passavam ainda podia ser notado.

As minhas alpargatas nude e preta combinadas com a calça boyfriend manchada com dois tipos jeans, a t-shirt de mangas $\frac{3}{4}$ tweed e uma bolsa mochila de couro marrom me davam um ar informal e discreto dentre as pessoas anônimas que passavam ao meu lado sem interesse algum sobre qualquer aspecto da minha vida. O que era recíproco em certo ponto do caminho até o grupo do “CPC”.

A mais ou menos 10 mts avistei o grande fluxo de rostos conhecidos e outros tantos que nunca deparei.

Uma porcentagem considerável das turmas do “CPC” e seu corpo docente com suas respectivas famílias, se alinham espremidos nas filas dos balcões de embarque regionais do Aeroporto Internacional de Viracopos localizado na zona sudoeste de Campinas.

O ânimo resultante de um mega pacote de turismo

intermediado pela “CPC” junto a CVC com destino à Porto de Galinhas, tornou uma viagem de um grupo seletivo num evento muito maior do que nos outros anos.

Quem se interessou e pôde arcar com o pagamento à vista foi muito interessante a queda do valor final. No entanto, não era como se o parcelamento fosse exorbitante. Com preços super em conta, com certeza ambas as ofertas valiam a pena. O valor à vista te livrava de dívidas e o parcelamento continha parcelas que cabiam perfeitamente no bolso. Um bônus vindo com a reserva em grupo.

O feriado acabaria oficialmente na quarta-feira de cinzas ao meio dia, bem como nossa viagem idílica à Pernambuco. As 13:00 eu deveria reabrir o escritório onde trabalho, ou melhor trabalhava. Já acertei minha saída e meu chefe não ficou nem um pouco aborrecido.

Pelas minhas faltas com o neonatal e minha gravidez conturbada, sei que estava doido pra me mandar embora, só que legalmente eu estava protegida pela “barriga”. Ele nem tentou esconder o sorriso de satisfação com a notícia, mesmo assim ainda me desejou boa sorte.

Falso miserável.

Com o carnaval vou estar encerrando um capítulo crítico da minha vida e começando um novo. Em cartaz um novo cenário. E evidentemente que o meu bota fora não estaria completo sem aqueles que foram os responsáveis pela minha saída de cena.

(...)

Posso ver melhor a cada passo que me aproxima do grupo como Kyler me encara intensamente.

Ele está lindo vestindo uma calça Skinny preta com uma sobreposição de camisas, uma cinza no modelo oversized Sleeveless sobre uma branca simples, com um tênis de logo marca nos pés.

A tira colo está uma Laura sorridente e pegajosa, vestindo um bermuda social vinho um pouco acima dos joelhos, bata com estampa assimétrica, nos pés uma ankle boots preta e uma bolsa selten nude.

Ao passo que o olhar dele é aflito em minha direção, o dela é debochado.

É filha da puta, ele escolheu você, ou melhor escolheu o seu filho. Mas Deus é pai, e um dia ele saberá que não escolheu entre nós duas afinal de contas, mas entre os próprios filhos. Você não é a única que carrega o material deste homem, no meu ventre estão dois de seus filhos.

Observo a três filas à direita Maycon com sua nova conquista. Está vestindo uma bermuda branca e camisa polo azul marinho, dock side marrom nos pés. A sua acompanhante com uma vestido leve de verão florido e uma anabela de cortiça verde nos pés.

Ele vez e outra também me olha de uma forma indecifrável. Retorno o seu olhar com indiferença Depois de se fazer passar por bom moço, pronto a um relacionamento sério, parece ter entrado no clima do feriado e optado por algo mais fácil e descartável.

Não é dor de cotovelo, acredite em mim, Shirley é a típica mulher maçaneta.

Uma coisa não entendo. Volta e meia Maycon lança um olhar nervoso pro lado do Kyler.

Será que ele o ameaçou pelo fim do nosso namoro? Na nossa última conversa ele parecia bem propenso a isso. Desvio o pensamento e o mando pra lá do deserto. Por agora, tenho mais a que me dedicar do os meus ex, uma vez que ambos me deram um chute bem dado na bunda.

Juntando-se a mim logo que passo pela segunda fila à esquerda de Kyler, estão Lucca e Nuli. As duas estão vivendo uma verdadeira lua de mel. Elas morrem de rir quando canto Só Love (Claudinho e Bochecha) pra elas.

Sorrio pra uma Nuli vestindo um macaquinho menina bonita rosa com um all star cano médio nos pés e uma Lucca em uma legging jeans, uma camiseta sway branca e tênis converse all star.

— Terra pra Naele. Aí, quem está pronta para as areias brancas, águas cristalinas, muito sol e homens gatos de todos os tipos?

Nuli dá de ombros comigo enquanto Lucca fecha a cara.

— Ué... voltou a curtir pau? Ah... e solteira, pelo visto. Lucca se afasta. Nuli gargalha.

— Amooooor... não estou falando de mim. Vem cá... vem oncinha.

Oncinha? Reviro os olhos.

— Nãããã!!!

Lucca faz bico, mas ataca Nuli.

Os olhinhos miúdos de Nuli viram uma linha apagada, mais fechados que nunca, enquanto ela se contorce por suas cócegas.

— Hum... vocês são tão doces juntas que vou sofrer de diabetes ao lado de duas quengas melosas.

— Vai se foder Naele! Arruma um pau pra você.

Na mesma hora Kyler e Maycon me olham. Eu visivelmente me encolho.

Lucca suspira.

— Desculpe, você sabe do que eu estou falando. Estou muito bem com a minha flor de lótus aqui. Eu queria dizer que vai ter muito homem pra você escolher por lá, fora os rapazes da turma que já fazem fila atrás de você. E diga-se de passagem redobraram o interesse agora que você está solteira.

Falo baixinho.

— Solteira e grávida, acho que você esqueceu desse detalhe.

— Sim... eu sei... mas eles não... a gravidez te deixou gostosa pra caralho.

Dou de ombros.

— Só você me vê assim, não tem ninguém na minha porta pra pegar senha pra sair comigo.

Nuli bufa.

— Não tem como não notar o olhar abobado dos caras, o ajuste da braguilha a todo instante pra disfarçar o pau duro, além das poças de baba que eles deixam pelo chão quando você passa.

Perspicaz e sutil como sempre Lucca aponta para alguns caras. Alguns sorriem abertamente pra mim, outros mais discretos apenas acenam. Como se dissessem... “olha, ela tem razão”.

Sinto o meu rosto esquentar.

Olho para o Kyler e depois para o Maycon, ambos estão com feições que traduzem “cuidado, fique longe dela”, pro lado dos caras, como se fossem os Aloídas da mitologia grega.

— Shiiiiii. Fale baixo doida.

Mostrando ser a rainha do óbvio Lucca me dá um olhar sonso. FRANZO a minha expressão quando noto o objetivo daquele papo.

— Pare. Pare as duas. Já entendi o ponto aqui. Por

favor não chamem a atenção dos dois pro meu lado.

— Só estou investigando a luz dos fatos.

— Sem essa de Sherlock Holmes loira.

— Ei! Não seja ingrata mamãe dos babies River. Só estamos querendo garantir que o seu carnaval seja quente.

Emenda Nuli sussurrando com ar conspirador. Com um abraço apertado na cintura de Lucca que a beija no topo da cabeça, ela sorri inocentemente pra mim.

— O que faz de você Nuli, a sua pequena Watson.

Eu tento entrar na brincadeira, mesmo sem vontade.

— Elementar minha cara Naele, elementar.

Desatamos a rir, o riso delas é solto e alegre, o meu é nervoso, tenho medo de começar a chorar a qualquer momento. Estou uma pilha de nervos. Culpo os hormônios da gravidez.

Finalmente começam a receber as bagagens, o embarque decorre rápido. Mas não rápido o suficiente para a minha paciência restrita. De uma garota alegre e espontânea estou me tornando uma mulher chata e amarga.

A medida que andamos minhas amigas retomam os chamegos e novamente me torno invisível para elas.

A atenção que recebo é o excesso de “zelo” dos funcionários da alfândega e de dois atendentes de voo realmente gatinhos.

Acabo me alegrando um pouquinho com a cara enfurecida de Kyler ao assédio, mas a diversão se vai quando vejo que os seus braços musculosos cercam com carinho a cintura da Laura.

O mal estar que sinto diminui quando o perco de vista no zigue e zague dos passageiros.

Não antes da Laura me dá um olhar de falsa pena e beijá-lo na boca. Beijo esse que ele retribui.

Olho pro Maycon e ele está de agarramento quase impróprio para hora e local com a isca da vez.

Contorno as lágrimas que surgem e abaixo a cabeça para não ficar visível o meu desconforto eminente com essa viagem.

É, os homens me desejam, mas por um motivo ou outro nenhum fica comigo. Todos me largam ou traem.

(...)

Embarcamos em um Boeing 737. Nulli na janela com Lucca no meio, me deixando pro corredor. A empolgação e nervosismo é geral, especialmente quando a porta de embarque é fechada, confirmando que era tarde demais pra desistir.

Confesso que não poder dominar os meus próprios passos a uma altitude de 11 mil metros do chão me trás pânico do último fio de cabelo a pontinha da unha do meu dedão do pé.

Não faço o tipo mulher aventureira. Na minha infância sempre era a última a pular o muro e quase nunca acompanhava os meus colegas mais audaciosos em algo que fugia do meu controle.

Sempre tive essa necessidade de controlar o meu corpo e mente conforme as minhas expectativas, o que foi pro buraco depois que conheci Kyler.

Com ele meio que me desapeguei da minha mania de controle. Pelo menos quando estávamos juntos... quer dizer... talvez quando não também. Fui dele desde o primeiro instante mesmo sem ter consciência disso, ao seu lado ou a distância dele.

A sua ausência me fez repensar certas diplomacias libertas com o seu surgimento em minha vida e num intuito de auto proteção retomar as amarras que sustentavam o meu pilar de alguém que já sofreu o suficiente para dar-se o direito de fechar-se ao inevitável risco trazido por uma nova relação.

No entanto, tê-lo afastando-se de mim... de nós... me fez trazer velhas restrições à realidade.

A Marcha da Cachaça (Carmen Costa, Lúcio de Castro, Mirabel Pinheiro & Helber Lobato) ganha vida no ar e o avião começa a deslizar na pista.

O aviso para apertar os cintos é dado, o ronco das turbinas aumenta ao máximo fazendo o avião ganhar velocidade, o som estrondoso, mesmo com o isolamento acústico, faz parecer que os motores não vão aguentar o esforço.

As apaixonadas ao meu lado estão de mãos dadas, munidas de bitoquinhas discretas e camufladas.

Olho pro teto sem ter o que fazer além de pensar. O meu silêncio deve ter chamado a atenção delas porque logo sinto uma mão no meu braço.

Lucca.

— Tá tudo bem amiga, estamos aqui com você.

Murmuro um ok. Tenho que morder a língua quando as duas me abraçam.

— Somos suas conselheiras motivacional.

Nuli diz olhando-me sensibilizada com a minha situação. Odeio a sua expressão de pena, odeio mais ainda a de proteção da Lucca.

— Acho que essa viagem será um desastre.

Cuspo excessivamente azeda. Fechando os olhos momentaneamente. Procuro um foco para uma respiração estável. Não consigo de imediato, mas aos poucos me vem o que preso como sendo aceitável para uma boa convivência com as minhas amigas.

— Para com isso Naele, é Carnaval, vamos viver um dia de cada vez.

Lucca me olha com uma cara feia que logo se suaviza.

— Como se pudesse ser diferente.

Reviro os olhos. O que faz com que ambas me acompanhem. O meu mau humor parece ser contagioso. Respiro fundo e tento aliviar a minha fuça amarga.

Elas não merecem uma companheira de viagem cuspiendo fogo a todo momento ou como uma vadia mal amada que não sabe está junto a casais felizes porque levou um duplo pé na bunda dos dois últimos homens com quem se envolveu.

Todavia não consigo evitar um resmungo para as palavras tolas de Lucca e volto a olhar pro teto sem interrompida desta vez.

Bom... pelo menos por 10 minutos.

— Sorri pra mim... anda.

Improviso um sorriso meia boca. Nuli com aquele jeito de coelhinho da duracel bate palmas animada.

Balanço a cabeça e volto a olhar pro teto. De repente o teto do avião me parece extremamente interessante por ser um espaço em branco onde posso criar imagens aleatórias de uma vida menos tendenciosa ao fracasso.

Com um emprego estável, no lugar de ter pedido uma demissão em um impulso impensado. Apesar de ter minhas poucas economias, essa não é a melhor das situações para trazer um filho ao mundo. E principalmente com um relacionamento sério com o pai do meu filho, no lugar de ser uma mãe solteira por ter me tornado a amante deste.

Contemplo um raro momento onde sonho com outra realidade, uma em que sou amada e cuidada nessa fase carente de específicos braços fortes ao meu redor, mas como tudo que é bom na vida dura pouco, logo sou dispersa do meu desvanio.

Dá pra sentir a vibração correndo a aeronave, meu corpo afunda na poltrona, sinto um gelo na barriga como se começasse a queda em uma montanha russa e então pronto. O avião dá uma saidinha de lado e estamos no ar, parecendo perfeitamente seguros.

— Naele?

— Oi?

— Preciso da minha mão... desculpa mas o meu nariz está coçando.

Curvo a cabeça pra baixo e vejo que estou esmagando a mão da Lucca junto a minha.

— Você tem duas, use a outra.

— Bem... não é como se a Nuli fosse deixar.

Olho pra uma Nuli agarrada a sua outra mão como se a sua vida dependesse disso.

Como uma íngua não solto a mão da minha melhor amiga que tem que se contorcer para arrastar o seu narizinho empinado ao ombro esquerdo numa tentativa de suavizar a agonia da tal coceira.

Tô nem aí... cheguei primeiro na vida dela. Se alguém tem que soltar a mão que seja a Nuli.

Lucca suspira entendendo como ninguém o meu pensamento, mas permanece tentando equilibrar a sua atenção em nós duas.

No fundo sei que estou sendo irracional e imatura, mas como é lá no fundo deixo quieto e não trago a minha reflexão à tona.

Quando Nuli deita a cabeça no ombro da Lucca penso em tirar a minha mão da dela para que possa acariciar a sua companheira de uma forma livre de uma amiga intrometida, mas novamente não faço, mesmo quando Lucca olha para as nossas mãos unidas e faz um aceno de desaprovação a minha atitude.

A olho com uma carinha triste que diz “poxa, também preciso de você”. Ela minimiza a face chateada e se dá como vencida.

Fingindo uma vitória que estou certa de que não existiu. Contudo por dentro sei que mais uma vez fracassei. Dessa vez como amiga.

Meu olhar é entristecido quando olho as nossas mãos ainda unidas. O meu esmalte rosinha contrastando com o vermelho sangue dela.

Deus! O quê há comigo?

Lágrimas pensam em surgir quando são interrompidas.

— Aqui.

Procuro pela voz grossa que fala comigo dando de cara com um moreno grande e musculoso com profundos olhos castanhos, vestindo blusa social branca e jeans, que parecem apertados em seu corpo forte. Ele está sentado na poltrona do outro lado do corredor, com a mão estendida pra mim.

O olho sem entender. Ele dá uma risadinha e aponta pra grande mão estendida pro meu lado.

— Se tem medo de viajar de avião, deixe-me ajudá-la a passar por isso.

— Não tenho.

Ele ergue os lábios grossos em um sorriso de lado. O gesto aparentemente natural pra ele, é tão sexy e quente que sinto um estranho calor apoderar-se do meu corpo.

Tento me aplumar dignamente na cadeira, sem parecer uma menininha de 5 anos de idade fugindo de uma coça de cinteiro por ter feito alguma arte que levou a mãe a correr em seu encalço.

— Não precisa.

Digo envergonhada. Ouço bufadas ao meu lado. Ergo a mão da Lucca.

— Tenho suporte aqui.

Ele ergue uma sobrancelha grossa e negra. Puta merda! Ele é gostoso. E muito lindo. E merda! Charmoso pra caralho!

Outra risadinha vem dele quando Lucca de supetão larga da minha mão, não antes de pigarrear um “não mais amiga, agora você está por conta do grandão ao lado”. Filha da puta! Ela me paga.

— Bem... acho que não mais.

Ele repete as palavras sussurradas por Lucca.

— Que boa audição meu caro.

Ele sorri preguiçosamente.

— Um dos meus dons.

Mordo a língua para não perguntar quais outros dons ele

tem.

— Prazer sou Chistover.

Apresenta-se confiante por certamente saber o atalho que sustenta a base da excitação feminina.

O cumprimento com um aperto de mão. Mas ele não solta a minha mão depois disso, e ainda entrelaça os nossos dedos. Fico sem saber o que fazer, assim também me apresento.

— Sou Naele.

Ele dá um beijinho na minha mão sem desuni-la a dele. E esse gesto faz todo o meu corpo formigar. Os seus lábios são quentes como a sua mão. E posso até está louca mas acho que senti a pontinha da sua língua traçar um breve caminho por minha pele.

— Eu sei, aluna do “CPC”, te vi por lá, e ouvi as suas amigas te chamando agorinha.

Arregalo os olhos.

— Você é aluno do “CPC”?

Nunca o vi antes pelos corredores do curso. Pudera, são muitas cabeças circulando por lá, mas de algum modo ele disse que havia me visto naquele mar de alunos afoitos, batendo ombros, bolsas e mochilas uns nos outros.

Ele acena.

— Turma de administração.

— Ah!

Bem... isso explica não tê-lo notado antes. Um homem desse tamanho ... não é como se fosse fácil ele passar despercebido nos lugares. Contudo não explica ele ter me notado. Digamos que não sou o tipo de mulher que se destaca por ser gostosa ou por vestir-se bem. Na verdade tento passar como invisível para as pessoas na maioria do tempo.

A turma de administração fica no corredor próximo da turma de engenharia, poucas foram as vezes que me aventurei por aquele lugar sempre lotado.

Talvez o fato de ser obcecada pelo Kyler ter colaborado. E por parte do tempo em que estive por lá está acompanhada pelo Maycon. Ou por último cabisbaixa demais pra observar qualquer coisa que não fosse a minha vida indo ralo à baixo.

— Quer passar no concurso de qual órgão?

Ele nega.

— Sou advogado... como você.

Ele pisca, me deixando ciente que sabe mais uma coisa sobre mim.

— Tenho o meu próprio escritório de advocacia.

Ele voltou a sorrir quando me viu enrugar as sobrancelhas em confusão.

— Também sou formado em administração. Foi a minha primeira faculdade.

— Hum... você sabe que ter o seu próprio escritório de advocacia não o impede de ter um concurso público sobre a sua carcaça. Certo? Muitos de nós fazem duplas jogadas nesse sentido.

Sua mão vai ao queixo coberto por pelos grossos e negros. A sua barba bem cuidada me leva a pensar certas formas de pressioná-la entre as minhas pernas.

Droga de hormônio da gravidez. Vivo querendo sexo sem ter com quem fazer. Daí quando vejo um cara assim... me dando papo fico logo excitada.

Não acredito que ele apostaria em mim dentre tantas mulheres nesse avião se soubesse que estou grávida. Então coloco o meu rabo entre as minhas pernas, se duvidar a única coisa que estará lá por um bom tempo, e recolho o meu cio apenas para as cenas impróprias para menores auxiliadas pelo meu vibrador.

É tão injusto que a mulher engravide e passe a ter limitações que o homem que a engravidou não tenha. Digo, uma mãe solteira como eu, tem privações ao tentar um novo relacionamento por ter um bebê em seu ventre, quando o pai do bebê continua por aí livre para paquerar.

— Você não é muito falante com estranhos, não é? Estou feliz por conseguir fazê-la falar comigo.

Não respondo a sua pergunta, pelo jeito ele andou realmente me observando. Ele finge não notar o meu súbito silêncio.

— Sim, eu sei que muitos advogados montam seus escritórios e trabalham assiduamente em conjunto com o cargo vindo de um concurso. Entretanto o meu escritório me dá margem de clientes suficiente para

abrir mão financeiramente ou por status de um cargo concursado.

— Mas sem garantias.

— A vida é um risco baby.

— Você fez duas faculdades completamente distintas. Acho que não tem mesmo medo de riscos.

Ele suspira.

— Meu pai era o contador das finanças de muitos milionários, o seu sonho era que eu o seguisse como um discípulo.

— E você não fez?

— Até os meus 26 anos... sim. Quando ele morreu resolvi viver o meu próprio plano de vida.

O olhei imaginando quantos anos teria. Ele pareceu ler o meu pensamento.

— Já sou um coroa... embora enxuto... brincou. Tenho 46 anos Naele.

— Parece menos.

— Bom saber, tento me cuidar.

— Está fazendo um bom trabalho.

Fico sem graça pelas minhas palavras, saiu sem que eu pensasse sobre como seriam recebidas por ele.

Ele gargalha, talvez por eu ter certeza que estou com o rosto vermelho de vergonha.

— Você é casado? Tem filhos?

Seu sorriso morre e a sua expressão fica sombria.

— Não. Sou divorciado, casei cedo demais. Amigos de faculdade. Minha ex esposa e eu acabamos por formar um casal imaturo e com brigas de sobra para uma possível reencarnação.

— Ela aceitou bem o divórcio?

— Nunca. Depois de anos separados ela ainda lutava por nós.

— Ela acabou desistindo com o tempo?

— Não, ela morreu tem 2 anos. Ela era uma exímia

nadadora e tinha paixão pelo mar. Algo deu errado na última vez que arriscou enfrentá-lo sozinha.

Seu olhar é atormentado.

— Costumo dizer que sou viúvo porque depois de legalmente separados voltamos a morar juntos.

O olho com compaixão.

— Mas ela me deixou o nosso filho. Ele tem 4 anos. Denny é o meu mundo. Ele está com a minha mãe agora para que eu possa fazer essa viagem.

Seu sorriso volta ao falar do filho.

— E você é casada?

— Não.

Mantenho o nosso olhar.

— Algum ficante... namorado... noivo?

Simplesmente aceno que não.

— Filhos?

Quase engasgo. Noto que ele percebe. Resolvo desiludir o cara de vez.

— Estou grávida, mas o pai não sabe por agora. Ele é casado e a esposa dele está grávida. Não sou a boa moça que pareço Christover.

Ele arregala os olhos e fica quieto, porém intensifica o nosso aperto de mãos.

— Não vai contar ao pai?

— Talvez um dia. Essa decisão é minha por agora, e de mais ninguém.

Tento tirar a minha mão da sua. Ele não permite.

— Ei! Não sou nenhum juiz. Não estou aqui pra te julgar. Também não sou nenhum santo apesar desse rostinho angelical que papai e mamãe conceberam.

— Mas está perdendo o seu tempo comigo. Vejo que é um cara legal, tem muitas mulheres disponíveis por aí, sou furada.

— Acho que essa decisão cabe a mim. E Denny vive pedindo um irmãozinho. Quem sabe o destino trabalhou

para que um chegasse bem perto do seu aniversário?

Estava sem chão olhando para aquele homem desejável por qualquer mulher, mas que aparentemente não desistiria de mim mesmo com a minha bagagem.

— Então por que o “CPC”?

Procuro disfarçar... não deixar transparecer o conflito que se instalou na minha mente.

Ele me olha fixamente.

— Não vou desistir de você Naele... não pelo que me contou. Tem tempo que tento me aproximar de você, mas vi que tinha um namorado lá do curso. Quando a vi aqui sozinha e ele com outra entendi que era a minha chance, não planejei, mas ter comprado um assento ao lado do seu nesse avião foi um agradável empurrão do destino. Sou um bom pai e posso ser novamente. Basta me deixar entrar.

Meu corpo começou a tremer acompanhando o descompasso do meu coração. Acho que foi por isso que ele voltou a nossa conversa anterior.

— O curso é o melhor da região por isso me escrevi.

O olho num entendimento que não parece ser o que de fato corresponde ao seu objetivo ao fazer o curso.

— Não estou no curso para passar em um concurso, seja na área do direito ou da administração.

Sinto a minha cabeça levemente despencando para o lado, mostrando sem o uso de palavras que não entendi.

— Sei que passar para um dado concurso é o objetivo de 98% dos alunos do “CPC”, até porque esse é o slogan do curso, mas não o meu, estou investindo nas aulas para aprender como administrar com eficiência a minha própria empresa.

— Entendi.

Ele sorri com a minha pouca fala, ao contrário dele que parece ter como intuito prosseguir com o nosso bate papo, não sei se quero dá corda a uma situação que não vai dá em nada.

— Você sabe, a teoria da faculdade nem sempre se

aplica na prática, na verdade a do curso também não, mas chega o mais próximo que preciso no momento.

— Ah.

É tudo que sai da minha boca.

Sons de risadinhas ao meu lado e um beliscão no meu quadril que me faz dá um pulo erguendo o corpo, dizem que temos ouvintes assíduas.

Uma salva de palmas de ovação ao piloto e a sua equipe, voltam a me assustar. Soltando a mão da palma aquecida do cara ao meu lado sorrio e me junto ao grupo do “CPC” fazendo um “ola” da frente para o fundo da aeronave. De rabo de olho o vejo fazer o mesmo.

Quando tudo se acalma Christover envolve as nossas mãos em um rompante, a minha ainda estando no ar. Desse modo poucos segundos depois estamos novamente com os braços estendidos em pleno corredor do avião com nossas mãos unidas.

Algo tremendamente intenso me faz olhar pra frente do avião. Engulo em seco. Kyler me observa com uma expressão feroz em sua face. Ele encara a minha mão unida ao moreno com cara de bad boy sexy e quase posso ouvi-lo rosnar.

Desvio o olhar.

Christover, gentilmente permanece pacientemente acariciando nossos dedos unidos.

Pela minha visão periférica vejo quando Kyler levanta intencionalmente, simulando uma ida ao banheiro. Passa bruscamente por nós pelo corredor sem pedir licença, desfazendo o nosso contato.

Ele trava o passo e me encara de cara fechada. Como se fosse uma advertência silenciosa.

Christover calmamente o espera voltar para o seu assento e uni as nossas mãos novamente. Isso faz com que Kyler enlouqueça no seu lugar. A mão que está no cabelo está visivelmente tensa, como se pronta pra socar a cara do cara ao meu lado.

Foda-se ele.

Afago a mão de Christover em retribuição a sua preocupação comigo... ok... talvez para provocar Kyler também.

Encosto a cabeça na poltrona fechando os olhos. Tento manter a minha mente vazia. Sei que é em vão, mas preciso pelo menos tentar.

Pronta ou não... Nordeste lá vou eu.

(...)

Recife – Pernambuco

Chegamos ao aeroporto Gilberto Freyre no Recife pouco depois do meio-dia, após resgatarmos as bagagens fomos guiados por um cara de meia idade careca cujo o nome era Thomás, um tipo excessivamente simpático de funcionário, ou talvez fosse o meu humor que estava avesso a qualquer tipo de euforia naquele momento.

Ele nos levou a um canto do aeroporto perto da saída, que pelo visto foi reservado para algumas orientações a cerca de como será executado o trabalho da empresa junto ao nosso grupo.

A um certo ponto fomos instruídos a aguardarmos um segundo funcionário da “CVC” chegar, tal como ficarmos com as passagens e as credenciais em mãos.

E aqui estamos por cerca de 20 minutos. O que está agravando o meu mau humor em grande escala.

O meu corpo está dolorido. E a minha mente por ter trabalhado arduamente o voo todo está exausta.

Levo a mão ao peito quando uma angústia avassaladora apodera-se de mim. Uma sensação de perda que dá lugar a uma solidão deprimente.

Mesmo rodeada por muitas pessoas, dentre elas as minhas melhores amigas, não parece bastar.

Não que as minhas amigas não estejam comigo, sei que estão, mas ao mesmo tempo não estão, por estarem inconscientemente fechadas num momento só delas.

E a grande verdade é que não é por nenhuma delas que o meu coração almeja. É como não pertencer a ninguém e ninguém pertencer a mim. Mas pertencer a alguém que não pertence a mim. Tudo ao mesmo tempo.

Tento me afastar o máximo possível da pressão que me tomava pela presença dele. Saber que em algum ponto daquele lugar onde estávamos reunidos, Kyler estava cercado Laura de mimos e cuidados, enquanto eu era a peça a mais no dia das minhas amigas, estava acabando comigo.

Como se para provar o quanto suportaria a cena, o vi arrastando uma cadeira para que a esposa grávida sentasse, com uma garrafa de

água mineral na mão. Enquanto isso eu estava tão grávida quanto de pé e morta de sede.

Avistei Christover procurando uma cadeira pra mim. A essa altura ele já identificou os atores envolvidos na novela que era a minha vida.

A nossa conversa no avião e a sua perspicácia o levaram ao entendimento de que Kyler era o pai do meu filho e Laura a sua esposa grávida.

Mesmo com toda atenção de Christover comigo, um comichão se formava no meu corpo fazendo com que o meu sangue virasse lava sob a minha pele pela presença de Kyle e uma massa gélida pela sua ausência.

Porque por mais que eu o sentisse, saber que ele estava ali não comigo, não sendo meu, mas com ela, sendo dela, era muito doloroso.

Era como se Laura esfregasse na minha cara “Você provou, mas quem se lambuza sou eu, onde e como quero, porque ele é meu” ou “Olha só querida sou a esposa dele, aquela que ele assumi e cuida, você acha que o usou, mas no fundo foi descartada”.

Tomei uma distância segura entrando no primeiro banheiro que achei. Deixei todos pra trás. As minhas coisas ficaram com Lucca. Christover foi deixado no vaco. Eu não conseguia respirar mais do que o necessário para me manter viva.

Andando pelos corredores senti os pelos da minha nuca arrepiarem. E sabia muito bem o que isso representava. Kyler estava por perto me observando. Não sabia ao certo a sua localização ou quanto tempo eu teria para sair correndo pra longe dele antes que ele me alcançasse.

Por que o quê mais ele queria de mim? Estava aqui com a sua esposa grávida, mostrando para todos que conheciam a nossa história exatamente quem eu fui para ele.

Encostei na pia e molhei o rosto, fechando os meus olhos procurando por algum traço de estabilidade.

— Então você acha que enviando a porra de uma carta de despedida pra mim por sua melhor amiga estaria livre de mim?

Assustada abri os olhos me deparando com Kyler atrás de mim. Sua imagem em fúria refletida no espelho.

— Se o seu objetivo com aquela carta foi me enlouquecer, devo-lhe os parabéns Naele. Quando Lucca me entregou a carta li achando que não fazia

sentido as suas palavras em alguns trechos. Agora entendo-a em partes, mas algumas linhas ainda são um mistério pra mim.

Ele riu sem vontade.

— Que bom que você está aqui pra poder me explicar. E você vai fazer isso tim tim por tim tim, não vai amor?

Engoli em seco o som das suas palavras... principalmente a última... amor.

De súbito tentei correr, no entanto ele me alcançou e me imprensou contra a porta de entrada e saída do banheiro. Os lábios quentes no meu pescoço e a voz irritada no meu ouvido quando sussurrou.

— Mal acabei de ler e alucinado fui atrás de você ligando para o seu celular no meio do caminho. Consegui arranhar a lateral do carro na saída da garagem do curso de tão nervoso que eu estava.

Ele rosnou.

— O caralho do celular rejeita automaticamente a minha ligação, não é? Mas não é só isso... você trocou de número, não foi? Os meus dedos estão doloridos de tanto acionar o seu número de tudo quanto foi aparelho.

Ele tinha as mãos espalhadas em cada lado do meu rosto agora. O meu corpo preso ao dele.

— Então fui ao loft para ouvir do porteiro que você não morava mais lá...

Sua voz falhou. Seus olhos estavam fechados. E quando os abriu estavam úmidos.

Eu havia exigido que a administração do loft dissesse a qualquer um que aparecesse que eu havia me mudado. Logicamente que não incluindo Lucca ou Nuli. E estas estavam proibidas de dizerem algo sobre o meu paradeiro, que na maioria dos dias foi no lar delas.

— Daí fui no seu trabalho e o seu chefe maldito satisfatoriamente me disse que você pediu demissão.

Eu escutava o descompasso do seu coração. A sua voz roca de emoção. E sentia o tremor do seu corpo. Entretanto talvez fosse o meu em harmonia com o dele pelo medo daquele velho filho da puta ter dito algo sobre a gravidez.

— Deus Naele! Passei o inferno tentando convencer o meu coração de que você viria a essa viagem.

Sua testa encostou na minha. Um gemido baixinho saindo da sua respiração para dentro da minha boca com a proximidade do nossos lábios.

De repente ele se afasta o suficiente para encarar-me, ali vi todo um mundo de emoções. Ele sufoca um palavrão. Lágrimas estão presas em seus olhos.

— Então fiquei no limite ao vê-la aqui e saber que você tem que presenciar os meus momentos junto a Laura quando...

Ele olha pra algo acima da minha cabeça e trava. Viro o meu rosto buscando o que o distraiu. Uma frase escrita à lápis na porta em inglês. Uma mensagem anônima de alguém para alguém que ama. Algo que provavelmente nunca chegará a seu destinatário.

Talvez não fosse mesmo o intuito do remetente. Talvez a intenção fosse desabafar para o mundo, menos para a pessoa que destruiu o seu coração, o quão frágil estava. Isso a quilômetros de distância. Uma vez que estava escrito em um idioma estrangeiro.

Naquele momento senti uma extrema conexão com a pessoa que escreveu aquelas palavras, porque a sua dor era semelhante a minha.

— Love is a blade, I wish to never had meet him (o amor é uma lâmina, quisera eu nunca tê-lo conhecido).

Ele lê em voz alta e balança a cabeça em discordância. Então ainda me mantendo cativa ao seu corpo procura algo no bolso da jaqueta jeans que deve ter colocado em algum momento.

Encontrando, vejo que é uma caneta preta, ergo uma sobrancelha em questionamento, ele não diz nada e começa a escrever algo na porta acima da frase já existente.

Após lê em voz alta novamente. Lê e escreve no mesmo idioma. Como se para confrontar a pessoa que lançou a primeira frase.

— Love is the blade that gives life to death, not knowing it, is like never be existed (amor é a lâmina que dá vida a morte, não conhecê-lo é como nunca ter existido).

Ele diz algo entre dentes tão baixo que não escuto. Tudo que entendo é que é algo que está o deixando feroz.

— O quê?

Seu olhos estão carregados quando me cercam. Ficando alguns segundos apenas me olhando sem mencionar uma só palavra, com uma expressão séria e aflita.

— Eu disse que hoje você soube afiar a lâmina quando a encostou em pequenas doses no meu coração.

O olhei perplexa. Do quê ele estava falando? Fui eu a conviver cada momento presenciando o seu tato para com a sua esposa.

Vendo a minha confusão, ele se enfurece ainda mais. Até que sofro um impacto contra as minhas costas quando ele soca a porta atrás de nós, sua mão ficando levemente machucada no processo.

— Quem é aquele cara Naele?

Simplesmente respondo.

— Aluno do “CPC”.

Uma camada de rugas aparece entre os seus olhos.

— Nunca o vi antes.

Dou de ombros.

— Também não, conheci Christover hoje no avião. Ele faz o curso preparatório junto a turma de administração, embora seja advogado.

Ele sorri irônico.

— O bastardo tem cara de casado... vai embarcar em mais um triângulo amoroso?

Dou um chute na sua coxa, droga, mirei a virilha. Isso faz com que ele redobre o aperto entre as nossas pernas. Um joelho flexiona na minha área íntima já úmida.

— O que vivemos passou longe de ser um triângulo amoroso, até porque havia o Maycon na jogada.

Ele faz uma careta ao ouvir o nome do Maycon.

— E não... ele é viúvo... está disponível... voltou ao mercado consumidor feminino a 2 anos. Tem um filho que precisa de uma mãe e eu sei que posso ser a mãe que o garoto precisa.

Ele grunhe alto com a minha colocação de uma propensa família feliz ao lado de outro homem.

Doí falar da intimidade sofrida do Christover para o Kyler. Doí falar que uma criança perdeu a mãe, quando tenho um serzinho crescendo no meu ventre. Mas este é o efeito River sob mim, eu fico cega e quero machucá-lo tal como sou machucada por ele.

— E decidiu do nada... em algumas horas de voo, que ele era o cara certo pra você?

Estreito os cílios.

— E se for... o que você tem a ver com isso?

Suas mãos vão para o meu pescoço num aperto frouxo mas firme.

— Não brinca com o meu ciúme Naele, essa merda não vai acabar bem.

— E você vai fazer o quê Godzilla?

— Eu Godzilla? Você viu o tamanho daquele sujeito?

Resolvo provocá-lo ao limite.

— Ah... eu vi... pode estar certo disso.

É sério... as suas narinas dilatam tanto que vejo a pele perder a cor bronzeada nas extremidades.

— É por aí que quer levar essa merda? Provocar-me para que eu tenha que provar ao cara que você é minha?

— Claro que não.

— Então o quê caralho?

Faço cara de paisagem.

— Por que eu mentiria para um cara como aquele, que está mesmo atribuindo passar um tempo comigo? E até chegou a falar em um futuro próximo comigo.

— Mentir? De quê porra estamos tratando aqui?

— Eu não pertenço a você... estou disponível para ser usada e abusada por um cara que parece ter saído dos meus pensamentos mais sujos.

Ok! Agora acho que extrapolei, porque o seu rosto está tão vermelho quanto maligno.

— Ele não é o seu tipo de cara...

Verdade seja dita, essa era a verdade... bem... até eu conhecer Christover. Opiniões mudam a todo instante. Basta aparecer o estímulo

certo.

— Claro que é. Não gosto de rostinho perfeito como o seu. Que parece que foi desenhado à mão. Com feição de príncipe de conto de fadas. Meu tesão é por homem com H maiúsculo. Com cara de homem. De macho. De bady boy. Não de bom moços. E principalmente que o caráter seja o inverso disso... um bad boy com pegada forte, mas com a honra de um príncipe quanto o assunto é a mulher que toma pra si.

O seu aperto no meu pescoço chega a doer... ele treme de raiva e ciúme.

— Sou alucinada por homens grandões e musculosos... o flexionar dos músculos contra o meu corpo me enlouquece.

Sou bruscamente virada de costas. O corpo pesado dele estremecendo contra o meu. O meu rosto prensado contra a madeira fria.

— Não seja estúpida... o cara só quer te comer e dizer adeus... uma marmita diária bem vinda e bem servida para os dias de carnaval.

— Sem problemas... não foi isso que eu fui para você? O lanche entre os intervalos em que aguardava a hora da sua esposa perfeita chegar em casa? Para ele posso pelo menos tentar ser o prato principal.

— Não polua a nossa história. Você fez a merda de sujá-la e deu o maior trabalho para que eu a limpassem.

— Foi... só para você cagar num vaso limpo no final e esquecer de dá descarga.

— Meu Deus Naele! Olhe a porra da boca! Como vamos criar nossos filhos no futuro num ambiente que a mãe não pode reprimir os palavrões do pai porque é muito pior do que ele.

Em choque com as suas palavras, tentei dá um passo pra trás, mas os seus braços contornaram a minha cintura como um laço de aço.

Consegui escapar do seu enlaço e dei um soco no seu peito. Ele riu da minha atitude presunçoso. De um jeito preguiçoso jogou o seu corpo ainda mais sobre o meu.

— Sabe de uma coisa a.m.o.r... o cara pode ser enorme,

uma montanha de músculos, ter cara de bad boy e o caralho que vier dele, mas sou eu que você quer. Porque no fundo querida, você sabe que sou eu que faço gostoso. Que conheço cada área sensível do seu corpo. Que é o meu corpo que sabe o código para encaixar-se ao seu.

Seu sorriso sexy vem à tona quando passa a língua entre os lábios até prendê-la nos dentes.

— Apesar de que... convenhamos... posso não ter 2 metros de altura ou fritar os meus músculos na academia até virarem sacos rígidos de pele... mas tenho bons 1,85 de altura, músculos encaixados perfeitamente nos lugares certos... e... um pau que aposto ser maior do que o dele.

Estremeci quando uma mão sua segurou o cós da minha calça e dedos quentes avançaram pra dentro até alcançarem a minha calcinha e aos poucos chegaram no meu núcleo pulsante.

Ouvimos a maçaneta girar e alguém forçar a porta, pensei que ele desistiria de seja o que for que estava iniciando, mas não, ele tapou a minha boca e rapidamente nos levou a um dos reservados, voltou a me prensar na parede usando o seu corpo como prisão, o pau duro entre as minhas pernas, uma mão massageando o meu seio esquerdo.

Ficamos escutando o som do xixi e da descarga no cubículo ao lado, a água corrente da pia e passos apressados em saltos indo embora.

— Morri de saudades amor... estou puto da vida com você... não a quero perto daquele sujeito... não a quero perto de nenhum macho... não queira me ver ainda mais fudo... trepar puto com você faz parte da nossa história... vou ter que te foder muito duro para saciar o meu pau.

Seus dentes cravaram no meu pescoço... gemi... ele gemeu.

— Mas querida, isso é só parte do que quero com você. E posso garantir que vai muito além de sexo. E nada nem ninguém ficará no meu caminho.

Seu pau ondulou entre as minhas pernas... os nossos

quadris batendo um contra o outro.

— Eu te amo. Muito. Você é minha. Vou gravar isso no seu corpo de modo que você jamais esquecerá... prometo.

(...)

Eu não sei como ele fez isso, mas em um momento estava com a mão dentro da minha calcinha fazendo círculos na minha intimidade comigo ainda em meu jeans e os dentes cravados no meu seio direito por cima da minha t-shirt, para logo depois estarmos ambos completamente nus.

Os seus lábios, língua, dentes, mãos, estavam por todo o meu corpo. Os seus lábios quentes faziam uma carícia aleatória causando um formigamento insano. A sua língua molhada traçava um caminho aliviando a pressão deixada na minha pele pelas mordidas causando um comichão que me fazia gemer baixinho. As suas mãos pesadas davam beliscões nos meus mamilos e tapas na minha fenda úmida.

Ajoelhado aos meus pés os seus lábios, língua, dentes e mãos eram como uma equipe trabalhando incansáveis para me levar ao auge do prazer.

Os sons molhados misturavam-se com os gemidos abafados numa dança erótica e devastadora de todo e qualquer juízo.

Naquele momento não consegui pensar na nossa conflituosa história. Não consegui temer que ele notasse que o meu corpo havia tomado formas mais arredondadas. Não consegui refletir onde estávamos e quem poderia nos flagrar.

Todo o meu pensamento não era mais do que uma névoa escaldante de prazer.

Quando ele levantou o meu corpo magistralmente cercado as minhas pernas em torno dos seus quadris prendi o ar sob a expectativa de tê-lo dentro de mim.

Ele entrou tão devagar que era torturante. Primeiro ele avançou degustando cada centímetro de carne molhada da minha boceta que estrangulava o seu pau causando-lhe um estremecimento contínuo. Quando estava com o pau enfiado até as suas bolas baterem na minha bunda, tirou-o do meu canal de supetão, só para voltar a entrar lento e preciso e sair bruscamente. Essa cena se repetiu muitas vezes até que acelerou com o meu corpo batendo forte contra a parede de azulejos.

Chegava a doer. Mas uma dor bem vinda e reconfortante

depois de muito tempo sem sexo.

Seus beijos correspondiam a sua ação nos nossos corpos conectados.

Joguei a cabeça pra trás no mesmo instante que ele, tentamos segurar ao máximo a explosão de líquidos do nosso êxtase.

A sua porra escorria por entre as minhas pernas mesmo antes que ele saísse completamente. Ele ainda deu três estocadas fundas antes de deixar o meu corpo.

Nada foi dito. Ele me limpou, se limpou, me vestiu, se vestiu. Tirou-me da cabine. Endireitou o meu cabelo e limpou com papel toalha a minha maquiagem a esse ponto já desfeita e borrada. Deu-me um beijo na testa e saiu.

Foi então que a minha mente voltou a funcionar conforme demanda a razão e a consciência de onde estávamos e o que acabamos de fazer.

Dessa forma ainda agindo mais por instinto do qualquer coisa, pus o meu corpo a caminhar de volta para onde a vida tão real como poderia ser me esperava.

(...)

Enquanto as pessoas seguiam com as suas vidas eu estava bloqueada encostada na parede próxima ao canto onde o pessoal do "CPC" aguardava o guia da "CVC" chegar para nos levar para o hotel.

Inicialmente, quando éramos um grupo bem menor, iríamos ficar num casarão de uma senhora que o destinava a aluguel e que alguém conseguiu o contato, mas com o fluxo maior de pessoas pelo pacote da "CVC" as coisas acabaram tomando outro rumo.

Nuli havia colocado a minha bolsa e mala silenciosamente ao meu lado. Nem ela nem Lucca dirigiram uma palavra a mim desde que retornei do banheiro.

Lucca apenas olhou-me fixamente e arqueou uma sobrancelha na minha direção antes de borrifar perfume em mim.

Nós usávamos o mesmo perfume e a sua atitude foi clara. Eu estava cheirando a sexo.

Então desde que se afastaram não voltei a vê-las. O cara careca havia dito que o outro funcionário infelizmente havia se atrasado com uma demanda de última hora do grupo anterior ao nosso, assim deveríamos nos acomodarmos e aguardarmos uma segunda chamada.

Dessa forma, muitos de nós decidiram por conhecer o local para passar o tempo.

Notei quando Maycon abraçado a sua nova garota me observou discretamente. O seu olhar era vago mas intenso. Parecia querer vir até onde eu estava mas não dei brecha. Uma mulher rejeitada tem os seus limites apesar de tudo.

Não havia cadeira vaga e as minhas pernas doíam. Eu estava com fome e sede. Com sono. E vontade de embarcar em outro voo de volta pra casa.

Olhando ao redor eu era a única do grupo ali sozinha. Todos estavam conversando ou namorando. Algumas crianças brincavam. Outras dormiam no colo de seus responsáveis.

Laura permanecia sentada na mesma cadeira. Só que agora no colo de Kyler que afagava o seu cabelo com uma mão e com a outra as suas costas.

Nas mãos dela haviam um salgado e um suco que parecia ser de laranja.

Engoli em seco avistando uma cantina pra comprar algo pra comer e beber.

Com alguma dificuldade devido ao esforço no banheiro e pela dorzinha incômoda entre as pernas, arrastei o meu traseiro até a lanchonete.

Arrisquei uma última olhada em Kyler e Laura. Foi quando ele me notou e abaixou o rosto de encontro ao chão.

Na cantina escolhi um pastel de forno de frango e um suco de acerola. Lá também não havia lugar para sentar.

É Carnaval... já era de se esperar.

Comi de pé novamente encostada na parede de antes. Lágrimas tentavam escapar mas consegui reprimi-las.

Alguns instantes depois tive que ir ao banheiro. Maldita bexiga de grávida.

Suspirei. Tudo bem. Assim é a vida quando temos que arcar com as consequências dos nossos atos.

No caminho para o banheiro esbarrei com a minha obstetra. Ela me perguntou como eu estava e afirmou que estaria por ali em todos os dias do Carnaval. Tínhamos estado no mesmo avião também. Tê-la por perto fazia toda diferença. Nos despedimos, ela enlaçada pela cintura pelo

esposo e eu sozinha.

Como sempre.

Cheguei a me perguntar sobre onde estava o Christover quando o vi conversando com uma morena do curso de enfermagem.

Ok! Aparentemente o seu interesse se estendia a outras mulheres.

Inevitavelmente olhei para Kyler que apontou o queixo para o Christover como se dissesse "Viu? Não disse que ele não queria nada sério com você. O cara tá curtindo o Carnaval sua idiota, e não procurando por compromisso".

Foi a minha vez de abaixar a cabeça e seguir para o banheiro. Quando lá fiz xixi evitando o reservado em que havíamos transando. Lavei as mãos e passei os próximos minutos olhando pra figura patética no espelho.

(...)

Depois de uma rápida verificação fomos embarcados em um dos muitos ônibus de turismo da “CVC” que faziam fila no desembarque.

No local estavam distribuídos ônibus de outras empresas e todas com mais de um destino para quem estava chegando ao Recife.

O nosso que é Porto de Galinhas, fica a 70 km daqui, ou seja, mais de 1 hora e tanto de viagem no ônibus.

Todavia não tínhamos do que nos queixar, o ônibus é bem espaçoso com um telão na frente passando um vídeo onde And I Will Send Your Flowers Back (Hinds) ganhava a atenção da maioria dos passageiros.

No caminho fomos apresentados a Pablo, o nosso guia turístico nativo, mesmo que pelo sotaque acho que seja mineiro.

Pablo é um cara alto, de pele clara e cabelo escuro, que passava respeito e seriedade, mas ainda que fosse uma figura séria sem muitas brincadeiras como o funcionário anterior, tinha sempre uma forma educada de responder as perguntas e questionamentos do pessoal.

Ele nos informou que os festejos de Carnaval já começaram a uma semana, e que tem trio elétrico e blocos de rua tradicionais todos os dias à partir das 13:00, que vão até tarde da noite, próximo às 22:00. Depois têm diversas tendas com música eletrônica, axé, rock, sertanejo, etc.

Subitamente me senti só. Havia uma lista de nomes com os assentos reservados em cada ônibus.

Infelizmente o meu não era o mesmo em que Lucca e Nuli embarcaram, que era onde Maycon subia no momento em que eu observava com curiosidade, honestamente não deu pra ver se acompanhado ou não. Eles embarcaram no quinto ônibus.

Analisei a expressão feliz do Christover subindo no quarto ônibus com a mesma morena de antes.

Cheguei a avistar que Kyler não estaria no mesmo ônibus que Laura, mas o ouvi explicando sobre a sua gravidez e Pablo conseguindo que um rapaz trocasse de lugar com ele. Assim ambos embarcaram no primeiro ônibus.

O meu ônibus era o terceiro, não conhecia a praticamente ninguém dentro dele e para piorar as coisas deveria ser o que compunha o maior número de casais apaixonados.

Suspirando olhei para o papelzinho com o número correspondente a minha mala no bagageiro, guardei na bolsa e levantei para colocar a maleta frasqueira no bagageiro acima da minha cabeça. Foi quando senti uma pressão forte na cabeça e a minha vista ficou embaçada. Quase caí na mulher que sentava na poltrona ao lado

— Você está bem?

Por que todo mundo faz essa mesma pergunta quando sabe que a resposta é não?

— De repente fiquei tonta.

A mulher de pele morena e cabelo avermelhado olhou-me sem muita preocupação. Parecia mais chateada com o meu momento a incomodando do que qualquer solidariedade que pudesse vir a ter.

— Avião. Algumas pessoas desembarcam sentindo tonteira e mal estar. Tenta cochilar um pouco. Seu organismo aos poucos vai se adequar a realidade. Dizendo isso, ela virou-se pra janela e fechou os olhos. Assenti pro nada.

Tentei dormir o trajeto do aeroporto até o hotel, mas quando me curvei para deitar de lado senti uma intensa dor abdominal, a minha cabeça parecia que pesava uma tonelada e perdi o fôlego.

Comecei a analisar como chamaria Pablo discretamente para levar-me a uma unidade de saúde. A minha insuficiência de ferro conjunta com a hipertensão gestacional, associadas ao dia estressante e cansativo, estavam levando o meu plano de curtir o último Carnaval antes que o bebê nascesse pro

água à baixo.

Sutilmente fiz um gesto com a mão para o Pablo, ele sabia da minha gravidez e de que era algo mantido em segredo. Junto ao laudo médico da minha obstetra, essa foi uma das exigências da “CVC” para que eu embarcasse. Os funcionários estariam cientes do meu estado e quadro clínico.

Extremamente profissional Pablo fez uma ligação e uns 15 minutos após o ônibus parou para nós dois desembarcarmos e entrarmos num carro a caminho da unidade de saúde mais próxima.

Fui atendida por um médico jovem que logo ligou para a minha obstetra. Eles falaram por alguns minutos até que fiz alguns exames e medicada apaguei no leito.

Sonolenta acordei com a Lucca ao meu lado, sua expressão era muito pesarosa e com uma tristeza profunda.

Ela disse que Pablo avisou sobre a minha situação para ela conseguindo o seu número pelos contatos de urgência que deixei na ficha cadastral da “CVC”, onde o dela e de Nuli apareciam como as únicas a conhecerem a minha gravidez.

— Por que está me olhando assim?

Os seus olhos se encheram de lágrimas e ela sacudiu a cabeça fazendo com que eu entendesse que ela não conseguiria falar.

O meu coração começou a freneticamente bombar no peito. A dor pela possibilidade de vir a perder o meu bebê estrangulando a minha garganta a ponto de ficar sem ar.

— Eu sinto muito Naele...

Ela começou a soluçar alto.

— Nãããoooo!!!!

— Eu sinto tanto...

— Deus!!!! Meu Deus!!!! Senhor... nãããooooo!!!!

— Eu perdi o meu bebê??? Fala Lucca!!!! Eu perdi o meu bebê?????

Gritei.

— Sim... ah Deus Naele!!!! Você precisa ser forte.

— Nããããoooo!!!! Eu odeio você Kyler River!!!! Eu odeio você Kyler!!!! Odeio você!!!!

Gritei.

Comecei a me debater ao leito tentando levantar com a Lucca me segurando, logo Nuli veio com um copo de café na mão e quando viu a situação o deixou cair no chão me abraçando forte.

Duas enfermeiras e um médico apareceram acompanhados pelo Maycon que me olhava com lágrimas nos olhos.

Uma medicação foi injetada na minha veia. A última coisa que vi foi o rosto angustiado de Christover. Instantes depois voltei a apagar.

O amadurecimento vem transportado em uma bagagem de excesso de falhas para a maioria das pessoas. Como se não houvesse meio de transitar pela vida sem deixar rastros do que outrora poderia ter sido, se e somente se, o sujeito olhasse para além dele próprio.

Danielle R. G. Pedro

Parte III

Kyler

3 Anos Depois

27

A vida é uma grande avalanche vindo na contramão da nossa felicidade quando não lutamos por nossos sonhos o suficiente. Todavia tudo se intensifica quando não lutamos por aqueles que amamos.

Saber disso hoje não faz com que me sinta o melhor dos homens. Entretanto o meu fracasso no passado sobrepõe ao meu desígnio no presente.

A dor da perda em vida de alguém que amamos só pode ser superada para a perda para a morte.

Por muito tempo não existiram dias de sol ou noites de sono. A única proximidade com o que eu sentia eram as gotas de chuva. Porque elas espelhavam o rastro de lágrimas em minha face.

Dia e noite. Noite e dia.

O vazio em meu peito alimentado pela saudade me fez um rastreador. Muitas foram as vezes em que plagiei o seu perfume borrifado no meu travesseiro, iludindo a minha mente sob a sua falsa presença.

Desde o carnaval em Porto de Galinhas que não sei nada sobre a Naele. Como se fosse nada mais do que um sonho, ela deixou a minha vida.

Quando não a vi descer pelo ônibus da “CVC” que embarcou no aeroporto. Quando não a encontrei entre os hóspedes no hotel em lugar algum. Quando tirei satisfações com o Pablo, nosso guia naquele carnaval, e o mesmo disse que a Naele havia retornado à São paulo, o meu coração ali deu o seu veredito. Ou eu lutava por ela ou a perderia, e nunca mais voltaria a vê-la novamente, e a amar qualquer outra mulher.

A ausência de Lucca, Nuli... e até mesmo do Maycon naquele momento foram como faróis piscando numa estrada escura. Todavia foi ao averiguar que Christover, o cara que estava evidentemente disposto a tê-la pra si, também havia desaparecido tal como os outros sem deixar sinal de vida, que me trouxe dois entendimentos. Um que algo sério tinha ocorrido para todos envolvidos de alguma forma com ela terem desistido daquele Carnaval. E dois que eu precisava superar os traumas do meu passado e pedir o divórcio.

Algo me dizia que o estopim daquele possível separador de águas era o que Naele havia presenciado naquela viagem. O meu relacionamento com a Laura sendo arremessado aos seus olhos fez fugir do seu controle emocional qualquer que fosse a sua base de sustentação.

Deus! Como eu me culpo por deixá-la sozinha por toda aquela viagem até o seu desaparecimento.

O seu olhar desolado, a sua expressão desamparada. A cena dela de pé encostada na parede comendo um salgado e bebendo um suco de cabeça baixa, sozinha, como se não tivesse ninguém que se importasse com ela além de suas amigas que evidentemente estavam num momento a dois, ou a duas melhor dizendo, não sai da minha cabeça.

Ela embarcando sem companhia naquele ônibus também não. E muito menos a culpa do único movimento meu junto a ela ter sido sexo num banheiro de um aeroporto, pra depois sequer olhar uma segunda vez em seus olhos.

A dor dilacerante que ditavam o impulsionar do sangue bombardeando em minhas veias me fez agi. Eu não pensei uma única sílaba. Deixei Laura grávida do meu filho aos cuidados de estranhos e fui atrás da mulher que amo.

No passo que voltei de viagem a procurei no loft em que morava. Mesmo com o porteiro dizendo que ela não residia mais lá eu não desisti fácil.

Nas horas e dias seguintes retornei, mas ficou evidente que ela não voltaria ali quando completei 3 meses quase acampando assiduamente naquele lugar.

Na segunda pós o carnaval de 2019 voltei ao "CPC" para as aulas previstas e ela também não estava lá. Sem mais, simplesmente abandonou o curso.

Lucca, Nuli, Maycon me negavam informações suas. Então eu os persegui. Em suas casas, trabalhos e no curso. Até ser chamado pelo

RH e pelo DP do curso e ser convidado a sair de seu corpo docente.

O tal do Christover abandonou o curso no mesmo momento que a Naele, ora não precisei de mais informações para entender.

Naele não poderia ser melhor com a tática de se esconder. São 3 malditos anos sem nada ao seu respeito vincular-se aos meus dias.

De outro lado, eu tive que me reinventar. Com a morte do meu pai, tudo que me restou foi o meu filho.

Bem... na verdade filha.

Brigitte nasceu forte, saudável e loira de olhos azuis.

Eu não sou nenhum otário. De cara, nos meus braços, algo me disse que ela não era a minha filha biológica. Mas eu a amo como se fosse.

São 3 anos cuidando e protegendo a minha filhinha do coração. Ela é minha filha amada mesmo que não haja uma gota do meu sangue no seu sistema.

No dia em que Brigitte nasceu eu descobri quem era o seu pai biológico. Como? O cara estava de olhos arregalados com lágrimas escorrendo por seus olhos enquanto a olhava quando invadiu o quarto da maternidade.

Desde então a linda princesa tem dois pais. Brigitte está registrada no nome do pai biológico. Era direito dele. Contudo ela mora comigo.

Brigitte Caetano é uma figura. Tem todos os traços físicos do Maycon, mas a personalidade impulsiva da Laura.

Porém nela não existe um única porcentagem de instinto negativo. Brigitte é raivosa mas é doce na mesma proporção.

Talvez os genes misturados de Maycon e Laura por fim fossem compatíveis.

Maycon casou-se com uma advogada que conheceu durante uma defesa de causa no fórum e hoje tem outra menina, o nome dela é Siny.

Eu optei por continuar solteiro.

Tudo bem. Não foi uma opção, mas uma consequência. O meu coração sentenciou e eu acatei a sua ordem. Não consigo me interessar ou amar novamente.

Laura partiu para França 1 ano após o nascimento de Brigitte. viajou para uma matéria da revista, conheceu o seu atual marido com quem tem um filho e nunca mais voltou. O nome do garoto é Collen.

Dito isto, esclareço que não temos notícia alguma dela além das que remete uma vez por mês quando liga para saber da Brigitte.

Maycon e eu nos damos bem na medida do possível. Pela nossa filha tentamos ser cordiais um com o outro.

Ele me incentivou a procurar pela Naele. No entanto contraditoriamente nunca me disse onde encontrá-la. Talvez porque ao oposto de Lucca e Nuli realmente não soubesse.

Foram incontáveis as vezes que sugeriu a mim uma urgência em correr contra o tempo ao seu encontro.

Deus... eu juro que tentei.

Nas nossas conversas conjuntas pela Brigitte ele dizia que Naele guardava algo meu... nosso... com ela.

Suponho que ele esteja falando do meu coração... nosso amor.

Anos após, por muito ele lutou ao meu lado para encontrar qualquer pista do seu paradeiro.

Eu me perguntava porque ele estava fazendo isso quando uma vez a amou. Então um dia não contive a minha ira destinada a ele e o que representou para o nosso amor no passado e o questionei.

Como resposta ele me disse que havia uma imensa dívida dele para comigo por nossa filha. E que havia mais em jogo do que eu poderia imaginar. Havia um segredo da Naele que ele não tinha o direito de me revelar.

Foi nesse dia que desmoronei. E nunca mais me reergui. Ainda que não soubesse do que se tratava. Uma coisa eu tinha em mente. Fosse o que fosse esse segredo, ele a levou pra longe de mim.

5 Anos Depois

28

Congresso de Advogados no Centro de Convenções Pedro Neiva de Santana em São Luís no Maranhão. Interessante. De certo sim. Estou fodendo pra isso? Lógico que não. Por que? Estou com sono e fome, dessa forma fico puto da vida com tudo ao meu redor.

Sou um saco? E daí? Quero chutar tudo isso e ir embora? Não... imagina! Porra! Sou chato pra caralho! Esse encontro é mais do que necessário para a minha carreira? É suposto que sim.

Então cá estou eu morrendo de saudades da minha filha que está com o Maycon e com o caralho de 2 dias de atraso do material que vou apresentar amanhã para o grupo seletor aqui presente. Sorte a minha, certo? Só que não. Porra!!!

Ajeito-me e afundo na cadeira do auditório por mais 20 minutos.

No intervalo entre as apresentações saio para tomar um ar. A cantina parece um bom ponto pra isso. Sento e peço um café preto sem açúcar e um pão com ovos. Foda-se. Eu amo o mais simples que há. Arroz com feijão. Pão com manteiga.

Na espera abro o meu e-mail através do celular e só vejo entulhos sufocantes de trabalho pelos próximos 6 meses.

Parto para o Whatsapp e não me surpreendo ao dá de cara com mais trabalho.

— Obrigado.

Digo a jovem que traz o meu alimento com uma motivadora admiração nos olhos voltada ao meu físico. Bom saber que ainda dou um bom caldo.

Transei com algumas mulheres aleatórias e espetaculares depois da minha separação com a Laura.

Não levo jeito para o celibato por mais que ainda ame a Naele.

Definitivamente não faço o tipo que ad infinitum fode o próprio pau com a contribuição dos cinco dedos em torno do eixo.

Assim muitas bocetas já passaram por minha vida, mas nenhuma fez o trabalho mágico de tornar-se o meu lar.

Evidente que não.

O meu coração sabe que tem uma dona em algum lugar que nunca me perdoou por não a escolher como o núcleo da minha existência quando tive a chance.

O que a cada dia me vem mais nítido é o fato do seu não retorno a minha vida. É algo pelo que tenho que encarar como a longo prazo, se não conclusivo.

Desvio o contato da comida intocada e sinto os meus músculos tensos quando a imagem de uma mulher passa por meus olhos incrédulos.

O maldito coração no meu peito dá sinal de vida. Coisa que não faz a muito tempo, parece ter ficado congelado em algum momento em que percebeu que perdi a mulher que amo sem direito a um novo round.

Próximo a cantina, à direita, tem um posto com três caixas 24 horas. Da porta giratória sai uma mulher ruiva com corte acima dos ombros. Está com um vestido branco e saltos vermelhos.

O seu corpo é volumoso na medida a agradar a cobiça masculina. Quadris largos, pernas grossas, bumbum arredondado e seios fartos. Estou hipnotizado, mas também sem forças nas minhas pernas para levantar e ir até ela.

Estreito os olhos. Estou ficando maluco. Deus! Não é a primeira vez que isso acontece. E piedade Senhor! Porque certamente não será a última. Busco a Naele em toda e qualquer ruiva. Graças por elas serem mais raras do que as loiras, morenas ou negras, caso contrário creio que já tivesse sido preso por abordar estranhas em tudo quanto é situação.

Nervoso levo uma mão ao cabelo e a outra ao rosto. Estou exausto por ter que viver sem ela quando a muito desisti de tentar não amá-la.

Ser pai completou uma lacuna no meu peito deixado por aqueles que me deram a vida, entretanto, conhecer e perder a Naele deixou uma ferida extensa no lugar, um buraco que nunca cicatrizará se não a tiver de volta.

Não faço ideia de onde possa estar a Naele nesse mesmo momento. Todavia a ruiva do caixa não é ela.

O cabelo curto. As formas maiores. A roupa sofisticada em demasia. Não... nada a ver com a mulher que anos atrás virou a minha vida de cabeça pra baixo.

Mesmo assim... não consigo deixar de olhar para a ruiva gostosa e sexy pra caralho.

Um homem de terno a encontra no meio do caminho. Entre os caixas e a saída. O sujeito é moreno e grande como o inferno. Mesmo de terno é possível notar que por debaixo de seu paletó e camisa tem um clone do Hulk, entretanto na versão tanned. Não vejo o seu rosto, apenas as suas costas largas.

Quando ele cerca a sua cintura com os grandes braços, ela faz o mesmo, ele a cobre por inteiro sem me deixar ver a sua face, porém avisto os braços dela circulando tal como a sua cintura.

O meu estômago sofre com uma reviravolta que faz contorcer os meus músculos. Mesmo sem a visão deles de frente ou mesmo lateral, é possível concluir a cena à frente. Ela o abraça calorosamente e lábios selados vêm em sequência.

Inexplicavelmente eu retiro o meu foco de atenção do casal apaixonado e volto para tela em branco do meu celular. Quando enfim desisto e volto a observar a cena eles não estão mais lá.

Sem conseguir comer, deixo o meu lanche pra trás e vou em direção ao caixa, dando espaço entre duas mulheres a minha frente na fila. Estou de cabeça baixa quando um nome vem à luz da conversa entre elas.

Puta merda!

Eu ouvi direito?

— Você falou com a Naele quando?

Naele...

— Hoje logo cedo.

— E o que foi que ela disse?

— Naele e Christover voltam para Curitiba pelo caso da Buletes Trons. Você e eu vamos para o Rio pela Hont pro Fox.

Diz a loira mais baixa.

Christover?

O cara da viagem... do avião.

— Não é justo! Se eu foder com o chefe também posso ficar com o caso mais lucrativo?

Pisco os olhos sem acreditar na coincidência e em como falhei não dando ouvidos aos meus instintos e ido até eles. Mas cara! Eles falharam muito em anos, os meus olhos traidores me fizeram passar por situações embaraçosas o suficiente.

A magra que nem a versão da Olívia Palito do Popeye

cospe.

— Não. Isso eu já fiz antes mesmo da filha da puta ser contratada. Tem que ter mel na boceta. E a Naele tem. Porque ouvi dizer que o Christover a pediu em casamento.

O meu sangue gela. Sinto as pálpebras pesadas e um zumbido irritante no lugar da minha audição corriqueira.

— Mentira?!!!!

Arranhando a garganta chamo a atenção de ambas para mim. Primeiro elas me olham de cara fechada para depois sorriem.

— Desculpe... a intromissão. Mas ouvi vocês falando... Naele?

A baixinha faz uma careta e a magrela revira os olhos. Então a baixinha inclina a cabeça desconfiada.

— Sim. Por que?

— Tenho um processo correndo pela Brás Advocacia por um cliente importante de São Paulo. E o escritório que não lembro no momento o nome tem o seu cliente representado por uma advogada com esse nome. Não é um nome muito comum então supus que pudesse ser a mesma.

Dou de ombros e minto na cara dura. Anos de prática. Na vida e na carreira. Fui aluno e professor nessa arte da convivência social.

— Borges? Naele Borges?

Tudo em mim está fixado em um degrau de pânico e euforia ao mesmo tempo.

— Sim.

— A Chiterrest Advogados Cooperados tem uma advogada com esse nome.

Meu coração pula no meu peito.

Finjo calma.

— Certo... como faço para encontrá-la?

— Naele está aqui.

A saliva amarga em minha boca. Contra fatos não tem como contestar. Está claro que eram eles.

— Pode me ajudar a localizá-la?

Elas olham ao redor.

— Quando voltarmos para o auditório posso apresentá-lo a ela.

— Só tente ser cauteloso nas palavras.

Ergo uma sobancelha.

— Como?

Palito ri. A outra balança a cabeça.

— Ela agora é mulher do chefe e ele...

Ela me analisa.

— É uma montanha de músculos... ciumento e possessivo com ela.

Perco o ar... ligando os pontos, cada vez mais perto de fechar as lacunas.

— Ok. Se nos perdermos... como a tal Naele Borges está vestida?

A baixinha pensa.

— Tubinho branco.

As minhas pernas falham.

— Saltos vermelhos... bem puta!

Os meus olhos ficam turvos.

— Anne!!!

A outra chama a sua atenção sem qualquer rigor.

Era ela... Naele está aqui... com outro homem... com ele... o cara a tem pra si... naquela viagem o maldito a tirou de mim e a levou embora... pra ser dele.

(...)

Durante todo o congresso procuro por Naele e o seu acompanhante sem encontrá-los.

As duas mulheres que encontrei na fila da cantina fizeram uma ligação para ela quando me distraí. Elas admitiram o contato realizado, mas mudaram o jeito como lidar comigo drasticamente depois dessa ligação. Posso dizer que brinquei com elas de gato e ratas depois disso.

Parti no mesmo dia para a filial do escritório de advocacia pelo qual ela trabalha agora.

Pela manhã saio do hotel em que me hospedei as pressas em Curitiba para receber a informação de que ela transferiu seus casos de defesa para outro advogado cooperado.

Encaminho o meu corpo exausto para a matriz no Rio quando sou novamente retirado do chão quando a atendente da recepção me diz que Naele partiu para Londres para representar o escritório em solo internacional.

Retorno várias e várias semanas consecutivas alternando entre a matriz e a filial. Ela aparentemente mudou-se para a Inglaterra.

Não consigo falar com o tal Christover... ou Hulk... depois disso. Eles estariam juntos.

Procuro no Google mas as informações que rastreio me chegam tardias.

Praticamente exijo falar com um advogado cooperado para não obter os seus dados por questões éticas.

Meses depois finalmente desisto.

Se pudéssemos gravar o trajeto percorrido por nossos dias como se fossem parte do mapa de um labirinto, acredito que não conseguiríamos mesmo assim seguirmos o caminho sem danos, uma vez que a cada passo dado surgem novos percalços.

Danielle R. G. Pedro

Naele Borges

Mirtes

2 ANOS DEPOIS

29

Muitas vezes temos que chegar ao nosso limite para descobrirmos quem realmente somos.

Não é como se todos nós precisássemos passar por isso no entanto. Alguns de nós passam em pune a essa farpa da vida.

Quando escrevi a carta de despedida pra Kyler anos atrás realmente era um adeus com uma pitada de esperança de um reverso.

Por favor não me leve a mal, realmente eu precisava que todas aquelas palavras descritas em linhas retas fossem uma inspiração para que ele nos visse como eu nos via.

Mas isso nunca aconteceu.

Aquele carnaval de 2019 em Porto de Galinhas é uma cicatriz acrescentada a muitas que a vida empenha-se a cultivar em meus poros.

Saí daquele verão mais machucada do que um dia fui por Josme ou até mesmo por Kyler ainda antes daquele momento.

Foi então que conheci Christover Mirtes, que apareceu como um anjo salvador em meio a possíveis marchinhas de carnaval, música eletrônica, samba e axé. Já que fomos embora sem nunca desfrutarmos daquelas atrações prometidas pela “CVC”.

Naquele momento aquele cara imenso, repleto de músculos, pele dourada e de profundos olhos castanhos tão incrivelmente escuros quanto o seu cabelo, foi a pessoa a quem realmente me agarrei com tudo para escapar daquele inferno.

Está grávida... de trigêmeos... sim, descobri a múltipla

gestação durante a minha internação no hospital de Porto de Galinhas... bem, e assistir de camarote o pai dos meus filhos, o homem que amava... talvez ainda ame... dedicar-se a sua família, esposa grávida de um filho seu como eu estava de três, como se eles fossem o seu mundo e não houvesse brecha em seu coração para mais ninguém, mesmo que também fossem seus próprios filhos em mim, foi demais pra mim.

Repentinamente a verdade veio, cortante como uma lâmina. Eu realmente havia dito adeus naquela carta ao nosso relacionamento. Foi através do "CPC" que a minha vida desviou o caminho de algo seguro para derrapar na estrada dos sem rumo.

Eu vi os meus dias sendo arremessados ao abismo sem ter onde segurar, pois um grito silencioso de socorro não foi o bastante.

Naquele momento ninguém poderia fazer nada por mim além dele, mas foi exatamente ele o primeiro a me virar as costas.

Então busquei recomeçar junto a Christover, foi a coincidência de sermos formados na mesma área que nos aproximou ainda mais depois do nosso encontro naquele avião.

Não que ele não fosse brutalmente desejável ou como se não visse cobiça nos seus olhos quando trombamos nas rédeas da vida.

Acontece que Christover sempre foi mais do que um cara de ótima aparência. Ele se apaixonou e assumiu uma mulher grávida de gêmeos de outro homem.

Exato, gêmeos, não trigêmeos.

Christover tomou para si uma mulher marcada pela morte de um dos seus filhos. Sim, porque naquele hospital em Porto de Galinhas que descobri a múltipla gestação também sofri um aborto. Mal sabia eu que carregava no meu ventre trigêmeos em um minuto para dizer adeus a um deles no próximo segundo.

Foi doloroso saber que um dos meus filhos foi a óbito após eu sofrer um pico altíssimo de pressão que culminou com o meu quadro clínico gestacional delicado desencadeando o aborto.

Todavia, precisei ser forte e novamente segurar o que me era oferecido, por meus filhos, fui a guerreira que a minha mãe desencadeou em mim no dia que busquei o seu colo duramente negado.

(...)

Quando comecei a trabalhar na matriz do escritório de Christover no Rio, logo tive dele o incentivo necessário para buscar por mais,

assim tornei-me a melhor entre os seus advogados cooperados.

O nosso rolo logo se tornou uma amizade colorida, que passou para namoro sério e por fim noivado.

E foi nesse cenário que depois de anos em um encontro de advogados no Maranhão que duas advogadas cooperadas da empresa me ligaram dizendo que havia um advogado querendo remeter contato comigo.

Quando elas leram e me enviaram o nome deste advogado exposto no crachá dele, peguei a minha bunda e fugi dele como se não fizesse isso estaria colocando a minha vida em risco.

Talvez fosse porque no fundo esta era uma fatalidade iminente, que eu adiantei as coisas com Christover, e naquele dia mesmo viajamos para Las Vegas e nos casamos. Em seguida na mesma semana nos mudamos para Londres.

Desde que Christover viuvou quando o seu filho Denny tinha 6 meses, não tive que me submeter a um envolvimento com um cara casado como ocorreu com o Kyler.

Denny que morava com os avós paternos veio morar conosco após completarmos 1 ano do nosso casamento. Foi mais ou menos na mesma época em que os gêmeos nasceram. Então éramos cinco. Christover, eu, Denny, Yunter e Grisiela.

As coisas foram se moldando aos poucos e inevitavelmente eu adquiri pelo meu marido em meu coração o sentimento mais próximo possível ao amor que tinha pelo Kyler. E assim por seu filho que tenho como meu, tal como os meus são para ele seus filhos.

(...)

Absolutamente tudo ia bem até que retornamos ao Brasil depois de anos morando no exterior por conta da saúde dos pais de Christover.

Yunter tinha 6 anos, e descobrimos que a sua socialização na escolinha nova não foi algo tão natural como ocorreu com a Grisiela.

Isso se deu por Yunter nascer portador de Lábio Leporino e trazer a cicatriz que se deu após a cirurgia a qual foi submetido quando era recém-nascido.

O Lábio Leporino é resultante do desenvolvimento incompleto do lábio enquanto o bebê está se formando ainda no útero materno. Neste caso o céu da boca desenvolve-se separadamente do lábio durante os 3 primeiros meses da gestação. Nas fissuras mais comuns, que é o caso do Yunter, o lado esquerdo e o direito não se juntam, ficando uma linha vertical aberta.

Poderia ser resultante de uma pré disposição genética, embora na maioria dos casos não exista essa condição familiar. A ciência ainda procura as possíveis causas, sabendo apenas de certo, que ocorre durante a gravidez.

Yunter não teve problemas com o desenvolvimento dos dentes pois a fissura não atingiu a gengiva. Assim como não teve problemas sérios na fala, o pouco que foi acometido, tratamos firmemente com um ótimo fonoaudiólogo.

Porém ele é extremamente tímido e avesso a novos contatos ou compartilhar ambientes com um número extenso de pessoas estranhas. Embora a sua psicóloga venha nos orientando a desenvolver nele um sentimento de segurança nesses lugares, mesmo porque temos que frequentá-los pelos nossos outros dois filhos.

Dito isto, fui levada a lutas constantes pelo seu engajamento como igual na sociedade.

Era previsto desde que procuramos por orientação médica especializada que ele apresentasse uma possível dificuldade de se adaptar ao mesmo ambiente, em suma o escolar, que sua irmã gêmea, mesmo com a mesma idade, o que não aconteceu na sua escola anterior, todavia ocorreu na atual que fica na Barra no Rio de Janeiro onde atualmente moramos.

Entretanto eu não aceitei isso e obtive conquistas inacreditáveis frente a maioria das pessoas que optam por excluir alguém antes mesmo de dar a chance desse indivíduo mostrar do que é capaz ante os seus limites.

Adultos preconceituosos passam um ranço negativo para as crianças próximas a eles através de suas falas e atitudes culminando em atitudes maldosas de uma criança para outra.

Infelizmente esse é um fato difícil de descartar na nossa sociedade, mas vejo como bloquear a perversidade com a conscientização para que pessoas de bom coração não sejam corrompidas no processo de convivência social.

O mais importante disso tudo é que o que poderia ter abalado a nossa família a uniu. Nos tornamos todos por um... por Yunter.

(...)

Então eu engravidei. E uma bomba relógio caiu sob nós. O motivo é tão imprevisível como tudo que demanda ser óbvio na nossa vida.

Desde dos primeiros meses de gravidez eu sabia que esta gestação seria mais difícil do que a dos gêmeos, mesmo com todo circuito a meu

favor dessa vez.

Eu tenho um marido que me ama, tenho três filhos maravilhosos e estou a 3 meses de Emanuele vir ao mundo.

Só que eu nunca a quis em primeiro lugar. Não que eu tivesse planejado engravidar dos Trigêmeos, que infelizmente se tornaram gêmeos, ou criar Denny. Mas eles são meus para cuidar e proteger. E logo me vi amando-os perdidamente.

Infelizmente isso não ocorreu com a Emanuele. Sinto tanto por isso. Por não conseguir amar e querer em meus braços a bebê em meu ventre.

Culpa me consome, no entanto o sentimento materno, de amor incondicional que tenho por meus outros filhos, nunca veio pra ela.

Os médicos nomeiam o que estou passando de depressão gestacional. E atribuem isso a minha gestação dos trigêmeos com a perda de um deles. E posteriormente tudo pelo qual passei com os gêmeos.

A depressão gestacional é um tema mais comum do que a maioria de nós tem consciência. Segundo a minha psicóloga, estima-se que 70% das mulheres apresentam alguma queixa depressiva durante a gravidez.

Infelizmente estes sintomas psiquiátricos estão longe de receber a devida atenção dos ginecologistas e obstetras. O que não foi o meu caso, graças à Deus, o meu obstetra logo identificou os sintomas.

Segundo ele a presença de variações hormonais e de estressores sócio ambientais na gestação podem implicar em riscos de ocorrências de transtornos mentais.

Eu apresento 80% dos sintomas da depressão gestacional, onde pode cursar com queixas somáticas como insônia, falta ou ausência de apetite, enjoo e fadiga. O comportamento introspectivo e a diminuição da libido também são frequentes. As queixas afetivas e cognitivas são comuns nesse tipo de depressão, que incluem humor reprimido, anedonia (ausência da sensação de prazer), choro fácil, ansiedade, medo, sentimentos de culpa, desesperança, irritabilidade e perda parcial ou total desinteresse pela gravidez.

Como ocorre no meu caso, a mãe não tem em si o sentimento de afeto espontâneo pelo seu feto, mas uma renúncia desse sentimento aliada a uma rejeição.

A idealização suicida é relatada em alguns casos, confesso que já me veio a mente várias vezes.

Outras situações que contribuem para presença da

depressão onde me enquadro em 90%, são a falta de planejamento, não aceitação da gravidez, ambivalência, perda ou separação de um ente querido, fracasso no emprego, dívidas, conflito conjugal, ausência física e/ou afetiva do companheiro, falta de apoio familiar, gravidez de risco, histórico familiar de depressão, idade materna precoce, grande número de filhos, distúrbio disfórico pré-menstrual (TPM intensa) e história prévia de abortos.

No meu contexto existe uma relação muito íntima dessa depressão com as situações de pré-eclâmpsia, aborto e parto prematuro.

O meu tratamento compreende em psicoterapia, apoio psicossocial e uso farmacológico.

Eu não iniciei o uso de álcool, cigarro, droga ilícita ou tive rejeição ao pré-natal como algumas gestantes deprimidas fazem ou têm.

Contudo a informação de que o uso incorreto ou até mesmo consequente da manipulação adequada de substâncias medicamentosas pode acarretar aborto, morte neonatal, retardo do desenvolvimento fetal, parto prematuro ou má formação fetal tiram constantemente o meu sono.

Também me preocupo com o pós-parto já que Emanuele tende a ficar algum tempo conosco se optarmos pela adoção ou para sempre caso não seja essa a nossa resolução, pois a remoção da placenta no parto acarreta na queda abrupta das taxas hormonais e consequentemente no aumento das alterações de humor e quadros psicóticos na mãe.

Como também pode causar no bebê estresse pré-natal que leva a criança a ter quadros de agressividade, hiperatividade, ansiedade, desatenção e prejuízo cognitivo durante o período do seu desenvolvimento neuropsicomotor.

Sou uma gestante deprimida que é uma contradição ambulante, pois se de um lado nego afeto ao meu feto e o rejeito como filho, de outro quero que ele nasça saudável, ainda que cresça fora dos meus cuidados.

(...)

Outra possibilidade para a negação de afeto materno para com o feto em meu ventre estaria relacionada, ainda que inconscientemente, ao fato da Emanuele ser uma bebê especial, uma vez que os exames do pré-natal constatarem que ela é portadora de Síndrome de Down.

Principalmente porque não conto com o apoio do meu marido. Christover desde que soube da natureza da minha gestação tem me evitado no nosso convívio e sexualmente e bateu na tecla do aborto desde o início, o que fui contra, e em seguida da adoção quando não mais seria

aconselhável tirar o feto. O que venho pensando sobre o assunto com muito esmero, afinal seria mais prudente que Emanuele fosse criada junto a uma família que a aceitasse tal como ela é.

A Síndrome de Down ou Trissomia do Cromossomo 21, é uma alteração genética causada por erro na divisão celular durante a divisão embrionária. Os portadores da síndrome ao invés de 2 cromossomos no par 21, possuem 3. Não se sabe por que isso acontece.

As pessoas apresentam características como olhos oblíquos semelhantes aos orientais, rosto arredondados, mãos menores com dedos mais curtos, prega palmar única, orelhas pequenas e comprometimento intelectual com aprendizagem mais lenta, hipotonia (diminuição do tônus muscular responsável pela língua protusa), dificuldades motoras, atraso na articulação da fala e em 50% dos casos cardiopatias.

No meu caso a síndrome do meu feto foi diagnosticada através de um ultrassom morfológico fetal que avaliou a translucência nuchal e sugeriu a presença da síndrome, que foi confirmada pelos exames amniocentese (também chamado de biópsia das vilosidades, consiste em pegar uma amostra do líquido amniótico do útero e examiná-lo) e amostra do vilô corial (biópsia invasiva que diagnostica anormalidades cromossômicas).

Segundo meu obstetra, o diagnóstico clínico da Síndrome de Down é comprovado após o nascimento da criança através do cariótipo (estudo dos cromossomos).

A rejeição paternal de Christover só faz florescer a minha própria rejeição maternal com a depressão gestacional batendo à minha porta. Desde então o nosso casamento está numa crise, onde ele passa a maioria do tempo viajando a trabalho.

(...)

Fui aconselhada pelo meu médico obstetra e a minha psicóloga a compartilhar momentos junto a pessoas queridas o máximo de tempo possível.

Por isso voltamos a São Paulo para que eu pudesse rever as minhas amigas. Pra falar a verdade acho que foi um alívio para o Christover se ver longe de mim, ele não suporta me olhar grávida, tão pouco tocar na minha barriga, é como se me culpasse pela Emanuele ser portadora de Síndrome de Dawn sem pronunciar nunca uma palavra a respeito, mas os seus gestos falam por ele.

Sempre me pergunto como pôde aceitar tão bem e interagir

de forma assídua na questão do lábio leporino do Yunter e agir assim com a própria filha, mas segundo a minha psicóloga é exatamente por ela ser uma parte dele que o fez ter essa reação, onde alguns pais se veem como produtores fracassados.

Muitas foram as vezes que o chamei para fazer terapia junto a mim, já que é evidente um suposto quadro de depressão paternal nele, todavia a resposta sempre é a mesma, não seguido de mais não.

Foi neste clima tenso que Lucca e Nuli nos chamaram para passar o carnaval de 2029 com elas e o filho delas, Peter, que adotaram quando ele tinha 2 anos com o consentimento da mãe biológica, uma moradora de rua viciada em drogas e álcool, que colocava a vida da criança em risco a todo momento.

Elas alugaram uma casa em Maresias para veraneio. E passamos boa parte da semana comprando fantasias para as crianças, porque os pirralhos inventaram de ir a um clubinho de matinê de carnaval a duas quadras de onde estamos.

E cá estou. O lugar é grande e todo decorado com adereços de carnaval. Na verdade, é um salão com um palco onde se apresentam grupos de entretenimento infantil.

Os quatro tomaram tanto sorvete, entre muitas outras porcarias sob a forma de guloseimas no bailinho de carnaval, que dois deles deram ao mesmo tempo um piriri brabo e correram para o banheiro para fazerem o dois, logicamente acompanhados solidariamente dos outros dois que riam da situação sem parar.

E lá vou eu no rastro deles, andando muita atrás de Lucca e o que parece ser a quilômetros de distância das crianças e suas perninhas velozes, que nem uma pata preta com essa merda de barriga imensa. Já disse que odeio estar grávida?

Fontes de Pesquisa:

Lábio Leporino – Redação Minha Vida.

Depressão Gestacional – Redação Minha Vida.

Síndrome de Down – Drauzio – Doenças e Sintomas.

Kyler

30

O lugar é maior do que eu esperava para um bailinho infantil de marchinhas de Carnaval. Brigitte tem alguns coleguinhos do colégio que vieram aqui hoje, então tentou convencer Maycon a vir, mas a caçula dele está com caxumba, desta forma ela não foi passar o feriado com ele conforme combinado por conta da possibilidade de contágio.

E é claro que ela me convenceria a vir numa roubada dessas, já que consegue o que quer comigo.

Nota mental: **Ser mais rigoroso com as vontades da minha pequena.**

A última vez que fomos a algo do tipo foi em Iriri, e era três vezes menor do que esse lugar, mesmo assim não tive trégua, conseqüentemente saí quase surdo de lá com a gritaria das crianças e com uma dor do cão nas costas e pernas por ficar de pé atrás da malandrinha.

Só imagino como vou sair daqui. De certo além da audição prejudicada estarei cego, porque a porra dessa fumaça está fazendo com que os meus olhos queimem fodidamente e ainda tem essa espuma de latinha que levo jato toda hora na fuça para completar o serviço.

— Pai eu tô com sede.

Ela joga o cabelo dourado em ondas pra trás num gesto mecânico.

— Aqui, toma, comprei água.

A cara emburrada que faz para a minha sugestão é um alerta pai de que está sempre substituindo água por outro tipo de líquido.

E quando digo líquido estou me referindo ao industrializado, ela simplesmente quer burlar a regra do saudável sempre que consegue.

— Não quero água, quero refrigerante.

Não falei.

— Sem refrigerante gatinha, essa merda só faz mal à saúde.

Os pés impacientes batem firmes no chão em desaprovação ao que orientei.

— Tá! Quero coca cola.

Bufo.

— Coca cola é refrigerante.

Ela faz um gesto engraçado com as mãos de desdém.

— Papai Maycon diz que é um bálsamos nos dias de calor. E está muito quente aqui.

Sim, está muito quente é verdade, mas água faz um trabalho melhor do que a merda de um refrigerante, mas ela está mal acostumada graças ao doido do outro pai dela que é totalmente um adolescente no que diz respeito a alimentação.

— Seu pai Maycon é um péssimo exemplo para sua alimentação docinho. E coca- cola é sim um refrigerante, não vou negar o quanto é gostoso e viciante, mas na sua idade o certo é consumir suco de frutas e muita água principalmente.

— Pai...

Ela revira os olhinhos claros.

— Sem essa de beicinho pro meu lado filhota.

Sou firme.

— Tá.

Oi?

Sem o tradicional show de birra?

— Tá? Assim, fácil.

Ela dá de ombros.

— Tomo coca-cola na casa do papai Maycon. Sou nova demais para lutar contra um adulto sábio como o senhor. É triste ficar na vontade mas...

Lágrimas escapam de seus olhinhos cintilantes me olhando como se eu fosse um ditador da alimentação infantil.

(...)

Duas horas depois deixamos seus coleguinhas do colégio pra trás e corremos a procura de um banheiro, com máxima urgência. Brigitte esfrega as perninhas uma na outra e se contorce feito uma circense pela vontade de fazer xixi.

A danadinha conseguiu, muito a contra gosto, que eu

permitisse que ela tomasse coca cola e mais um monte das baboseiras disponíveis nas barraquinhas distribuídas na área externa do bailinho.

Na entrada do banheiro infantil damos de cara com duas filas com pequenos recrutas convocados à pressa pelo general vaso sanitário.

Brigitte acabou se entrosando com um grupinho num divertido papo sobre uma série internacional teen, tanto que parece ter se esquecido da sua necessidade de ir ao banheiro.

No grupinho, de pé na fila das meninas, está uma garotinha ruiva linda de olhos castanhos bem escuros vestida de Capitã Marvel que analisa a fantasia de Feiticeira Escarlata da minha filha com admiração visível.

Colado a ruivinha, esperando na fila dos meninos ao lado, está um garoto bem alto moreno de olhos negros que parece ser alguns anos mais velho do que os seus companheiros.

Está vestido de Shazan, protetoramente segurando a mãozinha dela e conversando com um menininho negro caracterizado de Super Shock que tenta animar, sem muito sucesso, diga-se de passagem, um outro garoto fantasiado de Ciclope, que apresenta uma cicatriz no lábio superior, provavelmente resultante de uma cirurgia corretiva de lábio leporino.

Fico próximo o suficiente para observar a cena, porém distante para não interferir na conexão tão genuinamente espontânea.

Encosto numa coluna e fico distraidamente observando o ambiente. Pais ou responsáveis correndo pra lá e pra cá atrás de super heróis e outros personagens típicos do mundo infantil, fabricados pela indústria de animação e quadrinhos, que ganham vida na nossa mente através de um marketing mais do que bem projetado pela mídia no nosso dia a dia.

Começo a mexer no celular entediado, apesar de satisfeito pela felicidade da minha filha junto aos novos coleguinhas, eles conversam como se fossem amigos de longa data.

É fascinante de assistir, mas sou um cara que preciso focar em mais de uma coisa ao mesmo tempo, no primário tive uma professora que dizia que eu era hiperativo, porque nada que me desse para fazer bastava depois de alguns segundos.

(...)

De repente num piscar de olhos meu mundo parece girar sob os meus calcanhares instáveis. A minha boca assume uma dinâmica compulsiva de abrir e fechar para depois repetir o processo sem que eu domine a ação.

Fecho os olhos pesados pela sensação angustiante de lágrimas vindo a superfície e aperto as minhas mãos fortemente dentro dos bolsos da calça jeans.

Não consigo acreditar na armadilha tosca do destino em nos submeter a essa situação desse jeito e num lugar tão impróprio para um reencontro depois de anos sem nos ver.

Porque... por Deus!

Eu já havia desistido de encontrar essa mulher a essa altura do tempo remoto entre o dia que nos conhecemos para o de nossa infame despedida.

Bom... se é que se pode chamar assim o ato dela de sumir do mapa sem deixar rastros.

Mas...

Sufoco um rugido ao seu aproximar. Ela não parece ter notado a minha presença, tão pouco a sua melhor amiga, enquanto chega junto a fila onde as crianças estão agrupadas.

Ela está linda... mais do que isso... está espetacular num vestido de fundo verde claro com estampas de folhas, com um decote generoso junto aos seios fartos.

O rosto está redondinho porque é nítido que ganhou quilos extras nos últimos meses, mas de qualquer forma ela tem as formas mais curvilíneas do que no passado e o cabelo vermelho na altura dos ombros, tal como a minha mente se recorda, brilha mais do que a luz no ambiente.

Noto quando Lucca desacelera o seu caminhar de encontro as crianças por uma Naele muito grávida por sinal, remar contra a maré a cada passo dado.

Ela parece pesada como a maioria das gestantes ficam, lembro de como Laura andava com dificuldade quando esperava Brigitte, mas Naele tem uma expressão contida e abatida que me assusta mais no momento do que reencontrá-la na sua condição de gestante.

Não que não tenha sido um susto vê-la assim, contudo era de se esperar que estivesse casada e com filhos, quisera gestante.

O que me intiga é que o meu coração parece resignado com o que vejo mais do que eu esperava acontecer se um dia voltasse a me encontrar com ela.

Não que não a ame mais, muito pelo contrário, acho que a

amo ainda mais, todavia somente não sou um lesado em supor que ela não seguiu em frente após anos do nosso envolvimento.

(...)

Numa condição de invisibilidade forçada fico observando quando Naele toca levemente os fios dourados do cabelo da Brigitte sem fazer qualquer ideia de quem possa ser a criança que afaga.

Penso o que sentirá ao descobrir que a criaturinha de olhos hipnotizantes a sua frente é na verdade o motivo de nosso afastamento, a razão pela qual a princípio abri mão de nós, mesmo que tenha voltado atrás tardiamente depois.

Cerro os dentes e vou me aproximando aos pouquinhos com a preocupação de não assustá-la com a minha presença na sua condição gestacional, entretanto não sou rápido o suficiente, pois em câmera lenta assisto Brigitte apontar o pequeno dedo na minha direção, provavelmente quando Naele a pergunta com quem está.

Ela gira o corpo de curvas arredondadas para entender a quem a minha filha refere-se e é quando me vê.

Ali avisto tudo... surpresa, frustração, medo, repulsa, saudade, indignação, negação. E talvez seja pura ilusão, porque também vejo o nosso amor em seus olhos dominantes.

Quando chego a sua frente tudo que consigo é acenar para uma Lucca com uma fisionomia indecifrável pro meu lado e dizer algo para a mulher que eu amo, notoriamente grávida de outro homem. O que mercedamente é um retorno honesto da vida as minhas escolhas no passado.

— Oi.

Seus lábios se comprimem desgostosos quando ela responde.

— Oi.

Então me viro para falar com as crianças fazendo um carinho na bochecha da minha filha.

Ação essa que é acompanhada pelos olhos da Naele. Dessa forma parece que só nesse momento que a ficha cai e ela percebe de quem se trata a menina loura ao seu lado.

— Sua filha?

Há um ponto gritante de interrogação em sua pergunta.

— A própria.

Seus olhos vão para Lucca que ergue uma sobrancelha. Porque eu sei melhor do que ninguém que Brigitte não tem uma vírgula de semelhança comigo, o que evidentemente faz sentido uma vez que não é minha filha biológica. No entanto, ela também não se parece em nada com a Laura.

Todavia convenhamos que ela poderia simplesmente parecer com a minha segunda esposa, que nunca existiu, mas ela não sabe disso.

Acho que essa possibilidade vem a luz na sua mente porque ela acena em positivo pra mim.

— Você se separou... da Laura?

Umedeço os lábios ressecados pelo nervosismo.

— Notícia velha... faz tempo.

Quase posso escutar as batidas do seu coração acelerarem com a informação da minha separação jogada de supetão.

— Ela é a cara da mãe, só pode, não parece nada com você.

Brigitte estreita os olhos e é direta ao contradizer o fato exposto, porque a verdade é que ela não gosta de ser comparada a mãe.

— Pareço com o meu pai de sangue, papai Kyler é o meu pai do coração.

Minha filha anuncia a explicação que Maycon e eu sentamos e dialogamos com ela logo que completou idade suficiente para entender.

— Ah...

Naele exclama como se tivesse entendido tudo. Bobinha... ela não faz ideia.

— Segundo casamento com bagagem?

Ela fala de bagagem referindo-se a minha filha ser de um possível relacionamento anterior da pessoa que acha que estou agora.

— Não... não voltei a casar.

Esclareço.

Analiso o seu rosto em retorno a minha resposta, um misto de tristeza e contentamento pairando sob os seus traços lindos.

De certo tristeza pelo que joguei fora entre nós gratuitamente, entendendo que acabei não ficando com a Laura. E contentamento contraditoriamente pelo mesmo motivo, dado o término dos fatos. No final, terminei sozinho.

— Mamãe casou de novo e tenho até um irmãozinho que mora com ela e o marido no exterior. E meu pai de sangue casou e tenho uma irmãzinha também. Mas papai Kyler só fica com as mulheres, ele não namora e não vai casar novamente, eu sou a única princesa na vida dele, por isso moro com ele, para cuidar dele quando ficar velhinho.

Um som rouco sai da minha garganta sufocado pelas palavras da Brigitte repletas de orgulho com o nosso suposto futuro juntos.

Ela cresceu ouvindo da minha boca essas mesmas palavras, mas agora aqui na frente da Naele, soou patético o findar dos meus dias, como um estorvo na vida da minha filha.

A cabeça da Naele cai de lado, mostrando sua incompreensão. Ou talvez, só estivesse com dificuldade de assimilar. Não a culpo, essa merda é uma miscelânea fodida.

— Esta menina... é filha...

— Da Laura.

Naele arregala os olhos. Isso amor... bem vinda a minha realidade.

— Com outro homem.

Completo baixinho só para ela ouvir. Seus olhos se tornam brasas para enfim ficarem gélidos.

— A idade dela...

Naele olha de relance para as crianças por perto.

Aceno.

— Ela é a bebê que Laura esperava quando...

As palavras travam.

— Quando você a escolheu a mim?

Aceno novamente e olho pro chão. Mágoa e vergonha me atingem em cheio.

— Sim.

Naele volta a olhar para as crianças, mais especificadamente para a ruivinha e o garoto moreno com a cicatriz nos lábios.

Pareço ver dor e decepção no seu perfil... mas também fúria e desgosto.

— Então ela...

Parece precisar desesperadamente de uma confirmação.

— É filha de outro homem, você entendeu correto da primeira vez que falei.

Rosno com o rosto em brasas, porque no mínimo é constrangedor para um homem passar por uma situação como essa. Ainda que merecido por suas escolhas ruins, quando ainda as podia fazer, pena que no meu caso fiz tudo errado.

Naele esboça um sorriso torto. Não parece ser intencional da parte dela me humilhar, mas algo que veio espontâneo, não me ofendo, mas me tortura a sensação de vitória contida, porque reflete no gesto o meu fracasso. Desvio os olhos, fingindo não notar, apesar de entender o seu direito a réplica nessa questão.

— Fruto de uma...

Ela para ao entender a minha súplica diante a sua fala, pela possibilidade de ferir a minha filha.

— Exatamente, um envolvimento da minha ex esposa com outro homem, quando ainda estávamos juntos. Para bom entendedor...

Praticamente sussurro, quando Brigitte abaixa para amarrar o cadarço.

Admitir que fui corno é uma merda necessária na equação do momento, mas inegavelmente é desconcertante.

— Oh...

— Pois é.

Mudo de posição levando os meus braços pra detrás da minha cintura, com as pernas mais firmes contra o chão, numa posição natural de defesa, desconfortável é euforia para o que estou sentindo.

— E ela mora com você, pelo que entendi.

Uma ruga recaí entre as suas sobrancelhas.

— Pra mim não há distinção entre um filho consanguíneo ou adotado, porque o que importa é o quanto se tem de amor pra dá.

Consinto com um dedo na direção da Brigitte. Que solta uma gargalhada gostosa por algo que a ruivinha disse.

— O sentimento que nutri por ela enquanto Laura

estava grávida e achava que era de um filho meu, é o mesmo que tenho agora. Ela é minha filha e pronto. Mesmo que tenha sido gerada de um adultério.

Sorrio sem humor.

— Acompanhado de supostamente outro, uma vez que Laura casou com um estrangeiro que conheceu numa produção de matéria internacional para a revista que trabalhava na época.

Seus olhos se estreitam.

— Ela não quis levar a filha?

— Acho que nunca sequer refletiu a respeito, partiu sem pensar uma segunda vez com Brigitte ainda bebê.

— Você a criou sozinho.

— Não, tive um suporte ao meu lado, mas no final das contas, fomos mais nós dois do que com a participação de terceiros.

— E não teve... mais filhos?

— Não... filha única.

Naele me olha fixamente por tempo suficiente para me fazer trocar o apoio das pernas de uma pra outra incontáveis vezes como se fosse a porra de um adolescente sendo repreendido por um ato falho medíocre.

— Ok... descobrir isso foi...

— Prazeroso?

Questiono.

— Ainda não sei como denominar.

Diz pensativa.

— E o pai... biológico dela?

Novamente desvio o olhar, porque sei que o baque pra ela vai ser foda.

— Você conhece... muito bem.

Naele estremece.

— Conheço?

— Hum... hum.

Sua face fica sombria.

— Josme?

— Não... Maycon.

Ela empalidece.

— Santo Deus... como ele pôde?

Entendo o seu pesar porque Maycon sabia da história por trás do ressentimento da Naele com a prima, mas mesmo assim se envolveu com a Laura.

— Não sou ninguém para julgá-lo... tenho os meus próprios erros em pauta nessa história.

— Absoluta verdade.

Porra! Bang... certaíra.

(...)

Tento desviar o foco da conversa. Primeiro pelo meu desconforto e segundo porque já falamos muito de mim e estou curioso sobre a vida dela.

— Mas e você?

— O quê tem eu?

A noto na defensiva... rá.. é isso aí benzinho... pimenta nos olhos dos outros tranqúilo nos seus arde... sua vez de responder ao questionário habitual dos que passam anos sem contato e precisam colocar o papo em dia.

— Casou? Primeiro filho?

Aponto para a sua barriga cujo o umbigo quase fura o material do vestido. Ela faz uma careta amarga para o próprio ventre avantajado. O movimento não me passa despercebido, mas ela suaviza a expressão quando sorri com afeto para as duas mesmas crianças de mais cedo, só que agora inclui o garoto maior.

São todos seus filhos? Olho para eles também. Acho que sim. Não... o maior pelo menos não teria como.

— Sim e não... casei com Christover... lembra dele?

Assinto.

A minha garganta trava a saliva grossa que vinha à tona, como se nem isso fosse possível atravessá-la.

— Mas temos mais três filhos juntos.

Então olha para a barriga.

— Quer dizer... quatro.

Ok... de alguma forma eu já esperava por isso... mas ouvir em alto e bom tom da sua boca com orgulho manifesto que pertence ao cara e teve filhos com ele... porra!!!

— Não tive como esquecer dele... vai por mim.

— Posso entender a razão.

Meus olhos vão automaticamente para o garoto maior que ainda permanece ao lado da ruivinha como um protetor a postos, mas com pose de guarda-costas.

Naele acompanha o meu olhar e suspira entendendo a minha pergunta silenciosa.

— Denny é filho do Christover... com a primeira esposa.

Ela aponta para o garoto. A olho pasmo... ela voltou a se envolver com um cara casado? E agora não tem a desculpa de um desejo de vingança no meio, certo? Ou talvez o sujeito fosse simplesmente separado.

Ela acaba respondendo as minhas dúvidas catalogadas mentalmente.

— Digo falecida ex esposa... Christover é viúvo, e de qualquer forma já estava separado.

— Certo.

O quê mais posso dizer?

Ela volta a atenção para o grupinho.

— Yunter e Grisiela são...

Naele parece desconfortável dessa vez.

— Nossos... gêmeos.

Meus olhos saltam de surpresa.

— Você é mãe de gêmeos?

Seus olhos me avistam tristes. Por alguma razão desconhecida o meu coração comprime-se no meu peito.

— Na verdade... trigêmeos.

Olho para o garoto negro... mas ela descarta a opção no mínimo atípica.

— Esse é Peter... filho de Lucca e Nuli.

— Adotamos Peter... ele é meu filho.

Lucca que até então manteve-se quieta, fala do filho antes

de abraçar e beijar o garoto. Ele sorri e volta a conversar com o que agora sei que se chama Yunter. Quer dizer, ele fala, o outro é caladão, só ouve.

— Onde está o seu terceiro filho ou filha?

Procuro ao nosso redor como se pudesse reconhecê-lo ou reconhecê-la em meio a tantas crianças, mas sendo este um desconhecido ou talvez uma desconhecida pra mim, é fato que é tolice da minha parte.

Balanço a cabeça para a minha idiotice. Então algo me surge e acho que matei a charada.

— Está com a Nuli?

Quando volto a olhar para Naele tem lágrimas em seus olhos.

— Não, Nuli foi comprar churros...

Não compreendo qual seria o problema da criança está comprando churros com a Nuli, mas quando abro a boca para dizer ela continua com a explicação.

— Eu o perdi...

Meu coração perde uma batida.

— Um aborto por minhas condições de saúde e pelo estresse que passei...

Uma lágrima escorre por sua face.

— Em Porto de Galinhas no Carnaval de 2019.

(...)

As minhas pernas cedem e as minhas narinas dilatam ao mesmo tempo. Numa perfeita sincronia entre fragilidade e fúria.

— Você estava grávida... de trigêmeos?

Ela faz que sim.

— Em 2019?

Ela assente novamente e algo muito doloroso me vem a mente.

— Qual a idade...

O meu ar falha.

— Que idade tem o Yunter e a Grisiela?

Seus olhos brilham com o amor visivelmente incondicional que tem pelos filhos.

— Vão fazer 9 anos.

Olho para as crianças distraídas brincando entre si quando uma delas acaba de sair do banheiro para a outra entrar. As filas de meninos e de meninas lado a lado, faz com que o grupinho farreie a vontade.

— Naele...

Sua expressão agora é de culpa e pânico.

As palavras do Maycon saltam em neon à minha frente, onde ele categoricamente afirmava que havia mais em jogo do que eu poderia imaginar. Havia um segredo da Naele que ele não tinha o direito de me revelar.

Puta merda!!!!

Não... não... nãããooooo caralho!!!

— Yunter e Grisiela... eles... eles...

— Sim.

Ela diz um sim espremido pela emoção e cauteloso pelo medo.

— São seus filhos.

Fala tão baixo que mal ouço... mas merda de vida... eu ouço.

E assim... numa fila de banheiro infantil, de uma bailinho de carnaval, 10 anos depois, eu reencontro a mulher que amo e descubro que sou pai.

Deus!!!!

Pai de gêmeos... não de trigêmeos... porque Naele perdeu um de nossos filhos naquele maldito Carnaval de 2019 que até então eu achava que a perdi... mas... eu vou enlouquecer... porque naquele maldito Carnaval eu perdi muito mais... lágrimas correm por meu rosto... perdi um filho... um filho morto caralho... e deixei de assistir tudo quanto foi momento dos gêmeos.

Levo as mãos ao meu cabelo... gêmeos... sou pai de gêmeos... dou um passo pra alcançá-los... quero abraçá-los... quero chamá-los de filhos... cacete... quero ser chamado de pai por eles... mas Lucca sutilmente me impede com o seu corpo contra o meu.

— Dê tempo ao tempo.

— Porra nenhuma, são meu filhos.

— Que você...

Meu olhar a encara severo o suficiente para fazer com que ela cale a maldita boca e não vomite a merda que penso que te em mente.

— Eu não os reneguei.

Rosno.

— Nunca supus que Naele estivesse grávida.

Sugo o ar dos meus pulmões.

— E muito menos dos meus filhos... gêmeos... eu sou pai Lucca... de gêmeos.

Meu sorriso morre.

— Eu a fiz perder o nosso outro filho... a culpa foi minha, protegi Laura grávida de outro homem... certo, eu amo a minha filha...

Observo Brigitte sair do banheiro e ficar ao lado da Grisiela dançando seja qual for a música que mal consigo assimilar nesse instante.

— Mas deixei desprotegida a mulher que estava grávida de trigêmeos meus? Sou um filho da puta Lucca!!!!

— Você é.

Lucca dá de ombros.

— Naele... me escondeu... porra!!! Três filhos...

— Ela não sabia que estava grávida de trigêmeos Kyler.

— Mas sabia que estava grávida!!!

— Que diferença faria? Você havia escolhido a Laura.

— TODA!

Grito, chamando a atenção da Brigitte. Faço um sinal nervoso para que ela continue onde está. Ela me olha sem saber o que fazer. Reitero o gesto, fazendo com que ela obedeça.

— Eu não escolhi a Laura... escolhi a Brigitte.

Jogo as mãos pro ar.

— Sem saber que estava escolhendo entre meus filhos.

Meus dentes rangem.

— Eu achava que a minha escolha fosse entre a Naele e a Brigitte. Não entre duas mulheres grávidas, sendo que uma achava que era de um filho meu e a outra nem tinha ideia da gestação, dos meus filhos.

Olho para as minhas mãos trêmulas.

— A única coisa que tentei fazer... foi a escolha certa.

Busquei não errar como o meu pai fez comigo. E agora... e agora... bem... sei que fiz pior do que ele.

— Você ficaria com a Naele?

Lucca pergunta com o queixo empinado.

— É obvio que sim.

Ela balança a cabeça.

— Era o que ela não queria.

— Como?

Levo as mãos a minha cintura. Ela copia a minha posição.

— Naele não queria que ficasse com ela porque estava grávida. Ela queria o seu amor Kyler. A gravidez seria uma consequência disso. Não era essa a intenção dela. Ter você junto a ela por obrigação como aconteceu com a Laura.

Os meus punhos se apertam a ponto de doer.

— Eu fui atrás dela... eu deixei Laura pra trás... eu a escolhi... só que Naele havia ido embora... cheguei tarde demais.

Sua boca vai ao chão. Lucca prende o ar com a informação e eu estou com os punhos ainda mais fechados tamanha é a minha frustração.

— Foi embora grávida dos meus filhos... com outro homem.

Seguro os seus ombros.

— Eles sabem que esse Christover não é o pai deles?

— Ele é o pai deles.

A minha cara se transforma em algo assustador, porque a Lucca dá um passo pra trás quando a Naele rosna essa merda ao meu lado.

Sua repentina fúria torna possível nos alcançar mais rápido do que imaginei com aquela barriga enorme.

Ela estava um pouco mais distante da nossa conversa, já que a amiga sutilmente havia me arrastado para longe dos olhos das crianças, e consequentemente parcialmente dos dela.

— O caralho que são.

— Eles sabem Kyler... que Christover não é o pai biológico deles.

— Ótimo, pelo menos isso.

— Mas Christover é o pai deles em seus corações.

Ela aponta um dedo pra mim.

— Tal como Brigitte é sua filha.

Desvio o olhar, porque sei que ela tem razão, mas sou orgulhoso demais para admitir.

— Você deveria entender esse sentimento e reagir melhor as circunstâncias que você mesmo criou.

A olho com farpas.

— É completamente diferente. Brigitte tem acesso aos dois pais. Nem Maycon nem eu a privamos da verdade.

Naele estremece e os seus lábios tremem. E a culpa por ser tão ríspido com uma mulher grávida acaba afastando, mesmo que temporariamente, as minhas facínoras palavras.

(...)

Lucca solta o ar e fala no meu ouvido. Arrepio com a sua proximidade porque sei que vou odiar o que vier dos seus lábios.

Ela faz um breve augurar para Naele que impressionantemente aceita e volta a se afastar de onde estamos.

— Escuta muito bem o que vou te dizer...

Sussurra.

— Naele está grávida de 6 meses de uma bebê especial.

Meu movimento para afastá-la trava. O meu peito gela. Um desmoronamento de emoções vem em seguida. Meus olhos desviam para a barriga da Naele encostada a uma janela observando o tempo repentinamente nublado lá de fora. Ela respira com dificuldade e lágrimas correm por seus olhos.

Avisto as crianças, só então vejo Nuli, não a vi chegar. Ela sinaliza que vai dá uma volta com elas.

A expressão preocupada de Brigitte, que mandei ficar com as outras crianças, entre elas meus dois filhos, me atormenta, sinalizo para que vá com a japonesa. Minha filha freia o passo, mas enfim me obedece.

— O quê o bebê tem?

Fecho os olhos sentindo um frio percorrer a minha espinha.

— Espera... meu filho nasceu com lábio leporino?
Meus filhos são saudáveis?

— Sim, Yunter fez a cirurgia, e novamente sim, são saudáveis.

Alívio me consome. Então volto a ficar aflito.

— O quê ocorre com o bebê que Naele espera?

— É portador de Síndrome de Down.

Lucca suaviza as palavras, acho que o máximo que consegue, mas vejo tristeza no seu olhar.

Arregalo os olhos.

— O quê?

Volto a analisar a Naele e o que enxergo parte o meu coração em pequenos cacos. Seu pensamento parece atormentado e amargo.

A nossa história juntos passa como um raio ferozmente arrebatador do meu mundo. Como se só neste momento tomasse consciência de que eu não estava vivendo os meus dias, mas sobrevivendo a eles.

Inconscientemente a sua espera.

Porque essa mulher é a minha vida, a razão da minha felicidade. E se no passado eu pequei por não ter sido firme quanto a isso, hoje estou mais do que preparado para mudar a trajetória da nossa existência, se tiver ao meu alcance, por menor que sejam as chances disso acontecer.

— Você a amou algum dia?

Engulo em silêncio a dor que perpassa o meu coração.

— Mais do que você pode sequer tentar imaginar.

— Você ainda ama aquela mulher?

Lucca aponta para Naele.

— Mais do que nunca.

Ela acena.

— Resposta certa professor.

— Não sou mais o seu professor. Na verdade não dou mais aula.

Um sorriso brota nos seus lábios.

— Não do “CPC”... não de direito... mas de alguma forma todos somos mestres e alunos na vida uns dos outros e nas nossas próprias.

Retribuo as suas palavras sábias com um sorriso torto.

— Então mestra... o quê faço agora?

Ela toca no meu ombro esquerdo e o aperta suavemente.

— Seja a fortaleza dela agora.

— Do quê você está falando?

— Nada acontece por acaso Kyler, tudo tem um preço a se pagar. Tudo tem um motivo para nascer, crescer e morrer.

— As vezes não chega a crescer.

— Sempre cresce em algum sentido, nós é que as vezes não percebemos.

— Quando foi que você tornou-se uma discípula de Mahatma Gandhi?

— Não sou, mas acredito na teoria dele de que devemos viver como se fossemos morrer amanhã e aprendermos como se fossemos viver pra sempre.

— É por isso que não me odeia? “Olho por olho e o mundo acabará cego”?

— Bem por aí.

Fixo o olhar nela.

— O quê foi?

— O tempo te fez ficar mais inteligente do que me lembrava.

— Sempre fui muito inteligente, você que não percebeu.

Pisco pra ela.

— As suas notas não me diziam isso.

Ela me mostra a língua.

(...)

O momento descontraído vai tão rápido quanto chegou.

— Naele teve muitos problemas de saúde na gravidez dos trigêmeos... dos gêmeos.

Lembro que Naele citou isso. Uma dor aguda parece perfurar o meu crânio. Massageio a minha têmpora para aliviar a pressão que se instalou corrosiva.

— O quê ela teve?

— Anemia Ferropriva, Hipertensão arterial, infecção urinária... bem... o quadro clínico foi negativamente extenso Kyler.

A olho em pânico.

— Droga Kyler... é passado.

— Você não entende... fodi a mãe dos meus filhos com gestação de risco num banheiro de aeroporto.

Lucca faz uma careta.

— Fiquei sabendo.

— A vi sozinha e desprotegida... naquele aeroporto.

Levo o punho fechado a boca.

— Enquanto cuidava dedicadamente da Laura... nunca vou me perdoar.

— Deixe o passado no lugar dele cara.

— Grávida de trigêmeos... com uma gravidez de alto risco...

Olho para o teto para conter as lágrimas.

— Ela teve que correr atrás da própria comida... de algo para matar a sede... comeu e bebeu de pé... com a porra de um quadro clínico que inspirava repouso.

Encaro Lucca.

— Enquanto eu não deixava a Laura sequer ir ao banheiro sozinha... ela não levantou o rabo do lugar pra nada... o tempo todo sentada no meu colo.

Dou um soco na parede.

— Acolhida... amparada... me diga por que?

— Por que o quê?

— Por que Naele não fez repouso? Pra quê ir naquele passeio?

— Ela estava se despedindo.

— De mim?

— Principalmente, mas também de poder ser livre para ir e vir. É um direito expresso na Constituição Federal de 1988 artigo 5º, inciso XV, certo?

— Como? Não entendi.

Ela dá de ombros.

— Só mostrando que merecia notas melhores.

— Aham... aham.

Ela franze os lábios pintados num batom rosa.

— Deixa pra lá.

— Acho melhor.

Ela faz bico, mas depois fica séria.

— Fiz a mesma pergunta a ela, confesso que não concordei na época, mas depois que adotamos Peter pude entender.

Cruzo os braços no peito tentando entender aonde isso vai dar.

— Filhos são dádivas para os pais, ambos não resta dúvida, porém o que vocês homens não entendem é o quanto a maternidade muda a vida de uma mulher.

Ergo uma sobancelha e abro a boca pra dizer que a paternidade também muda a vida de um homem, mas ela não me concede a palavra.

— Depois que somos mães, pelo menos a maioria de nós...

Seu tom é de desprezo e sei que refere-se a Laura. Não a culpo. Ela ouviu a minha conversa com a Naele e entendeu a parcela de participação que a mãe tem na vida da Brigitte. Compreendo e apoio o seu pensamento.

Maycon e eu fazemos o possível para que a nossa filha não cresça revoltada, mas sou um exemplo de muitos, que não vamos muito longe com isso.

Por agora a ficha dela parece não ter caído, mas vai chegar a hora disso acontecer e o que nos resta é estarmos juntos a ela nesse momento.

— Passa a viver pelo filho... no caso da Naele, filhos.

Não tem como argumentar isso.

— Nada tem o mesmo brilho ou cor, nada tem o mesmo valor.

Ela se emociona.

— Acordar e dormir ganha um novo patamar de importância. Dormimos com um olho aberto e outro fechado. Acordamos a noite, quando dá pra dormir, para ver se a criaturinha está respirando.

Ela encosta o corpo na parede ao nosso lado sacudindo o cabelo quando percebe que a mesma está cheia de enfeites com purpurina.

— Droga!

Morde o lábio para não rir dela mesma. Está toda brilhando agora.

— Morremos um pouquinho a cada vez que um filho adoece ou algo o entristece.

Ela estala os dedos.

— Você sabia que muitas vezes o famoso dodói cura apenas com o carinho da mãe?

Ela limpa uma lágrima presa aos cílios.

— Ao acordarmos nos damos conta que nada é muito se for por um filho.

(...)

— Não vou ser hipócrita Kyler. E certamente não vou mentir pra você. Gostei de ouvir que a culpa vai consumir ainda horas do seu sono. De certo modo quero acreditar que isso vai te atormentar pro resto da sua vida.

— Achei que você tivesse dito que era passado.

— E é.

— E?

— Que o passado tem que ficar no seu lugar para dar espaço ao presente e ao futuro.

A minha cabeça inclina de lado. Que porra de mulher contraditória.

— Mas só por conta das nossas atitudes Kyler. Essas não podem estagnar no tempo. Quando falo em deixar o passado no seu lugar, falo deste impedi-lo de avançar. Quanto aos seus erros, nada remove a culpa, aprenda a viver com ela grudadinha no seu travesseiro.

Bufo sem poder discordar.

— Contudo, agora você tem uma forma de compensar parte das merdas que fez no passado. Não vai fazer com que as lembranças sumam como um truque de mágica, você não é o Mister X cara.

— Como? O quê for preciso.

Lucca olha angustiada para a sua amiga. E posso prever como a minha vida está prestes a dá uma guinada de 180° no meu próximo passo em direção a mulher que eu amo.

(...)

— Naele está sofrendo de depressão gestacional... e...
Ela respira com esforço.

— Christover não está reagindo bem a notícia de ser pai de uma criança especial.

— O quê você quer dizer com isso? Ele está renegando a própria filha por ser especial?

— Está... e culpando a Naele por isso. Ele a está desprezando Kyler. A abandonou aqui como faz diariamente em casa. A rejeita como mulher e mãe de sua filha a todo momento.

Indiscutivelmente quero matar o cara agora. Que tipo de homem faz uma coisa dessas? É filha dele, portadora de deficiência ou não. É parte dele para amar e proteger e não tem o que argumentar quanto a isso.

— Não me entenda mal. Christover foi um cara excepcional na criação dos gêmeos, mesmo com os problemas de bulling e socialização do Yunter.

— O quê você disse? Repete essa porra... meu filho sofre bulling? É isso? Por que?

— O Lábio Leporino. Ele ficou com alguns problemas psicológicos no processo de adaptação no colégio do Rio. Acho que essa é uma conversa para você ter com a Naele.

— Rio... Rio de Janeiro... Rio Grande do Sul??? A quanto tempo eles voltaram pro Brasil?

— Como você sabe que eles moravam no exterior?

— Vai por mim. Não foi pouco o quanto tentei rastrear a Naele por anos.

— Nossa! Hum... eles moram no Rio de Janeiro, voltaram a algum tempo por quanta de problemas de saúde na família do Christover.

Levo as mãos ao rosto e sufoco um grito.

— Você disse que apesar da merda que está fazendo com a Naele e a filha que o cara criou e cuidou dos meus filhos.

Lucca assente.

Ouvimos passos e nos viramos para ver uma Naele trêmula com o celular em mãos nos alcançando ao deixar o seu canto junto a janela. Lucca tira o celular de suas mãos e lê algo, depois o seu rosto está visivelmente perplexo. Saco o aparelho da sua mão também e leio uma mensagem pelo whatsapp do tal do Christover.

Fúria me envolve num abraço apertado quando a leio. Numa droga de mensagem o marido perfeito da mulher que eu amo está dando o casamento como finalizado, avisando sobre o início do processo de divórcio e a acusando que tudo poderia ser diferente se ela tivesse aceitado a sua sugestão de aborto ou pelo menos fechasse como certo a adoção.

Estou incrédulo quando encaro as duas a minha frente. Até porque legalmente falando a sua ação pode volta-se contra ele no tribunal pelo simples contexto expresso nessa mensagem.

Não como prova direta e sim como circunstancial. Do tipo que afeta o emocional do juiz. É quase como uma testemunha à parte. Dando um caráter arregado ao processo.

Como advogado ele sabe disso, mas parece não se importar. Tudo que vem a minha mente é o suposto de que vai acatar o que vier para virar a página, o mais rápido possível. Deixando sua esposa e filha para trás.

— Ele queria que você abortasse a filha de vocês porque ela tem Síndrome de Down?

Naele sufoca um colapso emocional evidente. O meu temor é até quando isso durará.

— Eu não aceitei e nosso casamento entrou em crise, ele não a queria viva e agora não a quer por perto.

— Adoção?

— Sim.

— É isso o que você quer? Dá sua filha porque é deficiente?

Minhas narinas dilatam. Ela abaixa a cabeça.

— Eu não sei ainda, tá legal? Ainda não decidi.

— Eu a crio com você.

— O quê? Você não pode está falando sério!

— Por que não? O quê nos impede de fazer isso agora que você está a um passo do divórcio?

— Ela não é problema seu.

— Ela não é um problema, para começo de conversa, ela é uma criança que merece ser amada como qualquer outra.

— Ela é uma...

— Diga.

— Aberração.

Ela faz aspas com os dedos e eu incendeio. Respiro e engulo a saliva grossa, tentando não perder a paciência e entender que ela está doente. Essa não é a mulher que eu amo. É parte da doença, onde a mãe rejeita o filho sem ter como se proteger desse sentimento porque tudo nela gera conflito interno e dor.

Jesus Cristo! Dai-me forças!

— Ela não será capaz de muito.

— Uma criança com limites que crescerá como qualquer outro ser humano com limites? Não seja ignorante a esse ponto Naele, ninguém sabe o limite do outro, a sua filha pode vir a te surpreender muito no futuro. Dê a ela a chance de mostrar isso. Apoie os seus avanços ao invés de apontar os seus limites.

Observo quando Lucca traz uma cadeira para Naele se sentar. Ajoelho à sua frente entre as suas pernas.

— Não estou falando com isso que não entendo os seus medos. Também não estou falando que será fácil. Isso é a vida sendo o mais realista possível.

Levo ambas as mãos ao seu rosto.

— O que estou tentando te dizer é que todos nós somos de alguma forma limitados em algum aspecto, sei que

foi um susto a princípio, é totalmente entendível, mas você tem que pular de fase.

Encosto a minha testa na dela.

— Eu passei por um baque do caralho no dia em que descobri que a minha bebê não tinha uma gota sequer do meu sangue no seu sistema, mas porra, o meu amor estava lá pra ela de qualquer maneira, então engoli o meu orgulho e a recebi em meus braços, e não teve um só minuto desde esse dia que me arrependi disso, muito pelo contrário.

Toco o seu nariz no meu.

— As vezes o amor vem em código, seja superior ao preconceito que vem em anexo a nossa criação e decifre o que há por trás das aparências.

Dou-lhe um beijo castro e os meus lábios secos sentem o sabor das suas lágrimas em seus lábios molhados e trêmulos. Quanta falta senti de estar junto a ela, de tocar nela.

Sou devastado pelo o que me atormenta desde sempre. A necessidade de provar o meu amor por ela.

E... Santo Deus!

A minha segunda chance chegou. É um milagre que agradeço. E mostrarei isso sendo o homem que ela precisa nesse momento e que merece pro resto das nossas vidas.

— Por favor... deixe-me estar lá com você, não vou a lugar nenhum dessa vez, não sairei do seu lado, juro por tudo quanto é mais sagrado.

(...)

Seus olhos desviam para um ponto qualquer no salão.

— Ela não é normal Kyler!

— O quê é ser normal? Ser igual a você? Ao babaca do seu marido?

— Ser igual aos irmãos já é de bom tamanho.

— Qual deles é igual ao outro?

— Pare de bancar o bom samaritano.

— Olha ao seu redor, a vida segue, independente da sua vontade. Hoje acordei para descobrir que temos dois

filhos. E que sou o culpado por você ter perdido um de nossos filhos.

— Kyler...

— E nem por isso troquei a marcha, tenho que encarar de frente. Martirizando-me pelo meu erro? Evidente que sim. Ainda pisando com um pé no futuro e tentando de alguma forma caminhar, ainda que o outro pé esteja preso a minha dor no passado.

— Falando assim parece fácil.

— Não é. Entretanto estou tentando ser racional sem deixar morrer o emocional. Eles têm laços que não devem ser desfeitos.

— Minha bebê não é racional.

— Chega disso.

— Ela será como um bichinho domesticado.

— Para de falar merda Naele ou vai se arrepender quando despertar desse transe de compaixão que você aparentemente instalou em seu cérebro.

— Você não vai conseguir ir muito adiante com isso Kyler, vai por mim, logo estará dando no pé, na primeira curva mal feita que encontrarmos pelo caminho.

— Eu mereço suas palavras e que desacredite das minhas, mas garanto que não vai acontecer.

— Não vai? Tudo o que fez até hoje com relação a nós foi fugir.

— Mas nunca fugi da minha responsabilidade de pai. Foi exatamente aí que nos perdemos, por eu não ter sido capaz de dar menos que 100% de mim a minha filha.

— Emanuele não é sua!

— Você é minha!

Ela nega com a cabeça e eu sorrio.

— Negue o quanto puder baby. Tanto você é minha que a tenho de volta. Está escrito amor. Somos um do outro. A vida brincou conosco de pique esconde, mas o

destino me mostrou como encontrá-la.

— Num bailinho de Carnaval...

— Num bailinho de Carnaval.

— Casada.

— A caminho do divórcio.

— Grávida de outro homem.

Dou de ombro.

— Ele criou os meus filhos, que mal há de criar a filha dele?

— A bebê é...

Ela pensa, mas as palavras somem.

— Parte sua, quer dizer, ele não a quer, então ela é só sua.

Ela entrelaça os dedos sob o colo.

— Que sorte a minha.

— Você não faz ideia e vou te provar isso.

— Por que você a quer se nem o próprio pai a quer?

— Se ela é sua, também é minha... ela é nossa.

Um suspiro cansado.

— Ela é defeituosa.

— Ela é uma pessoa e não um objeto para ser defeituoso.

— Ela não é como a sua filha... como os nossos filhos... como o Denny... ou como o Peter. Por que eu não a abortei como aconteceu com o meu bebê anos atrás?

— Porque ao contrário do outro bebê, ela foi forte o suficiente para sobreviver.

Seus olhos tremulam.

— Meu bebê não era fraco!

— Verdade, desculpa, você tem razão, nosso bebê só tinha outro destino, foi forte para partir quando chegou a sua hora.

— Ele nem chegou a nascer!

— Não era pra ser, por mais que me doa dizer isso. Ainda a bebê em seu ventre não tem culpa da partida tão cedo do nosso bebê.

— Eu nem sabia que ele existia.

— Ele sabia que você existia.

— Ele não sabia que você existia e você não sabia que ele existia.

— Isso não me faz amá-lo menos.

— Eu não sei se consigo. A sociedade vai rejeitá-la.

— Nós vamos suprir com o nosso amor.

— Vão machucá-la.

— Eles que tentem, serei capaz de morrer e matar por ela.

— Você vai sentir vergonha dela.

— Ah, não vou mesmo.

— Ela vai ser excluída.

— O desenrolar da convivência clínica e social de portadores com Síndrome de Down teve avanços incríveis nos últimos anos.

Ela me olha desconfiada.

— Como você pode saber disso?

— Tenho clientes nas empresas que dou consultoria jurídica que empregam pacientes portadores de Síndrome de Dawn com afinco. Eles são responsáveis e muito mais capazes do que a maioria das pessoas pensam.

— Ser o advogado envolvido na contratação de um portador de Síndrome de Down é uma coisa... ser o...

— Pai de um portador com Síndrome de Down? Não tenho problema algum com isso Naele. Darei amor a essa menininha que você carrega no seu ventre como se fosse minha. Porque será minha. Serei pra ela tal como sou para a Brigitte. A amarei como já amo Yunter e Grisiela.

Ela se afasta e volta a se aproximar. Levo uns fios de cabelo pra trás da sua orelha e ela estremece com o meu toque.

— Na verdade o meu instinto protetor já me faz amá-la como minha. Eu te amo Naele, e não amar uma parte sua é impossível pra mim.

De repente ela fica quieta.

— O quê foi?

— Ele vai levar o Denny embora com ele. Eu o amo como meu filho Kyler.

Lágrimas rolam de seus olhos.

— Algo me diz que o garoto também será deixado pra trás.

— E...

— Eu crio e amo até o Denny se for o caso. Se ele é importante pra você, é pra mim também.

— Mas...

— Crianças são bênçãos. Deus nos concede a honra de guardarmos nossos filhos de todo mal que pudermos e será assim que formaremos a nossa família.

— Não sabia que você era religioso.

— Até um tempo atrás eu também não sabia.

— Por que então?

— A fé nos conforta da dor. Perder você me fez rever muitas coisas na minha vida.

— Nossa família, é?

— Nós dois e nossos 5 filhos.

Ela sorri e dá um tapinha na minha coxa.

— Você enlouqueceu?

— Não amor...

— Amor?

— Sim... amor.

A olho com uma carranca.

— Ok... amor então.

— Boa garota!

Prendo a respiração.

— Diga que me ama.

— Eu te amo... muito.
Lágrimas fogem do meu controle.
— E agora?
— Deixe-me falar algo muito sério.
Ela acena.
— É a minha vez de consertar as merdas que fiz no passado. Pelo menos as que têm conserto.
A minha garganta aperta tomado pela emoção.
— Do quê você está falando?
— Quando sair o seu divórcio, vou te pedir em casamento e você vai aceitar.
— Vou, é?
— Ah, se vai.
— Mandão!
— Vai se acostumando.
— Tenho escolha?
— Não... e tem mais.
— Manda.
— Estou te comunicando que eu assumo daqui pra frente.
— Nós dois e nossos 5 filhos?
— Exatamente, nada de adoção e vamos lutar pelo Denny.
— Quem é você e o que fez com o Kyler que eu conheci?
— Você o transformou... para ser seu.

A vida tem os seus percalços e tropeços, somos cativos de nossos erros que parecem imperdoáveis ao anoitecer de um dia e viavelmente passíveis de serem perdoados ao amanhecer do dia seguinte, porque nessa vida somos apenas aprendizes de nós mesmos, as nossas falhas e acertos nos pertencem para darmos um novo desfecho ao fim da nossa jornada ou apodrecermos como meros espectadores da nossa existência.

Danielle R. G. Pedro

Sugestão Para Próxima Leitura:



Casamento Vermelho conta a história de um amor que começa no passado, na verdade na infância, e desenrola-se em um intenso triângulo amoroso no presente.

Chielt, o lindo, sexy e cobiçado popstar, líder e vocalista da **Eagle on the Ground**, a banda de rock de maior sucesso no momento, vê-se completamente apaixonado pela designer de perfumes **Heloá**, uma mulher casada que é rejeitada e humilhada pelo marido **Jacob**, o piloto gato, gostoso e arrogante, com o maior número de vitórias nas pistas de stockcar, seu amor desde criança, que tem o seu coração nas mãos de **Vivian**, uma promoter de eventos, a qual teve que abandonar para casar-se obrigado pelo pai.

A luta por um amor não correspondido e o conectar de duas almas prometidas pelo destino. Uma história emocionante que mostra que o inesperado pode ser o que você sempre buscou para si.

Nota da Autora:

Então Amore Mio,

Livro finalizado, coração bombardeando no peito já com saudades. Nunca é fácil dizer adeus, por essa razão não o faço.

Na minha mente estou compartilhando algo muito importante pra mim com outros leitores, preenchendo as suas horas e dias com o amor que temos em comum pela leitura.

Isso me faz feliz e realizada como pessoa e escritora. Acredito ser assim que outros autores sintam ao fazer o mesmo, porque certamente é o que suas obras fazem no meu cotidiano,

É uma troca justa, e só traz o que de melhor possa existir à alma, já que ler nos leva a dimensões paralelas a nossa, e neste lugar os nossos sonhos se tornam reais, basta se permitir a ir além do que jamais pensou ser possível.

Se você gostou do livro, compartilhe nas suas redes sociais, seja pelo Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad ou Whatsapp. Indique a outro leitor. Também é muito importante o seu comentário junto a Amazon.

Agradecimentos:

Bom, em primeiro lugar sou extremamente grata à Deus pelo dom da escrita a mim concedido. Quem me conhece sabe como sou uma leitora voraz. Hoje poder ter outros tantos assíduos das linhas de um livro como eu lendo uma obra minha, sinceramente não tem preço.

E logicamente sou imensamente grata ao meu esposo e ao meu filho pelo apoio incondicional. Eu sei como posso ser enlouquecedora com o meu radar sempre pronto a captar ideias novas para futuros livros. Além claro, dos meus momentos fora do ar quando estou criando.

E como não poderia ser diferente, a minha indiscutível gratidão a minha mãe, que hoje tenho certeza que está junto de Deus cuidando e olhando por mim.

E finalmente à vocês leitores, da Amazon ou do wattpad, por acreditarem que entre tantas obras disponíveis hoje no mercado de ebooks, que valia a pena optar por uma das minhas obras. Espero ter retribuído a sua confiança.

Playlist:

Seja Pra Mim – Maneva
Meu Abrigo – Melin
O Destino Não Quis – Maneva
Quando a Chuva Passar – Ivete Sangalo
Amores Proibidos – Tânia Mara
La Bomba – Braga Boys
Ragatanga – Rouge
Cachorrinho – Kelly Key
De Presente Pra Você – Mar Aberto
Ano Novo – Daniela Mercury
In Your Park – Scorpions
All I have to do is Dream – Everly Brothers
Só Love – Claudinho & Bochecha
A Marcha da Cachaça– Carmen Costa, Lúcio de Castro, Mabel Pinheiro & Helber Lobato
And I will send Your flowers back – Hinds

Sobre a Autora:

Sou Brasileira, natural do Rio de Janeiro, descendente de italianos, casada e mãe. Assim como Bacharel na área de Ciências Humanas e Sociais.

Confesso ser uma leitora insaciável, assim como uma escritora incansável, e por fim, uma apaixonada por música. Essa combinação fica mais do que notória em meus livros.

Sou uma romântica assumida. Amante de romances eróticos, mas que também tenham uma pegada fofa na sua descrição.

As vezes acredito que é a leitora em mim que escreve em certos momentos, quando a autora dá passagem, para que em cada nova história encontre o que sempre quis ler em um livro, e evidentemente, isso faz com que nasçam novas obras a cada dia em minha mente.

O que posso dizer mais sobre mim?

Bem, tenho uma personalidade fácil e difícil, simbolizando uma balança, tudo depende do momento e da pessoa em questão.

A melhor forma de me descrever é que sou tão enigmática de compreender como o próprio amor, mas ainda assim sou fiel aos que conquistam o seu lugar no meu coração, talvez seja essa a explicação por ter os que importam sempre ao meu lado.

Divulgação:
Facebook

Contato:

daniellergpedro@gmail.com

danrgpedro@gmail.com

Bjs Mil!!!
Dany

Table of Contents

[Parte I](#)

[Naele Borges 01](#)

[Kyler River 02](#)

[Naele 03](#)

[Kyler 04](#)

[Naele 05](#)

[Kyler River 06](#)

[Naele 07](#)

[Kyler 08](#)

[Naele 09](#)

[Kyler 10](#)

[Parte II](#)

[Kyler 11](#)

[Naele 12](#)

[Kyler 13](#)

[Naele 14](#)

[Kyler 15](#)

[Naele 16](#)

[Kyler 17](#)

[Laura Borges River 18](#)

[Maycon Caetano Anos Antes 19](#)

[Kyler 20](#)

[Naele 21](#)

[Kyler 22](#)

[Naele 23](#)

[Kyler 24](#)

[Lucca Santos 25](#)

[Naele 26](#)

[Parte III](#)

[Kyler 3 Anos Depois 27](#)

[5 Anos Depois 28](#)

[Naele Borges Mirtes 2 ANOS DEPOIS 29](#)

[Kyler 30](#)